

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING SERIES



Licious

A PRETTY LITTLE LIARS NOVEL

SARA SHEPARD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING SERIES



Vicious

A PRETTY LITTLE LIARS NOVEL

SARA SHEPARD

Vicious

“CRUÉIS”

Último livro da

Série Pretty Little Liars

SARA SHEPARD

SÉRIE PRETTY LITTLE LIARS

Pretty Little Liars

Flawless

Perfect

Unbelievable

Wicked

Killer

Heartless

Wanted

Twisted

Ruthless

Stunning

Burned

Crushed

Deadly

Toxic

Vicious

Extras

Alison's Pretty Little Diary

Pretty Little Secrets

Ali's Pretty Little Lies

EPÍGRAFE

Se você quer um final feliz,
isso depende, naturalmente,
de onde você para sua história.

—Orson Welles

CRISE DE IDENTIDADE

Alguma vez você já sonhou em começar uma nova vida? Fugir de sua escola, sua cidade, sua casa, até mesmo da sua família e amigos e começar de novo em outro lugar. Alterando sua aparência, o que você gosta, quem você é. Em um lugar novo, você não teria nenhuma bagagem. Seu passado e o futuro seria uma tela em branco.

É claro que você não seria mais você, e isso bagunçaria com sua cabeça. E isso seria péssimo para as pessoas da sua casa que se preocupam com você, indo tão longe a ponto de, digamos, colocar seu rosto em uma caixa de leite. É por isso que isso é apenas uma fantasia. Mas para uma menina manipuladora de Rosewood, não é uma fantasia. É a sobrevivência. E para suas quatro inimigas, isso pode significar o fim de suas belas vidas — para sempre.

A primeira coisa que Alison DiLaurentis notou quando acordou era o quão macios e amanteigados seus lençóis eram. Seu travesseiro baixo era fofo, e seu cobertor cheirava a amaciante fresco. Um raio de sol vindo da janela aqueceu suas pernas, e um pássaro piava euforicamente nas árvores. Era como se ela estivesse dormindo no paraíso.

Marque outra vitória para Ali D.

Ela pegou o controle remoto e ligou a televisão pequena no pé da cama, que já estava na CNN. A mesma história que ela tinha vindo acompanhando a noite passada era a notícia de novo: PEQUENAS ASSASSINAS VÃO A JULGAMENTO. Imagens da escola de Spencer Hastings, Aria Montgomery, Emily Fields e Hanna Marin do ano passado estavam estampadas em toda a tela. Os repórteres recontavam a história de como as quatro meninas tinham brutalmente assassinado Alison DiLaurentis e estavam agora em julgamento, encarando a vida na prisão.

O sorriso de Ali ampliou. Isso estava acontecendo exatamente como ela tinha planejado.

— Vestígios do sangue de Alison foram encontrados em uma casa com piscina abandonada em Ashland, Pensilvânia. A polícia está trabalhando duro para encontrar o corpo dela — um repórter estava dizendo. — Os investigadores também encontraram um diário de Alison, no bosque fora da casa da piscina. Ele detalha como as meninas metodicamente a capturaram e torturaram.

Um homem baixo, de cabelos grisalhos encaracolados e óculos com armação de arame apareceu na tela. *Seth Rubens*, dizia a legenda com seu nome. Ele era o advogado que representava as meninas. — *Não só as minhas clientes não torturaram Alison — ele disse, — como também não tiveram nada a ver com seu assassinato. O*

juízo vai provar...

O noticiário o cortou no meio da frase. — As declarações iniciais para o julgamento começarão na próxima terça. Fiquem aqui para a cobertura completa.

Ali caiu para trás em sua cama e mexeu os dedos dos pés. Por enquanto, tudo bem. Todo mundo acreditou que ela estava realmente morta, e todos pensavam que essas vadias a tinham matado. Tinha sido uma jogada ousada, mas ela conseguiu. Ela até fez isso em maior parte sozinha.

Tinha sido arriscado voltar para Rosewood, na Pensilvânia, depois que seu último plano para derrubar as velhas amigas de sua irmã tinha falhado. Mas ela tinha ficado irritada que as coisas tinham dado tão errado.. de novo. Afinal, ela havia plotado tudo minuciosamente: seu namorado e cúmplice, Nicholas, havia meticulosamente se infiltrado na vida das meninas no verão anterior. Primeiro, ele tinha usado seu fundo fiduciário enorme para voar para a Jamaica para armar uma farsa elaborada para as meninas. Então ele foi para a Filadélfia tendo Spencer como alvo, para a Islândia

para enredar Aria em um incidente internacional, e voltou para a Filadélfia novamente para reunir segredos sobre as outras duas. Quando coisas começaram a surgir e as mentirosas saíram do controle, Ali e Nick começaram os rumores de que as vadias tinham um pacto de suicídio e espalharam para a imprensa, para as crianças na escola, no Facebook, até mesmo para as pessoas aleatórias em torno de Rosewood.

Sabendo que as meninas estavam procurando Ali, Ali e Nick armaram pistas sobre o paradeiro dela, atraindo-as para o porão em Rosewood. As meninas deveriam morrer lá em baixo. Os policiais deveriam vir depois que tudo acabasse, quando Ali e Nick tivessem escapado em segurança, e achar que foi um suicídio em grupo.

Mas não foi isso o que aconteceu. De alguma forma, as meninas foram salvas, e os policiais arrastaram Nick para a prisão. Ali havia fugido em segurança, mas uma preocupação a atormentava. Quanto tempo Nick iria mentir sobre Ali ter morrido no incêndio em Poconos e que ele tinha agido contra Spencer, Aria, Emily e Hanna sozinho? A prisão provavelmente era uma droga, especialmente para um cara que tinha furtado um aparelho de som porque ele precisava de ruído branco para dormir, mesmo estando em fuga.

Depois de tudo isso, baterias ainda batiam na cabeça de Ali, dominando todos os pensamentos de se deitar de novo. *Você tem que pegá-las*, ela pensou. *Você tem que acabar com isto*.

E ela fez isso. Primeiro ela escreveu um diário, uma história tão brilhantemente elaborada que ela provavelmente teria recebido um A+ em Inglês.

Ela torceu seu relacionamento com Nick em algo sórdido e abusivo, a pobre e doente Ali foi arrastada para uma fúria assassina sem nenhuma forma de escapar. *Nick matou minha irmã. Nick matou Ian. Nick ateou fogo no celeiro de Spencer. Nick matou Jenna Cavanaugh*. Foi tudo ideia de Nick, e ele puxou Ali junto no percurso.

Ela escreveu que Nick mal se importava com ela após o incêndio em Poconos e forçou-a a participar das atividades *mais* nefastas, ameaçando matá-la se ela contasse a alguém ou tentasse escapar. Ela escreveu sobre tentar sair do porão para ficar longe dele. Várias anotações falavam sobre o quão maravilhoso era se sentir livre — mas o quão assustador era, também. Ela escreveu que ela tinha se escondido em um celeiro em Limerick, Pensilvânia, embora, na verdade, ela estivesse na casa da piscina da casa de veraneio dos pais de Nick em Ashland. . que iria servir para a segunda parte de seu plano.

Ela também tinha escrito capítulos inteiros sobre as mentirosas, criando uma imagem diferente delas do que o que o público presumia. *As queridas velhas amigas da minha irmã*, ela as chamava, respingando água salgada no diário para parecer com lágrimas. *Espero que elas me perdoem e entendam que eu não era a pessoa por trás de tudo isso. Eu queria dizer a elas tantas vezes.* Ali escreveu que ela queria ir à polícia para contar a sua história, mas ela tinha medo que eles não acreditassem nela. Ela escreveu sobre seu desejo de contar tudo de forma anônima para o jornal, mas ela não sabia em quem confiar.

Como seu golpe de misericórdia, ela detalhou como as Mentirosas tinham rastreado ela, encontrando-a no celeiro e amarrando-a. Ela pediu para elas ouvirem seu lado da história, mas as mentirosas a jogaram no porta-malas de Spencer e a arrastaram para longe — ainda que, na verdade, ela não tinha sido arrastada para lugar nenhum, e ainda estava na casa da piscina, esperando que elas a encontrassem.

Escrevendo isso com minhas mãos amarradas, Ali tinha escrito, na verdade atando as mãos para que sua caligrafia ficasse devidamente desleixada. E: *Este diário é o meu único amigo.* E: *Eu tentei dizer-lhes a verdade várias vezes, mas elas simplesmente não querem ouvir. Elas são loucas. Todas elas. Eu sei que elas vão me matar. Eu*

nunca vou sair daqui viva. Sua última anotação foram duas frases agitadas: *Eu acho que hoje vai ser o dia. Estou com tanto medo.*

Foi uma sorte: A data da última anotação combinava quase perfeitamente com quando as mentirosas realmente encontraram a casa da piscina. Ali sabia que elas viriam — ela tinha plantado o recibo no bolso do moletom com capuz que ela deixou Emily arrancar dela por essa mesma razão. Para capturá-las suficientemente, ela fez com que o lugar cheirasse ao sabonete de baunilha que ela usava. Ela sabia que elas entrariam na casa da piscina e tocariam em tudo, deixando suas impressões digitais em todos os lugares. Elas caíram em cada um dos truques de Ali como se estivessem sob um feitiço. É claro, houveram algumas surpresas — como as câmeras que elas plantaram nas árvores — mas até mesmo isso ela fez com que fosse usado em sua vantagem, especialmente quando Emily teve seu surto colossal na tela. A equipe de acusação iria registrar isso como evidência.

Agora, Ali sentou-se em frente ao laptop apoiada em uma mesa pequena no canto e abriu um website. Um enorme anúncio que dizia *Prendam as Mentirosas!*

apareceu na parte superior da página. *Nós Somos Seus Ali Cats, Ali!* Deixando escapar um pequeno grito de felicidade, ela se inclinou e beijou a tela. O Ali Cats, um fã clube especial que tinha começado no ano passado, era completamente dedicado a *ela*.

Eles tinham sido a surpresa mais doce em tudo isso. Ali os amava, seus ajudantes especiais, seu crédito extra. Alguns deles foram dedicados o suficiente para arriscar tudo por ela. Ela gostaria de poder escrever para eles e agradecer a cada um deles.

Depois de ler algumas postagens dos Ali Cats de todo o país, clamando que as Mentirosas fossem para a prisão pelo resto de suas vidas, Ali fechou o laptop e caminhou para o guarda-roupa. Todas as suas novas roupas — predominantemente brancas ou de cores

claras como camisetas, shorts e saias em vários tamanhos maiores do que ela estava acostumada — estavam penduradas de forma alinhada. O

estilo *totalmente* não combinava com ela. . mas esse era o preço que ela tinha que pagar. Quando ela deslizou os cabides de um lado da haste para o outro, ela sentiu uma pontada pequena e irritante dentro dela. Esta última fuga tinha tido um preço.

Ela teve que se livrar de alguns dos Ali Cats — mas isso foi necessário. E depois havia Nick. Ela tinha alguns sonhos sobre ele escapar da prisão, encontrando-a, exigindo saber como ela pôde tê-lo culpado por tudo. Mas traí-lo foi necessário, também.

Bateram na porta. Ali virou, com o coração batendo forte. — Sou eu — veio uma voz. — Você está pronta?

O coração de Ali abrandou. — Uh, sim — ela disse.

— Eu estava prestes a sair e tomar o café da manhã. Você quer alguma coisa?

Panquecas, talvez, como ontem? Uma omelete?

Ali pensou por um momento. — Ambos — ela decidiu. — E um pouco de bacon — ela acrescentou. — E um suco de toranja, se você puder encontrar algumas.

Uma sombra cintilou sob a porta. — Tudo bem — disse a voz. — Volto em breve.

Ali ouviu quando as pegadas ficaram mais suaves. Ela voltou para seu guarda-roupa e vestiu uma camiseta branca e uma saia branca diáfana comprida, que era além de hedionda, mas se encaixava em seus quadris alargados. Ela olhou-se no espelho e quase não reconheceu a menina olhando de volta, uma criatura mais larga, desajeitada, com o cabelo castanho com mechas, a pele desgastada.

Era apenas uma situação temporária, no entanto — em breve, ela iria voltar a ser bela. Esta era quem ela precisava ser agora: alguém que não seja ela mesma. Uma ninguém. Um nada.

Um fantasma, o que tornava ainda mais apropriado que a maioria de suas roupas novas fossem brancas.

Lá fora, um carro passou rapidamente. Um barco buzinou. Quando Ali pensou em seu café da manhã iminente, todas as pontadas cautelosas desapareceram. Como era incrivelmente luxuoso decidir o que comer ser sua única preocupação! Todas as outras coisas? Ela não dava a mínima para mais nada. Só os fortes sobrevivem, afinal de contas. E, em breve, ela teria uma vida nova. Uma *melhor* do que a que ela teve em um longo, longo tempo.

E aquelas quatro vadias não terão vida nenhuma.

1

MÁS NOTÍCIAS, E MAIS MÁS NOTÍCIAS

Em uma amena manhã de quinta-feira em meados de junho, Emily Fields sentou ao lado de suas melhores amigas Hanna Marin, Spencer Hastings e Aria Montgomery em uma sala de conferências arejada e grande com vista para a orla da Filadélfia. A sala cheirava a café e bolo dinamarquês, e o escritório era movimentado com os sons de telefones tocando, impressoras zunindo e o estalar dos saltos altos das advogadas andando apressadas para o tribunal. Quando Seth Rubens, seu novo advogado, limpou a garganta, Emily olhou para cima. Por sua expressão penosa, ela suspeitava que ela não ia gostar do que ele tinha a dizer.

— Seu caso não parece bom. — Rubens mexeu o café com um pauzinho fino de madeira. Ele tinha olheiras sob os olhos, e ele usava a mesma colônia que o pai de Emily, um perfume de verão chamado Royall Bay Rhum. O cheiro costumava animar Emily, mas não mais.

— O promotor reuniu um monte de provas contra vocês pelo assassinato de Alison — ele continuou. — Vocês estavam na cena quando o crime aconteceu. O

trabalho de limpeza de má qualidade. Suas impressões por toda a casa. O dente que encontraram na cena do crime. O, *hã, episódio* de Emily — com isso ele olhou nervosamente para Emily — antes do evento. Estou feliz em representá-las, e eu vou fazer tudo o que posso, mas eu não quero dar-lhes falsas esperanças.

Emily murchou. Desde sua prisão pelo assassinato de Alison DiLaurentis — também conhecida como A, sua inimiga de longa data, quase-assassina e diabólica mandadora de mensagens — Emily perdeu dez quilos, não conseguia parar de chorar, e pensava que estava ficando louca. Todas elas foram soltas sob fiança depois de apenas algumas horas na cadeia, mas seu julgamento começaria em cinco dias.

Emily tinha passado por seis advogados, e suas amigas tinham feito o mesmo.

Nenhum dos advogados dera-lhes esperança — inclusive Rubens, que tinha alegadamente inocentado chefes da máfia de assassinatos em massa.

Aria se inclinou para frente e olhou nos olhos do advogado. — Quantas vezes teremos que explicar isso? Ali armou para nós. Ela sabia que estávamos vigiando a casa da piscina. Ela sabia que estávamos ficando desesperadas. Aquele sangue estava no chão quando chegamos lá. E nós estávamos lá em cima quando quem quer que fosse limpou tudo.

Rubens olhou para elas, cansado. — Mas vocês não viram quem era, não é?

Emily mordeu sua unha. E então, de repente, ela ouviu uma voz vertiginosa, zombeteira, clara como um cristal: *Vocês não viram.*

Vocês sabem que estão exatamente onde eu quero vocês.

Era a voz de Ali, mas ninguém parecia ouvir. Emily sentiu outra farpa de preocupação. Ela começou a ouvir Ali há poucos dias, e sua voz estava ficando cada vez mais alta.

Ela pensou sobre a pergunta do advogado. Em sua busca por Ali, elas tinham como alvo uma casa em Ashland, Pensilvânia, a propriedade dos pais do namorado de Ali, Nick Maxwell. Na parte de trás da propriedade havia uma casa com piscina em ruínas, o lugar perfeito para Ali se esconder e traçar sua próxima jogada contra elas. Elas começaram a monitorar o local, mas, em seguida, Spencer involuntariamente disse ao seu amigo Greg que elas plantaram câmeras de vigilância lá. Em uma reviravolta horrível de eventos, Greg acabou sendo um Ali Cat, um dos seguidores de Ali on-line. Seu *feed* da câmera da casa foi desligado quase no segundo que Spencer contou a notícia.

Assim que isso aconteceu, Emily e as outras dirigiram até Ashland para ver se Ali estava na casa da piscina, ou desmantelando as câmeras. Mas tudo o que encontraram foi sangue no chão. Elas tinham entrado para olhar ao redor, em seguida, ouviram um estrondo e correram lá para cima. O cheiro de água sanitária tinha flutuado no ar, e alguém — certamente Ali, embora elas não tivessem visto para terem certeza — andou em torno da cozinha limpando desajeitadamente.

Quando elas voltaram ao térreo, a casa estava vazia. Em seguida, elas tinham ligado para o 911. Mal sabiam elas que a polícia iria culpá-las.

Mas foi isso o que aconteceu: Os policiais vieram, procuraram evidências, e avaliaram que o tipo de sangue combinava com o de Ali. Eles também tinham encontrado um dente que combinava com os registros dentários de Ali. Em seguida, eles acusaram as meninas de tentar limpar a cena do crime — suas impressões digitais

estavam em todo o lugar, afinal de contas, e elas tinham estado na casa. As câmeras de vigilância gravaram as meninas se esgueirando pela porta momentos antes. *Vocês são totalmente minhas.*

Era a voz de Ali novamente. Emily piscou forte. Ela olhou ao redor para suas amigas, se perguntando se elas ouviam suas próprias versões de provocações de Ali em *suas* cabeças.

— E o vestido? — perguntou Aria, referindo-se ao vestido que tinham encontrado no andar de cima do sótão da casa da piscina. Ele também tinha estado coberto de sangue.

O advogado checkou suas anotações. — Os forenses dizem que só tem sangue A-positivo nele — o tipo de sangue de Ali. Eu não levaria isso adiante. Realmente não ajudará nos seus casos.

Emily se endireitou. — Não é possível Ali ter se cortado, espalhado seu sangue ao redor da casa da piscina, e, em seguida, limpá-lo? Ela poderia ter puxado e plantado o dente, também. Ela esteve na Reserva durante anos. Ela é louca.

Não tão louca quanto você! Ali disse na cabeça de Emily. Emily fez uma careta, querendo que a voz de Ali sumisse. Então ela notou Hanna olhando para ela com curiosidade.

O advogado suspirou. — Se tivéssemos provas de que Alison estava naquela casa da piscina — *viva* — ao mesmo tempo que vocês estavam lá, poderemos ser capazes de contornar esse caso. Mas tudo o que temos é um vídeo de vocês esgueirando-se pela porta da frente. Ali não está nele.

— Ali provavelmente escapou por uma janela — Spencer falou. — Nos fundos, talvez. Não havia câmeras lá.

O advogado olhou para as palmas das mãos. — Não há provas disso. Eu tive acesso às impressões digitais analisadas nos parapeitos das janelas ao redor da propriedade, e eles não encontraram nada.

— Ela poderia ter usado luvas — Hanna tentou.

Rubens estalou a caneta. — Isso tudo é prova circunstancial, e temos que considerar que isso está vindo de vocês quatro e que vocês são de alguma forma, hã, personagens notórios. — Ele limpou a garganta. — Quero dizer, seu apelido é *Pequenas Mentirosas*. Vocês foram pegas na mentira antes — em mentiras muito públicas. Vocês estiveram em julgamento por ter matado uma menina na Jamaica, e vocês confessaram ter, pelo menos, empurrado ela para fora de uma varanda. E todo mundo sabe o que Alison fez para vocês e quantos motivos vocês têm para querer se livrarem dela. E como eu disse, houve o episódio de Emily. .

Todas se viraram para olhar para Emily. Ela olhou para a mesa. Ok, então ela tinha perdido a cabeça na busca por Ali. Mas isso foi porque Ali tinha quase afogado Emily na piscina de Rosewood Day. . e, em seguida, um de seus Ali Cats tinha matado Jordan Richards, o amor da vida de Emily. Ela não tinha a intenção de ir para a casa da piscina e surtar. Ela não tinha intenção de destruir o local e prometer em voz alta que ela ia matar Ali, o que a câmera de vigilância tinha gravado. Isso simplesmente...

aconteceu.

— E então há aquele diário.

Rubens estendeu a mão para uma pasta grande à sua direita. Dentro havia uma fotocópia do diário que Ali tinha supostamente escrito e escondido na mata em um esconderijo bastante fácil para a polícia encontrar. Emily não queria lê-lo, mas ela tinha ouvido falar muito sobre isso. Ali tinha pintado ela mesma como a vítima inocente e Spencer, Aria, Emily e Hanna como suas captoras vingativas. As anotações falavam que as meninas abusavam verbal e fisicamente dela. Quando Rubens abriu a pasta, Emily viu as palavras *me amarraram*. Então ela viu a frase *elas não entendem*.

Pobre, pobre de mim, Ali cantou na cabeça de Emily. Emily deve ter gemido, porque Spencer olhou para ela com os olhos arregalados. As bochechas de Emily coraram. Ela tinha que ter cuidado. Suas amigas já pensavam que ela estava perturbada, e isso era quando ela não estava ouvindo vozes.

Aria olhou para a pasta, também. — Certamente isso não vai contar como evidência, não é?

— Especialmente por causa do que Nick disse esta manhã. — Emily pegou o telefone dela e mostrou ao advogado um artigo que ela tinha encontrado antes da reunião. Ela apontou para a manchete. *Maxwell Conta ao Jornal Todas as Mentiras*, ela dizia. *Seu amor e Lealdade Param por Aqui*. — Se Nick diz que Ali mentiu sobre as coisas sobre ele no diário, ele coloca a validade do resto das coisas em questão, não é? — ela perguntou, esperançosa.

Rubens deu de ombros. — Nós estamos falando sobre a palavra de um assassino confesso aqui. Às vezes, os juízes levam os diários muito a sério. E quando alguém escreve, *Eu estou com medo*, ou *Eu acho que elas vão me matar*, e então ela acaba morta. .

— Mas ela *não* está morta — Emily desabafou. — A polícia encontrou *um dente* e sangue. E só isso. Não vai ser difícil para eles nos condenar de um assassinato sem um *corpo*?

O advogado fechou a pasta com um tapa. — Isso é verdade. E vocês tem isso a favor de vocês. — Um olhar estranho surgiu em seu rosto. — Então vamos esperar que os detectives não encontrem o resto dela.

Todas olharam para o advogado, assustadas. — Você está dizendo que não acredita em nós? — Spencer finalmente estalou.

O advogado levantou as palmas das mãos, mas não confirmou ou negou.

Hanna colocou a cabeça entre as mãos. Spencer rasgou sua xícara de café de isopor em pedaços pequenos. Aria pôs as mãos espalmadas sobre a mesa. — Podemos contar o nosso lado da história no tribunal?

Rubens bateu sua caneta contra a mesa. — Eu prefiro não colocar vocês na bancada. O promotor vai começar a interrogar-lhes, e ele vai ser implacável — ele vai encontrar todos os tipos de formas de prendê-las em sua história. Deixe-me pintar um retrato de vocês, meninas. Vou trazer os fatos verdadeiros à tona. Mas mesmo com tudo isso, eu não sei a chance que temos. Eu posso tentar e oferecer algumas teorias de outras pessoas que poderiam ter matado Alison. Alguém da família de Jenna Cavanaugh, por exemplo. Alguém da família de Ian Thomas. Alguém que a odiava. Mas vocês ainda são as suspeitas mais convincentes e lógicas.

Emily olhou para as outras. — Mas ela não está morta — Spencer repetiu.

— Existe alguma coisa que realmente pode nos salvar? — perguntou Aria fracamente. — Qualquer coisa que vai garantir que vamos ficar livres?

Rubens suspirou. — A única coisa que eu posso pensar é se Alison DiLaurentis for até o tribunal e se entregar.

Como se isso fosse acontecer, Ali disse em voz alta na cabeça de Emily.

O advogado soprou ar através de suas bochechas. — Durmam um pouco, meninas. Vocês parecem exaustas. — Ele apontou para o prato dos bolos dinamarqueses. — E peguem um, pelo amor de Deus. Vocês não sabem quando vocês vão ter o prazer de comer um bolo dinamarquês do Rizolli de novo.

Emily se encolheu. Era muito fácil interpretar o que isso significava: Prisões não servem bolos.

Hanna pegou um e empurrou-o em sua boca, mas todas as outras saíram pela porta sem sequer olhar para o lanche. No elevador, Spencer clicou no botão DESCER.

De repente, ela olhou para Emily com alarme. — Em — ela sussurrou, os olhos na mão de Emily.

Emily olhou para baixo. Uma longa fila de sangue escorria de sua cutícula para baixo de seu pulso. Ela roeu sua pele até sangrar e não tinha sequer sentido. Ela pegou um lenço de papel na bolsa, sentindo os olhos de suas amigas sobre ela. — Eu estou bem — disse ela preventivamente.

Mas elas não eram as únicas preocupadas com ela; a família de Emily estava agindo ainda mais estranho. Ao contrário dos outros muitos incidentes de quando Emily tinha tido grandes problemas e seus pais a tinham deserdado, desta vez, sua família continuou a deixá-la fazer as refeições com eles. Eles até compravam suas comidas favoritas, lavavam sua roupa e checavam ela incessantemente, como se ela fosse um recém-nascido. Sua mãe tinha conversas forçadas e educadas com ela sobre programas de TV e livros e prestava muita atenção sempre que Emily não dizia nada. Ontem à noite, o pai de Emily tinha pulado da cadeira, dizendo que a TV era toda dela e ela podia ver o que ela quisesse e perguntou se ela queria que ele pegasse alguma coisa para ela. Emily ansiava por este tipo de atenção de sua família por tanto tempo, basicamente desde o início de A. Mas parecia estranho agora. Eles só estavam fazendo isso porque eles achavam que ela estava louca.

O elevador apitou, e as portas se abriram. As meninas saíram em silêncio, de cabeça baixa. Emily podia sentir as outras pessoas no elevador encarando. Uma garota não muito mais velha do que elas pegou seu iPhone e começou a digitar algo na tela. Depois de um momento, Emily ouviu o estalo da câmera do dispositivo e notou que o telefone foi apontado para seu rosto.

Ela se virou e olhou para a menina. — O que você está fazendo?

As bochechas da menina avermelharam. Ela cobriu a lente do telefone com a mão e baixou os olhos.

— Você tirou uma *foto* de nós? — Emily gritou.

Ela tentou pegar o telefone, mas Spencer a pegou pelo braço, puxando-a para trás. O elevador apitou, e a menina correu para o saguão. Spencer olhou para Emily.

— Você tem que se acalmar.

— Mas ela foi muito rude! — Emily protestou.

— Você não pode pirar com isso — Spencer pediu. — Tudo o que fazemos, Em, tudo o que dizemos — nós temos que pensar como o júri vai interpretar.

Emily fechou os olhos. — Eu não posso acreditar que temos que aparecer mesmo na frente de um júri.

— Nem eu — Hanna sussurrou. — Que pesadelo.

Elas atravessaram o saguão, passando pela mesa de um guarda. Emily olhou para fora das portas giratórias. A luz do sol brilhava na calçada. Um grupo de meninas em vestidos e sandálias coloridas passou, rindo vertiginosamente. Mas, em seguida, além delas, ela pensou ter visto uma sombra deslizando em um beco do outro lado da rua. O cabelo na parte de trás de seu pescoço se arrepiou. Ali — a verdadeira Ali — poderia estar em qualquer lugar. Observando-as. Esperando para atacar.

Ela virou-se para suas amigas. — Sabe, nós poderíamos fazer algo — disse ela em voz baixa. — Poderíamos procurar ela de novo.

Os olhos de Spencer se arregalaram. — De jeito nenhum. Absolutamente não.

A garganta de Aria balançou. — É impossível.

Mas Hanna assentiu. — Eu queria saber para onde Ali foi. E Rubens disse que era a única maneira de nós podermos ficar livres.

— Hanna, não. — Spencer deu-lhe um olhar penetrante. — Nós não temos pistas.

É isso mesmo, Ali disse na mente de Emily. Vocês nunca vão me encontrar.

Emily pegou o telefone novamente. O artigo de Nick ainda estava na tela. — Nick está tão irritado. Talvez ele nos ajude. Nos dê alguma coisa.

Spencer bufou. — Não.

— Sim, e eu odeio a ideia de ficar de frente para ele na prisão — Aria disse nervosamente. — Você não?

— Se nós formos juntas, acho que posso lidar com isso — disse Emily, tentando soar firme.

— Talvez — Aria murmurou tristemente.

Hanna colocou uma mecha de seu cabelo castanho-avermelhado atrás da orelha. — Quais são as chances dos policiais nos deixarem visitar alguém na prisão?

Estamos em liberdade sob fiança. Nós não podemos exatamente nos mover livremente e fazer o que quisermos.

Emily olhou para Spencer. — O seu pai poderia mexer alguns pauzinhos? — O

pai de Spencer, um advogado poderoso, conhecia todo mundo da promotoria, o prefeito e o chefe de polícia. Ele poderia fazer todos os tipos de coisas acontecerem.

Spencer cruzou os braços sobre o peito. — Eu não acho que seja uma boa ideia.

— *Por favor?* — Emily implorou.

Spencer balançou a cabeça. — Sinto muito. Eu não quero.

A boca de Emily caiu aberta. — Então você vai desistir? Isso não é do seu feitio, Spence.

O queixo de Spencer vacilou. — O que eu não quero fazer mais é bancar a Scooby-Doo. Isso só leva a mais problemas.

— Spence — Emily protestou, pegando o braço de Spencer. Mas Spencer se afastou, deixando uma nota de dor que ecoou pelo saguão. Ela virou-se e caminhou pelas portas giratórias.

Houve um longo silêncio. Emily sentiu aquele mesmo peso pressionando em seu peito mais uma vez. Ela não se atreveu a olhar para Hanna ou Aria, porque ela sabia que ela explodiria em lágrimas se o fizesse. Talvez Spencer estivesse certa.

Talvez *fosse* uma ideia terrível ir à procura de Ali novamente.

É isso mesmo, Ali gritou na cabeça de Emily, mais alto do que nunca. *Desta vez, eu peguei vocês para sempre.*

2

A NOVA TUTORA DE SPENCER

Spencer Hastings caminhou rapidamente para o fim do quarteirão do centro da cidade. Ela olhou por cima do ombro, ela estava quase certa de que suas amigas estavam correndo atrás dela, tentando convencê-la a se meter em outra busca louca, frustrante e inútil por Ali. Mas a rua estava vazia. *Ótimo.*

Ela estava cansada de tentar procurar Ali. Após as últimas duas semanas, depois de terem chegado tão perto de encontrar Ali e depois de perdê-la de forma tão dramática, ela tinha desistido. Ela tinha conseguido tudo o que queria para depois ser tudo arrancado dela — ela não tinha mais futuro na faculdade, ela já não tinha o negócio do livro, e seu blog sobre bullying, que tinha feito tanto sucesso recentemente, não tinha tido nenhuma visita há dias, exceto

pelas pessoas escrevendo postagens sobre o quanto ela era uma pessoa horrível. *Ok, Ali, você ganhou*, ela finalmente admitiu. Pelo que Spencer sabia, ela estava prestes a enfrentar seu destino: a prisão.

Talvez não fosse a pior coisa do mundo, no entanto. Ela era Spencer Hastings, e se ela ia ter que ir para a prisão, então ela estava malditamente certa de que ia fazer todo o possível para torná-la tão suportável quanto possível. Essa era a mesma atitude que ela teve antes de participar do acampamento Rutabaga na quinta série: Ela entrevistou campistas e conselheiros dos verões anteriores, leu fóruns de mensagens, até mesmo passou nos acampamentos durante o inverno para fazer o reconhecimento do terreno. Ela aprendeu a nunca nadar antes das 11:00, que era quando adicionavam o novo cloro na piscina; a evitar as ervilhas no refeitório; e que o caminho certo para ganhar a guerra de tinta era dominando a ponte de corda — e ela tinha feito isso praticando em um campo que ela tinha construído anteriormente em seu quintal. E assim ela começou sua preparação para a prisão lendo o autobiográfico best-seller *Atrás das Grades: Meu Tempo na Prisão*. Quando ela percebeu que Angela Beadling, a autora, vivia na Filadélfia, Spencer tinha entrado no site dela, e descobriu que ela fazia consulta individualmente de como era a Vida na Prisão como uma Especialista em Adaptação. Ela imediatamente ligou e marcou uma consulta.

Seu celular tocou, assustando-a. Ela olhou para a tela. *Pai*. Emily não tinha ligado para ele sem ela saber, não é? Spencer mordeu os lábios e atendeu.

— Oi, Spence — disse o Sr. Hastings seriamente. — Como você está?

Spencer engoliu em seco, todos os pensamentos de Emily desaparecendo. Ela apreciou os esforços do pai dela para se manter em contato — era mais do que sua mãe rainha do gelo estava

fazendo nesse momento. — Tudo bem — ela disse, tentando parecer positiva. — Acabei de vir de uma reunião com Rubens, na verdade.

— Sério? — O Sr. Hastings parecia entusiasmado. — E como foi?

Spencer contornou o lixo verde de reciclagem. Ela não teve coragem de dizer a seu pai que Rubens havia lhes dito exatamente a mesma coisa que qualquer outro advogado. O Sr. Hastings tinha mexido todos os pauzinhos para conseguir uma reunião, afinal. E ainda que eles não tivessem falado sobre isso — e, provavelmente, nunca falariam em um zilhão de anos — um segredo grande e obscuro permanecia entre eles. Não muito tempo atrás, Spencer havia descoberto que seu pai era o pai de Ali e Courtney também. Ela sabia que ele tinha sentimentos conflitantes sobre o quão perturbadas ambas as meninas tinham se tornado, mas a Verdadeira Ali ainda era carne e osso dele. Spencer não podia deixar de pensar que sua assistência cautelosa e deliberada era uma mensagem clara de que ele não acreditava, nem por um segundo, que ele iria deixar quaisquer sentimentos paternos ficarem no caminho.

— Hum, ótimo — ela disse. — Ele parece realmente profissional, e ele vai representar todas nós. — Ela respirou fundo, considerando perguntar-lhe sobre visitar Nick — o pai dela iria definitivamente ajudar. Mas ela decidiu que não valia a pena tentar.

— Bem, fico feliz em ouvir isso — o Sr. Hastings disse. — Ei, se você ainda estiver na cidade, quer almoçar? Eu posso te encontrar no *Smith and Wollensky*.

Spencer parou e olhou em volta. Ela tinha esquecido que estava perto do lugar onde seu pai estava, na Rittenhouse Square. — Hum, eu não posso — ela falou rapidamente. — Eu já estou na parada de ônibus. Foi mal!

Em seguida, ela desligou o mais rápido que pôde. Com a sorte dela, se ela fosse se encontrar com o pai dela agora, ela seria obrigada a responder várias perguntas.

E ela não tinha ideia de como iria explicar para onde ela realmente estava indo.

Ela enfiou a mão no bolso, olhou para o endereço que ela havia escrito em um Post-it amassado e, em seguida, entrou no Google Maps em seu celular. Não demorou muito tempo para chegar ao edifício, uma casa branca bonita com arquitetura parecendo um bolo de aniversário com glacê. O carro estacionado em frente era um Porsche 911 Britânico verde. Havia uma bandeira americana pendurada no telhado e um enorme vaso de flores na varanda. Spencer subiu os degraus e olhou para o nome na caixa de correio. ANGELA BEADLING. Era aqui mesmo. Spencer estava um pouco surpresa — o livro tinha sido um best-seller, isso era verdade, mas ela não esperava que Angela vivesse em algum lugar tão agradável.

Ela tocou a campainha e esperou. Atrás dela, houve um estrondo alto, e ela se virou, seu coração pulando em sua garganta. A rua parecia deserta, então ela não tinha certeza de quem poderia ter causado esse barulho. Alguém na casa ao lado? O

vento?

Ali?

De jeito nenhum. Ali não estava aqui. Ela não podia estar.

Uma mulher de olhos severos, com cabelos loiros, um nariz pontiagudo e lábios finos apareceu na porta. Ela estava usando calças masculinas da moda e uma camisa oxford. Spencer olhou para ela. A mulher olhou de volta. Ela era a mulher da capa do livro, tudo certo. Só que ela não estava agradavelmente sorrindo como se estivesse em sua foto da autobiografia.

— Você é Spencer? — a mulher perguntou com a voz rouca. Ela estendeu a mão antes de Spencer responder. — Eu sou Angela. É trezentos dólares apenas para atravessar a porta.

— O-oh. — Spencer pegou sua bolsa e entregou um monte de notas amassadas.

Aparentemente satisfeita, Angela passou pela porta e levou Spencer para um espaço enorme decorado com mobília francesa do século XVIII. Uma tapeçaria que retratava um rei e uma rainha de cara irritada sentados em tronos em uma corte real decorava a parede de trás. O lustre sobre suas cabeças tinha velas de verdade, embora nenhuma estivesse acesa no momento. Três Budas de cerâmica encaravam Spencer da toalha de mesa. Eles não pareciam nem um pouco calmos.

Angela sentou no maior sofá de couro que Spencer já tinha visto e estendeu as pernas sobre ele para que Spencer não pudesse compartilhar o espaço. Spencer se desviou para uma poltrona no canto. — Então — Spencer começou, sentando-se. — Obrigada por concordar em se encontrar comigo. Eu realmente gostei do seu livro.

Angela sorriu. — Obrigada.

Spencer se inclinou, puxou o laptop de sua bolsa e abriu-o no colo. Ela levou um momento para criar um novo documento no Word e intitulou *Prisão*. — Então eu acho que nós podemos começar do começo, certo? Como no “Capítulo um: Chegando lá”. Eles vão mesmo mandar eu tirar minha roupa para me revistar?

Então, ela ouviu Angela rindo e olhou para cima. — Querida, isso não é uma preparação para o SAT**1**.

Spencer sentiu o rosto aquecer, mas não fechou o laptop.

Angela acendeu um cigarro Newport Light em uma piteira longa e de ouro. — Eu sei quem você é e o que você fez. Você provavelmente vai estar em uma cela de segurança média, esse é o meu palpite. Eu não acho que eles vão pegar leve com você, mas talvez não vão pegar pesado, tampouco.

O coração de Spencer acelerou. *Média*, ela digitou. Só de ouvir o nome fez com que as coisas parecem muito mais reais. — Na verdade, eu não fiz nada — ela corrigiu Angela. — Eu estou sendo acusada injustamente.

— Uhum. Todo mundo diz isso. — Angela bateu o cigarro em um cinzeiro marrom. — Tudo bem, vamos começar pelo começo. É assim que acontece. Primeiro, eles vão te revistar enquanto você está sem roupa. Então, você vai ser atribuída a um beliche, onde é mais do que provável que suas companheiras de quarto serão assassinas como você, eles gostam de manter criminosos semelhantes. Você não vai ver suas amigas se vocês todas forem condenadas. E nem sequer tentar fazer outras amigas, porque elas são todas vadias traidoras. Agora, com esta consulta, eu posso ensinar truques de como lidar com os guardas, como lidar com as gangues ou de como administrar um relacionamento enquanto está atrás das grades, você tem namorado?

— N-não — Spencer gaguejou. Angela estava falando muito rápido. Ela ainda não tinha tido a chance de digitar.

— Bem, então, eu sugiro que nós falemos sobre como lidar com as gangues de garotas como no capítulo dez. — Angela revirou os olhos e deu outra tragada. — Se você também quiser ouvir sobre os guardas, vai ser um extra de 125 dólares.

A boca de Spencer estava seca. — Talvez possamos falar sobre, hum, as partes úteis da prisão? Como os programas da faculdade? Iniciativas de trabalho e estudo?

Angela olhou para Spencer por um segundo, em seguida, começou a rir. — Querida, na verdade, é apenas um programa de Desenvolvimento da Educação Geral.

E é claro que eles têm um monte de livros de direito no caso de você quiser apelar seu caso, o que todo mundo faz, não que você realmente chegue a lugar algum com isso.

1 SAT: *Teste de avaliação de conhecimento exigido para entrar em curso superior nos E.U.A.*

O coração de Spencer bateu mais rápido. — E quanto a exercícios? Seu livro não menciona, mas eu li que os estabelecimentos da penitenciária valorizam a aptidão física e saúde, por isso...

Angela bufou. — Eles permitem que você ande em torno do pátio. Não pense que você vai poder usar um spinning ou ter uma aula de Pilates não.

— Mas..

Angela se inclinou para frente com o cigarro em chamas. — Ouça, meu bem. Eu sugiro que use o resto para falar sobre as gangues de meninas. Uma garota como você precisa de habilidades de rua. Você vai chegar lá citando Shakespeare e fazendo anotações? Você vai levar porrada.

Spencer piscou com força. — Eu pensei que se você não se metesse na vida dos outros e se fizesse o que lhe mandassem, as pessoas o deixariam em paz.

Um canto da boca de Angela curvou em um sorriso. — Depende. Às vezes, isso pode te tornar invisível. Mas, às vezes, pode te tornar um alvo.

De repente, toda a determinação resistente de Spencer desintegrou. Ela fechou seu laptop, percebendo o motivo de Angela ter rido dela querer fazer anotações.

Qual era o ponto?

— Não há nenhuma forma de tornar isso melhor? — ela ouviu-se grunhir.

Angela bufou. — Você pode sobreviver, com certeza. Mas tornar melhor? É por isso que eles chamam de prisão. A melhor atitude, docinho, é descobrir uma forma de não ir. A prisão vai arruinar a sua vida, escreva o que estou te dizendo.

Um arrepio percorreu a espinha de Spencer. — Por que você foi para a prisão, afinal? — Era outra coisa que Angela não mencionou em seu livro.

Angela tirou outro cigarro da embalagem. — Isso não importa.

— Você matou alguém?

— Deus, não. — Angela olhou para os lados. — Se eu tivesse matado, você realmente acha que eu já estaria solta?

— Então o quê? Assalto? Roubo? Drogas?

Os lábios de Angela enrugaram. — São coisas desagradáveis que não quero assumir.

Spencer de repente queria muito saber. Então, ela empregou um velho truque que ela usava no clube de debate quando queria intimidar um adversário. Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para Angela, como uma estátua.

A expressão de Angela azedou. Ela soltou outra nuvem de fumaça. Cinco segundos se passaram, e, finalmente, ela levantou as mãos. — Jesus. Pare de me olhar assim. Foi por fraude, ok? Eu criava identidades falsas para as pessoas para mantê-las fora da prisão. Eu arranjava uma nova vida para elas. Descobria maneiras para elas começarem de novo.

Spencer piscou com força. — Espere, você está falando sério?

Angela revirou os olhos. — Por que eu iria mentir?

— A polícia encontrou essas pessoas que você ajudou?

Angela balançou a cabeça. — Não, apenas uma vadia estúpida que não seguiu as regras, ela entrou em contato com algum familiar, e os policiais estavam monitorando os telefones. Eles rastrearam a identidade falsa até mim. Eu tive que levar a culpa pelas outras pessoas que ajudei, mas as pessoas foram muito longe. Até onde eu sei, a lei nunca pegou elas.

Spencer passou as mãos sobre a parte superior de seu computador, seu coração começando a bater um pouco mais rápido. — Então, é como o programa de proteção a testemunhas. . exceto que não é através da polícia.

Angela assentiu. — Pode-se dizer que sim. É uma nova vida.

— Você.. ainda faz isso?

Os olhos de Angela se estreitaram. — Somente em casos muito especiais. — Ela olhou bem nos olhos de Spencer. — Isso não é para todo mundo, sabe. Você não pode deixar qualquer vestígio para trás. Você não pode entrar em contato com ninguém que você conheça na vida anterior. Você tem que começar tudo de novo, como se estivesse. . Eu não sei. Caído aqui embaixo de uma nave alienígena. Algumas pessoas não conseguem lidar com isso.

Spencer não podia acreditar nisso. Nas duas últimas semanas, deitada em sua cama, ela fantasiava sobre alguém, tipo um agente de viagens, que pudesse conseguir um passaporte e documentos de viagem para tirá-la de sua situação atual e colocá-la em um mundo em que ela não estivesse em apuros. E ali estava alguém que realmente podia fazer isso, sentada na frente dela.

Ela considerou como seria deixar Rosewood e nunca olhar para trás. Tornar-se uma pessoa completamente diferente, e nunca, nunca dizer a ninguém a verdade.

Nunca ver sua família novamente. Ela iria ter saudades deles. Bem, talvez não da mãe dela, que realmente não parecia se importar que Spencer estivesse sendo julgada por assassinato, mas ela iria sentir falta do seu pai. E ela iria sentir falta de Melissa, que se aproximou mais dela ultimamente — Melissa tinha estado muito revoltada com Spencer sendo acusada injustamente, embora ela tinha ficado longe de falar explicitamente sobre Ali para a imprensa. Ela iria perder suas amigas, é claro, seria tão estranho não falar com elas novamente. Mas o que ela tinha para continuar aqui? Ela não tinha nenhum garoto em mente. Nenhum futuro na faculdade. E qualquer coisa era melhor do que a prisão.

Ela olhou para cima e olhou nos olhos de Angela. — Você faria isso por mim?

Angela apagou o segundo cigarro. — A entrada é de cem.

— Dólares?

Angela riu. — Que tal uma centena de milhares de dólares, querida?

O queixo de Spencer caiu. — Eu-eu não tenho esse dinheiro todo.

— Bem, então, esta conversa nunca aconteceu — Angela disse, sua voz de repente ficando assustadoramente fria. — E se você contar a alguém que ela aconteceu, eu vou te caçar e destruir você. — Ela recruzou as pernas e continuou com a voz normal novamente. — Então. Você quer falar sobre as gangues de meninas ou o quê?

Talvez fosse a fumaça de mentol, talvez fosse o olhar raivoso do rei e da rainha da tapeçaria, ou talvez fosse a ameaça do lustre gigante quebrando e esmagando sua cabeça, mas de repente Spencer

sentiu-se tonta. Ela se levantou da cadeira. — Na verdade, eu-eu estou arrependida de ter vindo. Eu acho que deveria ir embora.

— Você que está perdendo. — Angela balançou os dedos. — Eu vou ficar com os trezentos, mesmo assim.

Em segundos, Spencer estava na varanda de novo. Angela não seguiu-a para fora.

Um carro buzinou ruidosamente algumas ruas à distância. Spencer caiu contra a parede com sua respiração rápida. Esses dez segundos que ela tinha pensado em desaparecer foi realmente plausível, ela começou a vislumbrar uma nova vida.

Vivendo sossegadamente. Fazendo alguns conhecidos, alguns amigos. Em seguida, indo para a faculdade como outra pessoa. Ainda vivendo uma vida com propósito.

Ainda bem sucedida. Ainda sendo Spencer Hastings, apenas com um nome diferente.

A prisão vai arruinar a sua vida, escreva o que estou lhe dizendo.

Ela pegou o celular e olhou para ele, de repente deprimida. Angela estava certa: a prisão iria comê-la viva. Ela discou o número de Emily. O celular tocou duas vezes antes de Emily atender.

— Eu mudei de ideia — Spencer disse antes de Emily ter a chance de dizer alô.

— Eu posso falar com o meu pai. Vamos ver Nick.

3

O INTERROGATÓRIO

Hanna Marin guiou o Prius por uma estrada sinuosa que levava para fora de Rosewood. O ar do fim de primavera cheirava ao perfume Flowerbomb, o sol brilhante estava esperançosamente dando a seu rosto um pouco de cor, suas três melhores amigas estavam amontoadas no carro com ela e o rádio estava no volume alto. Para a maioria dos transeuntes, elas provavelmente pareciam um bando de meninas em uma viagem de verão. Não acusadas de assassinato no caminho da prisão para falar com o próprio quase-assassino. Seu

celular tocou, e quando ela diminuiu a velocidade em um semáforo, ela olhou para a tela. *Que horas eu vou aí?*

seu namorado, Mike, tinha mandado.

Hanna passou a língua sobre os dentes. Graças a Deus ela não tinha perdido Mike após os paparazzi liberarem as fotos dela íntima com Jared Diaz, seu colega de elenco em *Burn It Down*, um filme narrando a luta dela e de suas amigas contra Ali.

Agora, ela e Mike estavam mais próximos do que nunca. Desde que ela foi solta sob fiança ele ia na casa dela todos os dias, trazendo comida e filmes femininos que ele, na verdade, assistia com ela e tentava ao máximo não tirar sarro deles.

Ela olhou em volta, observando os campos largos e celeiros vermelhos. Por um breve segundo, ela pensou em dizer a Mike o que elas iriam fazer. Má ideia, no entanto: Mike imaginava-se como o cavaleiro de Hanna de armadura brilhante. Ele provavelmente iria tentar resgatá-las.

Não dormi bem na noite passada, estou pensando em tirar uma soneca, Hanna digitou de volta rapidamente. *Talvez à tarde?*

Houve uma pausa antes de Mike mandar uma mensagem de volta, *claro.*

Quando outra mensagem chegou, Hanna imaginou que era de Mike mais uma vez, não acreditando. Mas então ela viu o nome Hailey Blake.

Hanna ergueu as sobrancelhas. Hailey era uma tempestuosa e fodona estrela de mega-filmes que havia se tornado amiga de Hanna durante seu breve período no filme *Burn It Down*. Hanna tinha pensado que Hailey iria abandoná-la depois de Hanna rudemente deixar seu papel como si mesma — e, oh, sim, depois de ter sido

presa por homicídio — mas Hailey mandava mais mensagem ainda recentemente.

Essa dizia: *Eu acabei de ver outro relatório sobre você na CNN. Seu cabelo parecia realmente bom.*

Hanna deixou cair o celular em seu colo. Hailey ficou imperturbável com a situação de Hanna. Era bom que alguém em Hollywood ainda achasse que ela era legal. Hank Ross, o diretor de *Burn It Down*, que havia dito a Hanna que ela era “natural” e que “tinha um futuro brilhante” nem sequer retornou suas ligações. Nem mesmo Marcella, a nova agente de Hanna.

Sempre que Hanna pensava no seu quase estrelato, ela começava a chorar e não conseguia respirar. Doeu mais do que quando ela descobriu que Mona, sua antiga melhor amiga, era a primeira A e tentou matá-la. Doeu mais do que quando ela tinha descoberto que Ali tinha uma irmã gêmea e nunca tinha lhe dito. Ainda doeu mais do que quando o pai dela, a quem ela amou uma vez mais do que qualquer pessoa no mundo, tratou Hanna friamente dizendo que ela “não era boa para sua campanha política.” Atuar era apenas sobre ela. . e ela era realmente boa no que fazia. Ela achou que poderia ser o seu futuro.

Mas agora... bem. Sua única chance de estrelato estava nos *Mais Procurados da América*.

— Ficou verde — Emily resmungou impacientemente na parte de trás.

Hanna pressionou o acelerador, olhando para Emily no espelho retrovisor. Sua antiga amiga parecia mais magra, e seus olhos saltavam de seu rosto. Hanna ainda estava realmente preocupada com Emily — porque ela quase pulou de uma ponte em Rosewood, e depois porque ela surtou na casa da piscina, onde ela tinha rastreado Ali, e não disse a elas. E ultimamente, Em parecia estar mais ou menos...

tendo convulsões. Como se uma pessoa invisível estivesse lhe dando choques elétricos. Ela também estava incrivelmente alerta esta manhã, como se tivesse bebido um zilhão de Red Bulls. Hanna se perguntou se ela tinha dormido na noite passada.

Mas por outro lado, o resto delas não parecia tão entusiasmadas, tampouco — Hanna inclusive. Spencer chupava o canudo de sua garrafa de água com tanta força que formava linhas em torno de sua boca. Aria não parava de bater suas pulseiras umas nas outras. Hanna provavelmente havia repassado seu batom seis vezes, algo que ela sempre fazia quando estava chateada. Alguma delas estava pronta para conversar com Nick?

Hanna virou em uma estrada sinalizada com PRISÃO ALLERTON, NA PRÓXIMA ESQUERDA. O edifício da prisão monótono, quadrado e longo apareceu à distância, cercado por uma confusão ameaçadora de arame farpado. Hanna virou na direção da entrada e estacionou. Todo mundo ficou em silêncio enquanto caminhava para a porta de visitantes e entregava suas identificações para uma mulher atrás de uma mesa. À medida que a mulher escrevia seus nomes e contatava um guarda, Hanna olhou discretamente ao redor, seu coração batendo forte. O ar cheirava a carne podre. De algum lugar no interior das muralhas veio um grito masculino profundo que soou como um cruzamento entre um rugido e um gemido.

Um guarda enfiou a cabeça na sala de espera. — Visitantes de Maxwell?

Todo mundo se levantou. O guarda fez sinal para elas o seguirem, e logo elas estavam em uma sala longa e estreita. O guarda levou-as a uma sala de espera privada no final, e elas se arrastavam atrás. Não havia outros visitantes na sala. A luz fluorescente tremulava no alto.

Uma porta da parede mais distante se abriu. Um guarda empurrou um cara com um macacão de prisão e algemas para a sala. O estômago de Hanna revirou. Lá estava ele. *Nick.*

Ele tinha perdido uma quantidade significativa de peso desde que ela o tinha visto pela última vez no porão, e ele parecia completamente diferente de quando ela o tinha visto pela primeira vez, quando ele ofereceu bebida para ela e uma nova amiga, Madison, em um bar da Filadélfia. Sem sequer precisar olhar, Hanna sabia que suas amigas estavam cada uma com seus próprios conflitos com o Nick que elas haviam conhecido — o mutante que tinha feito elas confiarem nele — e o Nick que amava Ali. Foi emocionante vê-lo no uniforme da prisão, no entanto. Se apenas Ali estivesse ao lado dele, atrás das grades, também.

Nick levantou a cabeça e as viu. Seus olhos se estreitaram. Sua boca se uniu em uma linha reta com raiva. Ele olhou para o guarda e balançou a cabeça, murmurando algo que parecia um *não*.

Spencer saltou sobre seus pés. — Não estamos aqui para brigar. Nós estamos do seu lado.

Nick olhou para elas novamente. Havia uma macha de uma contusão no seu olho. O peito dele arfava para cima e para baixo como se ele tivesse corrido muito.

Finalmente, ele baixou os ombros e caiu no assento da mesa das meninas. Ele estava tão perto que Hanna poderia estender a mão e tocar nele se quisesse. Ela olhou para as mãos dele. A pele sob suas unhas estava imunda.

— Olha, você sabe tão bem quanto nós que Ali não está morta — Spencer começou quando ninguém mais falou. — Ela é inteligente demais para isso. Ouvimos o que ela escreveu sobre você no diário. Ela também mentiu sobre nós. Ela ferrou todos nós. Deveríamos estar do mesmo lado.

Os olhos de Nick saltaram. — Eu não sei, meninas. Talvez vocês tenham matado ela. — Ele inclinou a cabeça implicantemente. — Eu lembro nitidamente da raiva em seus olhos naquele porão quando

vocês estavam presas. Lembro do quanto vocês queriam que ela morresse.

Hanna apertou seu punho. — Sim, e eu lembro claramente como é fácil para você torturar as pessoas, a julgar pelo o que você fez conosco naquela noite. — Ela não piscou. — Quem nos garante que você não fez isso com Ali?

O olhar brincalhão no rosto de Nick desapareceu. — Eu a amava.

— Você ainda a ama agora? — Hanna desafiou.

Nick murmurou algo que Hanna não conseguiu ouvir.

Aria mudou seu peso. — Olha, nós estamos tentando encontrar Ali. Trazê-la de volta, fazê-la confessar vai lhe ajudar também. Você vai ficar preso por muito menos tempo. Nós sabemos que você não orquestrou esses assassinatos. Nós sabemos que você não foi o líder.

A mandíbula de Nick estava tão tensa que as veias se destacavam em seu pescoço. — Eu odeio vocês, vadias — ele sussurrou com a voz rouca. — Vocês deveriam ter morrido naquele porão. Ali e eu deveríamos ter fugido juntos.

— Mas, em vez disso, ela deixou você para a polícia encontrar — Emily pressionou. — Ela *incriminou* você.

O lábio inferior de Nick contraiu. — Ela estava tentando salvar a si mesma. Era parte do nosso plano.

Aria bufou. — Era parte do plano de vocês você levar toda a culpa por todos os crimes dela?

— É claro que era. Nós estávamos apaixonados. Eu amo ela. Ela me amava.

Emily se inclinou para a frente. — Não, ela não ama — ela disse em uma voz forte. — Sabe como eu sei? Ela me disse assim que tentou me afogar. Ela disse que eu era a pessoa que ela sempre amou. Ela me disse que estava apenas usando você.

Ela riu de você.

Hanna se virou e ficou boquiaberta com Emily, mas Emily não encontrou seu olhar. Emily não tinha falado muito sobre Ali ter tentando afogá-la na piscina de Rosewood, mas Hanna suspeitava que isso a tinha abalado muito.

Nick olhou para Emily, desconfiado. — Ela não disse isso.

— Sim, ela disse — Emily afirmou. — Ela disse que você era patético. Um nada.

Uma expressão em conflito atravessou o rosto de Nick. O coração de Hanna começou a acelerar. Ele iria ceder. Ela podia sentir isso.

Spencer mudou seu peso. — Nos diga onde ela está. Por favor.

Nick bufou. — Como se eu soubesse.

— Da última vez ela estava na casa dos seus pais em Ashland — Hanna pressionou, suas palavras saindo em uma confusão. — Você tinha dito a ela sobre esse lugar?

Ele desviou o olhar. — Nós estivemos lá algumas vezes. Não é de se estranhar que ela tenha se escondido lá.

— Sua família tem outras propriedades que ela possa estar se escondendo? — Hanna perguntou.

Spencer olhou para Hanna. — Ali não faria algo tão óbvio. Eles têm os registros de todas as propriedades, lembra? Tenho certeza de que os policiais estão à procura de todas elas.

— *Tenho certeza de que os policiais estão à procura de todas elas.*

— Nick zombou de Spencer. Ele cruzou os braços sobre o peito. — Vocês acham que são estupidamente inteligentes, mas vocês não entendem? Os policiais não estão procurando por ela. Eles não acham que ela está lá fora. Eles pensam que ela está morta, graças a vocês. — Ele apontou para elas.

— Então você também não acha que ela está morta — afirmou Spencer.

Nick deu de ombros. — Eu não sei — ele admitiu.

O coração de Hanna pulou. — Onde você acha que ela estaria, se você tivesse que dar um palpite?

Nick inspirou como se estivesse prestes a falar. Em seguida, uma sombra pairou sobre eles. O guarda deu um tapa no ombro de Nick. — Acabou o tempo.

— Espere! — Emily se levantou. — O que você ia dizer?

— Acabou o tempo — o guarda repetiu com raiva.

— Nick, por favor! — Spencer gritou. — Nos fale!

Nick olhou para elas. — Ali realmente gostava de juntar conchas em Cape May — ele revelou. — Nós caminhamos com a minha avó Betty na praia uma vez. A velha caduca não tinha ideia de quem Ali era, e ficava me chamando com o nome do meu pai. Foi um bom dia, apesar de tudo.

Todas olharam umas para as outras. — O que você quer dizer? — Spencer gritou atrás dele. — Ali está em Cape May?

— Ela está com alguém chamado Betty? — Aria falou.

Mas já era tarde demais. Nick acenou alegremente. O guarda empurrou-o através da porta. A porta bateu com força, o som metálico estrondando nos ouvidos de Hanna.

Alguns momentos depois, elas estavam de volta no estacionamento. Um gambá tinha acabado de passar e o ar cheirava horrível. Hanna suspirou profundamente. — Bem. Fico feliz que tenhamos vindo.

Spencer tocou no braço de Emily. — Ali realmente disse aquelas coisas sobre não amar Nick?

Emily balançou a cabeça. — Eu apenas achei que iria fazê-lo falar. E deu certo.

Aria inspirou. — Sabe, talvez Nick estivesse tentando nos dizer alguma coisa.

Spencer parou ao lado de uma caminhonete. — Tipo?

Aria torceu suas mãos. — Talvez Ali esteja em Cape May. Talvez os pais dele tenham outra propriedade lá, ou talvez fosse uma dica sobre a avó dele ter uma casa lá — Aria disse. — A vovó Betty velha e caduca.

— Oh meu Deus. — Hanna pegou o celular e digitou o endereço de anúncios imobiliários públicos em Cape May, Nova Jersey. — Vou procurar Betty Maxwell. — Dados apareceram na tela. Demorou vários minutos para Hanna percorrer um monte de nomes, mas, em seguida, ela engasgou. — Pessoal. Alguém chamada Barbara Maxwell é dona de uma casa na Rua Dune em Cape May. Betty é um apelido para Barbara, não é?

— Nós temos que ir — Emily disse automaticamente. — Agora.

Spencer apertou os lábios. — Mas isso significa deixar o estado. O que estamos proibidas, lembram?

Hanna fez uma pausa, lembrando-se da polícia e Rubens dizendo a elas o quão necessário era elas permanecerem em Rosewood até o julgamento. Tinha sido incrível que elas não tinham sido condenadas a permanecer na prisão sem poder pagar fiança, na verdade — as pessoas que enfrentavam acusações de assassinato geralmente tinham. Hanna se perguntou se elas tinham saído porque elas ainda eram apenas adolescentes. Ela sabia que elas iriam arriscar tudo se pensassem em sair da cidade. Mas ela não podia suportar a ideia de Ali se safar mais uma vez. — E

se essa for a nossa única chance? — ela grunhiu.

— Eu concordo — Aria disse quando elas chegaram no Prius. — Ali pode estar lá. Ou pode ter uma pista que nos leve para onde ela possa ter ido. Devemos ir.

Todas se viraram para Spencer, que parecia em conflito. — Eu não sei..

Algo estalou atrás delas. Hanna se virou na direção do som e observou a área.

O estacionamento estava vazio, todos os carros alinhados em fileiras. O vento mudou de novo, e seu olhar se desviou para cima. A única coisa que ela viu foi um homem uniformizado de pé na torre de guarda. Ele segurava uma arma enorme na mão.

A garganta de Aria balançou, seu olhar sobre o guarda também. Emily apertou a mão na boca. Hanna sabia que elas estavam pensando a mesma coisa. Muito em breve, se não agissem rápido, um guarda estaria observando-as.

Spencer fez um pequeno ruído de engasgo. — Ok — ela sussurrou. — Vamos para Cape May amanhã de manhã.

4

VIAGEM À PRAIA!

Aria Montgomery acordou no sábado com dois braços fortes e quentes apertados em volta dela. Ela respirou profundamente, inalando o cheiro matinal ligeiramente doce e ligeiramente salgado do seu namorado Noel Kahn. Ele tinha dormido com ela durante a semana passada, esgueirando através de sua janela assim que sua mãe ia para a cama, e ela tinha que admitir que era ótimo dormir de conchinha com ele a noite toda. *Eu poderia me acostumar com isso*, ela pensou rapidamente, com os olhos fechados.

Só que ela não ia se acostumar com isso. Porque em breve tudo iria mudar.

Ela sentou-se em linha reta, a realidade sussurrando de volta. Ela voltou com Noel recentemente, e agora tudo isso lhe seria tirado. Aria olhou para seu rosto tranquilo no travesseiro, desejando que ela pudesse preservar perfeitamente esta memória para todas as suas futuras noites solitárias e horríveis em uma cela de prisão. *Ele fica com o cabelo bagunçado*, ela disse baixinho. *Ele fala em seu sono sobre as jogadas do lacrosse. Ele parece tão fofinho e adorável.*

Noel abriu um olho. — Por que você está me olhando?

— Só estou tentando preservar este momento para sempre — disse Aria rapidamente, em seguida, fez uma careta. A última coisa que ela queria fazer era trazer sua desgraça iminente à primeira hora da manhã.

Mas Noel sentou-se e olhou para ela com uma expressão séria. — Aconteça o que acontecer, Aria, eu vou esperar por você. E eu falo sério.

Aria se afastou. *Sim, certo.* Estava claro que ela e Noel eram almas gêmeas, mas ela não podia pedir-lhe para esperar 30 anos para ela ficar talvez em liberdade condicional. — Eu vou ter seios flácidos na hora que eu sair — ela soltou.

— Eu gosto de seios flácidos — Noel respondeu sonolento. — Especialmente *seus* seios flácidos.

Aria sentiu as lágrimas virem aos seus olhos. Ela caiu para trás no travesseiro e olhou para as velhas estrelas que brilham no escuro no teto. — Eu queria que eu pudesse apenas fugir.

— Para onde você iria? — perguntou Noel.

Aria pensou sobre a fantasia que revirou em sua mente mil vezes: Ela tinha o dinheiro agora, graças à venda de várias de suas pinturas a óleo. Ela não poderia pegar uma grande quantia de dinheiro e simplesmente... ir embora? Se Ali podia fazê-lo, por que ela não poderia?

— Não para uma ilha — disse ela em primeiro lugar. Sua viagem de férias de primavera para a Jamaica no penúltimo ano — e se meter em problemas com Tabitha Clark, a garota que tinha tentado se passar por Ali — tinha arruinado ela no Caribe. E então teve a viagem do Cruzeiro Eco do último ano, onde Aria quase tinha sido morta por uma explosão de uma bomba na sala da caldeira e por ser deixada no mar para se afogar.

— E quanto à Noruega? — Noel sugeriu.

Aria se esticou. — Seria bom. A Holanda é legal, também. Eles são muito tolerantes lá, e eu adoro o museu Anne Frank e todos os canais.

Noel atou as mãos atrás da cabeça. — Você poderia pintar em seu tempo livre.

Vender algumas obras, nos estabelecer em grande estilo.

Aria deu um soco de brincadeira. — Nós? Quem disse que *você* poderia ir junto? Noel parecia que ia dizer algo provocando-a de volta quando o alarme de Aria soou. De repente, uma outra realidade correu para a sua mente. Ela disse a Spencer que ela estaria esperando do lado de fora em uma hora e meia.

Ela pulou da cama. — Eu tenho que ir.

Noel observou como Aria andava ao redor, abrindo seu guarda-roupa, procurando seus chinelos. — Você vai se reunir com o seu advogado? — ele perguntou.

— Uh... não. Vou sair com as meninas. — Ela tentou sorrir para ele. — Sinto muito. Eu queria fazer o café da manhã para você esta manhã. — Seu relacionamento ainda parecia tão novo e tênue. Uma grande pilha de panquecas sempre foi o caminho para o coração de Noel. — Marcamos para depois?

— Posso ir junto?

— Não!

Noel recuou, depois franziu a testa. Ela disse isso muito rapidamente, muito duramente. Na mesma hora, Aria sabia que ele sabia o que ela estava fazendo.

— Aria. — Ele fechou os olhos. — Você não está procurando Ali, está?

Aria se virou para sua cômoda e se ocupou em vasculhar através de uma pilha de camisetas. — Claro que não.

— Você está. — Noel saiu de debaixo da colcha. — É perigoso.

Era inútil mentir. Noel estava irritado com tudo que Aria disse a ele. Ele acreditava que Ali tinha armado para elas e ainda estava viva. Mas ambos sabiam como ela era ardilosa.

Ela encolheu os ombros. — É apenas uma pequena sondagem. Mas nós vamos, ok? Por favor, não conte a ninguém.

Noel parecia preocupado. — Deixe-me ir com você, pelo menos.

Aria deixou cair a camiseta que ela estava segurando e agarrou suas mãos. — Absolutamente não. — Ali tinha machucado Noel uma vez antes, deixando-o quase morto em um galpão de esportes atrás da escola. Aria não ia envolvê-lo novamente.

— Mas eu poderia apenas ajudar — disse Noel suavemente.

Aria sentiu uma velha pontada irritante. *Apenas ajudar*. Há alguns anos atrás, ele tinha sido um confidente de Ali, visitando-a na Reserva de Addison-Stevens. Noel tinha guardado muitos segredos de Ali.. e ele não tinha compartilhado nenhum deles com Aria quando eles começaram a namorar. Parecia como se Noel teria feito qualquer coisa por Ali naquela época. Eles até tinham um código secreto para quando eles queriam entrar em contato. Aria não gostava de pensar nisso. Era estúpido, ela sabia, mas uma parte pequenina dela ainda não tinha certeza se ela segurava uma vela para Ali. Que Noel tinha namorado uma sócia-de-Ali chamada Scarlett enquanto ele e Aria estavam separados não ajudava, também.

Ela tentou afastar esses pensamentos de sua mente. — Nós provavelmente não iremos descobrir nada, de qualquer maneira — ela disse a Noel. — E eu volto logo.

Noel ainda parecia em conflito. — Prometa-me que você vai ficar em segurança, ok? Me mande uma mensagem esta tarde. — Ele a

puxou para perto. — Eu não quero perder você de novo.

Aria beijou a ponta de seu nariz. — Você não vai me perder — ela respirou fundo, fundindo-se em seus braços.

Mas esse era o problema. Em pouco tempo, ele iria perdê-la — para a cadeia.

A menos que elas encontrassem o que estavam procurando.

*

Uma hora depois, as quatro meninas estavam dirigindo através da ponte da Filadélfia. Era um dia nublado, mas a estrada ainda estava movimentada, e um monte de estandes de agricultores na estrada ostentando melancias, milho e tomates estavam lotados com famílias. Um enorme cartaz que dizia: BEM-VINDO À

NOVA JERSEY passou rapidamente, e Aria se ajeitou em seu assento, ansiosa para começar a investigação.

Depois de mais uma hora, elas dirigiram pela pitoresca Main Street de Cape May e entraram no primeiro estabelecimento que encontraram, um velho motel cor de carne chamado Farol Atlântico. Uma grande piscina com uma placa de mergulho azul velha e um par de mesas e cadeiras ao ar livre enferrujadas se estendiam ao longo do comprimento do edifício, e havia uma infestação de cocô de pássaro e um farol decorativo caindo aos pedaços fixo no telhado. Quando Aria abriu a porta para o hall de entrada, uma explosão gelada do ar-condicionado trouxe arrepios aos seus braços. Uma mulher loira-branca olhou para cima a partir do noticiário em uma pequena TV atrás da mesa e deu-lhes um olhar estranho.

O coração de Aria balançou. Então, ela olhou para baixo e viu algo horripilante: Ali, na primeira página de uma pilha de jornais do *USA*

Today, estava uma enorme imagem de Ali, uma imagem menor do pai de Ali, e uma imagem ainda menor de Spencer, Emily, Hanna e de si mesma. *O Julgamento Começa Terça-Feira*, dizia o jornal. *Pai DiLaurentis Faz um Pronunciamento*.

Ela rapidamente virou o jornal, sua respiração saindo em rajadas curtas. Será que a funcionária as reconheceu? Todas elas estavam de óculos escuros, e Hanna estava com um chapéu para cobrir seu cabelo castanho-avermelhado facilmente reconhecível, mas talvez isso não foi suficiente. Aria considerou ir embora de lá. Mas isso levantaria ainda mais suspeitas, não é?

— Hum, oi — Spencer disse com a voz trêmula. — Eu estou querendo saber se você poderia nos dar indicações para a Rua Dune? — A casa de Betty Maxwell era lá.

A mulher assentiu com a cabeça e apontou para a esquerda. As meninas estavam prestes a sair quando ela limpou sua garganta e apontou para uma placa em cima do balcão. PREVISÃO DO TEMPO DE CAPE MAY, lia-se, listando informações sobre a temperatura e marés dos dias. — Vocês ouviram sobre a tempestade?

Aria relaxou um pouco. A mulher não parecia saber quem elas eram.

— Parece que vai ser uma das grandes, e vai durar até o final de amanhã de manhã — disse a mulher, em seguida, revirou os olhos. — Eu estou cansada desse tempo louco.

Em seguida, ela voltou para assistir a TV. As meninas voltaram para a rua e foram na direção da Rua Dune, embora não antes de Aria pegar um *USA Today*. Ela procurou o artigo. O pai de Ali estava implorando que a justiça fosse feita pela sua filha assassinada, dizendo que ele teria um lugar na primeira fila em seu julgamento por homicídio. Em seguida, ela notou algo interessante. — Vocês sabiam que a mãe de Ali não vai para o julgamento? — ela perguntou em voz baixa, lendo enquanto caminhava. — Aqui diz que

a Sra. DiLaurentis está traumatizada demais para sequer estar na mesma sala que nós.

Emily zombou. — Isso é uma prova de que Ali ainda está viva. Uma mãe estaria absolutamente nesse julgamento, a menos que ela soubesse que sua filha não estava realmente morta.

Spencer fez uma careta. — Ou então ela é apenas um caso perdido e não consegue ir até o fim.

— Pessoalmente, eu estou feliz que ela não vai estar lá — Aria disse calmamente. A última coisa que ela queria era ficar cara-a-cara com Jessica DiLaurentis. A mãe de Ali era fria mesmo nos dias bons.

Ela dobrou o jornal, jogou-o no lixo, e correu para acompanhar suas amigas. O

sol já estava quente e brilhante. Um bando de crianças caminhando para a praia, com baldes de areia, pranchas de *bodyboard* e cadeiras na mão, passou por elas, conversando uns com os outros felizes. O ar cheirava a protetor solar e cones de waffle caseiros.

Hanna olhou em volta, pensativa. — Meu pai costumava trazer eu e Nossa Ali — Courtney — aqui. — Ela chutou uma pedra na calçada. — Nós vimos Mona em uma das últimas vezes. Ali foi implacável com ela.

Emily fungou amargamente. — Nenhuma surpresa nisso. — Em seguida, o rosto de Emily torceu, como se ela estivesse com dor.

— Você está bem? — perguntou Aria preocupada.

— Uh huh — disse Emily rapidamente.

Talvez depressa *demais*. Aria a observou cuidadosamente. Emily parecia tão...

conturbada com toda esta coisa de Ali, e tinha sido tão atípico dela quase saltar de uma ponte há algumas semanas. Mas cada vez que Aria perguntava o que estava errado, Emily desconversava.

— Eu vim aqui com Courtney uma vez, também — disse Aria. — Ela tirou sarro de mim por usar protetor solar FPS 50. Ela disse, “É por isso que nenhum cara gosta de você, Aria. Porque você parece uma aberração pastosa.” Então eu usei seu óleo de bebê ao invés. Eu me queimei, e foi uma droga.

— E Courtney provavelmente riu, certo? — Hanna murmurou.

Aria passou por cima de uma rachadura na calçada. — Ela riu. — Claro, Courtney não era tão diabólica como a verdadeira Ali, mas ela ainda tinha sido uma vadia manipuladora.

Elas viraram para a rua Dune e olharam para os números sobre as casas, até que chegaram em uma casa de dois andares, com telhas verdes e um jardim cheio de pedras brancas. As persianas estavam fechadas, não havia nenhum carro na garagem, não havia nenhum móvel na varanda de fora, e era a única casa no bloco que não tinha uma placa PARA ALUGAR na frente.

Hanna franziu a testa. — Alguém verificou se Betty Maxwell ainda está viva?

— Certamente não parece que alguém esteja aqui — Spencer concordou.

Emily deu alguns passos até os degraus da frente. As outras a seguiram.

Spencer tirou um par de luvas de plástico do bolso, colocou-as, e apertou a campainha. Nenhuma resposta. Ela virou a maçaneta da porta, mas estava trancada.

Emily puxou o lábio inferior em sua boca, em seguida, puxou o seu próprio par de luvas, desceu do alpendre, e começou a tentar abrir cada uma das janelas ao redor da casa. Ela desapareceu rapidamente ao redor, e de repente gritou: — Estamos dentro!

Todo mundo correu para encontrá-la. Emily levantou uma janela lateral o suficiente para ela passar. — Eu vou abrir a porta da frente para vocês.

— Eu não sei, Em. — Aria olhou de volta para a rua. — É em plena luz do dia.

Alguém pode ver.

Emily bufou e se impulsionou para cima do parapeito. — Não é por isso que viemos?

Ela escorregou para dentro, sem esperar por uma resposta. O coração de Aria bateu forte. Ela esperou por um alarme soar, alguém gritar, um cão começar a latir furiosamente.. mas não houve nada. Poucos segundos depois, a porta da frente abriu, e Emily estava do outro lado. Todo mundo correu para dentro.

A casa estava escura e cheirava a areia. Aria esperou que seus olhos se ajustassem. A sala estava vazia, as paredes com papel de parede com estampa de mar e cavalos estavam desbotadas. O tapete com tema náutico estava manchado e esfarrapado. A pilha de correspondência estava pousada ao lado da porta, todas as cartas-circulares vinham de um supermercado local endereçadas à *Residência Atual*.

Emily entrou na cozinha. Aria viu quando ela abriu a geladeira e olhou para dentro. Estava vazia, completamente limpa. Ela vasculhou armários e gavetas, mas eles estavam todos vazios também. Ela testou a torneira, mas não saiu água. Spencer abriu um armário de linho. — Nada — ela falou.

Aria caminhou na ponta dos pés pelo corredor escuro e enfiou a cabeça em cada um dos quartos. Em cada um, ela encontrou uma cama de solteiro bem feita e um pouco mais. Ela verificou sob as camas, mas não havia nada escondido lá. Não havia roupas deixadas para trás nos armários, tampouco. Ela enfiou a cabeça no banheiro. Não havia cortina de chuveiro, e a banheira cheirava a água sanitária. E, no entanto, parecia que uma presença permanecia lá. Talvez a última pessoa que tinha ficado na casa. Ou talvez um fantasma.

Aria olhou para um pequeno armário na parte de trás do banheiro, ela não tinha notado antes. Algo rangeu, talvez a partir de dentro. De repente, arrepios levantaram-se em sua pele. Havia alguém naquele armário? Ali?

Sua mão tremia quando ela estendeu a mão para a maçaneta. Seu estômago rodou quando ela virou-a lentamente. Houve um gemido quando a porta se abriu, e Aria cobriu o rosto com a mão, pronta para um ataque.

Silêncio. Ela abriu os olhos. O armário estava totalmente vazio, as prateleiras limpas.

Suspirando, ela voltou para a sala de estar. Spencer e Hanna estavam esperando, procurando igualmente apavoradas. Então, Emily gritou da porta perto da garagem. — Venham *aqui*.

Todo mundo correu. Emily colocou a cabeça na pequena garagem vazia. — Vocês estão sentindo esse cheiro? — disse ela, animada.

O nariz de Aria se contraiu. Ela olhou para as outras. — Isso é... baunilha? — Era o cartão de visitas de Ali: o enjoativo sabonete de baunilha.

Os olhos de Emily estavam arregalados. — Devíamos chamar a polícia. Esta é a prova de que ela ainda está viva.

Spencer olhou de volta para a casa vazia. — Em, isso não é o suficiente para trazer a polícia aqui. — Ela suspirou. — Além disso, ela não está aqui *agora*.

Emily olhou para elas. — Mesmo assim. Isso é uma *pista*.

— É um truque — Spencer corrigiu. — E isso já aconteceu antes. Ali nos deu uma dica de que ela estava na casa da piscina, mas depois ela limpou o local de suas impressões. É isso o que está acontecendo aqui, também.

Emily virou-se para Aria. — Mas talvez ela tenha acabado de sair. Poderíamos perguntar às pessoas na rua. Às pessoas no Wawa. Alguém provavelmente a viu.

Aria, o que você acha?

Aria olhou para baixo. — Em, eu acho que Spencer está certa.

Emily bateu no batente da porta. — Então, nós não vamos fazer *nada*?

Spencer colocou a mão no ombro de Emily. — Em. Acalme-se.

Emily se afastou, deixando escapar um som agudo de dor. — Eu não posso simplesmente deixar isso para lá! Eu tenho que tirá-la da minha cabeça! Ela está *me matando*!

Todas trocaram olhares nervosos. O coração de Aria começou a bater forte.

Será que Emily achava que Ali estava presa dentro dela ou algo assim? — Em. — Ela agarrou seus ombros. — Em, *por favor*. Você está nos assustando.

Ela colocou os braços em torno de Emily até que sua amiga voltou a se controlar. Quando Emily virou-se para enfrentá-las de novo, seu

rosto estava vermelho e ela ainda estava respirando com dificuldade, mas ela não parecia tão descontrolada. — Este é o fim, não é? — ela perguntou, em tom calmo, pedregoso.

Aria balançou a cabeça tristemente. — Acho que sim.

Emily encostou em Aria pesadamente. Hanna se juntou ao grupo, apertando os ombros de Emily. Spencer se juntou por último, seu corpo arfante com soluços.

— Eu sei que é difícil — Aria murmurou. — Todas nós queríamos encontrá-la.

— Mas vai dar tudo certo — disse Hanna bravamente. — Aconteça o que acontecer, nós teremos uma a outra.

Emily olhou para elas e tentou sorrir, mas depois seu rosto enrugou novamente.

Elas se abraçaram pelo que pareceram eras. Quando elas se separaram, todas enxugaram os olhos. Aria se sentia vazia. Era uma droga que ela não voltaria para Noel triunfante e que ela iria começar o julgamento sem ter alguma prova de que Ali estava lá fora. Seu futuro era tão desolador. Elas tinham pouco para viver daqui para frente.

Elas saíram pela porta e começaram a descer a calçada. À distância, ondas quebravam e crianças riam. Alguém estava ouvindo um rádio alto, e Aria podia sentir o cheiro de um churrasco. Parecia cruel, realmente, testemunhar tais visões felizes, sons e cheiros logo agora. E quando um caminhão de sorvete tilintou ao virar da esquina, era quase demais para suportar. Um adolescente colocou a cabeça para fora da janela. — Querem um pouco? — ele perguntou.

Hanna cutucou Emily. — Pegue um picolé. Ele vai animá-la.

— Nós todas vamos pegar alguma coisa. — A voz de Spencer estava forçadamente alegre. — Na verdade, devíamos ficar aqui o resto do dia, pessoal.

Comer sorvete. Nos divertir, ter um ótimo jantar, e ir embora bem cedo amanhã, antes da tempestade vir. Poderíamos ficar no motel onde pedimos as instruções. O

que vocês acham?

Aria pensou por um momento, depois assentiu. Um dia na praia era como o equivalente a uma última refeição de um prisioneiro no corredor da morte, mas elas já estavam lá. Elas poderiam muito bem aproveitar.

— Tudo bem — disse Emily. E todas pareceram respirar um suspiro coletivo de alívio.

Elas tomaram seus lugares na fila. Aria percorreu pelas escolhas de sorvetes — eles não tinham mudado desde que ela era criança. Quando ela fechou os olhos, respirando o ar salgado e sentindo o sol quente, ela quase se sentiu como uma criança novamente — aquela menina desengonçada e insegura que deixava sua melhor amiga provocá-la sobre como nenhum menino gostava dela porque ela era pálida demais.

Ela voltaria para aquele dia em um piscar de olhos — qualquer coisa era melhor do que o que estava por vir. Ela até sofreria uma queimadura solar.

5

EMILY DÁ UM MERGULHO

Emily estava perfeitamente imóvel sobre o colchão enrugado na cama de casal do hotel. Hanna estava ao seu lado, dormindo de bruços, com uma máscara de cetim sobre seus olhos e fones de ouvido em suas orelhas. Aria e Spencer estavam amontoadas em outra cama de casal, respirando suavemente. O ar condicionado sacudiu no canto e a luz de alerta no celular de alguém piscou na mesa.

O vento começou a uivar, e Emily podia ouvir as ondas quebrando mesmo lá de cima no quarto. Parecia que a tempestade estava se aproximando mais cedo do que o previsto. No ano passado, Emily tinha visto imagens de um furacão como este.

Em um vídeo, um homem ficou preso em seu barco a remo no mar. A câmera ficou sobre ele enquanto ele tentava lutar contra a corrente várias vezes, remando sem sucesso. Helicópteros de resgate não tinham sido capazes de alcançá-lo. Nenhum salva-vidas se atreveu a nadar, e nenhum barco de resgate pôde chegar perto. E

ainda assim os noticiários mantiveram suas câmeras apontadas para ele de qualquer maneira, até o amargo fim. Emily tinha basicamente assistido um homem morrer na televisão.

Você não gostou disso, não é, Em? Ali riu em sua cabeça.

Emily olhou para o relógio: 05:03. Ela não conseguia parar de pensar em Ali. *É*

um truque, Spencer tinha dito sobre a baunilha. Mas era? *Realmente era?*

Emily passou a mão ao longo de sua barriga vazia. Elas compraram sorvete naquela tarde, depois elas pediram peixe frito naquela noite, e até mesmo encontraram um lugar onde o barman serviu margaritas para elas. Mas Emily mal tinha provado algo disso. Parecia que sua cabeça estava nublada com névoa, reagindo tarde demais para o que suas amigas diziam, perdendo completamente as piadas, levando muito tempo até mesmo para piscar. *Em, você está bem?* suas amigas ficavam perguntando, mas era como se estivessem falando com ela debaixo d'água; ela mal podia ouvi-las. Ela sentia-se assentir, sentia-se tentar sorrir. O peixe e as batatas fritas que ela tinha pedido tinham estado muito quentes, mas quando ela tinha mordido eles, ela mal registrou que ela tinha queimado a língua.

Talvez ela nunca sentisse gostos novamente. Talvez ela nunca sentisse novamente. Mas talvez fosse uma coisa boa para levar para a prisão.

Isso mesmo, Ali concordou.

Emily pensou novamente no cheiro de baunilha. Ali estava naquela casa, ela sabia disso. Talvez ela pediu um Klondike daquele mesmo caminhão de sorvete.

Passeasse pela praia, relaxasse na areia, desse um mergulho. Dormisse tranquilamente, acordando todas as manhãs para ler mais notícias ruins sobre Emily, Spencer, Hanna e Aria. Emily só podia imaginar a satisfação que Ali teve ao saber que as quatro logo seriam presas para sempre. Ela provavelmente tinha jogado a cabeça para trás numa gargalhada, excitada por ela finalmente ter ganhado.

Mas Ali só ganharia se Emily fosse obedientemente para a prisão, como ela deveria. Mas havia outro caminho. Outra solução mais obscura, mais assustadora.

Outro caminho pelo qual Emily poderia se atrever a caminhar.

Eu deveria? Ela empurrou as cobertas de lado e jogou as pernas para o tapete, sentindo uma pontada de déjà vu. Ela vestiu seu maiô e short. Fez uma pausa para ouvir o vento que uivava violentamente, sacudindo as janelas, rangendo as paredes.

Então ela olhou para suas amigas. Hanna se virou. Spencer chutou em seu sono.

Emily sentiu uma pontada de culpa. Ela sabia que isso iria devastá-las, mas era a única opção. Ela apertou a mandíbula, pegou um pedaço de papel do hotel, e anotou as palavras que ela tinha estado compondo mentalmente. Em seguida, ela saiu pela porta, sem se preocupar em pegar uma chave. Com alguma sorte, ela teria sumido antes de suas amigas acordarem.

O corredor cheirava a cerveja. Ela tateou ao longo das paredes até chegar nas escadas ao ar livre, em seguida, cuidadosamente caminhou para baixo. Uma rajada de vento bateu do seu lado, pressionando-a contra a grade. Ela ficou ali por um momento,

preparando-se, pensando novamente em suas amigas e na angústia que elas logo sentiriam, antes de ela continuar andando na calçada. Lá, ela caminhou para a praia, o vento empurrando-a para trás a cada passo. O sol estava nascendo, o céu uma mistura entremeada de azuis escuros e rosas. A bandeira vermelha indicando que a natação era estritamente proibida tinha sido colocada em cima do estande de salva-vidas. O vento estava fazendo o trabalho rápido de rasgá-la em pedaços.

Emily lutou para descer para praia e plantou os pés na areia fria. As ondas chicoteavam para lá e para cá sem um padrão discernível. Elas quebravam com raiva, causticamente, com tanto poder que elas iriam com certeza rasgar tudo o que tinha em seu caminho. De repente, ela pensou ter ouvido algo além da ressaca e do vento. Um riso? Alguém respirando? Ela virou de costas, olhando a escada escura, gritante e evidente da praia até que seus olhos começaram a jogar truques sobre ela.

Aquilo era uma garota agachada nas dunas, observando? Ali poderia estar *aqui*?

Emily levantou-se reta, olhando melhor, mas, tanto quanto ela queria ver alguma coisa, não havia nada lá. Ela fechou os olhos e imaginou o que Ali faria se visse ela agora. Será que ela riria? Isso não fazia parte de seu plano, afinal de contas.

Talvez ela respeitasse Emily pelo que ela estava prestes a fazer. Talvez ela até tivesse medo dela.

Tal como as outras meninas, Emily tinha uma memória de Ali em Cape May, também — mas ela e Ali não tinha vindo aqui juntas. Sua memória era da quinta série, antes de Emily e Ali serem amigas — então a memória era da Verdadeira Ali, não de Courtney. Ali tinha sentado algumas toalhas longe da família de Emily, parecendo misteriosa em seus grandes óculos de sol, cochichando e rindo com Naomi Zeigler e Riley Wolfe. Emily olhou para ela duramente,

sentindo uma sensação dentro dela. Ela não só queria ser Alison DiLaurentis, a garota que todos adoravam. Ela queria estar com ela. Tocá-la. Trançar seu cabelo. Cheirar as roupas dela quando ela saísse delas na hora de dormir. Bebê-la.

Ali tinha olhado e sorrido para Emily. Então ela cutucou Naomi e Riley, e as três riram. Certa de que Ali tinha percebido seus desejos, Emily tinha saltado para cima e correu para a água, em seguida, mergulhou sob as ondas. Ela tinha nadado duro e rápido, para as rebentações vibrantes, ignorando os gritos do salva-vidas de que ela tinha ido longe demais. *Esse tipo de garota nunca seria sua amiga, uma voz em sua cabeça latejava. E ela certamente nunca estará a fim de você.*

Uma onda a pegou e empurrou-a para baixo. Quando ela emergiu, ela estava cuspidando e sem fôlego. Todo mundo estava olhando para ela, provavelmente sabendo seus pensamentos impuros e ridículos. Quando ela caminhou de volta para a toalha, Ali estava olhando para ela novamente, embora desta vez ela parecia um pouco intimidada. — A água não a assusta, não é? — ela apontou.

A pergunta tinha pegado Emily de surpresa. — Não — ela disse calmamente.

Era a verdade. Não era das ondas que ela tinha medo.

E ela não estava com medo delas agora.

Emily virou-se para enfrentar as ondas novamente, sustentando aquela memória de Ali — da Verdadeira Ali, a *louca* Ali — apertado dentro dela. Mal ela sabia até então que um dia aquela menina linda e horrível seria o centro de sua vida.

Mal ela sabia que Ali iria tirar tudo dela.

— Eu não tenho medo — sussurrou Emily, retirando sua blusa. Ela esperou que a Ali em sua cabeça respondesse, mas,

surpreendentemente, a voz ficou em silêncio.

As ondas quebraram, levantando espuma branca. Emily compreendia o poder do oceano; ela sabia que ele poderia afogá-la rapidamente, ainda mais rápido do que na quinta série. Nessas condições, ele iria puxá-la para baixo, girá-la como uma pedra. Ela imaginou sua cabeça batendo numa pedra, ou no cais nas proximidades, ou simplesmente afundando para baixo, para baixo, para baixo, até que ela não sentisse nada.

Eu não tenho medo, ela pensou novamente, tirando seu short. E com isso, ela caminhou pela praia para o mar.

6

TRABALHO DE RESGATE

Crack.

Spencer se sentou na cama. Primeiro, ela não tinha ideia de onde estava.. e então ela viu Aria ao lado dela e sentiu o edredom áspero do motel. O relógio digital sobre a mesa lateral mostrava que era de 5:30. O quarto ainda estava escuro, embora no exterior o vento uivasse ferozmente.

Ela cambaleou em direção ao banheiro, sem se preocupar em ligar a luz. Depois que ela deu descarga, ela estava ao lado da cama de novo, sentindo que algo estava errado. Não demorou muito tempo para perceber o que era.

Emily não estava lá.

Spencer correu para o lado da cama de Emily e apalpou-a, mas os travesseiros e cobertores não estavam escondendo uma menina. Ela abriu a porta do guarda-roupa — aparentemente, depois que Jordan morreu, Emily tinha começado a dormir em seu guarda-roupa — mas Emily não estava lá, tampouco. Spencer girou ao redor do

quarto, respirando pesadamente. Alguma coisa não fazia sentido. Onde Emily poderia ter ido tão cedo da manhã?

E então ela viu.

Um pedaço de papel branco dobrado sobre a mesa. *Spencer, Aria e Hanna* dizia com a escrita de Emily. Spencer pegou-o, correu para o banheiro e acendeu a lâmpada. Ela desdobrou o papel com as mãos trêmulas. Lá, em um bagunçado rabisco, havia quatro frases terríveis.

Eu simplesmente não consigo mais fazer isso. Vocês são muito mais fortes do que eu. Por favor, não venham atrás de mim. Eu sinto muito.

O bilhete tremeu em suas mãos. Spence correu de volta para o quarto, agarrou seus chinelos e empurrou-os em seus pés. — Oh meu Deus, oh meu Deus.

Aria se virou, sonolenta. — Você está bem, Spence?

Spencer não respondeu. Ficar aqui explicando levaria muito tempo. — Eu já volto — ela deixou escapar, em seguida, atravessou a porta e correu escada abaixo do hotel.

Tinha acabado de começar a clarear lá fora. O primeiro lugar que Spencer verificou foi o carro de Hanna, mas ainda estava no espaço do estacionamento; Emily não estava lá dentro. Ela correu para a piscina; a superfície estava coberta pelo vento, mas ninguém estava nadando. Ela olhou para a calçada, em seguida, na outra direção. As ruas estavam vazias. Era evidente que uma tempestade estava se aproximando; a maioria das pessoas provavelmente tinha ido embora. Ninguém iria para a praia em um dia como hoje.

E então ela se deu conta de algo.

Spencer correu ao redor do lado do hotel em direção ao caminho da praia. Ela caminhou e desceu as escadas novamente, tropeçando sobre as dunas. Quando ela viu a roupa de Emily em uma pilha desordenada perto da escada, ela soltou um grito embargado e abafado. *Ela não pode ter feito isso. Ela não faria isso.*

— Spence?

Spencer se virou. Hanna e Aria estavam atrás dela, ainda de pijama. Ambas estavam pálidas. — O que está acontecendo? — Aria resmungou com medo, olhando para Spencer como se ela tivesse enlouquecido. — Por que você está aqui? Onde Emily está?

— Ela está. . — Spencer disse, mas então ela percebeu o olhar no rosto de Hanna. Hanna estava olhando para a água. Ela estendeu um dedo trêmulo, e Spencer se virou para seguir seu olhar. Lá, além das ondas, muito visível, havia uma cabeça escura de uma menina.

— Não! — Spencer gritou, cortando a praia em direção à água. Emily afundou nas ondas com os braços estendidos. Uma onda bateu em cima dela, e ela desapareceu.

Spencer voltou-se para suas amigas, que tinham se aproximado também. — Ela vai morrer lá dentro!

— Deveríamos ligar para o 911 — disse Hanna, pegando o celular.

— Não dá tempo! — Spencer tirou o short. — Eu vou atrás dela.

Aria segurou o braço dela. — Você também vai morrer!

Mas Spencer tirou os chinelos e foi correndo para a água espumosa. De jeito algum ela iria deixar o oceano engolir Emily. Isso era culpa dela: Ela tinha visto o quão fora de si Emily estava. Ela sabia o quanto essa coisa com Ali a havia perturbado, e ela tinha sentido as tempestades turbulentas que estavam se formando na cabeça de Emily. Emily tinha tentado se suicidar uma vez antes, é claro que ela

iria tentar novamente. Spencer deveria ter ficado acordada a noite toda para vigiá-la. Ela deveria saber que Emily iria fazer algo parecido com isto. Todas elas deveriam.

A água estava fria, mas ela seguiu em frente para as profundezas, mal sentindo a temperatura em seus pés e panturrilhas. A primeira onda atingiu-a de lado, quase levando-a até a areia. Spencer olhou por cima do ombro para Hanna e Aria na costa.

Hanna estava gritando algo em seu celular. Aria estava com as mãos em concha em volta da boca, provavelmente pedindo para Spencer voltar. Spencer se virou, e avistou a cabeça de Emily à distância. — Em! — ela gritou, se arrastando na direção dela. Ela achou que Emily a tinha ouvido, porque ela se virou e pareceu olhar na direção de Spencer. Mas, então, uma onda caiu sobre sua cabeça, e ela desapareceu.

— Em! — Spencer gritou novamente, mergulhando sob a próxima onda. A correnteza atingiu-a de lado, e ela fez uma rotação completa antes de ser jogada para a superfície. Ela olhou para o horizonte novamente. A cabeça de Emily balançou por cima das ondas por uma fração de segundo. — Emily! — Spencer berrou, nadando.

Outra onda arrastou-a para baixo. A força dela empurrou Spencer até o fundo, jogando-a para baixo sem trazê-la de volta para cima. De repente, ela não tinha mais ar sobrando em seus pulmões. Ela se debateu e tateou, mas a correnteza era muito forte. *Oh meu Deus*, ela pensou. *Eu realmente posso morrer.*

Ela finalmente chegou à superfície. Respirando com dificuldade, ela olhou para a distância. Emily iria conseguir sair daqui? Borrões se formaram nos olhos de Spencer. Ela já estava esgotada. Ela não sabia nadar tanto assim. As outras estavam certas: Esta era uma péssima ideia. Ela tinha que voltar.

Mas quando Spencer voltou para a costa, suas amigas pareciam tão distantes.

A correnteza a tinha puxado muito para dentro do mar. A mente de Spencer dispersou. Você deveria fazer algo para sair de uma correnteza — mas o quê? Ela começou a nadar para a costa, mas a correnteza empurrou-a para trás. Ela tentou de novo — sem sorte. Seus músculos ardiavam. Seus pulmões doíam. As ondas batiam por cima de sua cabeça, e seus olhos ardiavam com o sal.

Hanna e Aria pareciam cada vez mais frenéticas na costa. Mais pessoas também se reuniram, as palmas das suas mãos sobre suas bocas. Spencer nadou com força, sabendo que se ela continuasse tentando, ela conseguiria. Mas quando a próxima onda caiu sobre sua cabeça, seu corpo afundou como uma pedra. Seu braço torceu desajeitadamente atrás dela para trás, batendo no fundo do oceano. Ela prendeu a respiração e tentou lutar para chegar à costa, mas seus braços não funcionavam mais. A correnteza a jogou para a frente e para trás.

Ela desistiu, abrindo os olhos sob a água. No início, tudo o que ela viu foi escuridão, mas depois apareceu uma pessoa. Era uma menina com a pele branca-leitosa e o cabelo loiro-manteiga. Uma luz emanava atrás dela, criada por uma auréola sinistra. Ela nadou habilmente até Spencer até que estava tão perto que seus rostos estavam quase se tocando.

Foi só então que Spencer percebeu que era Ali. Ela estava aqui, de alguma forma. Talvez ela tenha causado esta tempestade.

— Vá embora! — Spencer gritou, estendendo as mãos na direção da garota.

Mas simplesmente assim, Ali dissolveu em mil moléculas de água, no nada. E

segundos depois, tudo o que Spencer viu foi nada, também.

*

— Spencer. Spencer.

Spencer nadou até a consciência. Um círculo branco quase a cegou, e ela cobriu os olhos. Em seguida, uma silhueta apareceu. De repente, ela lembrou-se da sereia na água — *Ali*.

— Deixe-me em paz! — Spencer gritou, batendo os braços. Mas a pessoa de pé sobre ela não era Ali, mas o pai dela. Ele parecia doente de preocupação.

E então ela se lembrou do que realmente aconteceu: a tempestade, o bilhete de Emily, Emily se afogando nas ondas.

Spencer olhou para si mesma enquanto tudo voltava para ela. Ela já não estava enfrentando o oceano. Na verdade, ela estava usando uma roupa de hospital e deitada na cama com uma luz brilhante sobre sua cabeça. Um monitor buzinava de forma constante a poucos metros de distância.

Tremendo, ela passou a mão sobre seu cabelo. Estava completamente seco e duro por causa do sal. Ela tentou usar o outro braço, mas não conseguiu movê-lo. Ela ouviu um som tilintando e olhou para ele. Ela estava algemada na cama. — O-o que está acontecendo?

— Você está em um hospital da Filadélfia — o Sr. Hastings disse. — Você foi tirada do oceano há algumas horas.

Alguém apareceu sobre ela. Era uma mulher em um uniforme da polícia. — Senhorita Hastings? — ela disse com firmeza. — Sou a Tenente Agossi da agência de polícia da Filadélfia. Vocês não deveriam ter deixado o estado, senhorita Hastings. O

que vocês estavam fazendo em Nova Jersey? Vocês tinham alguém conhecido lá que estava ajudando-as a fugir?

A mente de Spencer pareceu nublada. — O-onde estão as minhas amigas? — ela sussurrou. — Onde está Emily? Ela está bem?

— As senhoritas Marin e Montgomery foram escoltadas para casa para aguardar o início do julgamento — a oficial disse. — Agora, você vai responder a minha pergunta?

Ela olhou para o pai, que estava olhando para ela com curiosidade. Certamente ele também tinha dúvidas sobre o que Spencer estava fazendo em Nova Jersey, especialmente depois de ter conseguido que elas visitassem Nick na prisão. Ela disse que queria visitar Nick para conseguir superar, mas o pai dela era muito inteligente para acreditar nisso.

Então ela percebeu quem a oficial tinha deixado de fora. — E quanto a Emily?

— ela sussurrou, seu olhar passando rapidamente da oficial para seu pai. — Eles resgataram-na? Ela está aqui também?

Um olhar estranho tomou conta do rosto do Sr. Hastings. Ele estava prestes a dizer algo, mas, em seguida, o telefone tocou. Ele olhou para a tela. — É a sua mãe — ele disse a Spencer. — Eu já volto. — Ele desapareceu pela porta.

Spencer olhou para a oficial. — Emily está bem? — ela perguntou novamente.

A policial olhou para o walkie-talkie em seu cinto. — Foi um erro vocês irem para Nova Jersey, senhorita Hastings — ela disse roboticamente. — Até o julgamento, vocês vão ter que usar uma pulseira de monitoramento. Vocês vão perder os seus documentos. Vocês não vão poder dirigir.

O coração de Spencer acelerou, e uma sensação horrível atingiu seu corpo. Algo não estava certo. Por que ninguém respondia ela? Ela sentou-se na cama da melhor forma que as algemas permitiam. — O. Que. Aconteceu. Com. Emily?

A oficial incisivamente virou seu olhar para longe. Enjoada, Spencer agarrou o braço dela. — Por favor — ela resmungou. — Se você sabe de alguma coisa, você tem que me dizer.

A policial arrancou seu braço da mão de Spencer. — Senhorita Hastings — ela disse bruscamente. — Não me toque. Você não quer ser sedada, não é?

Spencer sentiu-se selvagem. — Por que você não me diz o que aconteceu com Emily? — ela gritou.

De repente, a porta se abriu. — Ela está acordada? — uma voz masculina perguntou.

A policial virou-se, parecendo aliviada. — Sim. E ela está muito agitada.

— Você se importaria de sair? Eu vou falar com ela.

Spencer fez uma careta. Havia algo estranhamente familiar na voz do médico.

Mas, certamente, era apenas sua mente pregando peças — seu cérebro ainda estava bagunçado por causa do quase afogamento, certo? Ela se debateu com raiva, por que diabos ninguém contava a ela sobre Emily?

O médico aproximou-se dela. Quando ele sorriu, era um sorriso que Spencer conhecia muito bem. O queixo dela se abriu. Seus olhos sondaram-no de cima a baixo. E então, para ter certeza absoluta, ela verificou a identificação dele presa ao bolso do paletó. WREN KIM, dizia em letras garrafais. RESIDENTE.

Wren, o mesmo Wren que ela tinha roubado de Melissa. O mesmo Wren que tinha sido o primeiro garoto que ela tinha dormido, talvez o primeiro garoto que ela tinha amado.

— É bom ver você de novo, Spencer — Wren disse em seu sotaque britânico familiar. — Como você está se sentindo?

Um minúsculo grunhido escapou da boca de Spencer. Isso não parecia real.

Nada disso parecia real.

Ela tinha um milhão de perguntas para Wren — e ela foi imediatamente bombardeada por um milhão de memórias. Mas, de repente, nada disso parecia pertinente. Havia algo que ela realmente, realmente precisava saber que superava todo o resto. Ela respirou fundo e olhou nos olhos de Wren. — Eu estou bem — ela disse em uma voz baixa. — Mas eu preciso saber o que aconteceu com Emily — ela sussurrou, com a voz trêmula. — Por favor, diga. Ela está. .

O olhar de Wren caiu sobre a cama, e só assim, Spencer teve certeza. Ele colocou a mão quente e reconfortante em seu braço. — Spencer, eu sinto muito. A equipe de resgate ainda está procurando ela, mas eles têm bastante certeza de que ela. . se foi.

7

FUNERAL PARA UMA AMIGA

— Hanna Marin! Senhorita Marin! Aqui!

Hanna olhou para fora do carro de sua mãe. Era segunda-feira de manhã, um dia depois de ter testemunhado Emily se afogar em Cape May. Ela estava na Igreja da Santíssima Trindade em Rosewood. A igreja era um edifício velho, venerável-porém-desmoronando, com um cemitério assustador no fundo que Hanna tinha uma vez percorrido à meia-noite em um desafio. Mas agora, ela preferia ter que atravessar aquela coisa completamente nua do que enfrentar o que ela estava prestes a enfrentar. Repórteres e cinegrafistas já estavam vindo para cima delas, quase parecendo que iriam subir no capô do carro.

Ela olhou preocupada para sua mãe, que estava segurando o volante com tanta força que o couro estava fazendo um som de chiado. A senhorita Marin virou o carro para o outro lado do estacionamento. Os repórteres se lançaram para ambos os lados para evitarem ser atropelados.

— Vamos lá — a senhorita Marin disse quando estacionou, desligou o carro e correu para fora do assento do motorista. Juntas, elas foram em direção à entrada lateral da igreja. A imprensa correu na direção delas, gritando perguntas. — *Você tem algum comentário sobre o suicídio da sua amiga? Você também tem pensamentos suicidas? Você está pronta para o julgamento de amanhã?*

— Abutres — disse a senhorita Marin dentro do lobby da igreja quando bateu a porta. Ela olhou para fora da pequena janela de vidro colorida, com os olhos brilhando de lágrimas. — Hoje está sendo um dia horrível.

Hanna olhou em volta. O lobby estava repleto de pessoas e cheirava a jornais velhos, incenso e perfume. Seu olhar se desviou para uma grande placa que havia nas portas duplas para a igreja. EMILY FIELDS, dizia na parte inferior. E havia a foto de Emily do primeiro ano — os pais dela haviam escolhido essa porque era uma das poucas fotos não utilizadas em telejornais, revistas, materiais promocionais ou arquivos policiais. Emily parecia muito mais jovem nela, suas sardas evidentes, seu sorriso largo e os olhos brilhando. Essa foto tinha sido tirada antes de A. Antes de Ali voltar. Antes de Emily ainda ter uma vaga ideia do rumo que sua própria vida iria tomar.

Hanna sentiu suas pernas falharem e agarrou uma estátua perto de algum santo aleatório para não desequilibrar. Ela estava no funeral de Emily. Era irreal.

Impensável. Impossível.

Havia se passado um dia desde que Emily tinha desaparecido no oceano.

Embora Hanna tenha furiosamente olhado cada relatório sobre Emily no jornal — primeiro um resumo da tentativa de resgate, em seguida, uma atualização de que o corpo dela ainda não havia sido encontrado, e logo, um de um policial e um guarda da costa

declarando que, considerando a magnitude da tempestade, era seguro afirmar que Emily estava morta e que os preparativos para o funeral deveriam ser feitos — os detalhes tinham passado sobre ela como nuvens que se deslocavam rapidamente. Ela não parava de pensar que ela acordaria e tudo seria um sonho.

Emily não poderia ter realmente entrado naquela água. Emily não poderia ter se matado porque não pôde suportar a ideia de ir para a prisão. Como Hanna não percebeu que Emily sentia tanta dor?

O problema era, no entanto, que Hanna *sabia*. Há quanto tempo Em tinha ficado sem uma boa noite de sono? O quanto de peso ela tinha perdido? Por que, oh, por que Hanna não tinha tentado ajudá-la? Ela deveria ter lido um livro sobre suicídio ou algo assim. Conversado mais com Em. Ficado acordada com ela ontem à noite se ela não conseguisse dormir.

E qual era a sensação de estar tão sem esperança assim? Claro, Hanna se sentia em pânico sobre ir para a cadeia.. mas não suicida. Por que isso tudo atingiu Emily de forma tão diferente? Por que isso afetou a ela, alguém tão boa, tão doce e tão gentil?

Como Em pode ter... morrido?

A senhorita Marin pegou o braço de Hanna e caminhou com ela na igreja. O

lugar estava lotado, e todo mundo olhou para ela enquanto ela caminhava pelo corredor. Havia tantas pessoas aqui que Hanna conhecia, mas quantos deles estavam aqui porque sentiam falta de Emily? Como Mason Byers — ele não tinha rido maldosamente depois que A tinha tirado Emily do armário em uma competição de natação? E Klaudia Huusko, a estudante de intercâmbio da Finlândia, ela já tinha falado com Emily alguma vez? E lá estava Ben, o antigo namorado de Emily — ele a tinha atacado! Por acaso *e/e* estava realmente sofrendo? Até mesmo Isaac, o pai do bebê de Emily, estava aqui, embora ele parecesse quase entediado. A única pessoa

que parecia legitimamente triste era Maya St. Germain, a primeira namorada de Emily, a menina cuja família havia comprado a antiga casa de Ali. As mãos de Maya cobriam seus olhos, e os ombros tremiam. O Sr. e a Sra. St. Germain e o irmão de Maya a ladeavam, seus rostos inexpressíveis e seus olhos vidrados. Hanna se perguntou brevemente se a família já tinha se arrependido de se mudar para Rosewood.

Aria e Spencer já estavam sentadas em um banco da frente. A senhorita Marin guiou Hanna até elas, e Hanna deslizou ao lado de Spencer. Ambas suas antigas amigas olharam para ela de modo vazio. As mãos de Aria descansavam fracamente no colo. Spencer estava com um tecido amassado firmemente na palma da mão. Sua maquiagem do olho já estava desaparecendo, mas Spencer não parecia se importar.

Aria assentiu levemente. — Eu acho que eles desistiram.

Hanna engoliu em seco. — Mas só faz um dia!

— Havia toneladas de helicópteros, procurando em todos os lugares — Spencer disse em um tom monótono. — Ela provavelmente derivou o mais longe do que se pensava. Ou ela está presa em alguma coisa debaixo d'água, e eles não conseguem vê-la.

— Ok, pare — Aria disse com a voz embargada. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Um canto fúnebre começou a tocar, e Hanna girou para assistir a um grupo de sacerdotes caminhar até o altar. A família de Emily seguiu-os. Cada um deles estava vestido de preto, e cada um parecia um zumbi.

Seu olhar voltou-se para o caixão atrás do altar. Mesmo que não houvesse um corpo, os Fields tinham decidido enterrar alguma coisa no cemitério de qualquer maneira. Parecia quase inadequado que os Fields tenham organizado um funeral tão rapidamente, Emily ainda

poderia estar lá fora. Mas os policiais tinham basicamente dito que, embora ainda não houvesse um corpo, não havia forma de Emily poder ter sobrevivido as condições da tempestade. Talvez os Fields só quisessem acabar com isso e seguir em frente.

A música parou e o padre limpou a garganta. Hanna ouviu-o dizer o nome de Emily, mas, em seguida, sua mente começou a nadar e girar. Ela agarrou a mão de Aria e apertou. — Diga-me que isso não está acontecendo — ela murmurou.

— Eu estava prestes a pedir a mesma coisa — Aria disse.

A família Fields subiu em grupo e caminhou para a frente. A Sra. Fields subiu ao altar primeiro e limpou a garganta. Houve um longo de silêncio antes dela falar.

— Eu gostaria de pensar que a minha filha voltou para a água da qual ela veio — ela disse com a voz rouca, olhando para um pedaço de papel amassado. — Ela era uma nadadora dedicada. Adorava a água, gostava de competir. Ela iria para a Universidade da Carolina do Norte no próximo ano, com uma bolsa integral de natação, e ela estava tão animada.

Hanna chamou a atenção de Spencer. Emily estava animada para ir para a faculdade? E realmente quais eram as chances de ela ir depois do julgamento?

Estranho que a mãe de Emily fosse trazer isso à tona.

A Sra. Fields tossiu. — Ela também era dedicada à sua família. Seu grupo de amigos de natação. Sua comunidade na igreja. Nos últimos anos, ela foi envenenada por forças fora do nosso controle, mas no fundo, todos nós sabemos o quão boa Emily era. O quão brilhante, especial e doce. E eu espero que isso seja o que vocês lembrem dela.

Hanna torceu a boca. Amigos da natação? Amigos da Igreja? E ela, Spencer e Aria — as melhores amigas de Emily?

O Sr. Fields deixou o altar, e as irmãs de Emily, Beth e Carolyn, falaram em seguida. Curiosamente, ambos os discursos deixaram Hanna, Spencer e Aria de fora também. Houve mais expressões como “envenenamento” e “forças externas do mal”, mas eles realmente não elaboravam o que significavam. Eles continuaram conversando sobre o quanto Emily amava natação. Claro, ela gostava de nadar, mas certamente não era a única coisa que definia ela.

Toda a família Fields voltou ao seu banco. A igreja ficou em silêncio enquanto eles sussurravam. Hanna olhou para as outras. — Deveríamos dizer algo. É como se eles estivessem falando sobre alguma outra garota.

Então, sem dizer nada, Hanna removeu um livro pequeno com capa de tecido de sua bolsa e se levantou. Spencer pegou o braço dela. — O que você vai fazer?

Hanna franziu a testa. — Eu vou dar meu discurso. — Ela mostrou a Spencer o livro. — São as fotos de nós com Em. Eu pensei em falar sobre elas, e então nós.. Eu não sei. Enterraríamos, talvez, mais tarde. — Foi o que elas tinham feito para a Sua Ali — Courtney — para ajudá-la a descansar em paz. — Em merece um discurso melhor do que os que acabamos de ouvir, vocês não acham?

Os olhos de Aria suavizaram. — Eu trouxe algo para enterrar, também. — Ela remexeu na bolsa e tirou uma cópia esfarrapada do *Seu Horóscopo Ilustrado*. — Lembra que no verão Em estava realmente obcecada em ver nossas sortes? Eu tenho anotações aqui do que ela escreveu sobre todas nós.

— Ótimo — Hanna disse, fazendo Aria levantar. — Podemos falar sobre isso também.

Spencer olhou para ambas desesperadamente. — Pessoal. . vocês não podem, ok?

A música começou a tocar novamente. Hanna olhou para Spencer loucamente.

— O que você quer dizer?

— Você não entendeu? — Spencer sussurrou. — Nós somos as envenenadoras.

Nós somos a força do mal.

Hanna mudou o peso. Ela percebeu, de repente, que as pessoas estavam olhando para elas.

Abruptamente, Spencer levantou do seu assento e fez sinal para as outras a seguirem. Elas caminharam até um pequeno corredor frio. A porta estava aberta para uma pequena sala cheia de brinquedos de criança. No final do corredor havia uma placa de comunicados mostrando versículos da Bíblia.

Aria olhou para Spencer. — Por que você acha isso? — ela sussurrou.

Spencer olhou para a igreja novamente. — Eu liguei para a Sra. Fields esta manhã e perguntei se eu poderia dar um discurso. Ela admitiu que nem sequer nos queria aqui. Disse que era inadequado. Mas eu disse que nós iríamos ficar quietas.

Nós só queríamos honrar a morte dela.

— O quê? — Hanna engasgou. Ela espiou pela porta e olhou para a mãe de Emily, que estava sentada de costas eretas no banco da igreja. Seu cabelo estava moldado em uma forma esquisita. Seus ombros estavam perfeitamente posicionados. Pensando bem, a Sra. Fields não tinha sequer olhado para qualquer uma delas uma única vez desde que o funeral começou.

— Mas a Sra. Fields nos conhece — Aria grunhiu.

— Sim, bem, não mais — Spencer murmurou amargamente.

Hanna não conseguia acreditar. — Você não discutiu com ela? — ela perguntou. — Você não tentou fazê-la entender o que Em significava para nós?

Spencer zombou. — Hum, não, Hanna. Eu praticamente desliguei o telefone o mais rápido que pude.

Hanna começou a sentir uma sensação quente borbulhando de raiva dentro dela. — Então, você só aceitou a ofensa? Você deixou ela nos chamar de inapropriadas? Você deixou ela acreditar em algo totalmente falso?

— Você pode discutir com ela, se quiser — Spencer sussurrou, seus olhos brilhando. — Mas a impressão que eu tenho é que a Sra. Fields basicamente acha que causamos a morte de Em.

— Só porque você deixou-a acreditar nisso! — Hanna argumentou. E então, frustrada, ela empurrou o livro de fotos de volta em sua bolsa, cruzou os braços sobre o peito, e disse a única coisa que tinha estado cutucando o fundo de sua mente durante toda a manhã. — Ok, tudo bem. Sabe de uma coisa? Talvez a Sra. Fields esteja certa. Talvez a gente tenha causado a morte de Emily.

Spencer recuou. — Como é?

Hanna olhou para ela. Ela estava com tanta raiva que ela mal conseguia ver direito, mas ela não tinha certeza do que, exatamente, ela estava com raiva. Talvez apenas da situação como um todo. Talvez de todo mundo. — Bem, você deve acreditar nisso também Spence — ou então você não teria conseguido desligar o telefone com o rabo entre as pernas. E talvez ela esteja certa. Talvez não devêssemos ter ficado em Jersey após ir à casa de Betty

Maxwell ter sido um fracasso — ela declarou. — Nós deveríamos ter voltado para casa, onde Emily teria estado a salvo.

Dois pontos brilhantes apareceram nas bochechas de Spencer, ainda mais evidentes sob as luzes fortes e fluorescentes do corredor. — Huh. Foi minha sugestão ficar em Jersey. Então é minha culpa que ela esteja morta. É isso que você está dizendo?

Hanna girou sua mandíbula, a princípio, não respondendo. Mas então ela engoliu um nó na garganta. — Pareceu sem noção. “Vamos tomar um sorvete! Vamos nos divertir!” E então Emily ficou lá sentada, a noite toda, como um maldito zumbi!

Aquele oceano grande, aquela tempestade, era tão tentador, deveríamos ter previsto isso.

Os olhos de Spencer se estreitaram. — Você poderia ter dito: “Ei, eu acho que Emily vai se afogar, talvez por isso deveríamos ir embora”.

Os ombros de Hanna ficaram tensos. Spencer não tinha que usar um tom de imbecil para representar a voz de Hanna.

— E você estava dormindo ao lado dela, Hanna — Spencer continuou. — Por que você não acordou quando Emily saiu da cama?

Hanna cerrou os punhos. — Você não pode me culpar por dormir. Eu estava cansada.

— Oh, bem, você precisa do seu sono de beleza — Spencer disse zombando. — Deus me livre se Hanna Marin não dormir uma noite sem uma máscara de dormir e fones de ouvido.

Hanna bateu o pé. — Isso não é justo!

— Gente — Aria disse suavemente, agarrando os braços delas. — Está claro que ambas estão apenas bravas com a Sra. Fields, e não

uma com a outra. Sim, vocês deixaram Emily sair. Mas vocês não podem se culpar.

Spencer puxou o braço para longe e zombou dela. — Uh, como é? Você deixou Emily sair, também, Aria. Estávamos todas lá.

A boca de Aria fez um O. — Eu não queria ficar em Cape May.

— Então por que você não disse nada? — Spencer murmurou, parecendo cada vez mais afrontada. — Por que eu sou a única pessoa que toma as decisões? E você já se esqueceu que eu fui a única que se levantou e achou o bilhete? Você esqueceu que eu fui para a água depois que ela e quase morri?

— Ninguém lhe disse para ir para a água — Hanna disse baixinho. — Não se faça de coitadinha.

Ela exagerou, e Hanna sabia disso. Spencer suspirou e ergueu a mão em direção a Hanna. Hanna se esquivou, quase rachando a cabeça em um cabide no corredor. — Você ia me bater? — ela grunhiu.

— Você mereceu — Spencer resmungou entre os dentes. — Alguém tem que colocar alguma maldita razão em você.

A boca de Hanna caiu aberta. — E você, Spence? Alguém tem que te bater pra você cair do seu pedestal. — Ela se lançou em direção a Spencer.

Aria segurou seus braços e puxou-a para trás. — Pessoal. Parem.

— Sim, Spencer, pare de ser uma vadia! — Hanna choramingou.

— Eu estou sendo uma vadia? — Spencer chiou. E então, antes que alguém pudesse dizer qualquer outra coisa, Spencer se virou e marchou em direção à porta dos fundos.

— Para onde você vai? — Aria gritou, dando alguns passos atrás dela.

Spencer empurrou a porta pesada para abri-la. — Para longe de vocês.

— Eu vou com você — Aria ofereceu.

Os olhos de Spencer brilharam. — Não. — A porta bateu quando ela saiu.

O silêncio se seguiu. Hanna passou as mãos de cima a baixo do comprimento de seu rosto, seu coração batucando rápido. Ela se voltou para Aria, cujo rosto estava pálido. — O que diabos foi isso?

Aria folheou as páginas do livro do horóscopo. Ela se mexeu desconfortavelmente. — Isso foi muito longe, Han — ela disse com firmeza. — Estamos todas sofrendo. — Então, ela correu para a porta atrás de Spencer.

— Ei! — Hanna gritou, mas Aria já tinha ido embora. O que diabos tinha acontecido?

Então ela olhou ao redor, com sua pele formigando. Para o seu horror, algumas pessoas da igreja estavam olhando para fora da porta, diretamente para ela, como se tivessem ouvido cada palavra.

Hanna se virou e caminhou para o lado oposto ao fundo do corredor, longe da porta que Spencer e Aria passaram. Ela chegou a um corredor cheio de salas de conferência e apoiou-se na parede até que sua bunda bateu no piso de linóleo frio.

Ela queria chorar, mas ela não podia. Era estranho se sentir tão irritada e dormente ao mesmo tempo, mas essa era a única maneira de descrever.

Depois de um tempo, ela ouviu passos. Mike estava sobre ela. — Han — disse ele, agachando-se.

Hanna olhou para ele. Ela tinha estado tão enevoada que não tinha percebido que ele viria hoje.

— Oi — Mike disse gentilmente, pegando as mãos dela. — Você está bem? Por que vocês saíram da igreja? O que aconteceu?

Hanna engoliu em seco, em seguida, olhou na direção em que suas amigas tinham ido embora. — Oh, apenas duas das poucas coisas boas que restaram na minha vida desmoronando — ela disse com a voz embargada, percebendo o quanto era totalmente verdadeiro.

8

ARTISTA EM FUGA

Aria mal percebeu que ela tinha esmagado algumas flores nos canteiros quando ela saiu da igreja. Ela nem fez uma pausa para apreciar o céu azul claro, as abelhas sinuosas ou como seus saltos de camurça estavam esfregando contra seus tornozelos. Tudo o que ela queria era pegar Spencer e tentar falar alguma coisa com sentido para ela.

Aquela briga. . por que *hoje*, de todos os dias? As emoções estavam muito cruas para brigas. Elas precisavam ficar juntas — o julgamento começava amanhã.

Aria olhou para o estacionamento e viu Spencer caminhar em direção a uma fila de carros. — Spence! — ela gritou. — Ei!

Spencer olhou para Aria por cima do ombro, em seguida, pegou o ritmo. — Eu não quero conversar.

Aria correu até ela e pegou o braço dela. — Estamos *todas* chateadas. Isso é...

horrível, Spence. É totalmente injusto que a Sra. Fields se sinta assim em relação a nós. — Ela acenou com a mão em direção ao estacionamento. — Eu estou meio com vontade de quebrar todas as

janelas do carro dela! E você quase morreu, também, e eu respeito o quão traumático isso foi. Mas nós temos que..

— Sabe, talvez a mãe de Emily esteja certa — interrompeu Spencer.
— Talvez nós *estejamos* envenenando influências umas sobre as outras. Talvez precisemos de um pouco de espaço.

Aria sentiu como se o vento tivesse nocauteado ela. — Não nos empurre para longe — ela implorou. — Não é de nós que você está com raiva. Tudo isso está apenas mexendo com a sua cabeça.

— Com uma boa razão! — Os olhos de Spencer estavam arregalados. — Emily está morta, Aria. Ela não conseguiu aguentar, então ela *se matou*. Talvez *todas* nós devêssemos tirar as nossas vidas — é provavelmente a melhor escolha.

Aria engasgou. — Como você pode dizer isso? Você não sabe com certeza que vamos para a prisão!

Spencer riu sarcasticamente. — Você não ouviu os sessenta advogados que já conversamos? *Todos* eles pensam que nós vamos ser presas. E eu sinto muito, mas se não fosse por Emily nos empurrar para procurar Ali, se não fosse por nós termos tanto medo de contradizer Emily porque ela parecia frágil demais, ela ainda poderia estar aqui! E poderíamos não estar na quantidade de problemas em que estamos!

— Então, o quê, agora tudo isso é culpa de Emily? Mas Spence. .

Spencer a cortou. — Me deixa em paz, ok? — Ela virou-se e correu entre os carros.

Aria sabia que era melhor segui-la, mas ela sentia-se magoada e confusa. Ela olhou para a igreja novamente. Ela devia voltar para dentro — sua família ainda estava lá. Mas o que ela realmente queria, ela percebeu, era dirigir para algum lugar.

Se afastar deste lugar, desta perda. E mesmo que ela não soubesse por que, este lugar a lembrava de Ali. *Tudo* em Rosewood a lembrava de Ali, na verdade — ela estava em toda parte. E essa briga, seus problemas umas com as outras — parecia ser mais um dos planos mestre de Ali. Em vez de se unirem contra Ali, elas se viraram umas contra as outras, ficando fracas, com raiva, perdendo tudo. Isso era o que Ali queria, certo? Que elas perdessem tudo? Como Ali diria, *Marque outra vitória para Ali D.*

Ela se arrastou até o estacionamento auxiliar, onde ela tinha deixado o Subaru.

Quando ela virou a esquina, uma luz vermelha piscando chamou sua atenção. O

padrão preto e branco familiar de um carro da polícia de Rosewood a deteve. A polícia estava esperando por ela.

A tornozeleira. Ela havia esquecido completamente. Os policiais iriam encontrá-la aqui para colocá-la em seu tornozelo, bem como recolher o seu passaporte, carteira de motorista e qualquer outra coisa que servisse como uma identificação. A polícia queria fazê-lo ontem, mas o Departamento de Polícia de Rosewood não tinha pulseiras disponíveis e eles precisavam de algum tipo de ordem judicial adequada. Aria até mesmo tinha ouvido falar que eles iriam colocar um chip GPS e um dispositivo de gravação em seu celular. Eles saberiam onde ela estaria em todos os momentos, e ouviriam todas as conversas que ela teria.

Aria colocou a mão na sua bolsa, onde suas identificações estavam enfiadas no bolso lateral de couro. A ideia de perder seu passaporte, com suas páginas extras para selos, fez seu estômago revirar de repente. Viajar a definia. E não ter um passaporte tornava tudo mais, bem, *real*. Sem uma carteira de motorista, sem uma identidade, ela não era mais Aria Montgomery. Ela era apenas uma menina esperando ir para a cadeia.

Ela pensou no que ela disse a Noel na cama no outro dia. *Eu queria que eu pudesse apenas fugir.*

Uma pequena muda de uma ideia instalou-se em sua mente. *Não*, Aria disse a si mesma. Mas ela pressionou sobre ela várias vezes. Era tão tentador — e era uma coisa que Ali provavelmente nunca iria imaginar. Emily tinha escapado de Ali com a morte, mas essa não era a única resposta.

Ela *poderia*?

— Você está bem?

Aria se virou. Noel, vestido com um terno escuro, estava mudando de pé para pé a poucos metros de distância. Na loucura das últimas 24 horas, ela só tinha sido capaz de falar com ele no telefone. Ela nem sabia com certeza se ele viria. Agora, ela deu um passo para trás para as sombras e se jogou nele, os olhos cheios de lágrimas.

— Ouvi dizer que você brigou com Hanna e Spencer — Noel murmurou em seu ouvido. — Pareceu meio.. brutal.

Aria baixou os ombros. — Foi porque os Fields não nos queriam aqui. Eles nos odeiam. *Todo mundo* nos odeia.

Noel bateu em suas costas. — *Eu* não te odeio.

Aria sabia que Noel falava sério. Ela queria mais do que qualquer coisa só ficar aqui e abraçá-lo. Mas ela também sabia o que ela tinha que fazer neste instante. . e nem um momento mais tarde.

Ela enxugou uma lágrima. — Eu vou sentir sua falta.

Noel inclinou a cabeça. — Aria. Você não está morta. E você não está presa ainda. — Seu sorriso vacilou. — Nós ainda temos que pensar positivo.

Aria olhou para o chão. Se ela pudesse dizer a Noel que ela quis dizer outra coisa, mas não havia nenhuma maneira.

Ele apertou suas mãos. — Precisamos falar sobre o que aconteceu em Nova Jersey, também. Vocês acharam Ali lá? Vocês descobriram alguma coisa?

— Não. Nós não encontramos nada. — Ela não podia olhar para ele.
— Eu tenho que ir.

A testa de Noel franziu. — Ir... para onde?

Mas ela já estava indo embora. — Eu te amo — ela deixou escapar antes de precipitadamente virar a esquina. — Diga aos meus pais para não se preocuparem comigo. Diga a eles que eu vou ficar bem.

— Aria! — Noel gritou. Mas Aria continuou correndo o mais rápido que podia.

E quando ela olhou por cima do ombro depois de subir a colina que levava à próxima rua, Noel não estava seguindo ela.

Ela se empurrou através de um bosque de árvores e apareceu em um quintal de alguém, correndo em torno de um conjunto de balanços e uma caixa de areia. A estação SEPTOS era no final da estrada, e ela chegou rapidamente, tropeçando ao descer a colina. A placa de néon acima dos trilhos do trem dizia que o próximo trem para a Filadélfia devia chegar em dois minutos. Aria olhou nervosamente para a rua, com medo de que a polícia aparecesse a qualquer segundo. Certamente o funeral tinha esvaziado por agora. Certamente eles descobririam em breve que ela tinha fugido.

Mas nenhum carro tinha chegado quando o trem parou na estação. Aria olhou por cima do ombro mais uma vez, em seguida, subiu as escadas de metal. O trem partiu ruidosamente balançando sobre os trilhos.

— *Aham.*

Ela soltou um gritinho. O condutor tinha aparecido do nada, pairando sobre ela. — Para onde? — ele perguntou com uma voz entediada.

Aria engoliu em seco. — O aeroporto — disse ela, entregando uma nota de dez.

— Fique com o troco.

O condutor a pegou, em seguida, foi embora, com chaves tilintando em sua cintura. Aria soltou um suspiro longo e assustado. *Você vai ficar bem*, ela disse a si mesma, instintivamente estendendo a mão para sua bolsa e se certificando que seu passaporte ainda estava lá. *Você vai ficar bem.*

Se ela pudesse acreditar que isso era verdade.

9

SPENCER DÁ SEGUIMENTO

Poucas horas depois do funeral, Spencer ficou sentada em silêncio no banco do passageiro enquanto sua mãe levava a Mercedes 76 para a cidade. A Sra. Hastings fez uma careta, e depois gesticulou violentamente para o carro na frente dela. — Não se atreva a me cortar, Ford Fiesta — ela alertou.

Spencer apertou as palmas das mãos juntas. A mãe dela só resmungava para os outros motoristas quando ela estava muito, muito chateada, e agora estava muito claro o que estava deixando-a com raiva. Ontem, no hospital, um policial tinha explicado à senhora Hastings que como Spencer já não tinha mais carteira de motorista, alguém teria agora que levar Spencer aos seus compromissos, reuniões do advogado e ao julgamento. A Sra. Hastings tinha feito uma cara irritada. — Mas eu tenho coisas para fazer — ela lamentou. — Isso é extremamente inconveniente.

Era desnecessário dizer que a mãe dela não teve uma conversa com Spencer sobre o que tinha acontecido em Cape May. Nenhuma pergunta sobre o que elas estavam fazendo na praia para começar. Nenhuma pergunta sobre como ela se sentia sobre a morte de Emily ou o quão assustador deve ter sido para Spencer quando ela tentou resgatá-la. A mãe dela, provavelmente, achava mais fácil não se envolver emocionalmente.

Graças a Deus por Melissa, que esteve ligando para Spencer sem parar desde que ela foi liberada do hospital, levando comida na cama e ficando acordada até tarde para assistir *Este Mundo é um Hospício*, o antigo filme favorito delas, com ela.

Melissa tinha se desculpado por não estar lá no hospital quando Spencer acordou — ela tinha estado trabalhando todos os finais de semana, e ninguém sequer tinha ligado para ela até Spencer ter sido liberada. Spencer tinha dito que estava tudo bem — afinal, teria sido estranho ela, Melissa e Wren estarem no mesmo quarto.

Spencer tinha considerado dizer a Melissa sobre a coincidência de Wren, mas nunca houve um momento perfeito para isso. Mas não importava. Ela só tinha um checkup com Wren no hospital, e então ela nunca mais o veria.

Em poucos minutos elas estavam correndo pela Market Street e a Sra. Hastings parou no Hospital Jefferson. — Eu vou esperar ali. — Ela apontou para um café na esquina da 10th e Walnut.

Spencer resmungou um obrigada e saiu do carro. Quando ela entrou no saguão cheirando a antisséptico, ela sentiu-se tonta. Ela olhou para um espelho grande logo após o balcão de informações, olhando sua maquiagem borrada e o olhar tenso em seus olhos. Ela parecia estar chorando muito recentemente.

Suas mãos fecharam em punhos ao lembrar da briga que elas tiveram após o funeral. Como Hanna se atrevia a dizer aquelas coisas! Como ela e Aria ousavam dizer que elas nem sequer queriam ficar em Cape May, e dizer que tudo isso foi culpa dela? Elas não percebiam o quão culpada ela já se sentia? Elas não entendiam que ela já estava se preocupando com a mesma coisa? Ela se odiava pelas coisas sarcásticas que tinha dito a Hanna, e depois de quase ter batido nela. Em que ela tinha se transformado? Em que todas elas tinham se transformado? Ela imaginou Ali escondida em algum lugar perto, dando gargalhadas. Vadia estúpida.

Spencer respirou fundo. Ela precisava seguir em frente, dar um passo, ir a este compromisso. Ela enxugou os olhos e entrou no elevador.

O escritório de Wren era no terceiro andar, em frente a uma ala de pacientes.

A sala de espera era genérica, com muitas revistas espalhadas em torno das mesas e transmitia *Ao vivo! com Kelly e Michael* em uma tela plana no canto. Spencer deu seu nome na mesa da recepção e sentou-se recatadamente na cadeira. Quando ela tentou cruzar seus tornozelos, seu pé bateu contra o monitor que a polícia havia apertado em torno de sua perna após o funeral. Ela encarou a forma maciça imponente, odiando que estivesse ligado a ela em todos os momentos.

A porta se abriu, e lá estava Wren. — Ah. Spencer — ele disse. — Vamos lá para trás.

Spencer apertou o queixo e não fez contato visual com ele. Wren a levou direto para uma sala de exames e a fez sentar em uma cadeira de frente para ele. Ela olhou para os tênis Adidas dele, irritada que eles eram os mesmos sapatos que ele tinha usado no ano passado, enquanto estava na escola de medicina. Ele também ainda cheirava do mesmo jeito — a cigarros. Ela se perguntou se ele ainda fumava; eles compartilharam um cigarro juntos na primeira vez que se encontraram no restaurante Moshulu.

— Então — ele finalmente disse em uma voz grave, tocando no topo de uma pasta de papel pardo. — Como foi o funeral de Emily? Foi hoje, não foi?

Os pelos de Spencer eriçaram. — Como você sabe disso?

Wren olhou para suas mãos parecendo envergonhado. — Sinto muito. Está em todos os jornais. Olha, eu sei que está sendo difícil. Vocês eram próximas, certo? Você costumava falar muito dela.

Spencer olhou para um desenho do corpo humano e deu um gemido evasivo.

— Está tudo bem se eu lhe checar agora? — Wren perguntou timidamente, colocando a pasta sobre a mesa.

Spencer deu de ombros. — Faça o que você tiver que fazer.

Wren se levantou e apertou um estetoscópio nas costas dela, depois no peito.

Spencer sentiu seu rosto enrubescer — as mãos dele estavam tão perto dos seios dela, mas ela continuou a se sentar ereta e pensar impessoalmente, pensamentos não sexuais.

— Eu li um pouco sobre o julgamento — Wren disse suavemente. — Começa amanhã, certo? Você deve estar sob um monte de estresse. Você está dormindo?

Ela encolheu os ombros. — Na verdade, não.

— Você gostaria que eu receitasse um remédio para dormir?

— Não fui eu — Spencer deixou escapar, em seguida, engasgou. Ela não tinha a intenção de dizer a ele qualquer coisa remotamente pessoal.

Wren olhou para ela. — É claro que não foi você. Eu nunca acreditei nisso por um segundo.

Um nó se formou na garganta de Spencer. Ele era a primeira pessoa, ao que parecia, que acreditava que ela era inocente simplesmente com base em sua personalidade.

— Mas eles não podem simplesmente condená-la com o que eles têm, podem?

— Wren pressionou. — Parece que não há sequer provas suficientes.

Spencer mordeu suas cutículas. — Tem o sangue de Alison, e eles encontraram um dente. De acordo com os muitos advogados que eu falei, isso é o suficiente.

— Você nem sequer acha que ela está morta, não é?

Spencer olhou para baixo. Os policiais tinham brigado por elas terem ido para Nova Jersey. Ela disse a eles que elas estavam procurando por uma pista de Ali, embora ela certamente não tinha dito nada sobre invadir a casa de uma velhinha.

Naturalmente, isso sairia nos noticiários. *Mentirosas Tentam Desesperadamente Levantar o Fantasma de Ali*, diria as manchetes. Elas pareceriam ainda mais loucas do que antes.

Wren brincou com seu bloco de receitas. — Então você acha que não tem nenhuma forma de você escapar?

Só se eu conseguir 100.000 dólares, Spencer pensou, lembrando de Angela. A conversa parecia ter sido há um milhão de anos atrás.

Quando ela olhou para cima novamente, Wren estava olhando para ela tão simpaticamente, quase como se ele quisesse abraçá-la. Ela se aproximou dele, desesperada por contato humano. Mas, em seguida, ela se encolheu. O que ela iria fazer, se agarrar com o primeiro cara que foi legal com ela?

Spencer apertou sua mandíbula. — O curativo no meu braço precisa ser mudado. — Ela arregaçou a manga e revelou o antigo curativo.

Wren olhou para ele por um longo momento, então suspirou. — Olha, eu odeio o que eu fiz com você — ele disse em voz baixa. — E eu odeio que você ainda me odeie.

Todos os músculos do corpo de Spencer ficaram tensos. Ok, então Wren tinha traído Melissa com ela. E então ela tinha se apaixonado por ele, e então ele a traía com Melissa. Mas era uma história

antiga. Ela não queria dar-lhe a satisfação de que isso passou pela cabeça dela.

— Significaria muito para mim se eu soubesse que você me perdoou. — Wren olhou para ela suplicante. — Eu me senti mal por ter te magoado, Spencer. Eu nunca me deixei esquecer disso.

Spencer sabia que se falasse algo, ela se deduraria, então ela apenas deu de ombros.

— Então você me perdoa? — A voz de Wren aumentou.

Ela mordeu o interior de sua bochecha. Sua resolução estava desmoronando.

— Deus. Ok. Eu perdoo você.

Wren olhou-a cautelosamente. — Você tem certeza?

— Sim — Spencer disse, então expirou. — Sim — ela repetiu. E ela percebeu que o tinha perdoado. Principalmente porque havia tantas outras coisas para lidar agora, Wren namorando com as duas irmãs ao mesmo tempo dificilmente estava registrado no seu Medidor de Loucuras da Vida.

Spencer estendeu seu braço. — Você pode enfaixar isso agora?

— Claro, claro — Wren disse rapidamente.

Ele removeu o curativo de Spencer e cuidadosamente enrolou uma nova bandagem em torno do braço dela. Ela tentou não olhar para seus dedos longos e graciosos, e ela estava feliz que ele já não estivesse ouvindo seu coração galopante.

De vez em quando, Wren parou o que estava fazendo para dar-lhe um pequeno sorriso.

— Tudo feito. — Wren pressionou o curativo para ficar preso. — Eu acho que você deve ficar segurando por um tempo.

— Ótimo. — Spencer se levantou e pegou sua bolsa. — Então eu posso ir agora?

— Sim. — A bochecha de Wren contraiu. — Embora...

— Te vejo por aí — Spencer disse, ao mesmo tempo. Então, ela olhou para ele.

— Desculpe. Continue.

Duas manchas rosas apareceram nas bochechas de Wren. — Eu só ia dizer que eu tenho o seu número de telefone, e eu vou entrar em contato. — Ele brincou com o estetoscópio. — Talvez você gostasse de tomar um café algum dia?

Spencer olhou para ele. Por um lado, era um pouquinho lisonjeiro que ele estivesse chamando-lhe para sair. Por outro lado, isso meio que a enfurecia. Ele realmente achava que ela tinha tempo para ele diante de todo o resto? — Eu não acho que seja uma boa ideia — ela disse sem rodeios.

Ele piscou. — Ah, é?

Ela encolheu os ombros. — Melissa e eu estamos nos dando bem. Melhor do que já nos demos. E sem ofensa, mas se você voltar para as nossas vidas, bem, eu não quero estragar tudo.

Wren balançou a cabeça lentamente, sua expressão ficando triste. — Ah. Eu entendo. Bom, tudo bem, então.

Spencer fez uma pausa, em seguida, deu-lhe um aceno firme de cabeça de adeus. Ela sentia-se satisfeita com sua decisão de adulta. Melissa era muito mais importante do que qualquer garoto.

Mesmo que fosse o Wren de olhar-sedutor, voz-sexy e mãos-gentis-de-doutor.

10

ATERRISSAGEM

— Senhorita? Senhorita?

Aria se sobressaltou. A bela loira em um uniforme azul apertado estava sobre ela com uma expressão estranha em seu rosto. — Você está em apuros — disse ela suavemente.

O coração de Aria pulou para a garganta, e ela olhou em volta. Filas e filas de assentos de avião se esticavam na frente dela, e lá estava aquele som monótono e familiar de um motor em pleno voo. A cabine cheirava a pés. Uma passageira dormindo do outro lado do corredor tinha um guia que dizia *Go Paris* dobrado em seu colo, e duas pessoas na frente dela estavam falando baixinho em francês. Foi só então que Aria percebeu que comprar uma passagem e embarcar em um voo para Paris não tinha sido um sonho. Isso tinha realmente e verdadeiramente acontecido.

Ela olhou para a aeromoça novamente. *Você está em apuros.* O quão estúpida que ela foi ao pensar que ela poderia se safar dessa? Tinha sido inconcebível que a polícia não estava esperando no aeroporto quando ela chegou lá, ou que ninguém tinha aparecido quando ela retirou uma enorme quantia de dinheiro do caixa eletrônico para comprar a passagem para a França, ou que o funcionário no balcão do *US Airways* não empalideceu e pegou um telefone quando viu o nome de Aria no passaporte. E que ela

realmente embarcou no avião sem incidentes, e que ele tinha efetivamente decolado? Quase parecia criminal.

É *claro* que ela estava em apuros. Ela fugiu do país, como uma terrorista.

Mas, então, a aeromoça apontou para as pernas de Aria, que estavam no meio do corredor. — Você vai ficar em apuros quando trazemos o carrinho pelo corredor — a mulher explicou. — Você pode se mover?

— Oh. — Aria puxou as pernas de volta sob seu assento. A aeromoça deu um sorriso apertado e caminhou adiante.

Aria passou as mãos para baixo do comprimento do seu rosto. *Essa* foi por pouco. Em seguida, ela espiou a pequena janela em sua fileira. Estava quase claro lá fora, mas seu relógio marcava 2:45 da manhã. Todo mundo em Rosewood estaria dormindo. Ela imaginou Noel em sua cama. E se ele tivesse tentado entrar pela sua janela na noite passada? Ele estava preocupado? E se ele tivesse dito à polícia o que ela tinha dito a ele antes de ir embora? E quanto à sua família? Eles devem estar doentes de preocupação neste momento. Ela imaginou sua mãe andando de um lado para o outro. Mike rolando em sua cama, insone. E Hanna e Spencer. Ela engoliu em seco, pausando nelas. Elas estariam com raiva que ela não tinha incluído elas em seu plano? Só que, isso era uma loucura — ela não teve escolha. Uma garota poderia escapar muito mais fácil do que três. Além disso, não houve tempo para envolver todas elas. E de qualquer maneira, após a briga, ela se sentiu meio magoada. Não era como se ela tivesse deliberadamente deixado elas fora de seu plano, mas, também...

provavelmente era melhor se ela tivesse um pouco de espaço.

Mas assim que ela pensou nisso, ela se sentiu um pouco mal. Elas iriam a julgamento sem ela. Enfrentariam a coisa pela qual ela tinha fugido. Era egoísta, ela sabia. Talvez egoísta *demais*.

— Bom dia a todos, este é o seu capitão — disse uma voz de homem. — Nós estaremos pousando no aeroporto Charles de Gaulle em breve. A hora local será 8:45

da manhã.

As pessoas começaram a se mexer. O companheiro de assento de Aria, um empresário que felizmente não tinha dito nada para Aria durante todo o voo, exceto um “com licença”, enxugou uma baba em sua bochecha e colocou alguns documentos em sua pasta. Aria lentamente colocou seu iPod e as revistas que comprara no aeroporto em sua bolsa e viu quando o horizonte de Paris se materializou à distância. No que pareceu ser apenas alguns segundos depois, o avião pousou. As luzes do teto acenderam. Uma música de elevador soou através da cabine. As pessoas se levantaram e pegaram suas malas. Nem uma única pessoa a olhou desconfiado.

O coração de Aria bateu forte quando ela soltou o cinto de segurança e esperou que a fila no corredor esvaziasse. A aeromoça disse um educado “tchau” para o homem na frente dela, mas pulou Aria inteiramente. O terminal estava relativamente tranquilo, seu voo era o único chegando nesse momento. Todo mundo caminhou em direção à alfândega; Aria não sabia mais o que fazer além de seguir. Se ao menos houvesse uma maneira de evitar mais um par de olhos olhando para ela, mas além de mergulhar para fora de uma janela ou pular um muro, ela não conseguia pensar em uma maneira de contornar isso.

Todo mundo se abarrotou através da porta da alfândega e tomaram seus lugares em uma fila sinuosa. Aria olhou para os funcionários na parte da frente, o estômago revoltado. Ela tocou seu telefone, que estava escondido em sua bolsa, desligado — até mesmo ligá-lo poderia dar a dica para a polícia da sua localização.

Ainda assim, ela desejou que ela pudesse verificar o correio de voz e as mensagens.

Quantas pessoas tinham ligado para ela? Noel com certeza. Mike? Seus pais? Hanna?

Os policiais?

De repente, olhando para os passageiros na frente dela, algo parou a respiração nos pulmões de Aria. Uma menina com um rabo de cavalo louro avermelhado saltava no lugar, com fones nos ouvidos. Ela tinha uma sacola de academia em um ombro, e ela usava um moletom azul que tinha as palavras CAMPEONATO DE NATAÇÃO DE

DELAWARE VALLEY na parte de trás. Emily tinha esse mesmo moletom.

O coração de Aria saltou. Talvez fosse Emily. Talvez, de alguma forma, ela sobreviveu ao oceano. Talvez ela tivesse tido a mesma ideia que Aria teve de dar o fora do país. Que maravilhoso! Aria não ficaria tão sozinha! Elas poderiam descobrir o que fazer juntas!

Aria se empurrou pela multidão, nunca se sentindo tão feliz em sua vida. — Estou contente de ver *você!* — ela falou, puxando o braço de Emily.

A menina se virou. Os cantos dos seus lábios viraram para baixo, e ela não tinha sardas. Seus olhos não eram tão afiados como os de Emily fora, sua expressão não era tão perspicaz. A menina inclinou a cabeça cansada, olhando o vestido preto desganhado de Aria do enterro de Emily, a maquiagem suave e o cabelo bagunçado.

— Desculpe? — ela perguntou em um sotaque sulista.

Aria deu um passo para trás, sua boca oscilando. — O-oh — ela gaguejou. — Esquece.

A menina escorregou seus fones de ouvido nos ouvidos. Aria voltou ao seu lugar na fila, de repente não sendo capaz de respirar. Ela esperava que escapar para o exterior fosse amenizar a perda de Emily um pouco — pelo menos por aqui nem tudo iria lembrá-la de Emily. Mas depois de apenas alguns minutos no aeroporto de Paris, ela se sentiu mais enlutada do que nunca.

O processo na alfândega moveu-se rapidamente, e em pouco tempo, um funcionário da alfândega fez sinal para Aria dar um passo adiante. Ela sentiu as pernas bambas e fracas quando ela se adiantou. Um cão da polícia esperando na porta olhou diretamente para ela, com as orelhas em pé.

— Passaporte? — disse o oficial em uma voz entediada.

Os dedos de Aria tremeram quando ela tirou o pequeno livro de sua bolsa. O

policia olhou para ele, e então para o rosto de Aria. Houve uma longa pausa enquanto ele olhava algo na tela de seu computador. Um som sibilante entrou nos ouvidos de Aria. Ele estava verificando uma lista? Silenciosamente soaria um alarme de que a criminosa havia sido localizada?

— Você está aqui a negócios ou lazer? — perguntou o oficial.

Sua voz fina e alta a desarmou. Ela olhou para ele, quase querendo rir — ela *parecia* com alguém que estava aqui a negócios? — P- prazer — ela gaguejou.

— Por quanto tempo?

— Uma semana. — Era um arbitrário período de tempo, mas o oficial balançou a cabeça, aparentemente aplacado. Aria podia sentir uma camada fina de suor escorrendo pelas costas. Ela sentiu a súbita vontade de fazer xixi. Ela olhou para as portas, horrorizada que o cão da polícia ainda estivesse olhando para ela.

Stamp.

Para seu espanto, o oficial estava devolvendo-lhe o passaporte. — Aqui está, Senhorita Montgomery. Tenha uma boa estadia.

Aria tomou dele lentamente, sem acreditar no que estava acontecendo. Mas assim que ela conseguiu o passaporte de volta, ela correu em direção à enorme porta marcada com SAÍDA. E então, finalmente, felizmente, ela estava no terminal regular, em solo francês oficial, as pessoas ao seu redor e os ruídos estridentes vindo de todas as direções. Ela estava imediatamente perdida na multidão. Aria se dirigiu para uma escada rolante, localizando um ponto de taxi. Ela não iria se hospedar na cidade, no entanto. Ou até mesmo neste país. A polícia iria acompanhar este voo em algum momento. Seu plano era sair da França em um trem ou em um táxi contratado que não iria pedir identidade.

Seu coração começou a bater forte de novo, mas desta vez de emoção. Onde é que ela acabaria? Ela não tinha certeza — em qualquer lugar dentro da União Europeia que não pedisse passaportes nas fronteiras. Milão, talvez. Ou, talvez, uma cidade espanhola sonolenta. Ou talvez a Dinamarca, ou a Suíça. Ela emocionou-se por estar na Europa novamente. O mundo inteiro se abriu mais uma vez.

Foda-se, Ali, ela pensou vertiginosamente. E perguntou-se, também; mesmo que aquela garota no terminal não tivesse sido Emily em carne, talvez Emily estivesse olhando por ela do além. Talvez estivesse sobrenaturalmente guiando Aria aqui, certificando-se de que ninguém a pegasse, abrindo o caminho para Aria entrar no país sem incidentes. Afinal, o que Emily queria mais do que tudo no mundo era que todas elas derrotassem Ali e ficassem livres.

E em alguma torção louca do destino, pelo menos para Aria, isso era exatamente o que estava acontecendo. Se ao menos ela pudesse ter trazido suas amigas com ela.

11

VOCÊ DEVERIA COLOCAR UM BRACELETE DE LACROSSE NISSO

— Então, qual você prefere, o conjunto cinza com risca de giz ou o preto básico?

Hanna olhou para cima de sua penteadeira. Era terça-feira, e Mike estava de pé em frente ao espelho de corpo inteiro do quarto dela, segurando dois de seus terninhos na frente do corpo e girando de um lado para o outro como uma campeã de um concurso de beleza. — Pessoalmente, eu gostaria que você mostrasse as pernas — ele disse. Ele pendurou os trajes recatados de volta no armário e tirou um vestido brilhante e apertado ultracurto que Hanna tinha usado com Hailey Blake. — Esse iria surpreender o júri, você não acha?

— Sim, especialmente com isso. — Hanna ergueu a perna, mostrando o seu monitor de tornozelo. Isso era tão chato: Ela tinha que amarrar um saco plástico em torno dele para tomar banho, ela não podia se virar na cama sem ele fazer barulho e ela não conseguia colocar um único par de jeans skinny sobre ele. Ainda assim, ela não conseguiu evitar de soltar um pequeno sorriso. Mike estava apenas tentando fazê-la se sentir melhor, mas era difícil, principalmente hoje.

Como se fosse combinado, as notícias da manhã na TV em seu quarto retomaram após um intervalo comercial. O próprio rosto de Hanna da última vez que elas estiveram no tribunal, pelo assassinato de Tabitha Clark, apareceu na tela.

— O julgamento do assassinato das Pequenas Mentirosas começa esta manhã — o repórter disse.

A imagem mudou do rosto de Hanna para o de Aria e o de Spencer e, em seguida, uma foto de Emily. — Depois do trágico suicídio de Emily Fields, no sábado, falou-se em adiar o processo, mas a equipe de acusação quer continuar.

O promotor de nariz pontudo, Brice Reginald, apareceu. Hanna já odiava o cabelo alisado e o gosto por gravata borboleta. — Eu sinto muito pela família da senhorita Fields, mas tem outra família que precisa de respostas — a família DiLaurentis — ele disse em um tom suave e nasal. — Esperamos o Sr. DiLaurentis no julgamento esta manhã, e eu já lhes garanti que o procedimento será rápido e com resultados favoráveis. A justiça será feita pela filha assassinada dele.

Hanna zombou. Se ela fosse o pai de Ali, ela não iria mostrar o rosto naquele tribunal. Ele devia saber que Ali era uma assassina mentirosa e de sangue frio. Mas por outro lado, ele não era realmente o pai de Ali — e sim o Sr. Hastings. E ele iria participar... para apoiar Spencer. A cabeça dela começou a doer com a confusão disso tudo. Ela também se perguntou onde Jason estava em tudo isso. Estava claro que a Sra. D estava presa em casa, muito abalada para participar, mas qual era a desculpa do irmão de Ali? Talvez ele fosse inteligente e não acreditasse na mídia.

— E quanto a posição da defesa de que Alison DiLaurentis ainda está viva? — um repórter perguntou ao advogado.

O advogado jurisdicional bufou. — Está muito claro que a senhorita DiLaurentis foi assassinada.

Hanna fez um pequeno som de assombro. Mike silenciou a TV. — Não adianta assistir isso. — Ele se aproximou e passou os braços ao redor dos ombros dela. — Vai ficar tudo bem. Eu prometo. Eu vou estar lá o tempo todo.

Hanna estava prestes a responder, quando o celular dele tocou. Ele olhou para a tela, e sua expressão ficou obscura.

— É um repórter? — Hanna perguntou, se sentindo nervosa. Ela tinha recebido tantos telefonemas de pessoas intrometidas nas últimas 24 horas que teve que apagar as mensagens de voz duas vezes. Mike tinha mencionado que também tinham conseguido o número dele.

— Não — Mike murmurou, seus olhos ainda na tela. — Minha mãe ainda não teve notícias de Aria.

Hanna inclinou a cabeça. — Desde quando?

Os dedos de Mike bateram no teclado. — Desde ontem à noite. E eu não a vi esta manhã, mas eu pensei que ela estivesse com Noel ou algo do tipo de manhã cedo. Mas os policiais chegaram em casa agora. Aria nunca se encontrou com eles após o funeral para entregar os documentos e colocar o monitor de tornozelo. E, aparentemente, ela fez um grande saque no aeroporto.

Hanna franziu a testa. — Você está brincando. — Ela mal podia acreditar que Aria faria uma coisa dessas. — Você acha que ela pegou um voo para algum lugar?

— Eu não sei. Mas isso seria muito, muito estúpido. — Mike olhou para Hanna com a expressão frenética. — Eu não acredito que ela não avisou a ninguém. Você teve notícias dela?

Hanna puxou o lábio inferior para a boca. — Não — ela disse em voz baixa. Ela tinha ligado para Aria um milhão de vezes desde a briga, mas tinha ido direto para a caixa postal.

A boca de Mike contraiu. — Por que vocês brigaram, afinal?

Hanna bateu os braços nos lados. — Emily, Ali.. Eu nem mesmo sei.

Ela tentou entender a briga, mas era inútil. Ela tinha culpado Spencer por fazer Emily mergulhar no oceano? Spencer que tinha sugerido ficar à noite, afinal, e em retrospectiva, todas elas deveriam

ter ido para casa — Emily teria estado mais segura, sem mencionar que elas não teriam sido pegas por violar os termos da fiança.

Mas não tinha como elas adivinharem que isso ia acontecer. Isso lembrava a Hanna do acidente que ela havia se metido no último verão: Ela tinha levado Madison para casa porque Madison estava bêbada demais para dirigir, mas ela não tinha visto o carro de A sair do nada. Ela não tinha planejado bater o carro.

Hanna também tinha tentado ligar ontem para Spencer, mas ela desligou antes que a chamada fosse para o correio de voz. Ela não sabia o que dizer. *Sinto muito?*

Ela sentia muito? Era irritante, também, que Spencer não tenha ligado para ela. Ela devia ter ligado no mínimo para se desculpar por ter surtado com Hanna no funeral.

Por que Hanna tinha que ser a única a pedir desculpas primeiro?

Mike sentou-se na cama e girou o celular em suas mãos. — Para onde você acha que ela foi?

Hanna ergueu os ombros. — Talvez para nenhum lugar? Talvez ela só tenha enganado a polícia?

— Eu aposto que para a Europa — Mike disse suavemente. Ele esfregou as mãos pelo cabelo. — Eu só espero que ela esteja segura. — Em seguida, uma expressão estranha atravessou seu rosto. — Você não acha que ela fez algo horrível, não é? Como Emily?

— Nós não temos certeza que Emily está morta — Hanna disse automaticamente.

Mike inclinou a cabeça. — Han. Nós meio que... temos.

Hanna fechou os olhos. Ela não tinha tanta certeza. Ontem à noite, ela olhou todos os tipos de artigos sobre as pessoas que tinham milagrosamente sobrevivido a águas tempestuosas e tsunamis. A sobrevivência humana era surpreendente.

Talvez Emily tenha decidido, uma vez que estava lá, que não queria morrer afinal!

Então seu olhar se desviou para a cadeira felpuda no canto do quarto. O vestido que ela usara no funeral de Emily estava lá, assim como a bolsa, os sapatos e o guia que ela pegou no caminho para fora. EMILY FIELDS, lia-se na frente, acompanhado de várias fotos de Emily ao longo dos anos. Havia uma foto de uma Emily muito nova, tirada muito antes de Hanna conhecê-la, em um campo de dentes-de-leão. Havia outra de quando elas tinham acabado de se tornar amigas na sexta série — Emily em uma competição de natação, usando seus óculos de proteção. Várias outras do ensino fundamental e do ensino médio, Emily sempre parecia saudável, doce e feliz.

Quando Hanna apertou seus olhos, cenários dolorosos brilharam em sua mente. Ela pensou na cama de Emily, sem ninguém, seus cobertores provavelmente arrumados, seus travesseiros espalhados pela cama. Ela pensou em todas as coisas que Emily já não iria tocar, usar, fazer parte. Ela pegou o celular e começou a escrever uma mensagem explicando o quão deprimida ela se sentia. . até que ela percebeu. Ela iria mandar a mensagem para Emily. É claro que ela iria: Emily sempre foi a que ela poderia falar dos sentimentos crus e vulneráveis.

Sua mandíbula tremeu. Ela caiu na cama e colocou a cabeça entre as pernas. A mão de Mike pressionou em suas costas. — Ei — ele disse suavemente. — Está tudo bem. Nós vamos passar por isso.

— Vamos? — Hanna soluçou, sentindo as lágrimas derramarem por suas bochechas. — Eu simplesmente não consigo acreditar que essa

é a minha vida. Tudo isso. — Ela balançou a cabeça. — Emily se foi, Spencer não está falando comigo, e em breve eu vou para a cadeia, Mike. A cadeia. Eu não tenho nada. Não tenho futuro, não tenho amigos, não tenho vida...

— Ei. — Mike franziu a testa e colocou as mãos nos quadris. — Você não perdeu tudo, Hanna. Você ainda tem a mim.

Hanna enxugou os olhos. — Mas por quanto tempo você vai sinceramente esperar por mim? Eu posso ficar na prisão por 30 anos ou mais. Eu quero dizer, você não vai conseguir ficar tanto tempo sem sexo. — Ela estava tentando fazer uma piada, mas quando ela tentou sorrir, ela simplesmente começou a chorar mais.

— Por você vale a pena esperar. — Os dedos de Mike fizeram círculos lentos nas costas de Hanna.

— Você diz isso agora, mas...

Mike recuou. — Você não acredita em mim?

— Não é isso. Eu só... — Hanna olhou fixamente para a TV do outro lado do quarto. Uma bela supermodelo brasileira estava sensualmente bebendo uma Coca Diet de canudo. — O mundo está cheio de meninas, Mike — ela disse em voz baixa.

— E eu não quero que você pare de viver por causa de mim.

Ele parecia irritado. — Não ouse falar coisas assim. Você quer que eu prove que eu vou esperar por você?

Ele mudou de posição na frente dela. Quando Hanna abriu os olhos novamente, ela percebeu que ele estava de joelhos, olhando em seus olhos. — Case-se comigo, Hanna Marin — disse ele urgentemente. — Case-se comigo hoje.

— Ha — Hanna disse, pegando um lenço de papel e borrando os olhos.

Mike retirou a pulseira de borracha amarela de lacrosse de seu pulso e estendeu-a para ela. — Eu não tenho um anel, mas aceite isso — ele disse. — Eu estou falando sério. Vamos nos casar. Tipo, amanhã.

Hanna piscou. — Você está falando sério?

— É claro que eu estou.

Ela limpou o nariz. — Tipo, com uma cerimônia e tudo mais? E com um documento, para tornar legal? Pode ser legal? Nós somos velhos o suficiente?

Mike fez uma careta. — Eu acho que sim. E sim, eu quero que seja totalmente legal. Eu quero você, Hanna. E eu quero que você saiba que eu sempre vou querer você, não importa o que aconteça.

Hanna olhou para a pulseira de borracha em suas mãos. Isso havia sido concedido a ele quando ele entrou para o time de lacrosse do colégio. Uma vez, na Jamaica, antes deles fugirem por causa de Tabitha, ela e Mike conseguiram uma massagem para casais. Hanna havia dito para ele deixar a pulseira no mesmo lugar que os massagistas instruíam para deixar todas as joias. *Tirar a pulseira seria como tirar uma parte de mim*, Mike tinha dito com um olhar totalmente sério no rosto.

Ela considerou estar com Mike pelo resto de sua vida, e não demorou muito para ela perceber que ela gostava da ideia. Ela estava emocionada, também, com o gesto. Mike sabia muito bem qual o destino que ela poderia ter. Ele sabia as armadilhas de estar com alguém na prisão, ou pelo menos ela esperava que ele tenha prestado atenção nas cenas de *Orange Is the New Black* e não apenas nas cenas de lésbicas.

Ela olhou para ele. — Podemos ter um casamento de verdade?

Ele deu de ombros. — O que você quiser.

— Então, eu vou usar um vestido? E dar uma festa?

Mike sorriu. — Isso é um sim?

Hanna lambeu os lábios, se sentindo tímida. — Eu acho que é — ela sussurrou, e, em seguida, jogou os braços ao redor dele. — Sim, Mike Montgomery, mesmo que isso seja louco, eu vou me casar com você.

— Isso era exatamente o que eu queria ouvir — Mike sussurrou de volta, e deslizou sua pulseira de lacrosse em seu pequeno pulso. Hanna fechou os olhos e riu. Usar a pulseira parecia melhor do que qualquer anel de diamante no dedo. Era, literalmente, de valor inestimável.

12

DRAMA NA SALA DE TRIBUNAL

Nunca em sua vida Spencer tinha achado que iria visitar o Palácio da Justiça de Rosewood tantas vezes quanto ela tinha feito nos últimos anos. Ela conhecia aquele lugar como a palma da sua mão agora, incluindo quais as entradas laterais usar para evitar a imprensa, qual máquina automática de venda realmente soltava os lanches corretos, e que banco da sala do tribunal tinha um rangido irritante quando você estava sentada sobre ele.

Mas subindo os degraus de pedra, no primeiro dia de seu julgamento por homicídio, o lugar parecia completamente diferente. Havia mais câmeras do que o habitual, até mesmo nas entradas laterais, e todo mundo gritou o nome dela quando ela correu para dentro — incluindo algumas pessoas que se reuniram umas perto das outras, todas elas usando camisetas que diziam *Ali Cats Unidos*. Spencer parou com um calafrio, surpresa com a visão dos Ali Cats tão perto, todos eles pareciam tão comuns. A mulher na frente, que estava acima do peso e tinha o cabelo vermelho brilhante e tinha uma semelhança surpreendente com a velha professora de piano de Spencer, se aproximou, olhando de soslaio para Spencer. — Você está pronta para a prisão, vadia? — O resto do grupo gargalhou. Spencer se afastou rapidamente com o coração batendo forte.

No interior, a segurança tinha colocado detectores de metais extras, mas, mesmo assim, havia longas filas. As luzes da sala de audiências pareciam ser mais fortes e mais brilhantes, quase como lâmpadas

fluorescentes de interrogatório. E, desta vez, a bancada de júri estava cheia de pessoas que estava olhando para Spencer julgadoramente.

Ela tentou não olhar para eles quando ela entrou na sala, mas era difícil. Cada movimento que ela fazia, cada colocada de cabelo atrás da orelha ou limpada de seu nariz, ela temia que o júri visse como arrogância, ou frieza, ou imaturidade. *Eu não cometi esse crime*, ela tentou transmitir, dando uma espiada e percebendo que um deles se parecia com seu tio Daniel. O que não era uma coisa boa — seu tio Daniel odiava crianças.

Então seu olhar se fixou em uma menina bastante jovem no final da bancada de júri que estava olhando para ela com desdém ainda mais do que os outros. *Ali Cat*, uma voz sussurrou em seu cérebro, a imagem do grupo do lado de fora ainda estava fresca demais. Seria possível?

Seu celular tocou. Spencer ficou vermelha e o silenciou, mas ela verificou a tela antes de deslizá-lo em sua bolsa. Duas mensagens tinham chegado. A primeira era uma mensagem de um número 215 que ela reconhecia, mas não tinha em seus contatos: *Eu espero que você esteja se sentindo bem. Aqueles comprimidos para dormir estão funcionando? Por favor, me procure se você precisar conversar. Eu estou aqui. Wren.*

Seu primeiro sentimento foi de aborrecimento. Ela não tinha dito a Wren que não estava interessada?

A segunda mensagem era um e-mail de George Kerrick, que trabalhava para o banco e que mantinha um fundo fiduciário de Spencer. *Querida Spencer, eu investiguei sobre o seu desejo de retirar o fundo, mas sua conta está bloqueada. Sinto muito; não há mais nada que eu possa fazer neste momento.*

Ela encarou a tela. Ir procurar Kerrick tinha sido uma tentativa de conseguir os 100.000 dólares para Angela. Mas quem tinha

encomendado o bloqueio? A mãe de Spencer? A polícia?

Houve alguns sons de pés arrastando, e Hanna entrou e tomou seu lugar no outro lado do advogado delas. Spencer olhou para ela, depois desviou o olhar. Havia algumas chamadas não atendidas de Hanna no celular de Spencer, mas Hanna não tinha deixado uma mensagem de voz. Spencer suspeitava que Hanna queria que ela pedisse desculpas — isso era do feitio dela, Spencer lembrava de quando elas costumavam brigar na sétima série. Uma vez Hanna tinha dado gelo em Ali até ela dar o braço a torcer e pedir desculpas. Mas e o que Hanna tinha dito? Spencer estava incrivelmente mal por Hanna tê-la acusado de ser responsável pelo que tinha acontecido com Emily. Lidar com a morte de Emily já era duro o suficiente.

Depois de um momento, Hanna levantou o queixo e se virou. *Ok*, Spencer pensou.

Mais pessoas lotaram a sala do tribunal até que o lugar estava quase cheio.

Spencer notou o pai de Ali — que ironicamente não era realmente o pai dela — sozinho no fundo em pé. Em seguida, ela viu seu próprio pai, do outro lado da sala do tribunal, olhando disfarçadamente na direção do Sr. DiLaurentis. Ela sentiu um nó na garganta e se virou. Era tão estranho pensar no que estava passando por ambas as mentes deles.

Ela analisou os corredores mais um pouco, esperando Aria, mas ela ainda não tinha chegado. Finalmente, o pai de Aria apareceu na parte de trás da sala do tribunal e fez sinal para conversar com Rubens. Quando Byron Montgomery sussurrou em seu ouvido, a expressão de Rubens mudou. Em seguida, Rubens caminhou para a bancada do juiz e falou baixinho. Hanna sussurrou algo para Mike. Finalmente, Rubens retornou ao seu lugar.

Spencer olhou para ele. — O que está acontecendo?

— Aria Montgomery sumiu — ele disse em voz baixa. — A polícia acredita que ela estava no aeroporto ontem, e que ela embarcou em um avião para Paris. O nome dela estava na lista de passageiros. As autoridades francesas estão atrás dela, mas o palpite de todos é que ela está fora de Paris nesse momento.

Spencer engasgou. — Como é que Aria chegou à Europa? Os policiais não a perseguiram?

Rubens balançou a cabeça. — Ela saiu antes que pudessem prender o monitor nela. Spencer passou a mão sobre o cabelo. Aria tinha tido a mesma ideia que ela — exceto que ela tinha seguido com ela. Era um plano brilhante, talvez um que Spencer devia ter pensado. Brilhante, mas imprudente. Escapar para a Europa sem tomar as medidas adequadas para desaparecer parecia realmente ousado. Aria ia se meter em grandes problemas. Ela se perguntou se foi por isso que a conta dela foi bloqueada. As autoridades pensaram — com razão — que ela iria fazer a mesma coisa.

Ela olhou para Hanna, e Hanna encontrou seus olhos por um segundo. Spencer considerou dizer alguma coisa para quebrar o gelo. Isso tudo era muito mais importante do que a briga estúpida delas, afinal. Ela se perguntou se Hanna também tinha visto os Ali Cats lá fora.

Mas então ela teve um pensamento e se virou para Rubens. — O júri vai *nos* julgar por causa disso?

Rubens fez uma careta. — Bem, não vai parecer muito bom para vocês duas.

Uma de vocês comete suicídio e a outra foge para a Europa? Isso não é exatamente o comportamento de uma pessoa inocente.

Spencer fechou os olhos. Ela temia que ele dissesse isso.

Rubens se inclinou. — Nós vamos continuar com a audição de qualquer forma.

Aria será julgada em sua ausência. A polícia vai querer fazer perguntas sobre isso para vocês depois que acabar a audiência.

Spencer torceu o nariz. — Eu não tenho nada a ver com a fuga de Aria.

— Nem eu — Hanna interrompeu.

— Vocês todas foram para Nova Jersey juntas. Vocês são as cúmplices número um. Apenas digam a verdade e não haverá nenhum problema.

O juiz bateu o martelo e chamou os advogados para os seus bancos. Depois de alguma conversa, Seth e o advogado jurisdicional se apresentaram ao júri e, em seguida, foi a vez das declarações de abertura. O coração de Spencer acelerou. Isso estava acontecendo. O julgamento por assassinato estava prestes a começar.

A acusação começou primeiro. Vestido com um terno listrado e mocassins de aparência cara com o cabelo penteado para trás de seu rosto e sua pele estranhamente bronzeada, Brice Reginald, o promotor público, esgueirou-se para a bancada de júri e deu a cada um dos membros do júri um sorriso que Spencer só conseguia descrever como nojento. — Nós todos sabemos sobre Alison DiLaurentis — ele começou. — É difícil não saber, não é? Uma menina bonita desaparecida, aparecendo na capa da revista *People*, cativa a atenção de todo o país.. e, depois, a descoberta de que sua mentalmente instável gêmea — a verdadeira Alison — a matou. Ou.. ela matou mesmo? — Ele olhou para os jurados com os olhos dramaticamente abertos. — A assassina de Courtney foi Alison? Ela realmente era a monstra que as pessoas pensavam? Ou ela era uma vítima inocente, primeiro manipulada pelo namorado manipulador e instável, Nicholas, e, em seguida, atormentada pelas quatro jovens meninas que eram as melhores amigas de sua irmã?

Neste momento, sua atenção voltou-se para Spencer e Hanna. Naturalmente, o júri também olhou para elas. Spencer abaixou a cabeça, sentindo até mesmo seu couro cabeludo ficar vermelho. Ela nunca havia se sentido tão humilhada.

— O que é real neste caso, e o que é inventado? — o advogado continuou. — Quem está fingindo simpatia, e quem é a verdadeira vítima? Ao longo dos próximos dias, eu vou dizer a vocês quem Alison realmente era. Uma menina que foi mandada para um hospital psiquiátrico por pais preocupados.. mas que foi intimidada lá. Uma menina que escapou de uma situação infernal apenas por se apaixonar por um jovem que a obrigou a ser cúmplice de um assassinato e que escapou dele só para depois ser vítima de quatro meninas que queriam vingança a qualquer custo. E eu vou dizer a vocês sobre essas quatro garotas de Rosewood que tiveram a vingança que queriam. Aparentemente, elas parecem ser adolescentes doces que estavam no lugar errado na hora errada. Mas se nós investigarmos mais profundamente, *isso* é o que elas realmente são.

Ele virou-se para uma tela de TV perto da mesa do juiz e pressionou PLAY no leitor de DVD. A fita de vigilância apareceu. Era a câmera que elas tinham montado para observar a casa da piscina — Spencer reconheceu a pequena varanda da frente e o galho de árvore com formato de aranha. Lá, na tela, estava Emily, girando ao redor da sala, quebrando várias coisas em pedaços.

Seu estômago se apertou. Era triste ver Emily viva novamente, inteira, real e também... *louca*. Os olhos de Emily estavam selvagens enquanto ela girava pelo lugar. Suas narinas dilataram, e ela, na verdade, *rosnou*. E no final de sua fúria, ela olhou diretamente para a câmera de vigilância com os dentes à mostra. "*Eu nunca vou te amar! Nunca, jamais! E eu vou te matar! Você vai pagar por isso!*"

O coração de Spencer caiu como uma pedra.

O advogado jurisdicional desligou a TV. — Eu vou descrever para vocês exatamente o que essas meninas fizeram com a Alison, que inclui espancá-la até o ponto de arrancar os dentes e cortá-la até fazê-la sangrar profusamente. Estas foram as meninas cujas vidas estavam em ascensão. E, no entanto, isso não foi o suficiente.

O que elas queriam, o que *cobiçavam*, era tirar Alison de suas vidas de uma vez por todas. — Ele olhou para a sala do tribunal com um sorriso triunfante e íntegro. — Sim, devemos ser simpáticos por essas meninas terem alguns quase acidentes com Nicholas Maxwell. Mas devemos culpar a pessoa que merece — Maxwell, não Alison.

As meninas deveriam ter ouvido os apelos dela dizendo que ela era inocente. Mas elas estão aqui porque não o fizeram, e está na mão de vocês tomar a decisão certa para condená-las pelo crime hediondo e violento.

Ele terminou com uma sacudida de suas mãos. Spencer quase pensou que ele ia fazer uma reverência. Ela virou-se para seu advogado, horrorizada. — Nada disso é verdade! — ela sussurrou. — Não é possível que você, tipo, faça uma objeção ou algo assim?

— Não durante a abertura das declarações — Rubens disse por entre os dentes.

Em seguida, foi a vez de Rubens. Ele caminhou até a frente da sala de audiências e, em seguida, caminhou até a bancada de júri, sorrindo para eles timidamente. — O Sr. Reginald pintou um quadro e tanto — ele começou. — E talvez seja verdade. *Algumas* das coisas. Talvez Nicholas Maxwell tenha coagido Alison.

Talvez ela não seja tão culpada quanto nós pensamos. Mas o caso não é sobre isso.

Este caso é sobre se quatro meninas assassinaram ou não a senhorita DiLaurentis. E

eu estou aqui para dizer-lhes que elas não o fizeram.

Houve uma longa pausa. O júri se movimentou.

Rubens respirou. — Não está claro ainda, na verdade, que Alison está morta.

— O advogado jurisdicional soltou uma gargalhada. — Sim, um pouco do sangue dela foi encontrado. E há certos elementos que comprovam que minhas clientes estavam no mesmo lugar onde um assassinato possa ter ocorrido, embora eu certamente tenha teorias sobre outras pessoas que possam querer Alison DiLaurentis morta e poderia ter feito uma coisa dessas. No entanto, nós nem mesmo sabemos se ocorreu um assassinato, e com a falta do corpo deixa uma lacuna enorme no presente caso. O Sr. Reginald nos disse uma maneira de olhar para esta história, e eu vou dizer-lhes outra: Essas meninas foram emboscadas pela própria garota que nós pensamos que está morta. Ela derramou seu próprio sangue. Ela arrancou o próprio dente. Ela limpou a bagunça com alvejante fazendo parecer com que as meninas fossem as responsáveis. Ela forjou a própria morte e denunciou as meninas, pois faria sua fuga ser perfeita — pelo que nós sabemos, ela está lá fora em algum lugar, apreciando sua vida, enquanto as minhas clientes estão sendo julgadas por *suas* vidas.

O coração de Spencer acelerou. Então, ele estava usando a teoria delas. Ela analisou as expressões do júri. A maioria deles parecia perplexo. A mulher que Spencer tinha focado no início parecia francamente enojada.

Rubens parou perto do juiz. — Eu estou aqui para descrever a vocês como isso pode ter acontecido. E como o Sr. Reginald disse, depende de vocês tomar a decisão correta sobre o que se passou naquela noite.

Havia um monte de confusão e sussurro. Spencer estava morrendo de vontade de ver a expressão do Sr. DiLaurentis, mas ela estava

muito assustada para se virar.

Por fim, o juiz pigarreou. — Vamos adiar por uma hora e, em seguida, chamar as primeiras testemunhas — o juiz ordenou. Então ele se levantou e marchou para os seus aposentos.

Todo mundo na sala do tribunal levantou e saiu. Apenas Spencer permaneceu sentada, olhando para seus pés. Ela sentia-se ainda mais condenada do que antes.

Depois de um momento, ela olhou para cima e viu Hanna olhando para ela. — Então começou — a amiga dela disse suavemente.

— Sim — Spencer respondeu.

Ela queria estender a mão e tocar Hanna. Mas ela também se sentia tão estranha.. e exaurida. . e totalmente sem ânimo para fazer as pazes. Então, ela levantou-se abruptamente do assento e girou em direção ao corredor central. E foi assim que, mesmo sabendo que no fundo ela realmente precisava de Hanna, ela saiu para procurar um refúgio privado, onde ela poderia processar tudo sozinha.

13

COMO PLANEJAR UM CASAMENTO EM

CINCO DIAS

Hanna e Mike estavam sentados no sofá da sala de estar de Hanna, o pequeno pinscher de Hanna, Dot, estava aconchegando no colo dela. Uma mulher chamada Ramona, que tinha um cabelo loiro gelo com corte angular, olhos cinzentos frios e maçãs do rosto salientes, usando um terno Chanel e saltos de doze centímetros de pele de cobra aparentemente muito caros, estava sentada na frente deles com uma grande pasta no colo. — Você está me dizendo — ela disse em uma voz intimidadora, — que você quer que eu faça um casamento inesquecível até o final da semana?

Hanna engoliu em seco. Talvez ter chamado Ramona, que supostamente era a melhor organizadora de casamentos — ela aparentemente tinha organizado inúmeros casamentos de atrizes por todo o país — tenha sido uma ideia maluca. E

também, provavelmente, querer fazê-lo em Chanticleer, a mansão favorita dela da Main Line. — Eu sei que casamentos normalmente demoram um pouco para serem planejados — ela disse suavemente. — Existe alguma coisa que você possa fazer por nós?

— Oh, eu posso fazer o que você quiser — Ramona disse arrogantemente. — Eu planejei casamentos com muito menos tempo. Significa apenas que nós temos que começar agora.

Então ela olhou para Fidel, seu assistente afeminado e magro com um rabo de cavalo, que tinha se arrastado timidamente atrás dela. Ele estava se remexendo nas sombras, fazendo anotações em um iPad. — Traga as amostras! — ela rugiu. Fidel deslizou para fora da porta da frente.

Hanna apertou a mão de Mike. Eles iriam fazer isso. *Realmente* se casariam.

Claro, os planos de casamento estavam um pouco ofuscados por tudo o que estava acontecendo, mas Hanna estava feliz por ter algo de bom em sua vida para ocupar sua mente com tudo isso, pelo menos por um tempo.

Houve uma batida rápida na porta. Dot se levantou e começou a latir. — *Entrée*, seu idiota! — Ramona berrou, e Fidel irrompeu na sala de espera empurrando uma cremalheira de roupas de rodinhas com um braço e equilibrando várias caixas de padaria brancas no outro.

A mãe de Hanna, que tinha estado na cozinha, correu pelo corredor para pegar as caixas antes que elas caíssem. — Meu Deus! — ela gritou. Ela abriu a tampa de uma delas e quase desmaiou. — Amostras do bolo de casamento, Han! — ela gritou.

— Da Bliss Bakery e Angela's — essas são as melhores!

Hanna sorriu agradecida. Não era qualquer mãe que levaria na boa o anúncio de que sua filha iria apressadamente se casar antes de provavelmente ir para a prisão. A senhorita Marin tinha basicamente dito que se Hanna estava feliz, então ela estaria feliz. Ela até concordou em assinar o certificado do casamento que um pai tinha que assinar já que Hanna e Mike eram ambos menores de dezoito

anos. E ela ainda deixou algumas cópias das revistas *Noivas* e *Vogue Casamentos* na cama de Hanna esta noite e disse que conseguiria um DJ para a noite — a empresa de publicidade tinha alguns contatos.

Os pais de Mike também tinham aceitado: Hanna recebeu um abraço de parabéns tanto de Ella Montgomery, quanto da nova esposa de Byron, Meredith, naquela manhã. Claro que o casamento tinha sido ofuscado pelo desaparecimento de Aria, por uma boa razão.

Hanna olhou para Mike, que estava sentado ao lado dela. Ele não tinha dito nada há um tempo. Na verdade, ele parecia distraído. — Você está bem? — ela sussurrou.

Mike se encolheu e voltou para a terra. — Sim — ele respondeu. — Claro. Só, você sabe.. pensando em Aria.

Hanna engoliu em seco. É claro que ele estava. Ela também estava pensando muito em Aria. Hanna tinha se surpreendido por ela ter realmente escapado. Os policiais a tinham interrogado esta tarde com perguntas sobre Hanna ter ajudado a mandar Aria para fora do país. Passou até na CNN esta noite. Aparentemente, as autoridades de toda a Europa estavam procurando por ela. A foto dela estava em todos os lugares, e algumas pessoas da Espanha, França, Luxemburgo e Gales afirmaram ter visto ela, embora Hanna não tenha sido capaz de dizer se algumas das pistas eram válidas.

— Você tem certeza que não quer adiar isso até eles a encontrarem?
— Hanna sussurrou.

Mike balançou a cabeça. — Não. Vamos fazer isso. — Ele se inclinou mais para perto. — E nós não queremos que ela seja encontrada, certo?

Hanna mordeu o lábio, franzindo a testa. Mike estava certo — de certa forma.

Hanna queria que Aria estivesse livre disso. Por outro lado, a ausência dela tornava muito pior para ela e Spencer. Outra história que estava passando na CNN era do quão culpadas elas pareciam agora que Emily estava morta e Aria estava desaparecida. Vários especialistas legais disseram que eles poderiam muito bem entrar com um acordo judicial e acabar com isso.

Ela virou-se para a cremalheira de roupas que Fidel tinha empurrado para o centro da sala de estar. Pelo menos quinze vestidos de noiva estavam embrulhados em plástico e pendurados. Havia sacos de sapatos que ostentavam nomes como Vera Wang e Manolo Blahnik. Um cabide segurava um saco de veludo pequeno contendo joias. Uma variedade de véus e tiaras estavam caídos sobre o cabide superior, e um repentino cheiro de perfume floral encheu a sala.

Ela olhou para Ramona. — Essas coisas são para mim? — Ela se levantou e olhou para as etiquetas. Os vestidos eram todos do tamanho dela. Ela espiou em um dos sacos de sapatos. O lindo par de salto branco também parecia que caberia nela.

— Como é que você sabia o que escolher? — Ela tinha contatado Ramona há apenas algumas horas, e a mulher havia feito apenas algumas perguntas a ela.

Ramona revirou os olhos. — É por isso que eu sou a melhor. Agora, vá experimentar algumas coisas. Seu noivo e eu vamos conversar sobre o menu, coisas desse tipo.

Mike de repente pareceu intrigado. — Pode ter as asas de frango do Hooters?

Hanna deu de ombros. — Se você quiser, eu acho.

Os olhos de Mike se iluminaram. — E as meninas do Hooters servindo as asas?

Ramona parecia horrorizada, e Hanna estava prestes a atirar-lhe um olhar.

Mas então ela se deu conta — este também era o casamento de Mike. E ela faria qualquer coisa para livrar a mente dele de Aria. — Se você prometer que não vai tocar nas meninas do Hooters, então sim — ela disse calmamente.

— *Demais!* — Mike vociferou. Ele pegou seu celular. — Eu vou ligar para eles agora. — Eu lido com isso — Ramona resmungou, apontando para Fidel. Ele digitou algo no iPad. Em seguida, Ramona se virou para Hanna. — E você tem damas de honra em mente? Elas também devem experimentar os vestidos.

— Sim — Hanna disse automaticamente. — Eu quero que seja Aria, Spencer e Emily.

Todos engasgaram. Hanna demorou um momento para perceber sua gafe, e então soluçou. — Ou, hum, não Emily, obviamente. — De repente, ela se sentiu desorientada. — E talvez não as outras, tampouco. — Spencer com certeza não gostaria de ser. E Aria... bem, ela também estava fora de questão. — Provavelmente seria melhor se fosse apenas eu.

Ramona levantou uma sobrancelha. — As damas de honra são parte da diversão. Você escolhe os vestidos delas, as joias, você vai ter uma amiga no dia da cerimônia. .

Hanna sentiu seu queixo tremer. Mike agarrou a mão dela. — Ela disse que não quer damas de honra, ok? — ele disse tão ferozmente que Hanna queria beijá-lo.

— Ela vai ter uma daminha, no entanto — a senhorita Marin interrompeu. Ela olhou para Hanna. — Que tal Morgan?

— Definitivamente — Hanna disse, formando um sorriso. Morgan Greenspan era sua prima por parte de mãe de sete anos de idade e

praticamente a coisa mais fofa do mundo. Toda vez que Hanna a via, ela implorava a Hanna para pegar vagalumes com ela no quintal e contava-lhe histórias sobre seu cachorro Griffon de Bruxelas.

Ramona apenas deu de ombros. — Ok. Nós vamos ter que conversar sobre cores para eu saber qual vestido de daminha eu vou trazer. Agora, por que você não começa a experimentar esses vestidos. Rápido-rápido!

Hanna se virou para os vestidos mais uma vez, mas eles não forneciam tanta alegria como eles tinham feito apenas alguns segundos antes. *Suas melhores amigas tinham ido embora, uma voz soou em sua cabeça. Todas elas.*

Sua garganta fechou como sempre fazia quando ela estava prestes a chorar.

Hanna abaixou a cabeça, pegando um monte de vestidos em seus braços, e subiu as escadas para o quarto dela. De repente tudo pareceu contaminado. Emily estava *morta* — ela tinha que aceitar. Ela tinha lido há poucas horas que a guarda costeira havia desistido da busca por ela.

Ela virou a pulseira de Mike ao redor do pulso. *Se pelo menos você ainda estivesse aqui, Em, ela pensou. Você iria descobrir uma forma de juntar todas nós de novo. Você iria consertar tudo.*

A luz de repente mudou, enviando uma inclinação de dourado pela janela de Hanna e deslizando para o topo de sua cabeça. Hanna olhou para cima, e por um momento, o espaço ao lado dela na cama estava quente, quase como se houvesse alguém sentado lá. Ela decidiu fingir que era o espírito de Emily. Ela pensou em puxar Emily para perto, segurá-la com força e nunca deixá-la ir embora. Ela quase podia ouvir a voz de Emily em seu ouvido. *Eu estou feliz que você esteja se casando, Hanna. Você deveria ser feliz.*

Hanna se endireitou, sentindo-se renovada. Emily estava totalmente certa. Se ela persistisse em sua tristeza, se ela se fixasse em tudo o que estava errado, Ali estaria ganhando. Que se dane.

Ela virou-se para os vestidos em sua cama e abriu o primeiro saco de roupa.

Era um vestido sem alças feito com seda delicada e coberto com rendas. Joias minúsculas salpicavam o corpete e era ajustado por todo o caminho até os pés.

Hanna engasgou. Ela não diria isso a Ramona, mas ela costumava passar horas desenhando o vestido ideal de seu casamento quando era mais nova — e parecia quase exatamente com esse.

Ela deslizou por cima da cabeça e viu-se no espelho, espantada com a súbita transformação. Ela parecia... mais velha. Linda. E superfina. Ela girou e sorriu, incapaz de tirar os olhos de seu reflexo. Então, gritando de alegria, ela correu para baixo e olhou ao redor. — Mike, se esconda no banheiro. Você não pode me ver!

Ela esperou até que houvesse a batida da porta, em seguida, desceu as escadas.

Ramona olhou para ela, impassível. Fidel fez anotações. A mãe de Hanna parecia que ia chorar. — Oh, querida — ela arfou, pressionando as mãos no peito. — Você está linda.

O resto da noite passou desse jeito: Hanna mandou Mike para fora por algum tempo e experimentou vestidos, sapatos e véus. Mike voltou e todos provaram o bolo de casamento, escolhendo o de creme de manteiga branco da Bliss. Ramona deu alguns telefonemas intimidadores para a Chanticleer, para o serviço de bufê e a floricultura, exigindo que eles tivessem tudo pronto até o final desta semana ou ela nunca mais trabalharia com eles novamente. Com cada sim que Ramona conseguia, Hanna se sentia cada vez mais confiante de que Emily realmente estava cuidando dela, tornando

tudo possível. *Você merece ser feliz*, ela podia ouvi-la dizendo. *Mesmo que seja apenas por um dia.*

Até o final da noite, havia apenas uma grande coisa que restava para decidir: os convidados. Ramona falou com um calígrafo e com uma empresa de artigos de papelaria, mas eles tinham que saber a contagem de pessoas hoje à noite para os convites saírem a tempo.

— Bem, tem os Milanos, os Reeveses e os Parsons — Hanna disse, nomeando seus parentes e alguns velhos amigos da família. Ela olhou para a mãe. — Mas não vamos incluir os Rumsons. — Eles tiveram uma filha desprezível chamada Brooke que tinha tentado roubar o antigo namorado de Hanna, Lucas Beattie. — A maioria das pessoas da escola, mas definitivamente não Colleen Bebris. — Ela sorratamente deu uma espiada em Mike. Ele saiu com ela por um breve período no início desse ano. — Podemos convidar Naomi e Riley, mas elas devem ficar com uma mesa horrível. E definitivamente não Klaudia Huusko. — Klaudia havia tentado roubar Noel de Aria. Aria podia não vir, mas Hanna ainda tinha suas normas.

— Entendi — Ramona disse, escrevendo tudo.

Hanna sorriu maldosamente. Se fosse do seu jeito, esta ia ser a festa do século, melhor do que qualquer festa de dezesseis, festa a fantasia ou uma estúpida festa beneficente no Country Club de Rosewood. Seria seu último jogo de poder para esnobar os que a tinham irritado.

— Noel, Mason, todos os caras do time de lacrosse — Mike listou. — Minha mãe, o chefe dela da galeria. E o meu pai, Meredith e Lola.

— E o seu pai, Hanna?

Hanna olhou para cima, espantada. A mãe dela que havia dito isso.

A senhorita Marin balançou seu joelho na poltrona. Havia um olhar em conflito, mas também de princípios em seu rosto. — Quero dizer, ele é seu pai. Ele não gostaria de perder isso.

Hanna bufou. — Kate pode vir — ela disse, referindo-se a sua meia-irmã. Kate havia descoberto sobre o noivado e enviou um e-mail a Hanna, de fato, perguntando se ela poderia ajudar em alguma coisa. — Mas não ele. Nós já passamos por muita coisa. Ela sentiu os olhos de todos sobre ela, especialmente os de Ramona. Mas não era como se Hanna fosse explicar o seu raciocínio. Era muito embaraçoso admitir que o seu próprio pai escolheu sua nova esposa, sua nova enteada, e até mesmo sua campanha política acima de você. Várias vezes, o Sr. Marin tinha dado a Hanna um pouquinho de afeto só para depois tirá-lo quando ela fazia algo errado. Ela estava cansada de dar-lhe a segunda, terceira e quarta chances só porque eles costumavam ser muito próximos. Ele tinha mudado.

E, de repente, ela se sentiu como se tivesse que fazê-los entender que ela estava falando sério. Ela saltou de sua cadeira e murmurou que ela já voltava. Uma vez de volta em seu quarto, ela olhou-se no espelho. Ela tinha tirado o vestido de noiva, mas ainda havia um brilho de noiva sobre ela que não poderia ser tirado. Seu pai provavelmente iria querer vê-la. Mas já era o suficiente. Ele a tinha machucado pela última vez.

Ela pegou o celular dela e rolou para o número do escritório de campanha dele.

Uma assistente atendeu, e quando Hanna disselhe seu nome, ela disse: — Eu vou colocá-lo na linha — em uma voz viva. Hanna piscou com força. Ela meio que esperava que a assistente a deixasse em espera.

— Hanna — a voz de seu pai surgiu da outra extremidade meros segundos depois. — É tão bom ouvir você. Como você está?

Hanna estava ao mesmo tempo chocada e irritada com o entusiasmo em sua voz. — Como é que você acha? — ela se ouviu gritar. — Eu estou em julgamento.

Você não soube?

— É claro que eu soube — disse o Sr. Marin baixinho, talvez com pesar.

Hanna revirou os olhos. Ela não ia ceder a esse tom de voz. — De qualquer forma, eu só liguei para que você saiba que eu vou me casar com Mike Montgomery.

— Você vai. . *o quê?*

Ela se irritou. Essa era uma voz de julgamento que ela ouviu? — Estamos muito felizes. O casamento é no próximo sábado em Chanticleer.

— Há quanto tempo você vem planejando isso?

Ela ignorou a pergunta. — Eu só liguei para dizer que você não está convidado — ela disse em voz alta, dizendo as palavras rapidamente, antes que perdesse a coragem. — Mamãe e eu temos tudo sobre controle. Tenha uma boa vida.

Ela apertou ENCERRAR rapidamente, então segurou o celular entre as mãos.

De repente, ela se sentiu ainda melhor. O suave calor como se fosse Emily havia retornado para o quarto. Nos próximos dias, Hanna se cercaria exatamente de quem ela quisesse — e de ninguém mais.

14

PEQUENA HOLANDESA

Aria se sentou quando a aurora jorrou através das janelas longas e inclinadas do seu quarto. Ela empurrou de lado as cortinas e olhou para fora. Era quarta-feira de manhã, e os ciclistas atravessavam os pitorescos canais. O ar cheirava a *pannenkoeken*, as famosas panquecas holandesas. Um homem estava em pé na próxima esquina da rua tocando a mais encantadora melodia em seu violino. E, em seguida, do quarto ao lado, Aria ouviu um dos rapazes estridentes soltar o arrote mais alto de todos. — Estou com tanta ressaca — alguém gritou.

— É, bem, eu acho que eu ainda estou bêbado.

Aria caiu para trás em cima da cama. Ela estava em um albergue da juventude em Amsterdã — o que ela esperava? Pelo menos ela estava em um quarto individual.

Até mesmo a pilha de vômito no corredor e o fluxo quente-frio imprevisível da água no chuveiro não nublou seus espíritos. Uma hora depois, ela estava limpa, energizada e otimista, passeando fora do Distrito da Luz Vermelha. As ruas estavam quase vazias, todos os turistas que inundavam este bairro provavelmente estavam dormindo com suas ressacas. Era como se ela tivesse toda a cidade só para ela. Ela tinha esquecido o quanto amava Amsterdã! O ritmo mais lento, as placas estrangeiras, o *putt-putt* das motos, o sistema de bonde engraçado de Amsterdã, toda a arte singular e arquitetura.. cada detalhe a fez perceber o quão feliz ela estava pelo motorista de táxi tê-la trazido aqui. Tinha sido uma decisão por impulso — a Holanda era branda e tolerante — e tinha sido uma longa e chata viagem através da França e da Bélgica, Aria se

recusando a fazer contato com os olhos ou ter uma conversa fiada com o motorista francês que fumava bastante e ela permaneceu abaixada para que nenhum dos outros motoristas pudesse vê-la pela janela. Mas tinha valido a pena.

O ar fresco da manhã deu uma sensação boa à sua pele quando ela se virou para baixo de uma série de becos em direção à casa de Anne Frank, que ela planejava visitar naquele dia. Ela poderia muito bem obter alguma cultura, certo? Quando Aria virou uma esquina, algumas adolescentes passaram por ela indo na direção oposta.

Uma delas tinha o mesmo cabelo cor de cobre de Emily.

Aria se encolheu. Ela estava vendo versões de Emily em todos os lugares. Como a menina com os ombros fortes de nadadora que ela tinha notado através das janelas de um ônibus de turismo ontem, ou a menina que tinha jogado a cabeça para trás e rido da mesma forma que Emily fazia enquanto o taxista de Aria tinha entrado em uma parada de descanso para fazer xixi, ou a menina que franzia a testa, igual a Emily, quando alguém lhe dizia algo interessante — Aria tinha espiado ela no albergue na noite passada. Era estranho. . e meio horrível. Mais ou menos como se o fantasma de Emily estivesse seguindo-a ao redor, tentando lhe dizer alguma coisa.

Ela continuou andando, passando por uma loja de presentes, um restaurante e um pequeno lugar que vendia celulares. Havia uma banca de jornal no próximo bloco, e uma manchete sensacionalista na janela chamou sua atenção. *Pequena Mentirosa trouwen*, dizia. Aria piscou duro. Ela não sabia holandês, mas pela escrita encurvada e a imagem de Hanna com um véu de noiva sobre sua cabeça, ela tinha certeza de que isso significava *vai se casar*.

Aria correu para dentro da loja, pegou uma cópia do jornal, e virou para o artigo na página oito. Não que ela pudesse entendê-lo — todo o jornal era em holandês, mas ela tentou recolher o máximo que pôde a partir das imagens. Havia uma de Hanna e Mike em uma

dança lenta no Baile do Dia dos Namorados do ano passado. Outra de Hanna no set de *Burn It Down* antes de ela ser demitida. E, em seguida, imagens de vários anéis de casamento de diamante com um grande ponto de interrogação ao lado de cada um.

A boca de Aria caiu aberta. Eles iriam ter um *casamento* de verdade, com convidados? Será que os pais dela aprovaram isso? Ela pensou na época que *ela tinha* se casado — com Hallbjorn, um rapaz que ela conheceu na Islândia, em uma cerimônia rápida com um juiz de paz, principalmente para que Hallbjorn pudesse ficar no país. Seus pais nem sabiam sobre isso, eles a teriam matado se soubessem.

Ela conseguiu anular a união muito antes de eles poderem descobrir.

Mas Mike e Hanna. . eles eram diferentes. Aria realmente podia vê-los sendo casados. Ela sentiu uma pontada. Ela ia perder o casamento de seu irmãozinho e da sua melhor amiga. Ela ia perder tudo sobre a vida de Mike, de fato — e de Lola, e ela era apenas um bebê! Lágrimas vieram aos seus olhos. Ela pensou que poderia lidar com estar longe, mas ela focou apenas nas coisas negativas — o julgamento, ir para a prisão, ter tudo tirado dela. Mas aqui, do outro lado do mundo, muitas coisas também foram levadas para longe dela. Era um preço alto demais para pagar pela liberdade.

Em seguida, seu olhar focou em outra página em um jornal duas pilhas abaixo.

Este artigo era em Inglês, e o rosto de Aria estava na capa. *Pequena Mentirosa na Europa?* dizia a manchete.

O sangue de Aria gelou. Ela olhou ao redor da pequena loja. O lojista atrás do balcão estava olhando para algo em seu telefone. Um adolescente estava na frente de um refrigerador cheio de refrigerantes. Com o coração acelerado, Aria pegou uma revista holandesa e deslizou o jornal incriminador dentro das páginas. Frases aterrorizantes saltaram para fora da página. *As autoridades informam que a senhorita Montgomery embarcou em um voo para*

Paris... A Interpol está procurando por ela em todos os lugares, com uma alerta para hotéis, restaurantes e estações de transporte da grande União Europeia... várias dicas dizem que ela está no Norte da Europa, talvez nos países escandinavos.

Norte da Europa. *Era* ali mesmo onde ela estava — mais ou menos, de qualquer maneira. As mãos de Aria começaram a tremer. Ela não esperava que eles a encontrassem tão cedo.. mas talvez isso foi ingênuo. Esta era a *Interpol*, não o Departamento de Polícia de Rosewood.

Alguém limpou a garganta, e Aria olhou para cima. O lojista estava subitamente olhando para ela, com uma expressão estranha em seu rosto.

Ela deslizou seus óculos de sol sobre os olhos e se afastou rapidamente, quase tropeçando no alpendre para a rua. Seu peito estava apertado. O lojista a tinha reconhecido, não tinha? Ela começou a andar tão rápido quanto podia descendo a rua quase correndo. A qualquer momento, o cara iria segui-la. A qualquer momento, carros da polícia iriam rugir e agarrá-la por trás.

Apenas siga em frente, ela disse a si mesma. Ela pegou o ritmo e notou outras pessoas olhando para ela, também. Um homem em uma bicicleta. Um adolescente sentado em um banco com fones em seus ouvidos. E se todo mundo sabia quem ela era? E se houvesse toneladas de chamadas para a Interpol neste minuto? Será que ela deveria ir para a embaixada americana? Só que isso era insano — eles deportariam ela de volta, e ela iria para a cadeia.

Ela cortou por um beco e apareceu em outro, a rua mais movimentada, cega de pânico. Ela correu o mais rápido que pôde, virando em torno de bicicletas, cortando em torno de portas de lojas abertas, provocando olhares mais estranhos dos transeuntes. Sua bolsa batia imponente contra seu quadril, mas ela estava feliz por tê-la — não havia nenhuma maneira de ela voltar para o albergue

agora. Bom Deus: Ela usou sua *própria* identidade para fazer o *check-in*. Quando eles tinham alertado que ela fugiu? O albergue que ela tinha ficado soube disso, e eles fizeram uma referência cruzada com o nome dela?

Como ela pôde ter sido tão estúpida?

A casa de Anne Frank apareceu à frente dela, apesar de ela não poder se imaginar indo lá para dentro agora — era muito apertado; ela estaria muito exposta.

Ela parou na escada e colocou as mãos sobre as coxas, ofegante. Ela precisava de um segundo antes de continuar.

Toneladas de pessoas passaram por ela. Turistas. Trabalhadores. Estudantes.

De repente, essa pareceu a pior ideia do mundo. Ela estava em um país estrangeiro — que ela nem sabia o idioma. Tampouco conhecia uma única pessoa aqui. Ninguém iria levá-la e escondê-la, assim como Anne-Frank. Ela remexeu na bolsa e pegou o celular novamente. Ela não o ligou desde que ela embarcou no avião — na verdade, ela até mesmo removeu a bateria, já que ela tinha ouvido em algum lugar que as pessoas poderiam rastreá-lo através do GPS, mesmo que o seu telefone estivesse desligado, se a bateria ainda estivesse instalada. Mas talvez ela devesse ligar para alguém. Se render. Talvez a polícia tivesse pena dela se ela fosse de bom grado.

Seus dedos se fecharam ao redor da bateria. Apenas colocá-la de volta no lugar poderia enviar um sinal para que as pessoas pudessem encontrá-la. Ela estava pronta?

Ela estava prestes a fazê-lo quando uma mão tocou seu ombro. Aria se virou, seus braços protetoramente na frente de seu rosto. O celular caiu de sua mão e deslizou pelos paralelepípedos, mas ela não se moveu para agarrá-lo. Ela olhou para a pessoa à sua frente. Em seguida, ela engasgou.

— Eu sabia — disse ele, sem fôlego. — Eu sabia que você viria aqui, como você disse. Aria piscou, sem saber de seus sentimentos. E ela oscilou, ela percebeu, entre jogar seus braços em volta dele ou correr ainda mais longe, a fim de protegê-lo.

Noel.

15

ALTOS E BAIXOS DE SPENCER

— Senhorita Hastings? — os repórteres gritaram quando Spencer desceu correndo os degraus da corte após o segundo dia do julgamento. — O que você acha das ações judiciais?

— Você tem alguma ideia de onde Aria Montgomery está escondida na Europa?

— outro repórter gritou.

— O que você acha de Hanna Marin se casar? — alguém gritou.

— Você ainda acredita que Alison está viva? — Um repórter enfiou um microfone com um logotipo de notícias local em seu rosto.

Spencer deu uma cotovelada para tirá-los do seu caminho, de alguma forma passando pelas barricadas azuis para a área “segura” que os policiais haviam criado onde estava fora dos limites da imprensa. Ela analisou o estacionamento procurando o serviço de carro que a sua mãe tinha arranjado para levá-la para casa — aparentemente, a senhora Hastings estava ocupada demais para realmente assistir o julgamento de assassinato de sua filha hoje. Mas o carro não estava lá ainda. Ela se encostou na parede e respirou, sentindo vontade de chorar.

O julgamento tinha sido um desastre hoje. A testemunha de acusação foi a primeira, e o advogado jurisdicional havia habilmente

descoberto cada coisa condenável que Spencer tinha feito ao longo dos anos. Que ela empurrou sua irmã pelas escadas quando ela pensou que Melissa era A. Ou que ela surtou na terapia, certa de que tinha matado Sua Ali, ou que ela tinha plagiado a redação da Orquídea Dourada (não importava se ela tinha confessado seu crime antes de receber o prêmio), ou que ela tinha denunciado outra garota por posse de drogas e tinha ajudado e estimulado a empurrar Tabitha Clark da sacada na Jamaica, e que ela era suspeita de ter se envolvido em uma festa do clube de comida onde as pessoas se drogavam em conjunto em Princeton. *Ela é uma mentirosa violenta e psicótica que tem planos maquiavélicos para conseguir o que quer, o advogado tinha zombado para o júri. Não devemos acreditar em qualquer coisa que ela diga.*

E o que a defesa disse sobre Ali? Tudo o que a acusação fez foi trazer um diário maldito que os policiais encontraram na floresta. *Ela é uma pessoa diferente nestas páginas, o advogado disse. Alison não é a menina que nós pensamos que é.*

As portas do tribunal bateram novamente, e Spencer observou Hanna, ladeada por sua mãe e Mike, surgirem nos degraus. Ela sentiu uma pontada. Durante todo o dia, Hanna tinha sentado rigidamente e severamente enquanto o advogado mostrava as várias coisas que ela tinha feito nos últimos dois anos. Mas Spencer sabia pelo jeito que ela girava a pulseira de lacrosse amarela ao redor do pulso que as acusações estavam atingindo-a. Uma grande parte dela queria apenas pegar a mão de Hanna, mas nunca houve um momento apropriado — mesmo quando havia um intervalo, Mike corria para o lado de Hanna imediatamente, fazendo-a se afastar.

Spencer se perguntou se eles realmente iriam se casar como os repórteres tinham dito. Hanna realmente faria uma coisa dessas?

— Spencer?

Um homem de casaco branco e calça azul correu em direção a ela. A boca de Spencer caiu aberta. Era Wren.

— Oi — Wren disse sem fôlego quando ela se aproximou. — Como você está se sentindo?

Todo o corpo de Spencer ficou tenso. — Você estava na sala do tribunal? — ela grunhiu. Ela odiava a ideia de ele ter ouvido todas aquelas coisas horríveis sobre ela.

— Não, não. Acabei de sair do trabalho. Eu pensei em aparecer por aqui e saber como você está, eu não tive notícias de você. Você está dormindo melhor? Como estão os seus machucados?

Wren tinha dirigido até aqui apenas para fazer um checkup? — Hum, eu estou bem — Spencer disse suavemente. — Me curando bem.

— Que bom. — O sorriso de Wren estava nervoso. — Bem, tudo bem então. A menos... — Ele lambeu os lábios nervosamente. — A menos que. . você gostaria de tomar um café comigo?

— O que, tipo, agora? — Spencer falou sem pensar.

Wren levantou um ombro. — Eu tenho a tarde de folga. A menos que você tenha outros planos?

Spencer baixou os ombros. — Eu já disse que não é uma boa ideia.

— Escute, eu falei com a sua irmã — Wren disse.

— Você fez o quê? — Spencer gritou. — Você não tinha esse direito!
— E se Wren deu a entender que algo tinha acontecido entre eles? Melissa a odiava agora?

Spencer olhou para seu celular, querendo ligar para a irmã dela naquele instante.

Wren ergueu a mão. — Eu só disse que eu gostaria de levá-la para tomar um café como um amigo e eu queria saber se estava tudo bem por ela. Ela disse que estava tudo bem. Honestamente.

Spencer piscou lentamente. Isso não soou tão radical. De repente, ela se sentiu exausta. Ela não queria mais discutir com Wren. E honestamente, seria bom se alguém a levasse para tomar um café depois de um dia tão horrendo. Seria bem melhor do que outro jantar silencioso e sufocante na casa dela, o Sr. Pennythistle e Amelia olhando para ela como se ela fosse um alienígena e sua própria mãe agindo como se ela não existisse.

Mas então ela olhou para sua tornozeleira. Tecnicamente, ela não tinha permissão para ir a lugar nenhum, exceto para casa, o Palácio da Justiça, e o hospital a menos que tivesse permissão de seus pais. O pai de Spencer provavelmente diria que sim, mas ele estava em uma reunião de trabalho durante todo o dia. A mãe de Spencer provavelmente não iria nem mesmo atender o celular se ela ligasse.

— Você se importaria de vir para a minha casa? — ela perguntou timidamente, mostrando-lhe a pulseira no tornozelo. — Seria muito mais fácil.

Wren não piscou um olho. — Claro. Quer que eu leve você?

Spencer protegeu os olhos e viu que seu serviço de carro tinha parado no estacionamento. — Eu te encontro lá — ela disse, imaginando que sua mãe ficaria louca se ela não o usasse.

A casa estava vazia quando Spencer chegou, o que era uma coisa boa.

Conversar com Wren seria mais fácil sem a mãe dela bisbilhotando. Minutos depois, Wren parou no meio-fio e saiu do carro. Spencer estava no gramado, sorrindo para ele igual uma boba. — Quer, hum, sentar lá atrás? — ela perguntou.

— Claro — Wren respondeu.

Ela o levou através do quintal lateral para o pátio, em seguida, puxou uma cadeira da mesa para ele se sentar. — Hum, você quer algo para beber? — Ela se atrapalhou. — Limonada, talvez? Coca-Cola?

— O que você tiver para mim está bom. — Ele olhou para ela em confusão, como se ela estivesse insistindo sobre algo sem importância.

— Oh — Spencer disse. — Bem, ok.

Ela tirou algumas Cocas da geladeira e se afundou em uma cadeira de frente para ele. Um cortador de grama grunhiu. O jardineiro dos Hastings estava tranquilamente podando os arbustos no quintal lateral. A piscina brilhava convidativamente, e a banheira de água quente borbulhava. Spencer não conseguiu evitar de se lembrar de quando ela e Wren estiveram nessa banheira após a prática de hóquei. Essa realmente tinha sido a vida dela?

Wren deve ter pensado a mesma coisa, porque ele disse: — As coisas estão um pouco diferentes de quando eu frequentava aqui, hein?

Spencer olhou para fora da propriedade. A grama ainda não tinha crescido corretamente onde o celeiro tinha estado uma vez. — Suponho que sim — ela disse em voz baixa.

— Eu soube que você estava no celeiro quando o incêndio aconteceu.

Spencer assentiu, recordando aquela noite horrível. Se alguém tivesse pego Ali naquele dia. — Não vamos falar sobre isso — ela disse. — Eu já penso demais sobre como foi o passado.

Por um tempo, eles falaram sobre Rosewood, e o programa de residência de Wren, e as novas músicas que eles tanto gostavam. Então Wren cruzou as mãos. — Eu soube que você entrou em Princeton? E que você começou um livro?

Spencer tomou um gole de refrigerante. — Sim, para ambos, não que eles vão acontecer agora.

Wren fez uma careta. — Finja que, por um momento, você não vai para a prisão sob a falsa acusação de um assassinato. O seu livro seria sobre o quê?

Ainda surpreendia Spencer que alguém quisesse saber dessas coisas — mas por outro lado, Wren sempre teve um interesse genuíno em quem ela era.

Respirando fundo, ela começou a descrever o blog sobre bullying. — Eu acho que teria sido um ótimo livro — ela disse melancolicamente. — Existem tantas histórias que merecem ser contadas.

— Você ainda pode escrevê-lo, sabe — Wren lembrou. — Afinal de contas, Cervantes escreveu *Don Quixote* na prisão.

Spencer olhou para ele, surpresa. — Sério?

— E O. Henry escreveu inúmeros contos na prisão por fraude.

Os olhos de Spencer se iluminaram. — Eu amo as histórias dele.

— Eu também. — Wren colocou o queixo em suas mãos. — Eu sempre tive vergonha de admitir, no entanto. O. Henry não era muito popular com os meus colegas.

Spencer riu. — Minha classe de Inglês avançado sempre tentava superar uns aos outros com os escritores mais obscuros. Eu tenho certeza que seria ainda pior em Princeton.

— Então, o que você faria, se você pudesse ir? — Wren perguntou.

Spencer se endireitou e pensou por um momento. — Logo quando eu entrei, eu iria fazer História, ou talvez economia — meu pai sempre achou que eu fosse boa em negócios. — Ela encolheu os ombros. — Provavelmente não vale a pena falar, no entanto. Eu não vou.

Wren entrelaçou os dedos. — Eu tenho a sensação de que você vai, se você quiser.

— Então você acha que eu não vou para a prisão?

Ele se inclinou para a frente. — Eu só acredito que certas coisas têm uma maneira de darem certo no final.

Os olhos de Spencer se arregalaram. E então, antes que ela percebesse, Wren se inclinou ainda mais perto e beijou-a de leve na boca. Seus lábios tinham gosto de açúcar. Sua pele estava quente por causa do sol.

Ela afastou-se rapidamente, encarando-o com a boca aberta. Por mais que ela tentasse tirar o olhar do rosto de Wren, tudo o que ela conseguia focar era numa pequena gota de Coca-Cola no lábio superior dele que de repente ela sentiu um desejo enorme de tirá-la.

— De qualquer forma — Wren disse em voz baixa. E então ele se recostou na cadeira e virou-se em direção à floresta, observando as árvores como se não tivesse acontecido nada.

*

Algumas horas mais tarde, Spencer abriu os olhos. Ela estava deitada em sua cama em seu quarto, sentindo-se tonta — ela deve

ter cochilado depois que Wren foi embora, que não tinha sido muito tempo depois do beijo.

O beijo. Tinha sido apenas por um segundo, mas ela pensava nele bastante desde que aconteceu. O que ele significava? Que tinha sido apenas um beijinho amistoso e simpático... ou algo mais? E era uma boa ideia ela se envolver em alguma coisa agora?

Havia barulhos de panelas tinindo juntas e talheres sendo tirados das gavetas vindo da cozinha. Spencer levantou-se e caminhou para o corredor, surpresa ao ouvir a voz melodiosa de Melissa no andar de baixo. Sua irmã estava rindo de alguma coisa, claramente de bom humor. Aparentemente, ela não tinha visto o resumo do julgamento na CNN.

Ela desceu as escadas e encontrou Melissa e Darren já sentados na mesa. Sua mãe, o Sr. Pennythistle e Amelia estavam sentados também. — O que foi? — ela perguntou a todos.

— Spence! — Os olhos de Melissa se iluminaram. — Eu tentei ligar para você!

Eu queria saber onde você estava!

Spencer fez uma careta. — Eu estava lá em cima. — Ela olhou para a mãe, que provavelmente sabia, mas a senhora Hastings apenas deu de ombros.

— Sente-se, sente-se — Melissa disse, apontando para uma cadeira vazia ao lado dela. — Temos uma ótima notícia.

Spencer deslizou em uma cadeira. A atenção de Melissa tinha virado para Darren novamente. Foi então que Spencer notou que ele estava usando um terno escuro e uma gravata cinza. Ela não tinha certeza se ela já tinha visto ele tão bem vestido em sua vida. Ele também estava brincando nervosamente com o garfo. — Eu perdi alguma coisa? — Spencer perguntou.

— Bem, nós vamos dizer a todo mundo. — Darren olhou sonhadoramente para Melissa. — Eu pedi a Melissa para se casar comigo. E Melissa disse sim.

Spencer quase deu uma gargalhada, rapidamente colocando a mão sobre a boca antes que ela o fizesse. Darren e Melissa era um casal tão incompatível, mas quem era ela para julgar? Ela viu quando Darren tirou uma caixa de veludo de anel do bolso e colocou-a nas mãos de Melissa. De repente, ela sentiu uma pontada: Mike pediu a mão de Hanna assim? Era uma droga ela não estar falando com Hanna e não saber a história.

— Eu faço uma reencenação, se vocês quiserem — Darren disse. — Melissa Hastings — ele começou com uma voz muito-muito-sentimental — você se casa comigo?

Os olhos de Melissa se arregalaram. — Sim! — exclamou ela. — Eu caso!

A Sra. Hastings gritou. O Sr. Pennythistle bateu palmas. Todo mundo estava se abraçando, Melissa ainda estava agarrando Spencer e puxando-a para os seus braços. — Tem outra notícia, no entanto — ela disse sobre o barulho, então respirou fundo. — Eu também estou grávida!

O queixo de Spencer caiu. Darren sorriu de alegria. O Sr. Pennythistle aplaudiu novamente. — Que ótimo!

— Há quanto tempo? — a Sra. Hastings gaguejou.

O olhar de Melissa caiu timidamente em sua cintura. — Nove semanas — ela disse. — Fizemos apenas um ultrassom, e tudo parece ótimo. — Ela pegou uma foto em preto-e-branco e passou ao redor. Amelia e o Sr. Pennythistle sorriram com satisfação.

Quando a foto chegou até Spencer, ela se concentrou com força tentando discernir onde a cabeça e os pés da pequena partícula

poderia estar. Ela também sentiu uma onda de amor por sua irmã. Talvez por *isso*, Melissa não quisesse se envolver tanto com as coisas de Ali — falando para a imprensa que ela estava viva e *etc.* Talvez ela quisesse proteger seu futuro filho da ira de Ali.

— Bem, então, o casamento tem que acontecer rapidamente — a senhora Hastings disse empertigadamente, cruzando as mãos. Ficou muito claro que o bebê tinha sido uma surpresa para ela, também. — Ainda bem que eu dei a Darren um dos meus anéis para o noivado.

Com isso, Melissa tirou o anel da caixa. O enorme anel de corte quadrado com diamantes brilhou magicamente ao redor da sala, jogando formas prismáticas nas paredes. Spencer quase desatou de rir novamente. — Esse foi o seu anel de noivado com o papai, não foi? — ela perguntou à mãe.

— Sim — disse a senhora Hastings com um tom defensivo em sua voz. — Seu pai é um idiota, mas ele tem um gosto requintado para joias.

Melissa inclinou a mão de um lado para o outro. — É muito gentil de sua parte, vamos ficar com ele, mamãe.

A Sra. Hastings analisou o anel no dedo dela. — Oh, vocês que irão herdar as coisas do pai de vocês. Isso não significa mais nada para mim. — Então ela olhou fixamente para Spencer. — Bem, você não vai herdar nada. Você vai estar na cadeia, isso será inútil para você lá. Amelia vai ficar com a sua parte.

A boca de Spencer se abriu. Era como se sua mãe tivesse acabado de chutá-la no estômago. Ela sempre soube que sua mãe poderia ser indelicada, mas *qual é*.

Houve uma pausa constrangedora; ficou claro que ninguém sabia o que dizer.

Então Melissa tocou a mão de Spencer. — Como você se sente em saber que vai ser tia?

Spencer tentou sorrir. — Ótima. Estou tão animada por você. E eu vou tentar ser a melhor tia do mundo.

— Na verdade, eu queria que você fosse mais do que uma tia — Melissa disse com cautela, torcendo o novo anel em torno de seu dedo. — Talvez madrinha, também?

— Eu? — Spencer tocou o peito. — Você tem certeza? — Ela poderia muito bem ser uma madrinha na cadeia, afinal.

— Claro. — Melissa apertou a coxa de Spencer. — Eu quero você na vida do nosso bebê, Spence. Você é a pessoa mais forte que eu conheço, especialmente tendo em conta tudo o que você passou. — Ela olhou para a sua mãe, que tinha pulado de seu assento e foi correndo para a cozinha. — Não preste atenção na mamãe, ok? — ela sussurrou. — Eu vou lhe dar metade das joias que eu herdar. Mas só as feias. — Ela cutucou-a de brincadeira.

Spencer enxugou uma lágrima, admirada com a bondade de sua irmã. — Obrigada — ela conseguiu dizer. — Eu vou pegar as mais feias que você conseguir.

Melissa enxugou a boca com um guardanapo. — Eu soube que você voltou a manter contato com Wren.

Mesmo que Spencer tenha sido avisada, ela ainda sentiu seu rosto ficar vermelho. — É só porque ele é meu médico — ela disse rapidamente. — Nós não estamos, tipo, você sabe.

— Mesmo se vocês estivessem, estaria tudo bem.

Spencer olhou para ela, surpresa. — Sério?

Melissa assentiu. — Wren costumava falar de você o tempo todo. E o que aconteceu.. bem, eu não posso dizer que eu planejei, sabe? — Ela olhou para a imagem de ultrassom ao lado de seu prato. — Eu só quero que você seja tão feliz quanto eu.

— Obrigada — Spencer falou.

Quando ela disse isso, ela percebeu que estava meio feliz. Não com a situação que ela estava, obviamente, mas neste momento. Ela pensou em um bebê vindo em suas vidas e quanta alegria ele traria. Ela pensou no quão agradável era ter uma relação preciosa e real com Melissa. E então ela pensou em Wren. Se inclinando em sua direção. Beijando-a levemente. Aquele olhar de contentamento em seu rosto depois quando ele olhou para as árvores.

Ela pegou o celular dela, de repente carregada de um propósito. A mensagem de Wren do dia passado ainda estava em sua caixa de entrada; ela apertou um botão e escreveu uma resposta. *Obrigada por ter aparecido hoje*, ela digitou rapidamente.

Espero que eu possa te ver novamente.

Ela esperava que ele esperasse isso, também.

16

CONDENADA

Na quinta-feira, Hanna tinha começado a notar que o juiz que presidia o julgamento, o Excelentíssimo Senhor Juiz Pierrot, secretamente enfiava o dedo no nariz quando achava que ninguém estava olhando. E que o oficial de justiça jogava Candy Crush durante os intervalos, e que a Jurada nº 4, uma mulher mais velha que usava óculos de armação escura e quadrada parecia totalmente alheia aos eventos — provavelmente por isso que eles tinham escolhido ela — ela batia os dedos sobre a mesa ao ritmo de “Ding, Dong! A Bruxa está Morta”. Hanna começou a fazer um pequeno jogo supersticioso de tudo isso: Se o juiz Pierrot enfiasse o dedo no nariz cinco vezes antes do almoço, ela conseguia dez pontos. Se a Jurada nº 10 girasse no dedo seu anel de noivado dez vezes no dia, ela ganhava vinte. Era mais fácil focar nessas coisas do que no que realmente estava acontecendo durante o julgamento.

O depoimento desta manhã foi todo sobre várias testemunhas que tinham visto Hanna e as outras rondando por Ashland antes da suposta morte de Ali.

Aparentemente, elas tinham sido muito menos sorradeiras do que elas pensavam, porque a promotoria tinha encontrado *sete pessoas* para depor. A maioria delas era apenas cidadãos aleatórios que não tinham muito o que dizer, mas a última mulher, que usava um terno e saltos azul-marinho, era alguém que Hanna lembrava. Foi a

senhora que Emily tinha abordado perto da propriedade dos Maxwells. Emily tinha estado tão agitada, na verdade, que elas tiveram que praticamente puxá-la para longe da mulher para acalmá-la.

E foi, é claro, o que a mulher lhes disse. — A menina que infelizmente tirou a vida dela parecia muito perturbada — ela disse em uma voz dramática. — Eu realmente temi por minha segurança.

Hanna torceu o nariz. Não tinha sido tão ruim assim.

O promotor chamou outra testemunha, uma mulher bem vestida com batom vermelho vivo. Quando ela disse o nome dela para a corte, ela disse em uma voz clara. — Sharon Ridge.

Hanna engasgou. Era a mulher que tinha organizado o Rosewood Rallis — a festa no Country Clube de Rosewood. O que ela estava fazendo lá em cima, testemunhando contra elas?

— Nos conte sobre o evento Rosewood Ralis — o promotor disse.

Sharon Ridge encolheu seus ombros, em seguida, descreveu o evento como uma festa de gala no country clube para apoiar os jovens desfavorecidos na área de Rosewood. — Foi uma noite muito especial — ela disse. — Um monte de pessoas da comunidade apareceu, e nós arrecadamos muito dinheiro.

— E você consegue distinguir os convidados, correto? — o promotor perguntou.

Ridge olhou para o tribunal. — Sim, a Srta. Marin. — Ela apontou para Hanna.

— E a Srta. Hastings. Assim como a Srta. Fields e Srta. Montgomery, que não estão aqui. — E essas meninas pareciam gratas por estarem lá?

Ela ajustou o colarinho. — Bem, não exatamente. Elas pareciam muito distraídas durante toda a noite. Eu queria apresentá-las as pessoas, mas todas apenas olhavam através de mim. E nós queríamos fazer uma pequena cerimônia para as meninas — elas haviam passado por tanta coisa, ou assim pensávamos. Mas quando nós as chamamos para o palco, elas não estavam lá.

— Nenhuma?

A mulher balançou a cabeça. — As câmeras na entrada principal mostram que elas deixaram as instalações em torno das 21:00h.

— E quando você diz que as meninas estavam distraídas, o que você quis dizer?

Ridge empurrou um cabelo esvoaçante de seu rosto. — Bem, eu notei que Aria Montgomery fugiu para o banheiro. Emily Fields estava claramente perturbada, assim como Hanna Marin. E Spencer Hastings, bem. . — ela parou, parecendo desconfortável.

— O quê? — o promotor instigou.

— Eu não tenho certeza se isso tem alguma coisa a ver, mas algumas pessoas disseram que a senhorita Hastings teve uma briga com o garoto que ela levou.

Ouviram o nome Alison ser mencionado.

O promotor colocou as mãos nos quadris. — Você sabe o nome do garoto, correto?

Ela assentiu com a cabeça. — É Greg Messner.

Ele olhou para o júri. — Eu preciso mencionar que Greg Messner acabou morto mais tarde naquela noite. — Todo mundo engasgou. — Ele foi encontrado em um riacho em Ashland, na Pensilvânia. E

sabe quem mais estava em Ashland, na mesma noite? Spencer Hastings. E suas três amigas.

Rubens interrompeu. — Isso não é um julgamento pela morte do Sr. Messner.

E a senhorita Hastings não teve nada a ver com isso.

— Argumento aceito — o juiz disse.

Spencer cutucou Rubens quando ele se sentou. — Greg era um Ali Cat — ela sussurrou. — Ele me encontrou através do meu site anti-bullying. Ele trabalhava com Ali — ela tinha dado a ele instruções de chegar até mim e conseguir informações. Você não pode dizer isso para eles?

— Você tem que dizer isso a eles — Hanna interrompeu, apenas tentando ser útil. Mas Spencer apenas atirou um olhar de eu-não-preciso-da-sua-ajuda. Hanna encolheu de volta no seu assento. Chega de ser civilizada.

Rubens olhou para as meninas, preocupado. — Vamos apenas deixar para lá, ok? Vamos nos concentrar em nossas próprias testemunhas. Vai começar esta tarde.

Hanna colocou o lábio inferior em sua boca. Parecia que cada pista que elas perseguiam levava a um beco sem saída. E suas testemunhas realmente salvariam o dia?

Ela passou as mãos pelo rosto com seu coração batendo forte. Parecia que ela estava presa dentro de um vestido que era dez vezes menor do que o seu tamanho.

Ela não conseguia mover seus braços ou seu torso. Ela mal conseguia respirar.

Depois dos processos desse dia, de alguma forma ela chegou ao corredor, onde ela poderia recompor seus pensamentos. Ela olhou para o celular pela primeira vez em horas. Tinha quarenta e duas novas mensagens, e elas eram todas relacionadas ao convite para o casamento dela.

O casamento dela. Bem, pelo menos era algo bom.

Ela deslizou através de cada pessoa que respondeu *sim*, surpresa que tantas pessoas fossem. Ramona tinha enviado que o grupo de hip-hop/dança de rua que Hanna queria que se apresentasse durante o coquetel de recepção tinha dito sim. Ela também mencionou que como muitas celebridades iriam aparecer — não apenas algumas do elenco de *Burn It Down*, alguns repórteres locais e jovens socialites também — ela estava pensando em ter uma espécie de tapete vermelho antes da recepção. *A Us Weekly pareceu realmente gostar da ideia.*

Us Weekly? Apesar da palhaçada no tribunal, Hanna sentiu uma pequena vibração de ânimo. Ela sabia que este casamento ia ser importante — tudo o que cercava a vida delas era importante nesses dias. O julgamento era relatado obsessivamente na maioria dos canais de notícias a cada noite, havia constantes atualizações sobre o paradeiro de Aria na Europa — o mais recente era de que ela estava escondida em algum lugar na Suécia — e algumas pessoas lhe enviara menções sobre seu casamento em tabloides no Instagram por todo o planeta. Mas a *Us* era legítima e não parecia que eles iriam cobrir o casamento apenas para serem sarcásticos.

Ela discou o número de Ramona e pressionou seu celular no ouvido.
— É

Hanna. Tapete vermelho é uma ótima ideia. Eu acho que vai ser muito divertido.

— Perfeito — Ramona gritou. — Vai dar tudo certo, Hanna. Eu acho que vai ser fantástico.

— Eu também — Hanna disse, aumentando a voz. — Sabe de uma coisa?

Vamos ter fogos de artifício na recepção, também.

— Fogos de artifício? — Ramona parou para pensar nisso. — Tem algumas pessoas que eu posso ligar.

Hanna desligou seu celular e colocou de volta no bolso, sentindo-se bem sobre a sua mais recente escolha. Fogos de artifício pareciam totalmente apropriados para sua recepção de casamento. Provavelmente seria o último momento de felicidade dela — e ela podia muito bem festejá-lo decentemente.

17

INTRIGA INTERNACIONAL

— Eu acho que nunca vou me acostumar com o euro como moeda — disse Noel na quinta-feira à tarde quando ele folheou uma pilha de cédulas na sala do albergue barato que ele tinha alugado. — Quero dizer, olhe para isto. — Ele levantou uma nota de dez euros. — Parece com o dinheiro do *Monopoly*.

Aria arrancou de sua mão. — Tenha cuidado com isso. Por aqui, o dinheiro do *Monopoly* é a liberdade.

— Estou feliz que estamos livres juntos — disse Noel, puxando Aria para a pequena cama com colchão duro do albergue.

Aria apreciou isso por um momento, mas depois ela se afastou. Ela ainda se sentia muito, muito nervosa por Noel estar aqui. Especialmente depois de alguns dos, hã, erros que ela tinha cometido.

Quando ela se virou para encará-lo ontem, ela pensou que tinha inalado os vapores de maconha abandonados perto de um bar nas proximidades. — O que você está *fazendo* aqui? — ela perguntou freneticamente.

Noel tinha encolhido os ombros. — Pela maneira como você disse adeus, e então quando recebi telefonemas da sua mãe mais tarde naquela noite perguntando onde você estava, eu comecei a juntar as coisas. Eu sabia que você tinha fugido. E eu sabia que tinha que te encontrar. Você tinha mencionado Amsterdã há poucos dias, lembra?

E a Casa de Anne Frank, especificamente. Eu só não sabia que eu ia encontrá-la tão rapidamente.

Aria tinha olhado em torno dele ansiosamente, ainda preocupada que alguém a encontrasse. — Noel, você tem que ir. Você não pode ser visto comigo. As pessoas não estão procurando você?

— Meus pais acham que eu fui para a casa deles em Vail. Eu comprei uma passagem de avião em meu nome para lá, e eu mesmo registrei o voo, mas eu simplesmente não embarquei. Eu escapei de volta para a ponte de embarque, corri para o terminal internacional, e peguei um voo para Amsterdã ao invés.

Aria tinha começado a se sentir suada. — Você não entende? — ela sussurrou.

— Eu sou uma criminosa internacional! Você precisa ficar longe de mim! Os policiais estão na minha cola! — As pessoas corriam passando por eles. Parecia que todo mundo estava olhando para ela, ouvindo cada palavra.

Noel tinha acabado de tomar o braço de Aria e caminhado com ela para dentro do canal. — Você só esteve aqui por um dia. Você não fez nada para atrair a atenção, certo? Usou algum cartão de crédito, mostrou a sua identidade?

O lábio inferior de Aria tinha tremido. Ela tinha feito justamente essas coisas.

— Talvez — ela mentiu. — Mas há alertas sobre mim. A Interpol está procurando em todos os lugares. Em qualquer lugar que eu vá, alguém vai me reconhecer. — Ela fechou os olhos. — Talvez eu deva me entregar.

— Bobagem. — Noel agarrou a mão dela. — Eu vou mantê-la segura.

A primeira coisa que fizeram foi encontrar um cara que fez passaportes falsos, que conseguiu dois documentos americanos para Aria e Noel, apenas olhando para eles e não perguntando se eles aprovavam seus nomes falsos — Elizabeth Rogers para Aria e Ronald Nestor para Noel. Aria gostou do seu nome falso. Elizabeth Rogers parecia com uma menina que escrevia para o jornal da escola, mantinha seu quarto muito limpo e era tímida demais para ter um namorado. Uma garota que nunca, nunca iria ser julgada por assassinato.

A presença constante e calmante de Noel deixou-a à vontade — talvez ela realmente estivesse segura com ele. Sabendo que Amsterdã era muito perigoso, eles embarcaram em um trem com seus passaportes falsos e foram para Bruxelas, na Bélgica, se instalando em um pequeno albergue em uma rua tranquila. Noel a tinha levado em um passeio ao luar ao longo de uma passarela que dava para a cidade.

Apesar dos protestos de Aria de que alguém poderia reconhecê-la, Noel a tinha persuadido para ir a um pequeno restaurante que servia batatas-fritas belgas com maionese, seu favorito. Eles retornaram ao seu quarto do albergue se sentindo quase tímidos quando eles caíram na cama juntos. — Vamos para o Japão — Aria tinha falado enquanto ela estava deitada com a cabeça sobre o travesseiro. Parecia tão estranho, tão exótico, tão completamente diferente de qualquer coisa que tenha a ver com sua antiga vida — *ou* com Ali. — Nós vamos ensinar Inglês. E comer sushi.

Andar de bicicleta, aprender japonês.

— Nós vamos ter que pegar um guia — disse Noel. — Veja onde vamos querer viver.

Aria pensou sobre isso. — Em uma cidade com praia, talvez? Ou perto de uma montanha?

— Ooh, queria saber se o Japão é bom para esqui. — Noel parecia animado.

— Eu nunca fui, mas Eric foi.

Um olhar melancólico atravessou seu rosto. Aria olhou para seu colo. É claro que ele gostaria de ligar para seu irmão e perguntar. Mas ele não podia.

Então Noel tomou-a em seus braços. — Tudo isso soa perfeito, Liz.

— Eu prefiro *Elizabeth* — Aria brincou. — Mas obrigada, Ronald.

— É Ron para você. — Noel riu levemente.

E agora eles estavam se arrumando para sair mais uma vez. Aria tinha olhado os voos para Tóquio e descobriu que eles eram mais baratos a partir de Londres, então eles estavam pensando em tomar o ônibus através do Eurotúnel para lá. Eles iriam embarcar em um avião para Tóquio no dia seguinte.

Depois que eles tinham feito as malhas, desceram as escadas raquíticas e atravessaram o lobby. De mãos dadas, eles subiram para um bonde elétrico que iria levá-los para a estação de trem do subúrbio. A maioria das pessoas no bonde ou eram muito velhas ou pareciam estudantes. — Está vendo? — Noel sussurrou, apertando-lhe a mão. — Ninguém está olhando para você estranhamente. — Noel a animou e começou a abrir sua mochila. — Eu esqueci. — Ele tirou uma sacola plástica e entregou a ela. — Eu comprei uma coisa para você ontem.

Aria enfiou a mão na sacola. Dentro havia uma peruca loira e longa. Ela tocou alguns fios. Eles pareciam com cabelo de verdade. — Uau.

— Eu comprei enquanto você estava provando aquele vestido na loja ontem à noite — Noel explicou, mencionando uma boutique que eles foram durante seu tour em Bruxelas. — Apenas no caso de você se

sentir.. preocupada que alguém reconheça você. Eu pensei que seria um belo disfarce.

— É linda. — Aria desejava que ela pudesse colocá-la neste momento, embora ela soubesse que poderia atrair suspeitas.

O olhar de Noel caiu para a sacola. — Há algo mais aí, também.

Ela vasculhou em torno na parte inferior, em seguida tirou uma pequena pulseira de ouro parecendo vintage com pedras roxas minúsculas. — Noel — ela arfou. O nome *Cartier* estava inscrito no interior.

— Eu ia dar isso para você na noite do baile — disse Noel suavemente. — Mas, então, tudo.. bem, você sabe.

Aria pensou em como ela surtou com Noel no cemitério no baile — embora ela tenha tido uma boa razão. Ela tinha acabado de descobrir todas aquelas coisas sobre sua amizade secreta com Ali. Na manhã seguinte, foi quando eles encontraram Noel no galpão de armazenamento. Nick e Ali tinham espancado ele, provavelmente porque ele tinha falado demais.

— Foi da minha avó — explicou Noel. — Ela me deu antes de morrer e disse que eu deveria dar a alguém muito especial. — Sua voz falhou um pouco. — Foi a última coisa que eu peguei antes de vir encontrá-la. Minha avó era muito importante para mim, e você também.

Aria colocou a pulseira e levantou seu pulso, seu coração cheio de amor. — Obrigada.

O bonde parou fora da estação de trem e, juntos, eles caminharam pelo prédio ecoando para encontrar o seu trem. Eles pegaram seus novos passaportes, e a mulher por trás do vidro assentiu sonolenta. Eles embarcaram no trem rapidamente, arrastados para as multidões, tagarelice e movimento. Depois de dez minutos, um apito

soou, e o trem saiu da estação. Aria olhou para fora das janelas, seu estômago pulando com entusiasmo, sua nova pulseira cercando seu pulso.

Noel colocou a cabeça para trás no assento. Aria olhou fixamente em torno da cabine, em seguida, arrancou uma revista da bolsa de malha na frente dela. Ela teve um pressentimento espinhoso e súbito, e como previsto, quando ela virou para uma das primeiras páginas, seu próprio rosto olhou para ela. Era uma imagem desfocada dela no aeroporto da Filadélfia, ainda vestida com seu vestido preto do enterro de Emily. *Aria Montgomery em Fuga*, dizia.

Este artigo não dizia muito mais do que o que Aria tinha lido em Amsterdã, embora este tinha entrevistado várias pessoas que se diziam “amigas mais próximas de Aria”. Uma delas, ridicularmente, era Klaudia Huusko, a estudante de intercâmbio que vivia com os Kahn. — Aria me empurrou de um teleférico — eles citaram que Klaudia havia dito — era igual ao papel idiota em que ela fingia que não sabia falar Inglês direito. — Ela também me espionava. Ela é uma menina muito dissimulada.

Espero que ela não esteja na Finlândia, ela pode machucar a minha família.

Outro era de Ezra Fitz. Aria quase largou o papel quando leu o seu nome. Ele incluía uma foto, também — Ezra parecia meio inchado, e ele estava usando um par de óculos que não fazia jus à armação preta. — Aria sempre falou de seu amor pela Europa, então eu não tenho dúvidas de que ela esteja lá — disse ele. Em seguida, havia uma parte falando que o livro de Ezra, *Encontre-me Depois da Aula*, iria lançar em outubro. *Maldita publicidade*.

Aria olhou para cima. Alguém estava olhando, ela podia sentir isso. Ela olhou ao redor, então avistou um homem em pé na parte de trás do vagão. Ele usava um casaco e tinha as mãos enfiadas nos bolsos. Mesmo quando ela encontrou seu olhar, ele não olhou para baixo.

Aria fingiu ocupar-se com os botões do casaco. Quando ela espiou para ele de novo, ele ainda estava olhando. Sua respiração acelerou. O homem parecia mais velho, profissional. Ele pegou o telefone e começou a dizer algo inaudível para o receptor. De vez em quando, ele olhava para ela de novo, a sua expressão mais e mais punitiva.

Suor apareceu na sua testa. Lentamente, casualmente, ela bateu no ombro de Noel. — Hum, eu acho que nós precisamos sair desse trem.

Noel parecia confuso. — Hã? Por quê?

Aria pôs o dedo nos lábios. — Apenas siga-me para o próximo vagão em alguns minutos, ok?

Ela se levantou, jogando a bolsa por cima do ombro. Ela podia sentir os olhos do homem sobre ela quando ela empurrou a porta para o próximo vagão. A porta bateu e ela cambaleou pelo corredor. Engolindo em seco, ela entrou no banheiro e trancou a porta.

Ela olhou-se no espelho, em seguida, colocou a peruca loira na cabeça.

Imediatamente, ela se transformou em outra pessoa, mas era o suficiente? Ela se atrapalhou com seus óculos de sol em sua bolsa, em seguida, colocou um chapéu, também.

Noel estava esperando por ela quando ela saiu da porta do banheiro. Aria poderia dizer que ele queria fazer perguntas, mas ela não disse uma palavra, em vez disso olhou em volta procurando o cara. Ele estava no vagão ao lado, ainda no telefone. Será que ele logo perceberia que ela não ia voltar?

Felizmente, o trem parou em uma estação. Uma voz entrecortada gritou o nome da estação em holandês, francês e alemão, e Aria agarrou a mão de Noel e puxou-o para a plataforma. Ela correu todo

o caminho até as escadas, em seguida, olhou por cima do ombro. O homem não estava seguindo-os.

— *Agora* você pode me dizer o que está acontecendo? — Noel gritou quando eles desceram os degraus.

— Eu senti como se alguém estivesse me observando — Aria disse baixinho.

— Você viu ele? Aquele cara no final do vagão?

A boca de Noel contraiu. — Esse cara veio até mim e perguntou se eu tinha um fósforo para o cigarro. E-ele ouviu meu sotaque, perguntou de onde eu era.

Aria ficou boquiaberta. — E o que foi que você disse?

A garganta de Noel balançou. Ele olhou para o trem novamente. — Eu disse dos EUA. É isso. Então eu fiquei longe dele. Me desculpa. — Ele balançou a cabeça.

— Aria. Provavelmente não foi nada. Você está sendo paranoica.

Aria sentiu um puxão inquieto em seu estômago. — Eu meio que tenho uma razão de estar.

Noel assentiu. Em seguida, um sorriso curiosamente animado dançou em seus lábios, e ele tocou em um fio da sua peruca. — Você fica sexy como uma criminosa internacional.

— *Pare*. — Aria deu um tapa de brincadeira. Mas ela apreciava a tentativa de Noel de trazer alegria ao momento. Talvez o homem não estivesse atrás dela. E

agora, no redemoinho de pessoas, ela sentia-se anônima mais uma vez. Isso *era* meio sexy — ela sentia-se como um personagem do *Assassinato no Expresso do Oriente*. E, de repente, ela se sentiu tão

abalada que ela pegou a mão de Noel e puxou-o sob a escada. Ela o beijou como se fosse o seu último dia na terra.

Ou como se fosse o seu último dia de liberdade.

18

A JOIA DA COROA

Mais tarde, na quinta-feira, depois de Spencer ter sofrido com mais um dia longo e terrível no tribunal, Rubens fez sinal para ela e Hanna falarem com ele no corredor. Spencer manteve a cabeça baixa, evitando os jornalistas que estavam clamando logo após as portas da sala do tribunal. Várias das testemunhas delas também estavam lá. Como Andrew Campbell, que Spencer não tinha visto há meses, mas que tinha dado um depoimento doce dizendo que ela era uma boa pessoa.

Kirsten Cullen também esteve lá, assim como alguns dos professores de Spencer, e até um representante da comissão de redação da Orquídea Dourada. Spencer tinha plagiado a redação de sua irmã, mas ela tinha tido muita coragem e caráter para dizer que ela tinha mentido. Esse não era, o representante havia dito, o comportamento de uma assassina.

Spencer viu todos eles lá, e ela queria ter tido tempo para agradecer a cada um deles. Mas Rubens fez um gesto para ela e Hanna se aproximarem. Ela atirou-lhes sorrisos superficiais, em seguida, correu atrás dele.

Rubens levou-as para uma sala de conferências com uma longa mesa de madeira e uma enorme pintura a óleo de um homem de nariz arrebitado usando uma antiga peruca de George Washington. Ele sentou-se e cruzou as mãos, em seguida, deixou escapar um longo suspiro.

— Eu vou ser sincero com vocês. — Rubens olhou de um lado para o outro entre as duas. Spencer e Hanna estavam sentadas tão distantes quanto poderiam, não olhando uma para a outra. — Eu

ouvi rumores de que o promotor vai trazer uma testemunha surpresa. É incomum, já que eles já apresentaram todas as suas testemunhas, mas isso pode acontecer, se alguém só concordar de última hora. É

alguém que vai solucionar o caso.

Hanna torceu o nariz. — Quem será?

— A não ser que seja o fantasma de Ali vindo do além para dizer que nós a matamos — Spencer acrescentou secamente, brincando com um botão em seu blazer.

Rubens bateu sua caneta sobre a mesa. — Eu não tenho certeza de quem possa ser, mas parece que o promotor tem algo na manga, algo não muito bom. Eu estou querendo saber se não faz mais sentido para vocês se nós entrarmos em um acordo judicial.

Spencer se encolheu. — O quê?

O advogado não parecia estar brincando. — Fazemos um acordo. Vai significar uma multa muito alta. E ainda ter um bom tempo de prisão. Mas pode significar menos tempo de prisão.

Spencer olhou para ele. — Mas nós não cometemos o crime.

— Nós não deveríamos ir para a prisão de jeito algum — Hanna acrescentou.

Rubens esfregou as têmporas. — Eu entendo. Mas o que vocês estão procurando — absoluta exoneração — não vai acontecer. Eu só quero gerenciar as expectativas de vocês.

Spencer se recostou. — Você deveria provar ao júri que este crime não pode ser provado sem sombra de dúvida. Tudo o que os policiais têm é um dente e um pouco de sangue e nós em uma cena

de crime que não deveríamos estar. Emily surtando, várias coisas sobre o nosso passado — isso tudo não nos torna assassinas.

Por que vamos desistir?

Rubens deu de ombros. — É verdade que a falta do corpo de Alison é importante, e eu vou enfatizar isso nas minhas declarações finais. Eu não vou desistir, ok? Eu só estou dando isso como uma opção. — Então ele se levantou. — Pensem nisso, ok? Nós vamos ficar em recesso por mais algumas horas. Poderíamos terminar isso hoje.

E ir para a prisão imediatamente? Spencer pensou, seu estômago revirando.

Não, obrigada.

Rubens saiu para o corredor, deixando Spencer e Hanna sozinhas. Spencer olhou para sua antiga amiga, sentindo-se estranha. — Isso é uma droga — Hanna finalmente murmurou.

Spencer assentiu. Ela olhou para a pulseira de lacrosse no pulso de Hanna, querendo dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Se ela pudesse se aproximar e dar em Hanna um grande abraço e tudo fosse perdoado.

Então ela notou algo escondido na bolsa de Hanna. Parecia um convite. Spencer olhou mais fixamente, percebendo o próprio nome de Hanna, juntamente com o de Mike. *Hanna Marin e Michelangelo Montgomery convida você para seu casamento na mansão Chanticleer neste sábado, às oito horas da noite.*

Isso doeu, especialmente porque ela não tinha sido convidada.

Hanna percebeu Spencer olhando para os convites. Seu rosto empalideceu. — Oh, Spence. Tome. — Ela enfiou a mão na bolsa e entregou-lhe um convite.

Spencer olhou para ela. Sua cabeça levantou rapidamente. — Você não tem que me convidar apenas porque eu vi.

Os olhos de Hanna estavam arregalados. — Não, eu quero convidar você! — Ela riu nervosamente. — Spence, eu quero que sejamos amigas novamente. A briga foi estúpida. Nós precisamos superá-la, você não acha?

Spencer girou sua mandíbula. Ela queria acreditar em Hanna, mas algo sobre o que ela tinha dito não parecia certo. Ela não conseguia tirar a briga de sua mente.

Não se faça de coitadinha. Ninguém nunca tinha sido tão má com ela, nem mesmo Melissa.

Então ela percebeu qual era o problema. Hanna não tinha pedido desculpas por culpar Spencer pela morte de Emily. O que ela realmente queria era um pedido de desculpas. Não um convite de casamento.

Hanna olhou para ela com os olhos arregalados. Spencer endireitou a coluna e entregou o convite de volta. — Eu estou ocupada nessa noite — ela disse em uma voz abalada, em seguida, virou-se e saiu pela porta.

— Spencer! — Hanna disse, seguindo-a. Spencer continuou andando, ultrapassando Hanna.

Spencer atravessou a entrada de trás, suas emoções misturadas tanto com o convite de Hanna quanto pela sugestão de acordo de Rubens. Elas deveriam fazer isso? Isso poria fim ao julgamento e à perseguição. Mas fazer um acordo significava que elas eram culpadas de alguma coisa — e elas não eram. Spencer não queria ir para a prisão por menos tempo; ela não queria ir de jeito algum.

Ela fechou os olhos e pensou novamente em Angela nomeando o preço exorbitante para ajudar Spencer a desaparecer. Ela procurou

pelo cérebro, mas não pensou em nenhuma outra forma de conseguir o dinheiro. A perspectiva era tão boa quanto a morte.

— Spencer.

Ela se virou. Melissa estava atrás dela descendo a rampa do tribunal. O queixo de Spencer caiu. — Você estava lá?

Melissa assentiu. — Eu tinha que ver como as coisas estavam indo. — Ela abaixou os olhos, parecendo tão derrotada quanto Spencer se sentia. — Eu não sabia que era tão ruim, querida. Precisa de um abraço?

Lágrimas encheram os olhos de Spencer. Ela se encolheu em sua irmã, apertando-a com força. Então Melissa deu um tapinha no braço dela. — Vamos lá.

Eu vou te levar para casa. Eu cancelei o seu serviço de carro.

Spencer subiu na Mercedes de sua irmã e recostou-se contra os bancos de couro quentes. Enquanto elas manobravam através de Rosewood, Melissa tentou manter as coisas longe da mente de Spencer enquanto conversava sobre os artigos de bebê que ela estava planejando comprar. — É uma loucura todas as coisas que você precisa para uma pessoa tão pequena — ela disse. — Tantos cobertores e babadores, mamadeiras e brinquedos, e não sabemos se ele dorme com a gente ou em um berço...

Seu anel brilhava enquanto ela gesticulava com as mãos. Era incompatível ver Melissa usando o antigo anel da mãe delas; Spencer se perguntou o que o pai dela achava disso. As palavras desagradáveis da mãe dela flutuaram de volta para ela.

Vocês que irão herdar as coisas do pai de vocês. Bem, você não vai herdar nada. Você vai estar na cadeia, isso será inútil para você lá.

De repente, uma ideia a golpeou. Ela soltou um suspiro.

Melissa olhou para cima. — Você está bem?

Spencer colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e tentou sorrir. — Claro.

Mas o resto do caminho para casa, ela balançou a perna repetidamente.

Quando ela era pequena, ela costumava esgueirar-se no closet de sua mãe e olhar as joias dentro de sua caixinha de joias adornada de vermelho e preto. Às vezes, ela até as experimentava. Ainda estava lá? Quando tinha sido a última vez que a mãe dela tinha mexido lá?

Spencer realmente estava considerando pegar algumas das joias... para pagar a Angela?

Assim que sua irmã entrou na garagem, Spencer deu-lhe outro abraço agradecido, correu para dentro da casa e bateu a porta. Ela esperou até que Melissa saísse novamente, em seguida, correu para o andar de cima. Como de costume, a suíte do quarto de sua mãe cheirava a assinatura de sua mãe, o perfume Chanel N°

5, e parecia um quarto de hotel cinco estrelas impecável, os travesseiros e a colcha suavemente espalhados pela cama, e todas as roupas arrumadas. A faxineira deles até mesmo passava os lençóis da mãe de Spencer todas as manhãs antes de colocá-

los na cama.

Ela deu um passo em direção ao closet de sua mãe. As roupas da Sra. Hastings ficavam de um lado, os ternos do Sr. Pennythistle do outro, os sapatos deles ficavam em prateleiras na parte de trás. E então, em uma prateleira do meio, lá estava: a mesma caixinha preta e vermelha que ela lembrava.

As mãos trêmulas de Spencer tentaram abrir a tampa. Ela não se moveu. Ela segurou-a sob a luz, então avistou um pequeno teclado perto da dobradiça. É claro: Ela tinha um código.

Ela sentou-se, tentando lembrar qual era o código. O aniversário de Melissa, certo? Ela digitou 1123 de 23 de novembro, mas uma luz de vermelha apareceu.

Spencer fez uma careta. Por que a mãe dela tinha mudado?

Ela tentou 0408 do aniversário de Amelia, e, em seguida, o do Sr. Pennythistle, mas a luz vermelha apareceu novamente e novamente. Então, sentindo-se bastante desesperada, ela digitou o código do seu próprio aniversário. A luz brilhou verde, e a dobradiça destravou. Spencer apertou os lábios, culpa atravessando-a. Mas talvez o uso de sua mãe de seu aniversário fosse apenas casual, apenas outra combinação de números não significativos após muitas outras combinações de números não significativos que ela já tinha usado. Isso não queria dizer nada, não é?

Várias pulseiras de diamantes estavam cuidadosamente dispostas em uma caixa de veludo. Duas caixas da Cartier vermelhas estavam aninhadas junto com uma caixa da Tiffany e de uma joalheria da Filadélfia que o Sr. Hastings frequentava.

Spencer abriu a primeira caixa da Cartier e encontrou o enorme anel de esmeralda que seu pai tinha dado a sua mãe alguns natais atrás. A próxima caixa continha um par de brincos de diamantes que ele tinha dado a ela em um aniversário. Havia mais caixas de veludo em uma segunda prateleira com pulseiras, brincos de pedra e argolas de diamante, um anel de diamante em forma de pêra que parecia ser, pelo menos, de três quilates, e um broche de diamantes rosa que Spencer lembrou do seu pai dando a sua mãe no aniversário dela.

Spencer ouviu um som e olhou para cima. A mãe dela estava aqui? As mãos dela tremeram, e ela pegou algumas das caixas de veludo e enfiou-as no bolso. Ela escolheu o diamante rosa — a mãe dela

provavelmente não iria perceber que tinha desaparecido — algumas pulseiras, e um par de brincos de diamantes grandes que pareciam idênticos aos que já estavam nas orelhas da Sra. Hastings, então ajeitou tudo na caixa para parecer idêntico a como ela tinha achado, como se tivesse sido intocada.

Ela fechou a tampa, saiu do closet, e quando quase estava em seu próprio quarto alguém limpou a garganta atrás dela. Spencer se virou. Amelia estava no meio do corredor, olhando-a.

— O-oh! — Spencer estalou. — Eu não sabia que você estava em casa.

Amelia olhou para Spencer de cima a baixo, seus lábios pressionados firmemente juntos. Ela olhou para a porta do quarto aberta da Sra. Hastings e não disse nada.

O coração de Spencer acelerou. — Eu, hum, queria pegar o babyliiss da minha mãe — ela tagarelou. — O dela é muito melhor do que o meu. — Foi a primeira coisa que ela pensou.

Mas, então, o olhar de sua meia-irmã caiu nas mãos de Spencer. Ela não só estava com o babyliiss, mas também estava usando o anel de diamante em forma de pera que tirou da caixa de joias. O coração de Spencer acelerou. *Apenas saia daí*, uma voz em sua cabeça gritou. *Vá antes de piorar ainda mais as coisas.*

Ela passou por Amelia em direção ao seu próprio quarto, batendo a porta com força. Depois de um momento, ela ouviu Amelia fechar sua própria porta e a rádio clássica SiriusXM começar a tocar. A culpa começou a apertá-la como um laço.

Amelia ia dizer alguma coisa. Spencer deveria colocar tudo de volta?

Mas a única coisa que ela podia imaginar em sua mente eram as quatro paredes de uma cela de prisão. E as palavras do advogado: *Faz mais sentido vocês entrarem com um acordo judicial.* Esses

pareciam ser os dois únicos pensamentos válidos em seu cérebro, nublando todo o resto.

Ela fugiu para fora de seu quarto e entrou no escritório do Sr. Pennythistle. Ele tinha um telefone fixo separado do telefone da casa, o que ela sabia que estava sendo monitorado. Ela odiava usar este telefone no caso de os policiais também estarem monitorando, embora ela duvidasse que eles fossem tão detalhistas assim. E de qualquer forma, ela só falaria com Angela por alguns momentos, não teriam tempo suficiente para rastrear.

Angela atendeu no primeiro toque: — Quem é?

Por um momento, Spencer não conseguiu encontrar sua voz. — Sou eu, Spencer Hastings — ela finalmente conseguiu falar. — Eu só queria que você soubesse que eu tenho o dinheiro que você pediu para que eu pudesse.. você sabe.

Para que você possa me ajudar com o que eu preciso.

— Estou ouvindo — Angela disse ríspidamente. — Quando você pode conseguir esse dinheiro para mim?

— Bem, é em joias, e não em dinheiro — Spencer explicou. — Eu não posso ir até você porque eu tenho uma pulseira de rastreamento, mas eu estou com as joias, eu juro. Eu quero fazer isso o mais rápido possível — ela acrescentou. — Assim que você puder.

Houve uma pausa. Spencer olhou o relógio, lembrando-se de um antigo episódio de *24*, onde ela tinha apenas mais vinte segundos ou algo assim até que a chamada pudesse ser monitorada. — Tudo bem — a mulher do outro lado disse finalmente. — Envie-me uma foto das joias, para eu me certificar de que elas vão servir. E então eu quero que você esteja fora da sua casa na noite de sábado, às 10

horas. *Pontualmente.* Nós vamos fazer a transação e te ajudar a fugir no mesmo dia.

Se você chegar um minuto atrasada ou as joias forem uma merda, acaba o acordo.

Entendeu?

— Claro. — As mãos de Spencer estavam tremendo. — Mas você vai conseguir remover a minha tornozeleira quando me buscar?

Angela bufou. — Eu tenho formas de tirar essa coisa e enganar o sistema um pouco. Mas você está com os dias contados. Nós vamos ter que tirá-la de vista, e rápido.

— Obrigada — Spencer disse, sentindo uma dor perto dos olhos. — A gente se fala então.

Houve um clique, e Angela tinha desligado. Spencer olhou para seu reflexo no espelho do outro lado da sala. Seus bolsos estavam cheios com as joias. Ela fechou os olhos. Sábado à noite. Era daqui a dois dias. Ela podia aguentar até lá.

Ela tinha que aguentar.

19

CESSAR E DESISTIR

Aria pegou o saco de peças do *Scrabble* e deu-lhe uma agitação rápida. — Se eu pegar mais uma vogal, eu vou surtar.

Ela enfiou a mão no saco, selecionando uma peça, e virou-a em sua mão. Um *E*.

— Oh meu Deus — disse ela drasticamente, caindo para trás no colchão. — Eu estou condenada. E-I-E-I-O pode contar como uma palavra da música *Velho MacDonald*?

Noel deu um sorriso fraco. Quando ele reorganizou as peças em seu tabuleiro de *Scrabble*, seu olhar deslizou em direção à janela. O sol estava alto no céu. — Nós não podemos sair um pouco? — ele disse como um gemido.

A boca de Aria se contraiu. — Eu preferia não sair.

Noel se levantou de sua cama de hotel e caminhou para a cadeira no canto. O

quarto no pequeno subúrbio belga era muito pomposo e mais caro do que Aria teria preferido ficar, mas eles tinham saído do trem no meio do nada, e isso foi tudo o que eles puderam encontrar. No início, eles tentaram aproveitar isso: Aria se maravilhou com a biblioteca do hotel, alegando que iria mantê-los ocupados por dias. Quando ela descobriu o jogo de *Scrabble* escondido em uma das

prateleiras na sala, ela desafiou Noel para um torneio. Ela falou sobre a academia do hotel e disse que eles poderiam assistir a filmes. Ficar lá ia ser muito divertido!

Mas nenhuma das máquinas na academia funcionava. Os filmes para comprar eram todos em holandês ou alemão sem legendas. Parecia que tudo no menu do restaurante do hotel era servido com arenque, e Aria tinha certeza de que o jogo do Scrabble estava faltando a maioria das peças de consoantes.

Ela queria acreditar no que Noel continuava insistindo: O cara no trem não sabia quem ela era. Olha para todos os artigos, afinal de contas — eles diziam que ela estava na Suécia, ou na Espanha e um até mencionou no Marrocos!

Mas toda a noite passada, pensamentos paranoicos tinham aumentado em sua mente. A coisa mais segura a fazer era ficarem quietos no quarto, até que tudo se dissipasse. Ela tentou tornar tudo divertido e sexy, dando uma massagem em Noel, dançando para ele “Wrecking Ball” da Miley Cyrus no VH1, fantasiando sobre os muitos lugares que eles visitariam no Japão. Ela até o deixou ganhar no Scrabble.

Mas você só pode se divertir em um quarto de hotel de 30 metros quadrados durante pouco tempo. Era sexta-feira agora. Ela estava fugindo de coisas a fazer.

Ela pegou o controle remoto e ligou a TV, clicando na CNN International, em busca de notícias sobre o julgamento. Aria tinha certeza de que as declarações do encerramento eram hoje. E o que estava acontecendo com o casamento de Hanna e Mike? Noel tinha dito que ele tinha visto um noticiário sobre isso no aeroporto de Amsterdã. Se ela pudesse apenas olhar on-line, mas ela temia que alguém rastreasse sua busca. Até mesmo ligar a TV parecia criminal.

Noel pegou o controle remoto dela e mudou para outro canal que se parecia com a versão holandesa do *Food Network*. — Você está se

preocupando demais — disse ele. — Você tem que se acalmar. Temos os passaportes falsos. Temos tido cuidado. E, além disso, eu percorri todo o caminho até a Europa para encontrá-la. — Ele sacudiu suas pestanas. — No mínimo, você poderia me mostrar alguns dos pontos turísticos, sabia?

Aria engoliu em seco e olhou para fora da janela. Talvez Noel estivesse certo. E

era verdade, ele tinha vindo de tão longe. Isso não poderia ser exatamente divertido para ele. Talvez se ela colocasse a peruca loira e uns óculos escuros, ela ficaria bem.

— Ok — ela admitiu. — Vamos sair um pouco. Só que para nenhum lugar muito público, ok?

— Graças a Deus. — O rosto de Noel inundou de alívio. — Eu estava começando a enlouquecer aqui.

Estava frio lá fora, então eles colocaram moletons com capuz e cachecóis. A peruca loira fazia o couro cabeludo de Aria coçar, mas ela não se atreveu a sair sem ela. A caminhada até o elevador foi bem, principalmente porque não havia ninguém no corredor. Assim como o passeio através do lobby — a balconista estava olhando para algo na tela de seu computador, sem prestar atenção neles. Mas assim que eles chegaram na rua, a garganta de Aria começou a se fechar. Parecia que todos na calçada haviam congelado e estavam olhando para ela. O porteiro estava olhando para eles estranhamente? O que aquele cara está fazendo do outro lado da rua, apenas olhando para o seu celular?

— Eu vi um café bacana a poucos quarteirões de distância — disse Noel. — Quer ir para lá?

— Uh.. — Aria tocou os fios loiros de sua peruca. Ela não podia imaginar ir para algum lugar tão público. Mas talvez o café estivesse escuro dentro. Talvez eles possam ser escoltados para uma cabine

particular. Talvez ninguém no local tivesse visto o artigo no jornal com seu rosto nele. *Aja normalmente*, ela disse a si mesma.

Ela começou a descer a rua, sua mão segurando firmemente a de Noel. Na metade da quadra, ela notou um sedan preto estacionado do outro lado da rua. Suas janelas eram matizadas, mas ela podia notar que alguém estava lá dentro. Quando eles viraram à esquerda, os faróis do sedan ligaram, e o carro começou a rastejar lentamente atrás deles.

Ela cravou as unhas no braço de Noel. — Eu acho que o carro está nos seguindo.

— O quê? — Noel girou ao redor.

Aria cravou as unhas mais forte. — Não olhe.

Noel suspirou alto. — Ninguém está atrás de nós.

— Eu apenas sei. — Ela andou rápido, mas não muito rápido, fingindo ser apenas mais um pedestre indo jantar. — Por que não estão dirigindo mais depressa?

Noel torceu sua boca. — Porque esta é, tipo, uma zona de vinte e cinco quilômetros por hora?

Mas Aria estava com uma sensação horrível, um tanto mais premente do que a que ela sentiu no jornaleiro em Amsterdã. Este era o fim da estrada. Alguém a tinha reconhecido — talvez tivesse sido o homem no trem. Ele avisou as autoridades, eles colocaram um alerta, e alguém no hotel tinha feito a chamada. Aria e Noel tinham basicamente se entregado direto para os federais à espera. Ela poderia muito bem bater na janela e oferecer-lhe os pulsos para as algemas.

— O que você quer fazer? — perguntou Noel.

— Eu não sei — Aria disse por entre os dentes, desejando que houvesse um beco para se esconderem. O carro se esgueirou por trás deles, embora estivesse muito longe, como se o motorista estivesse tentando descobrir se era realmente eles.

Ou talvez ele estivesse ligando para pedir reforços. — Nós não podemos voltar para o hotel. Eles vão nos seguir.

— Aria, eles não estão nos seguindo — disse Noel. — Nós devemos continuar caminhando.

Aria olhou para Noel com medo enquanto eles passavam por uma padaria. — Nós não deveríamos ter saído do quarto. Eu não deveria ter cedido para você.

Ele apertou sua mandíbula. — Portanto, agora é tudo minha culpa?

Aria não disse nada.

— O que devemos fazer, nos esconder para sempre? — perguntou Noel.

— *Sim!* — Aria gritou, batendo os braços dos lados. — Nós deveríamos nos esconder pelo tempo que precisarmos!

Noel soltou uma risada estranha. Aria se virou e olhou para ele. — O que foi?

Ele se encolheu. — Porque esta não é *você*, Aria. E honestamente, eu pensei que isso iria ser meio.. divertido. Nada como. . *isso*.

Aria apertou sua mandíbula. — Bem, eu sinto muito se isso não é mais do que um período de férias para você. Mas eu não lhe pedi para vir, Noel. Eu teria ficado bem sozinha.

Noel olhou para ela. — Você não parecia muito bem quando eu encontrei você.

Você estava uma bagunça total.

— Me desculpe por ter lhe causado tanto estresse — Aria disse amargamente, ignorando seu comentário. Então, ela olhou para cima. — Sabe, se fosse *outra* pessoa aqui, *outra* pessoa que você estivesse protegendo, eu aposto que você não iria reclamar sobre isso ser divertido ou não.

Noel olhou para ela bruscamente. — *Outra* pessoa se refere a *quem*?

As palavras saíram da boca de Aria tão rapidamente que ela não tinha exatamente tido tempo para processá-las. — Esqueça isso — ela disse. — Eu só estou chateada.

Noel colocou as mãos nos quadris, parando ao lado de uma tinturaria. — Você está falando de Ali, não é?

Aria se virou. Ela odiava o quão bem Noel a conhecia. — Talvez — disse ela, sentindo algo dentro dela se romper. — Você teria feito qualquer coisa por ela, Noel.

— Não, não teria. — As narinas de Noel alargaram. — A única pessoa para a qual eu vou fazer de tudo é *você*. — Ele a olhou. — Porque você não pode acreditar nisso? Aria olhou para uma poça de óleo cintilante na rua. Será que ela nunca perdoaria Noel por causa de Ali? Ali nublava tudo na mente de Aria. Duas noites atrás, quando ele deu a ela essa pulseira, ela tinha tido um pensamento fugaz: *E se ele pensou em dar isso para Ali uma vez, também?* Até mesmo a peruca loira: Parecia, ela percebeu agora, como o *cabelo de Ali*.

— Ainda é tão difícil — ela disse em uma voz rouca. — E eu não posso evitar, mas acho que se você não tivesse confiado tanto nela, talvez não estaríamos aqui.

Noel recuou. — E isso significa o quê?

— Significa. . — Aria engoliu em seco. *Significa que você poderia ter avisado alguém. Significa que você poderia ter parado ela. Significa que Ali não teria saído do hospital, ela não teria matado todas aquelas pessoas, não teria vindo atrás de nós e eu não estaria nesta situação.*

Mas parecia demais dizer em voz alta. Era demais colocar a culpa nele. E ela sabia que não era certo — era tão errado, de fato, assim como Hanna culpando Spencer pela morte de Emily simplesmente por sugerir que elas ficassem na praia durante a noite. Havia uma série de fatores em jogo. Noel não puxou todas as cordas.

Ninguém o fez.

Noel estava olhando para ela agora, como se ele entendesse exatamente o que estava acontecendo em seu cérebro. Ele deu um grande passo para trás, com a boca escancarada. — Meu Deus, Aria — ele sussurrou. — A sua percepção é tão, *tão* deformada.

Ela levantou a mão. — Eu não..

— No fundo, você ainda me culpa. Você ainda me odeia. Eu arrisquei minha vida para vir para a Europa por você, e mesmo isso não é o suficiente.

— Noel — disse ela, dando um passo em direção a ele. — Isso não é. .

Mas Noel levantou um braço hostilmente e se virou, voltando para o hotel. — Me deixe em paz por um tempo, ok? Eu preciso pensar.

— Noel! — Aria gritou atrás dele. Mas Noel começou a correr, voltando para o carro que os seguia.

— Noel! — Aria chamou novamente. Ele pegou o ritmo. Seu cabelo caía para cima e para baixo. Ele correu para a rua, quase sendo

atropelado por um homem em uma moto. — Noel! — Aria gritou. — Apenas pare!

Justo então, todas as quatro portas do sedan se abriram. Quatro figuras de preto desceram sobre Noel de uma vez. Aria ouviu um grito, e então percebeu que estava vindo de sua própria garganta. Em segundos, os oficiais tinham Noel no chão.

O sol iluminou algo prata e brilhante, e, em seguida, Aria ouviu o estalo agudo de algemas se fechando em torno de seus pulsos. Ela bateu a mão sobre a boca.

Houve passos atrás dela, e ela se virou. Mais dois policiais correram para ela na direção oposta, gritando o que provavelmente era *pare* em holandês, alemão ou alguma linguagem que Aria não estava familiarizada. A palavra *interpol* estava estampada em suas jaquetas. Em um piscar de olhos, eles imobilizaram Aria. Ela se encolheu, tentando respirar. Eles colocaram algemas nela também. Era como aquele velho ditado que Aria tinha lido em *Ardil 22* para a aula de Inglês: *Só porque você está paranoica não significa que eles não estão atrás de você.*

Tudo acabou em questão de segundos, e os federais estavam carregando os dois em dois carros separados. Aria queria capturar os olhos de Noel — ela tinha estado certa o tempo todo. Mas, de repente, não parecia muito uma vitória. Ela teria preferido que ele estivesse certo.

Porque agora, eles estavam total e completamente arruinados.

20

DECLARAÇÕES FINAIS

Na sexta-feira à tarde, vestida com seu vestido preto mais caro e saltos mais altos, Hanna estava sentada no carro de sua mãe no caminho para o tribunal. Do lado de fora, ninguém saberia que ela estava indo para o final de um julgamento que provavelmente iria colocá-la na prisão para sempre. Ela parecia uma garota que estava conversando em seu celular, planejando algo importante. O que ela estava mesmo.

Suas funções eram garantir que os fornecedores chegassem exatamente às 13:00h, que o Rabino que sua mãe tinha insistido em chamar ainda iria e que a *Us Weekly* iria cobrir o tapete vermelho na recepção. Mas, naquele momento, ela estava falando com sua meia-irmã, Kate.

— Então, a arrumação dos lugares já está pronta? — ela disse ao telefone.

— Sim — respondeu Kate. — Você e Mike estão em uma mesa privada. Sua mãe e avó paterna não estão sentadas juntas como você pediu. E eu organizei o resto das mesas pelas preferências — você sabe, os vegetarianos todos juntos, as pessoas que acham que vão beber muito em um canto e eu misturei as garotas e os garotos, então vai ter possibilidades de casais para as danças. Oh, e eu me coloquei com os meninos do lacrosse, se estiver tudo bem.

— É claro que está tudo bem — Hanna disse, sentindo-se grata. Ela e Kate tiveram seus momentos, mas Hanna estava emocionada que Kate estivesse ajudando na preparação do casamento. Kate também tinha encarado o casamento com bons olhos — comprando cases de iPhone com as cores do casamento deles, verde menta e coral — e também fazendo uma montagem de vídeo com as fotos de Mike e Hanna para mostrar na hora do coquetel. — Foi uma grande ajuda — ela acrescentou. — Quer ser minha dama de honra?

Kate riu desconfortavelmente. — Oh, Hanna, não. Você deve dar essa honra a Spencer. — Ela tossiu. — Apesar de, hum, eu não vê-la na lista de convidados. Foi algum um erro?

Hanna brincava com a pulseira de lacrosse de Mike em seu pulso. *Não, é porque ela se recusou a ir.* Ela sabia o quanto tinha magoado Spencer quando ela viu o convite de casamento na bolsa de Hanna, e, sim, tinha sido uma decisão de última hora convidá-la. Mas Hanna realmente queria que ela fosse — por que Spencer não entendia isso? O que ela queria? Era como se houvesse um muro entre elas que estivesse crescendo a cada dia.

Em um universo paralelo, Aria, Emily e Spencer seriam suas damas de honra — e elas fariam um trabalho incrível. Spencer seria fantástica na organização do assento das mesas e em manter os fornecedores na linha. Aria faria prendas caseiras adoráveis para os convidados. Emily daria um discurso choroso e emocionado que tiraria aplausos de todos. Apesar de Hanna saber que isso não iria acontecer, ela tinha pedido três tiaras de lantejoulas para as meninas de qualquer maneira, como se elas realmente fossem suas damas de honra. Eles seriam o acessório perfeito para os vestidos de damas de honra da Vera Wang que Hanna tinha escolhido — embora não comprado, ela não era tão louca. E quando as tiaras tinham chegado naquela manhã, Hanna tinha sentido uma onda tão esmagadora de tristeza que ela teve que mergulhar o rosto em água fria. O pior era ver a tiara que ela tinha escolhido para Emily entre as outras. Ela

tinha uma borboleta de lantejoulas sobre ela, e era de um azul brilhante que teria combinado perfeitamente com a cor de Emily.

Hanna percebeu que não tinha respondido à pergunta de Kate, mas agora elas estavam parando no Palácio da Justiça, então ela apenas disse que tinha que ir e desligou. Depois de estacionar, Hanna e sua mãe tiveram que lutar através de um ataque de jornalistas, microfones e câmeras na entrada principal. Um homem chamou sua atenção quando ela empurrou as portas do tribunal. Hanna desviou o olhar rapidamente. Era o pai de Ali. Ele participou do processo religiosamente, sentado calmamente na parte de trás. Ela se perguntou se ele relatava sobre os procedimentos para a esposa todas as noites. Dizia a ela que o Estado iria com certeza ganhar este caso. Assegurava-lhe que a justiça seria feita. Ela lembrou-se, de repente, de algo que Emily havia dito em Cape May, quando ela descobriu que a Sra.

D não iria participar do julgamento — que uma mãe com certeza gostaria de estar lá, a menos que ela achasse que sua filha não estava morta. Mas por outro lado, talvez a Sra. D apenas as odiasse tanto quanto todos os outros da América — do mundo, na verdade.

Logo Hanna estava sentada em seu posto normal ao lado de Rubens, inalando sua enjoada colônia doce. Ele resmungou um oi para ela, e ela grunhiu de volta.

Hanna ainda estava chateada com ele por sugerir a ideia de barganha no dia anterior.

Mas por outro lado, talvez Rubens estivesse chateado com ela e Spencer por não fazer o que ele sugeriu.

Rubens virou-se para Hanna, Spencer e, em seguida, pegou o lugar do outro lado dela. — Eu tenho novidades. Primeiramente, eu acabei de saber que Aria Montgomery foi encontrada.

O coração de Hanna parou. — E-ela está bem?

— Onde ela estava? — Spencer perguntou.

— Nos arredores de Bruxelas. A polícia está trazendo-os de volta agora. Ela não vai poder comparecer ao resto do julgamento, exceto para a condenação do júri.

— Espere, você disse *e/les* — Hanna disse. — Alguém foi com Aria?

— O namorado dela, eu acho. — Rubens olhou para o celular. — Eles estão trazendo-o de volta, também.

Hanna colocou a mão sobre a boca. Noel tinha seguido Aria até a Europa? Ela jurava que Mike tinha dito a ela que ele tinha ido para a casa dos pais dele no Colorado. Ela se perguntou se Mike sabia disso, e se virou para olhar para o fundo da sala do tribunal para procurá-lo. Mas Mike não estava em seu assento habitual.

— Segunda coisa — Rubens disse. — A acusação irá de fato chamar uma testemunha surpresa.

— Ali? — Hanna deixou escapar antes que pudesse pensar.

Spencer bufou. Rubens balançou a cabeça. — Não, claro que não. Nick Maxwell.

Todo o som extinguiu. Hanna de repente ficou dormente. — O-o que isso significa?

Spencer parecia animada. — Isso pode ser bom. Nick odeia Ali. O que ele disse naquela reportagem provou isso. Ele poderia contestar as coisas do diário.

Rubens fez uma cara irritada. — Ele é testemunha de acusação, no entanto, o que significa que ele não vai dizer nada depreciativo sobre aquele diário. A promotoria provavelmente fez um acordo com ele para mudar seu depoimento.

Hanna engasgou. — Eles podem fazer isso?

— Isso não é justo! — Spencer disse ao mesmo tempo.

Rubens destampou sua água engarrafada e tomou um longo gole. — Eu nunca disse que a lei era justa. Mas não se preocupem. Eu tenho uma ideia.

Spencer torceu o nariz. — Você, uma ideia? — ela disse em voz baixa.

Hanna atirou-lhe um sorriso. Ela estava pensando a mesma coisa. Spencer olhou para ela por um momento, quase como se o gelo estivesse prestes a derreter, mas, em seguida, ela olhou para o lado.

O juiz Pierrot saiu da sala de audiência e sentou em seu banco. O júri se sentou também, e o oficial de justiça passou por seu discurso habitual de todo mundo prosperar e blá, blá, blá. Então Nicholas Maxwell foi chamado para depor como testemunha.

As portas traseiras se abriram, e dois guardas andaram com Nick, que ainda estava usando seu macacão laranja de prisão e correntes nos tornozelos e punhos, para a frente da sala. Sua cabeça estava abaixada, mas Hanna ainda viu um sorriso cúmplice na direção de Reginald. Ela apertou o punho. Eles *tinham* feito um trato. O

que Nick ia dizer?

— Sr. Maxwell — Reginald disse, parando perto da plataforma de testemunha assim que Nick fez o juramento. — De acordo com algumas fontes, você já fez algumas coisas terríveis. Estou certo?

Nick deu de ombros. — Acho que sim.

— Alison DiLaurentis escreveu que você a coagiu a assassinar um monte de gente. Que foi sua ideia matar a irmã dela, Courtney. Sua ideia matar Ian Thomas e Jenna Cavanaugh e atear fogo na

propriedade dos Hastings. Que você obrigou e manipulou-a e basicamente fez ela de refém. Isso é verdade?

Nick olhou para seus pés acorrentados. Um músculo em sua mandíbula se contraiu. — Sim — ele finalmente resmungou.

Hanna fechou os olhos. *Inacreditável*. Ela cutucou Rubens. — Não foi isso que ele disse na prisão um dia desses.

— Então, basicamente, você e Alison não tiveram um caso de amor, como a Srta. Hastings, Srta. Marin e as outras meninas alegaram — o promotor disse. — Você torturou-a. Mantendo-a viva e fazendo-a ajudá-lo.

Nick assentiu quase imperceptivelmente. Hanna apertou o pulso de Rubens, mas ele puxou-o para longe dela. *Isso. Não. Era. Justo*.

— O que ela escreveu no diário era tudo verdade?

— As coisas sobre mim sim — Nick murmurou.

— Mesmo que você disse à imprensa que não era?

Ele assentiu com a cabeça. — Eu só fiquei chateado. E me surpreendi que ela tenha exposto essas coisas. Isso é tudo.

— Então podemos supor que, talvez, todo o resto do diário seja verdade, também?

O olhar de Nick se afastou da sala de tribunal, e parou em Hanna. Ele riu.

Reginald passeou perto do júri. — E por isso, se Alison, digamos, implorou para a Srta. Hastings, Srta. Marin, Srta. Montgomery e Srta. Fields por misericórdia, dizendo que ela era inocente e que elas não deveriam machucá-la porque ela era um peão em seu jogo, isso não teria sido uma mentira, tampouco?

— Não — Nick demorou para responder. — Alison queria se reunir com elas.

Ela me pediu várias vezes para não machucá-las.

— Oh meu Deus — Spencer sibilou.

O promotor pareceu notar isso, mas, em seguida, virou-se para Nick. — O que você pode me dizer sobre essas quatro meninas? Você as conhece muito bem, como eu já ouvi dizer.

Rubens se levantou. — Objeção! — ele gritou. — Este homem é um assassino, e ele admitiu que é manipulador. Ele não pode servir como uma testemunha.

Mas o juiz pareceu intrigado. — Pode continuar, Sr. Reginald.

Todos os olhos se voltaram para Nick novamente. Ele deu de ombros e olhou para Hanna e Spencer. — Elas fazem o que querem — ele disse simplesmente. — Seja o que for para conseguir notas perfeitas. Seja colocar a culpa em alguém para que elas saiam impunes. Seja para encobrir seus segredos sujos. Tudo o que importa para elas é se protegerem — e se vingarem de Alison. Eu vi os rostos delas no dia em que eu as prendi no porão. Elas não estavam com raiva de mim — não muito. Elas estavam com raiva *dela*.

— E o que você acha que elas iriam querer fazer com ela, se encontrassem-na de novo?

Nick não levou um momento para refletir sobre a questão. — Matá-la. Sem dúvida.

Reginald se virou. — Não tenho mais perguntas.

Houve um murmúrio no meio da multidão. Hanna colocou as mãos sobre o rosto, muito humilhada até de olhar ao redor. Ela sentiu

Rubens se levantar de seu assento, mas só fez seu coração desacelerar mais ainda. O que diabos ele iria perguntar a Nick?

Rubens foi até o banco das testemunhas e olhou para Nick. — Então você está admitindo que Alison era sua escrava e não sua namorada.

Nick não fez contato visual. — Uhum.

— Você tem certeza disso?

Ele fez uma careta. — Eu acabei de dizer isso.

— Então, o que você disse a polícia logo no começo — que você e Alison trabalharam juntos, era uma mentira, não é?

— Uh, sim — Nick disse, revirando os olhos.

— E o que realmente aconteceu foi que você fez uma lavagem cerebral em Ali, certo? Forçando-a a ajudá-lo a matar a irmã dela? E quando ela saiu da Reserva novamente, você pegou-a e obrigou-a a torturar as meninas, ajudá-lo a matar Ian Thomas, etc?

Nick olhou para a cadeira do promotor, depois deu de ombros. Hanna mordeu o interior da bochecha, querendo saber onde Rubens estava querendo chegar.

Reginald já tinha feito essas perguntas.

— Então, você não ama Alison nem um pouco? — Rubens perguntou. — Você não fez tudo o que podia por ela? Tipo, contratar uma enfermeira particular para cuidar das queimaduras dela após o incêndio em Poconos, pagando por isso com seus próprios recursos pessoais?

Um pequeno músculo se contraiu pelo olhar de Nick.

— Eu sei como as vítimas de queimaduras parecem, e eu vi o vídeo de vigilância de Alison naquele minimercado — Rubens disse. —

Estava claro que ela tinha cicatrizes no rosto, mas parecia que tinham sido tratadas. Sabe como as queimaduras parecem quando elas não são devidamente cuidadas? Não são bonitas.

O promotor bateu na mesa. — O Sr. Maxwell contratou aquela enfermeira para manter Alison viva para que ela pudesse ajudá-lo. Não tinha nada a ver com amor.

— Isso poderia ser verdade. — Rubens pressionou um dedo em seu lábio, pensativo. — Mas então eu comecei a pensar sobre as fotos de Alison que a polícia encontrou no porão em Rosewood. — Ele andou até o monitor de TV e folheou os vários arquivos de evidências digitais, que incluía algumas fotos do santuário de Ali que Nick tinha criado. — A maioria dessas fotos é de Alison desde antes do incêndio em Poconos. — Ele apontou para a foto de Ali na conferência de imprensa que seus pais haviam realizado logo depois de ela ter sido solta da Reserva, em seguida, outra de Ali no baile do dia dos namorados na noite em que ela tentou matá-las. — E tem até mesmo algumas fotos de Courtney, de quando as meninas a conheciam. — Ele apontou para o lado direito da tela, onde havia fotos da sétima série de Courtney com Hanna e as outras. — Há também fotos de Alison antes de Courtney fazer a troca e antes das meninas fazerem amizade com ela. Mas então eu percebi essa aqui.

Ele apontou para uma foto no canto superior esquerdo de sua mão. Ela mostrava apenas os olhos sorridentes de Ali, o resto do seu rosto estava escondido por um cobertor. — A forma de sua testa estava um pouco diferente, e seu cabelo estava um pouco mais escuro. Eu pedi ao policial para procurar por alguma evidência pericial na impressão, e eles me disseram que foi feita por uma máquina em uma farmácia em algum momento do ano passado. — Ele olhou para Nick friamente. — Você usou uma foto atual de Ali, após o incêndio em Poconos. De quando ela estava com *você*.

Nick piscou. Mais uma vez, ele olhou para o promotor na audiência. — Pode ser.. — ele admitiu.

— Olhe para os olhos dela. — Rubens esticou os dedos para aumentar a imagem. — Como é que ela parece para você?

— Ela está. . Eu não sei. Sorrindo, eu acho — Nick admitiu.

— Sorrindo — Rubens olhou para a plateia. — Um sorriso verdadeiro, eu diria.

Um sorriso de amor, até mesmo. Um sorriso que dizia que sabia exatamente o que ela estava fazendo. Não, em outras palavras, a careta de uma menina que estava sendo atormentada.

— Objeção! — Reginald berrou. — Isso é conjectura!

Mas um sorriso começou a se esticar no rosto de Hanna. Ela não tinha notado a foto atual de Ali no santuário. Mas Rubens tinha um argumento — e um bom.

— E vamos falar sobre a carta que foi colocada sob a porta na casa de Poconos — Rubens continuou. — Você disse que você a escreveu, não é?

Nick assentiu. — Eu a escrevi como se fosse Alison, para as meninas.

— Enquanto Alison contestava o tempo todo, certo? Assim como ela diz em seu diário?

— Uhum. — Gotas de suor apareceram na testa de Nick. O coração de Hanna bateu mais rápido.

— Como vocês sabem, a polícia encontrou a carta fora da casa de Poconos, na noite do incêndio — Rubens disse. A carta tinha sido uma peça-chave de provas no julgamento de Nick. Rubens foi até o laptop, apertou um botão, e lá estava a carta, de repente, em uma grande tela de projeção. — Eu não vou pedir-lhe para ler a coisa toda, senhoras e senhores do júri, uma vez que todos vocês estão

familiarizados com ela, mas ela explica o que realmente aconteceu no dia que a irmã de Alison trocou de lugar com ela. Ela menciona coisas como o poço dos desejos que Courtney desenhou na bandeira da cápsula do tempo, e que Courtney roubou o anel de Alison com 'A-de-Alison'. Você escreveu essas coisas, não é mesmo, Sr. Maxwell?

Nick deu de ombros. — Isso está lá na tela.

— Eu só estou querendo saber como você sabia desses detalhes específicos — Rubens disse para Nick. — Alison lhe disse isso tudo de bom grado?

— Espere! — O promotor se levantou. Sua boca estava aberta. Ele não disse mais nada. Ele meio que parecia desconcertado.

Pela primeira vez desde o início do julgamento, Hanna olhou para Spencer e encontrou seu olhar. As sobrancelhas de Spencer levantaram. Foi como se um pequeno reflexo da luz solar tivesse entrado na sala de audiências. Nick passou a mão na testa. — Uh, não? — Ele parecia incerto, como se ele já não soubesse mais o roteiro que ele deveria seguir. — Eu-eu forcei-a para ela falar essas coisas?

— Ah. — Rubens colocou as mãos nos quadris. — Claro. Mas, Sr. Maxwell, se Alison realmente não era culpada desses assassinatos, se Alison estava procurando uma forma de provar para essas meninas que ela não era a inimiga, ela não teria que te dar alguns detalhes incorretos ao invés disso?

Nick piscou. — Hã? — ele disse em voz baixa.

Reginald levantou-se novamente de seu assento, mas ele não disse nada, apenas ficou olhando fixamente.

— Não era como se você fosse saber se os detalhes eram verdadeiros ou não — Rubens disse. — E se Alison fosse esperta — o que ela é — ela teria dado detalhes incorretos, de modo que

quando as meninas lessem a carta no quarto de Poconos, elas teriam pensado, *Ah. Essa não é Ali*. Elas teriam ficado com medo, é claro — elas se trancariam dentro da casa, um fósforo seria aceso — mas elas poderiam se perguntar o que realmente iria acontecer.

— Talvez Alison não fosse tão inteligente assim — Nick disse, mas ele não pareceu convincente.

Rubens deu de ombros. — É evidente que nenhum de vocês contou com as meninas sobrevivendo e explicando o que a carta dizia a todos. Mas elas sobreviveram, e parece-me que por Alison ter lhe dado tantos detalhes específicos e precisos, ela pode ser vista como uma co-conspiradora, e não como a sua prisioneira.

Agora, diga a verdade. Alison voluntariamente disse a você essas informações da carta. Mas ela fez isso porque queria que as meninas soubessem de tudo, da verdade terrível. Ela lhe pediu para escrevê-la, porém, para que as suas impressões ficassem sobre ela, se ela fosse encontrada. Aposto que ela o elogiou por sua escrita, não é?

Fez você pensar que era melhor você escrever essa carta, que você era melhor com as palavras.

Nick lambeu os lábios. — Como você sabe disso? — ele sussurrou.

— Objeção! — Reginald disse, se levantando. Mas, em seguida, ele apenas olhou para Nick, furioso.

— Eu vou mantê-lo por apenas mais um minuto — Rubens disse. — Minha última pergunta é sobre a visita da Srta. Marin, Srta. Hastings, e as outras a você na prisão na semana passada. — Ele sorriu. — Eu suponho que vocês tiveram uma boa conversa?

— Não é verdade — Nick falou com raiva.

— É engraçado, porém, que elas foram para Cape May, Nova Jersey, um dia após a visita. Também é engraçado que a sua avó, Betty

Maxwell, tem uma casa de férias lá.

— Muitas pessoas têm casas de veraneio em Cape May — o promotor gritou de seu assento.

— Isso é verdade. — Rubens olhou para Nick. — Muito, muito verdadeiro. Mas eu coloquei uns caras para fazer uma espionagem, e você sabe o que eles descobriram? Uma testemunha que pode testemunhar que a Srta. Hastings e as outras meninas foram naquela casa de praia naquele dia. — Ele foi até a tela e clicou em um novo arquivo. Apareceu uma foto de Hanna, Spencer, Emily e Aria na frente da casa de praia que elas tinham invadido, abraçadas. O coração de Hanna acelerou, ela esperava que isso não fosse metê-las em mais problemas ainda. Mas, pela expressão no rosto de Rubens, talvez não fosse aí que ele quisesse chegar.

— Isso não parece ser uma coincidência, não é? — ele disse. — E olha que estranho — quando eu questionei o guarda que escoltou você de volta para sua cela depois que você falou com as meninas, ele disse que você mencionou a sua avó Betty para elas — e Cape May. E então, por que você faria isso?

Os lábios de Nick tremeram. — Eu..

— Posso oferecer uma teoria? — Rubens sugeriu, entrelaçando as mãos. — Eu acho que você queria que elas fossem para a casa de praia, porque você não tem certeza que Alison está realmente morta. E você está furioso que ela tenha jogado todos os crimes dela em você — você a amava, você pensava que vocês dois ficariam juntos para sempre. Você achou que as meninas pudessem encontrá-la lá. E você queria que elas a trouxessem de uma vez por todas.

— Isso não é verdade — Nick disse.

— Por que mais você daria a entender que a sua avó tinha uma casa lá? — Rubens ergueu as mãos no ar. — Certamente você não estava

oferecendo um lugar para que as meninas pudessem conseguir um descanso. Você honestamente vai ficar sentado aqui e me dizer que você realmente e verdadeiramente acha que Alison está morta? Na frente de todas essas pessoas, depois de jurar sobre a Bíblia, com o risco de falso testemunho em seu registro, você vai me dizer que você acredita realmente e verdadeiramente que Alison não está viva?

Houve um silêncio mortal na sala do tribunal. Hanna espiou Reginald. Seu rosto estava pálido, sua boca aberta. Nick passou as mãos pelo rosto, seus olhos lançando de um lado para o outro. Por fim, o juiz se mexeu. — Responda a pergunta — ele ordenou.

— Eu-eu não sei. — A voz de Nick falhou. — Ela pode estar lá fora. Quero dizer, provavelmente não, mas..

— Mas ela *pode*. — Rubens olhou para o júri com uma expressão triunfante. — Ela *pode*. E isso é porque Alison é o cérebro por aqui, não Nicholas. Ele era um peão no jogo dela, e não o contrário. E eu vou lembrar a todos vocês que a condenação da Srta. Hastings e Srta. Marin — e a Srta. Montgomery, quando retornar — é baseada em cem por cento de certeza de que elas não só *mataram* Alison, mas que Alison está realmente morta. E talvez, apenas talvez, ela não esteja. Ela foi dada como morta antes, afinal — após Poconos, quando o próprio Nick a salvou. Ela sabe como ficar quieta. Ela sabe como burlar a lei. Não é impensável que ela esteja fazendo a mesma coisa novamente.

Então, soltando as mãos para os lados, ele olhou cansado para o juiz. — Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

— Essa é a última testemunha — o juiz disse. — Depois de fechar as declarações, o júri irá discutir. O recesso será de uma hora.

Instantaneamente, o tribunal começou a se movimentar. O guarda agarrou Nick e levou-o de volta para o corredor, mas não antes que ele atirasse ao promotor um olhar intimidado e assustado. Rubens

saiu da sala de audiências, também, parecendo quase tonto. Hanna virou-se para Spencer novamente. Sua antiga amiga olhou para Hanna cautelosamente, em seguida, deu-lhe um pequeno sorriso.

Hanna sorriu de volta um pouco antes que Spencer se virasse. Assim como o testemunho de Nick, isso não era muito — apenas a ponta do iceberg. Mas pelo menos era algo.

21

UMA ÚLTIMA COMEMORAÇÃO

Na sexta-feira à noite, Spencer estava sentada na cozinha, ajudando Melissa a esvaziar as inúmeras sacolas de coisas que ela tinha comprado da Buy Buy Baby.

Deveria haver pelo menos quinze minúsculos macacões de cores neutras na pilha.

— Eu ouvi dizer que os bebês são muito sensíveis aos corantes, por isso tem que lavar todas as roupas deles antes de usarem — Melissa murmurou, puxando um enorme pote de detergente orgânico Honest Company.

— Eu fico com o serviço de lavagem — Spencer ofereceu. Em seguida, ela riu — o bebê só viria daqui a sete meses, portanto, parecia idiota lavar todas as roupas agora. Por outro lado, ela não poderia estar aqui daqui a sete meses para ajudar. Se Angela a fizesse desaparecer, ela não estaria aqui no nascimento. Ela não teria a oportunidade de conhecer o bebê. . *nunca*.

Ela recolheu os macacões e começou a tirar suas etiquetas, tentando empurrar esse pensamento lá no fundo.

— Então — Melissa disse quando pegou várias marcas diferentes de detergente. — O julgamento foi meio animador hoje, hein?

Spencer balançou a cabeça, com muito medo de falar. Todos ficaram alvoroçados pelo modo que Rubens tinha interrogado Nick naquele dia. Alguns repórteres estavam dizendo que era uma importante reviravolta no caso, mas outros ainda continuaram a focar na versão dos fatos de Reginald e todas as coisas características de assassinos que Spencer e as outras tinham feito nos últimos anos.

Essa coisa toda fez Spencer se sentir nervosa. Ela queria se agarrar à esperança, mas talvez fosse tolice. Talvez fosse melhor ficar com seu plano original: Dar o fora daqui antes que o veredito final fosse transmitido.

— E eu também soube de Aria — Melissa acrescentou.

Spencer passou os dedos ao longo de um macacãozinho listrado de bege e branco. O avião de Aria tinha aterrissado no aeroporto da Filadélfia há cerca de uma hora. Uma câmera de TV tinha tentado filmar Aria desembarcando, mas um policial tinha colocado a mão em direção à tela, protegendo-a.

— Eu queria que eles não a tivessem encontrado — Spencer disse suavemente.

Era estranho: Quando Aria tinha ido embora, Spencer tinha ficado tão aborrecida — que Aria tinha conseguido o que *ela* queria fazer, mas também que ela tivesse deixado elas lidarem com o julgamento sozinhas. Mas ao longo da semana, sua raiva deu lugar à aceitação. Talvez uma delas merecesse liberdade. Era assustador imaginar o que Aria tinha passado do outro lado do ar — e o que Aria teria que enfrentar agora que ela estava de volta. A notícia era que ela iria receber o dobro da pena já que tinha fugido.

A porta lateral se abriu e a Sra. Hastings apareceu carregando um monte de sacolas de supermercado em suas mãos. Spencer correu para ajudar, mas sua mãe se afastou dela. — Eu estou bem — ela retrucou, dando a Spencer um olhar estranho.

Spencer recuou. Sua mãe ainda estava olhando para ela. — O que foi? — Spencer finalmente perguntou.

A Sra. Hastings deixou cair uma sacola na mesa da cozinha. — Talvez você possa explicar por que Wren Kim está na calçada, pedindo para ver você? — A boca de Spencer caiu aberta. Ela e Wren não tinham feito planos, mas era muito empolgante que ele estivesse aqui. Mas por outro lado, sua mãe parecia tão furiosa.

— Você não deveria sair de casa — a Sra. Hastings acrescentou. — Especialmente não com ele.

— Mãe — Melissa disse suavemente da ilha da cozinha. — Deixe Spencer ir.

Não vai doer nada. Deixe que ela se divirta, ela já não sofreu o bastante?

Ambas Spencer e a Sra. Hastings se viraram e olharam para Melissa. Spencer queria correr até ela e dar-lhe um grande abraço. Após um segundo, a Sra. Hastings suspirou e começou a tirar bruscamente as compras. — Tudo bem — ela falou. — Se é assim que você quer passar os seus últimos dias, fique à vontade.

Spencer mordeu o interior de sua bochecha. *Obrigada pelo apoio, mãe.* Parecia que ela tinha certeza de que Spencer iria para a cadeia.

Ela passou um batom nos lábios, alisou sua camisa de botão e correu para a porta da frente. Realmente, Wren estava em pé na varanda da frente com as mãos enfiadas nos bolsos. Todo o seu rosto se iluminou quando ele a viu, e Spencer sentiu seu interior

faiscar. O cabelo escuro de Wren estava penteado para fora de seu rosto, suas maçãs do rosto acentuadas estavam especialmente proeminentes, e seu corpo parecia incrível em uma jaqueta de veludo de estilo vintage e calça jeans apertadas.

Todos os sentimentos de atração que ela estava tentando suprimir de repente saíram dela. Ela o queria. Ela realmente queria. E o que era surpreendente era que ela poderia tê-lo.

— Oi — ele disse timidamente, segurando um buquê de lírios.

— O-oi — ela respondeu de volta, pegando as flores e abraçando-as ao peito.

A garganta de Wren balançou quando ele engoliu. — Eu queria te levar para algum lugar esta noite. Para jantar, talvez? — Ele olhou em volta. — Em algum lugar fora da sua casa? Mas, hum, eu não tinha certeza se eu deveria entrar. — Ele fez uma careta. — Sua mãe parecia com raiva.

Spencer revirou os olhos. — Ela vai ficar bem. Vamos sair daqui — ela concordou, pegando sua bolsa. Mas, quando ele a pegou pelo braço e levou-a para o seu carro, sua animação de repente diminuiu. *Sábado à noite, às 10h em ponto*, Angela tinha dito a ela. Era.. amanhã. Daqui a 24 horas, ela nunca mais veria Wren novamente.

Ela decidiu não pensar nisso.

Quando entrou no carro de Wren, ela se virou para ele e sorriu. — Sabe, tem algumas coisas que eu não me importaria de fazer esta noite, se você estiver a fim.

Ele olhou para ela e sorriu. — Eu estou a fim de qualquer coisa — ele respondeu. — Enquanto estiver com você.

E lá se foram eles.

*

Duas horas mais tarde, Spencer estava usando um novo par de sapatos de uma maratona de compras em Walnut Street, se sentia muito mais relaxada por causa da massagem no pescoço de dez minutos que ela tinha recebido de uma das mulheres chinesas na calçada da Rittenhouse Square, e estava deliciosamente completa depois de uma sessão de improviso de degustação de queijo em um pequeno bar na rua 19th. Essas foram as coisas mais espontâneas que ela tinha feito, bem, talvez em sua vida toda, e era bom largar essa atitude da antiga Spencer Hastings e receber alguém muito mais alegre, pelo menos por mais um dia.

Depois de mais algumas paradas onde quer que ela tivesse vontade, ela e Wren estavam andando lado a lado, as sacolas de compras balançando ao seu lado, pela rua Chestnut em direção ao centro. De repente, ela viu algo à distância e apertou a mão dele. — Vamos dar um passeio de carruagem!

Wren olhou para ela, parecendo assustado. — Você quer ir dar um passeio de carruagem? Pelo que eu me lembre, você me disse uma vez que achava brega e desumano.

Spencer franziu a testa, lembrando vagamente de dizer isso a Wren durante um de seus encontros entusiasmado quando ela sorrateiramente ia para a cidade para ficar com ele no início do fundamental. Bem, essa era a antiga Spencer. — Vamos lá — ela disse, pegando a mão dele e arrastando-o para a fila de cavalos e carroças na praça.

Após Wren entregar quarenta dólares a um homem usando um chapéu alto e óculos de aro de metal estilo Benjamin Franklin, os dois subiram no banco de trás da carroça e se aconchegaram sob o

cobertor de flanela fornecido, que cheirava um pouquinho a adubo. Spencer olhou para Wren e sorriu. — Isso não é divertido?

— Claro — Wren disse. — Mas por outro lado, é divertido fazer qualquer coisa com você.

Ele a puxou para mais perto, e Spencer suspirou feliz. Por toda a noite, eles tinham encontrado desculpas para se tocarem — mãos brincalhonas se agarrando, pés se chocando debaixo da mesa, apertões no joelho. Ela inclinou-se para beijá-lo, mas de repente Wren colocou a mão em seu ombro, empurrando levemente suas costas.

— Uau, Spencer — ele disse, seu sotaque britânico melodioso. — Nós não temos que apressar as coisas. Podemos nos comportar seriamente por um minuto?

Ela inclinou a cabeça. — Nós nos comportamos seriamente a noite toda.

Ele levantou uma sobrancelha. — Nós fomos espontâneos durante toda a noite.

Qual é, me perdoe por dizer isso, mas essa não é exatamente a Spencer Hastings nota A que eu conheço. Você parece. . . desesperada. Como se nós estivéssemos fazendo uma coisa atrás da outra para você não pensar em nada.

— Não, eu não estou — Spencer respondeu automaticamente, embora Wren estivesse praticamente certo.

Seu olhar caiu na bolsa de couro que ele estava carregando. — Eu tenho algo para você.

Ele empurrou um objeto embrulhado com papel marrom nas mãos dela.

Spencer franziu a testa e o abriu. Dentro havia uma cópia do livro de memórias da prisão de Nelson Mandela.

— Para que é isso? — ela perguntou, olhando para ele.

O pomo de Adão de Wren tremeu. — Eu achei que poderia ajudar se.. você sabe. Se você tiver que ir para a prisão. Se a justiça não for feita. Você pode levar livros para a prisão. Quero dizer, o guarda irá verifica-lo, mas está limpo.

Spencer folheou as páginas entre os dedos. — Oh. Bem, obrigada.

Wren pigarreou. — Você quase não falou sobre o julgamento comigo, ou sobre o que pode acontecer. Mas eu quero que você saiba que você pode.

Spencer estava grata que a carruagem estivesse passando por uma seção particularmente escura da praça, assim Wren não poderia ver sua expressão em conflito. — Eu estou tentando não pensar sobre o julgamento — ela admitiu.

— Eu sei — ele disse suavemente. — Mas talvez você devesse pensar. E

deveríamos pensar em como poderíamos ver um ao outro. Eu vou lhe visitar — se chegar a esse ponto. E podemos nos telefonar, e..

Spencer cruzou os braços sobre o peito. — Eu não quero falar sobre nada disso.

Wren franziu a testa. — Eu vou estar lá por você, Spencer. Isso não é uma pequena aventura aleatória para mim. Quanto mais eu falo com você, quanto mais eu passo tempo com você — eu sei que é loucura, mas bem, eu sou louco por você, Spencer. Eu quero tentar fazer isso funcionar, de verdade. Ver onde isso nos leva.

Um nó se formou em sua garganta. *Eu sou louco por você.* O problema era, ela percebeu, ela também queria tentar fazer isso funcionar.

Mas ela sabia exatamente onde isso a levaria. Ela iria desaparecer no dia seguinte. Cortando todos os laços. De repente, ela entendeu o que Angela queria dizer, quando ela disse que algumas pessoas escolhiam a prisão ao invés de desaparecer, porque não conseguiram abrir mão de suas famílias e entes queridos.

Se ela desaparecesse, todo mundo em sua vida estaria essencialmente morto.

Mas ela não podia pensar nisso agora. Ela se virou para Wren e balançou seu dedo. — Você está arruinando um momento romântico. Agora vamos sentar, olhar para as estrelas e respirar o cocô do cavalo, ok?

Os olhos de Wren brilharam sob um poste que passou. Ele parecia insatisfeito.

— Isso é por causa do que aconteceu com a gente antes? É por isso que você não está me levando a sério?

Eu não estou te levando a sério porque eu não posso te levar a sério! Spencer queria gritar. Ela queria arrancar os cabelos, esmurrar o céu e gritar até que seus pulmões estivessem em carne viva. Isso era tão injusto. Ela finalmente encontrou um cara que ela gostava, e agora ela tinha que dizer adeus.

De repente, Spencer estava chorando com a cabeça entre as mãos, seu corpo tremendo com soluços silenciosos.

— Ei, ei — Wren murmurou, esfregando suas costas. — Está tudo bem.

— Eu sinto muito — Spencer conseguiu falar entre soluços. Ela quase riu da situação em que estava. De todas as vezes durante todo o julgamento em que ela poderia ter desabado humilhantemente, tinha que ser em sua última noite, enquanto ela estava em um passeio de carruagem com Wren.

Wren se inclinou para frente e falou com o motorista, e ele parou o transporte.

— Eu moro a poucos quarteirões daqui — Wren disse. — E você precisa de um pouco de chá. Apenas chá — ele acrescentou, antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa. Spencer fungou, e acenou com a cabeça.

Wren virou-se para Spencer e ofereceu sua mão, e os dois desceram da carruagem. Em seguida, ele a levou para seu apartamento. Eles ficaram em silêncio enquanto caminhavam pelo saguão até o elevador, mas assim que eles entraram no apartamento de Wren — um lugar que trouxe a ela imediatamente lembranças de quando ela vinha aqui há quase dois anos, com suas paredes apertadas, frigorífico de cor bege e a pequena TV presa no canto — Wren passou os braços ao redor de Spencer e puxou-a para um abraço. Seus olhos ainda ardiavam com as lágrimas, mas ela não estava mais histérica. Ela olhou no espelho e viu que sua maquiagem estava borrada e seu rosto estava vermelho. Estranhamente, ela não se importava.

— Que tipo de chá, camomila ou hortelã-pimenta? — Wren perguntou com seus olhos castanhos calorosos. — Ou talvez um chocolate quente ao invés?

— Na verdade — Spencer ouviu-se perguntar, quando afundou-se no sofá. — Você pode ficar aqui comigo por um segundo?

Ela recostou-se nas almofadas, e Wren passou um braço ao redor dela, puxando-a para perto. Quando ela se enrolou em seu corpo,

seus olhos se encheram de lágrimas novamente. Ela se sentiu tão segura com ele.

Era assustador que ela pudesse nunca mais se sentir segura assim novamente.

22

UM RETORNO SÓBRIO

Na sexta-feira à noite, muito tempo depois que o sol se pôs, dois policiais cumprimentaram Aria na alfândega no aeroporto da Filadélfia. Eles ofereceram um rouco agradecimento ao marechal do ar que tinha escoltado ela no avião de Bruxelas para a Filadélfia — que tinha cheirado a suor, estalado os lábios enquanto ele comia a refeição que tinham servido no avião, e até mesmo a acompanhado ao minúsculo banheiro do avião, esperando do lado de fora enquanto ela fazia xixi.

Os policiais levaram Aria pelos braços e arrastaram-na em direção à esteira de bagagens. As algemas que ela estava usando por dez horas ficavam esfregando e machucando seus pulsos. Sua cabeça girava com a fadiga, e ela sentia-se pegajosa, suja e doente. Enquanto ela passava pelas filas de segurança escassamente povoadas, todos os guardas olharam para cima e para ela. Quando passaram por um McDonald's sem movimento e algumas lojas de presentes, os trabalhadores ficaram boquiabertos. Eles desceram uma escada rolante em silêncio, ouvindo Frank Sinatra no sistema de autofalantes. Mas, de repente, na esteira de bagagens, milhares de pessoas apareceram à vista. Flashes estouraram. Todo mundo começou a gritar. — Senhorita Montgomery! — os repórteres clamavam, apressando-se na direção dela.

Aria protegeu os olhos, desejando que ela estivesse melhor preparada. É claro que os repórteres estariam aqui. Ela era a maior história da costa leste.

— Senhorita Montgomery! — mais repórteres gritaram. — Você pensou que ia escapar disso?

— Isso significa que você é culpada? — alguém gritou.

Os repórteres estavam gritando para alguém, também, e foi quando Aria avistou Noel descendo a escada rolante atrás dela. Ele tinha estado no mesmo avião que Aria, embora em outra seção, com o seu próprio marechal do ar. Na primeira metade da viagem, Aria esteve zangada com ele, mas logo isso tinha dado lugar a um profundo pesar. Como Noel saberia que alguém estava realmente observando-os? E

por que diabos ela tinha deixado escapar toda aquela coisa ridícula sobre Ali? Ele provavelmente a odiava agora.

— Sr. Kahn, por que você seguiu a sua namorada para a Europa quando sabia que isso era um crime? — alguém gritou.

— Vocês dois estão mancomunados? — outro repórter perguntou a ele. — Você ajudou a matar Alison?

— Saiam do nosso caminho — um dos agentes de Aria grunhiu, afastando alguns dos repórteres e fotógrafos.

O olhar de Aria ainda estava em Noel. Ele estava com a cabeça baixa e seu capuz puxado apertado. Eles iriam tirar fotos dele do mesmo jeito. Estaria em todos os lugares. Se ao menos ele nunca tivesse ido para a Europa. Aria havia arruinado a sua vida. — Aria! — gritou uma voz familiar.

Aria olhou para cima. Sua mãe estava dando uma cotovelada no meio da multidão. Os olhos de Ella estavam vermelhos, seu rosto

estava manchado, e ela estava usando um par de shorts do exército e um moletom de lacrosse de Rosewood Day de Mike, como se ela não tivesse tido tempo e estas foram as primeiras coisas que ela tinha encontrado para vestir. Byron estava com ela, também, parecendo rígido e envergonhado.

Ella agarrou os ombros de Aria. — Estávamos tão preocupados — ela deixou escapar, e, em seguida, caiu em prantos.

— O que você estava *pensando*? — Byron gritou atrás dela.

— Sra. Montgomery, Sr. Montgomery. — A escolta policial de Aria estendeu a mão para mantê-los à distância de um braço. — Nós lhe dissemos que iríamos levar a senhorita Montgomery para casa, e nós os encontraríamos lá. — Tinha sido concedida a permissão para Aria permanecer em sua casa neste fim de semana, embora sob confinamento rigoroso e constante supervisão de seus pais. Foi uma grande vitória, aparentemente orquestrada por Seth Rubens — normalmente, Aria teria sido enviada imediatamente para a prisão depois de ter feito essa proeza, mas sua família tinha pago a fiança. Aria perguntou se Noel tinha tido o mesmo privilégio, mas os oficiais não lhe disseram nada.

Ella deu ao oficial um olhar estranho. — Eu não iria simplesmente ficar em casa esperando. — Ela caminhou ao lado de Aria pelas portas duplas para a calçada. — Você percebe o que você fez?

— Eu sinto muito — disse Aria, sentindo seus olhos se encherem de lágrimas.

— Desculpas não vão apagar isso — Byron disse tristemente, balançando a cabeça. — Desculpas não importam para o juiz.

Aria abaixou a cabeça quando os oficiais empurraram-na para um carro esperando, caindo no mau cheiro do banco traseiro de couro falso. Um policial checkou suas algemas. Um segundo oficial travou-as, em seguida, virou-se no banco da frente, que era visível através

de um conjunto de barras pesadas. Os repórteres correram para o carro, ainda gritando perguntas e tirando fotos. Aria só podia imaginar que tipo de legenda iria acompanhar seu rosto pastoso, inchado e manchado de lágrimas na primeira página de amanhã. Ela olhou para fora da janela passando pelos repórteres em direção aos seus pais em luto no meio-fio. Houve um puxão em seu coração tão doloroso que ela soltou outro soluço. Eles pareciam destruídos.

Ela poderia simplesmente adicioná-los à lista de pessoas cujas vidas ela tinha arruinado.

*

— Não há leite na geladeira — disse Ella rudemente quando Aria desceu para o café da manhã na manhã seguinte. Ella estava sentada à mesa em um roupão e um par de chinelos de seda bordados. Seu olhar estava nas palavras cruzadas do *New York Times* do sábado, embora ela não tivesse preenchido nenhum dos quadrados.

Várias caixas de cereais também estavam na mesa, juntamente com uma tigela de frutas, uma caixa de suco de laranja e uma garrafa de café. Mike estava lá também, teclando incessantemente em seu telefone.

— Ok — Aria murmurou, não tendo certeza se ela deveria sentar-se com eles ou voltar para seu quarto com o café da manhã. Ela não estava com vontade de comer. Metade da noite ela ouviu sua mãe chorando. Byron tinha ficado, também, e Aria tinha ouvido *ele* chorando também — e seu pai não tinha chorado nem mesmo quando um pônei islandês pisoteou ele em Reykjavík e quebrou três de seus dedos do pé. Ela encheu uma pequena tigela de cereal Weetabix e sentou-se na ilha na beira de uma banquetta. Sua nova tornozeleira tilintou contra a perna de metal, e Mike fez uma careta,

como se ela tivesse acabado de raspar as unhas em um quadro-negro.

— Desculpe — Aria murmurou, encolhendo os ombros. Era desnecessário dizer que a polícia tinha colocado essa coisa nela quando pararam na entrada de automóveis dos Montgomery ontem à noite — e eles pegaram seu passaporte, seu passaporte falso, sua carteira de motorista, a identificação de Rosewood Day, seu celular e qualquer outra coisa que pudesse conectá-la ao mundo exterior.

Ella raspou a cadeira para trás e olhou para Mike. — Nós temos que pegar o seu smoking em uma hora, e, em seguida, você tem que ir ao Chantecler ao meio-dia.

Papai está pegando a vovó no aeroporto, e eu vou ter que correr porque a tia Lucy está vindo de Chicago. Portanto, pegue o Subaru, ok?

— Claro — respondeu Mike.

Ella balançou a cabeça, em seguida, tocou o rosto dela. — *E* eu preciso descobrir como eu vou corrigir meus olhos inchados antes de hoje à noite. — Ela saiu da cozinha rapidamente, seu robe arrastando atrás dela.

Aria olhou para o irmão. — Hoje é o dia do seu casamento. Eu esqueci.

Mike fungou. — Sim, eu acho que *você está* muito envolvida em si mesma.

Aria abaixou a cabeça. — Eu sinto muito. — Novas lágrimas derramaram por suas bochechas.

Os únicos sons eram de Mike esmagando seu cereal e os pequenos fungados patéticos de Aria. Finalmente, Mike suspirou. — Então, você vai?

Aria se encolheu. Um longo momento se passou. — Você não me quer lá — Aria respondeu.

Mike deu de ombros. — Supere-se. Você ainda é minha irmã. Hanna provavelmente gostaria de vê-la, também.

Aria engoliu em seco. Hanna provavelmente a odiava por ela desaparecer e deixar o fardo de lidar com o julgamento por conta própria. Além disso, as coisas pareciam muito denegridas depois de Emily, muito danificadas. Elas poderiam realmente ser amigas de novo, depois de tudo o que tinham passado?

Ela deu uma pequena mordida no cereal. — Eu não sei.

— Venha. Haverá garotas do Hooters.

Aria olhou para ele. — Hanna vai deixar você ter garotas do Hooters em seu casamento?

— É uma das razões que eu vou me casar com ela.

Aria queria rir, mas ela ainda se sentia muito dormente. — Eu vou pensar sobre isso — disse ela.

Mike revirou os olhos. — Você deveria estar emocionada que estou convidando você. Estou muito chateado, sabe.

Ela olhou para ele. — Porque eu coloquei Noel em apuros?

Ele olhou para ela descontroladamente. — Isso foi culpa dele mesmo. Não, eu estou com raiva, porque, um, ninguém realmente *dormiu* desde que você fugiu. Isso não foi nada legal, Aria. E dois, porque você foi para Amsterdã sem mim de novo!

Quantas vezes eu te disse que da próxima vez que você for, *você tem que me levar com você?*

Ele bateu com a xícara de café na pia, soltou um gemido, e começou a subir as escadas. Aria o assistiu ir, rodando a colher em sua tigela de cereais várias vezes.

Huh. Então, ela olhou para si mesma. É claro que ela deveria ir ao casamento do seu irmão — contanto que ela estivesse com seus pais, provavelmente seria permitido.

De repente, algo a atingiu. Noel iria provavelmente ser convidado também. Será que a polícia o deixaria participar? Talvez eles pudessem conversar. Talvez ela pudesse pedir desculpas. Implorar por seu perdão. Dizer-lhe que se ela pudesse cumprir a sua pena por ele, ela o faria.

Era um pequeno raio brilhante de esperança. Aria poderia ter que ir para a prisão para o resto de sua vida, mas ela iria fazer as pazes com ele antes disso. Ou então ela iria morrer tentando.

23

ACEITO!

Nos trinta minutos antes do grande momento que Hanna andaria até o altar, Hanna, sua mãe e Ramona estavam em um quarto na mansão Chantecler. Ramona levantou uma pequena tesoura de unha no alto. — Assim que você colocar este vestido, eu não quero que você se sente — ela instruiu. — Vai enrugado, e essa é a maior gafe para qualquer estrela no tapete vermelho — e para qualquer noiva, por sinal. E já que você é ambos, você vai ter que ficar em pé pelo resto do dia.

— Entendi — Hanna respondeu obedientemente, empurrando as ondas de Hollywood que seu estilista tinha criado destacando seu cabelo castanho-avermelhado sobre seus ombros. Ela olhou-se no espelho e franziu os lábios vermelho intenso e bateu as pestanas, que acabara de ser ajustada com extensões.

Ela era provavelmente a quase-criminosa de melhor aparência da história das meninas que estavam prestes a ir para a prisão.

Não que ela pensasse muito sobre isso. Ou no fato de que as declarações de encerramento tinham sido feitas e o júri estava agora na Pousada Rosewood Holiday deliberando o destino dela. Seu casamento era hoje, e ela iria *aproveitá-lo*, caramba.

Mesmo que ela tenha tido apenas uma semana para planejar, absolutamente tudo tinha dado certo. O tempo estava perfeito para uma cerimônia ao ar livre, e as filas de cadeiras de cada lado do corredor estavam decoradas com rosas brancas frescas.

O rabino que sua mãe tinha encontrado era jovem, alto e quase bonito — bem, para um rabino, de qualquer maneira — e as garotas do Hooters tinham sido enviadas para atender nos bastidores e outras coisas Hooters que não era tão “vadia” que Hanna já tinha visto. A *Us Weekly* já chegou para colocar o tapete vermelho no grande hall. Hailey Blake tinha mandado uma mensagem para ela várias vezes perguntando se ela poderia trazer mais alguns atores e modelos famosos mais-queridos. Os aperitivos pareciam deliciosos, e cada garçom que estaria passando com os canapés era mais perfeito do que o outro. As mesas da sala de recepção foram primorosamente ajustadas com a mais bela porcelana chinesa com estampa prateada que Hanna já tinha visto. Ramona tinha reservado a melhor empresa de fogos de artifício da Filadélfia para detonar uma exibição durante a recepção, e a *#CasamentoHannaMarin* tinha sido twittada 981 vezes nas últimas três horas.

Hanna estava bombando e pronta.

A Srta. Marin, que estava deslumbrante em um vestido Chanel cor de creme, começou a tirar o vestido de Hanna do plástico. Devagar e com cuidado, ela deslizou sobre a cabeça de Hanna e começou a desamassar as dobras e espalhar as ondas. — Hanna — ela arfou. — É ainda mais bonito do que eu me lembrava.

Um formigamento viajou pela espinha de Hanna quando ela viu seu reflexo no espelho. O vestido fazia sua pele parecer rosada e sua cintura ficar minúscula. As contas no corpete brilhavam à luz.

— Está bonito — Ramona resmungou. — Isso, Hanna percebeu, era tão perto de um elogio quanto ela poderia dar. Em seguida, ela correu para fora do quarto, murmurando alguma coisa sobre checar as flores.

Hanna se virou para sua mãe, que estava enxugando os olhos na parte de trás do quarto. — Então — ela disse, respirando fundo. — Você está pronta para me encaminhar até o altar?

A Srta. Marin assentiu, seus lábios pressionados firmemente juntos. Talvez para não chorar.

Hanna sentiu os olhos ficarem marejados, também. — Obrigada por ser tão legal com tudo isso — ela disse. — Eu sei que é meio.. sem precedentes. E que eu sou jovem. E que..

— Está tudo bem — a Srta. Marin interrompeu, correndo em sua direção e tocando seus ombros nus. — Isso faz você feliz. Isso é tudo que eu quero ver. Isso é tudo que eu sempre quis ver. — Ela segurou os braços de Hanna e a olhou de cima a baixo. — Lembra quando costumávamos brincar de casamento quando você era pequena? E eu deixava você usar meus vestidos?

Os lábios de Hanna se separaram. Ela tinha esquecido que ela e sua mãe tinham feito isso juntas — tantas de suas memórias envolviam seu pai e sua atenção especial. Mas, de repente, ela lembrou-se de sua mãe ajudando-a a puxar o vestido rendado sobre sua cabeça e fazer cachos em seu cabelo. Ela sentiu-se triste por essa memória não ter sido reconhecida por tanto tempo. Ou que Hanna tivesse deixado sua mãe de lado por tanto tempo — talvez ela não devesse ter.

Em seguida, bateram na porta, e a cabeça de Hanna ergueu-se. A Srta. Marin fez uma careta. — Quem poderia ser?

— Talvez Ramona de novo? — Hanna murmurou, pulando para abri-la. A visão de Hanna ajustou-se quando uma figura alta entrou no pequeno espaço. Era o pai dela. — Oh — a Srta. Marin disse firmemente.

O Sr. Marin estava vestido em um terno preto conservador e uma gravata vermelha. Quando ele a viu, seu rosto enrugou e seus olhos suavizaram. — Oh, Hanna — ele emocionou-se. — Meu bebê. Você está linda.

Hanna se afastou dele, de imediato, irritada. — Que parte do *não venha* você não entendeu? — ela gritou.

O Sr. Marin cruzou os braços sobre o peito. — Hanna. Eu sei que eu te desapontei de muitas maneiras. E eu sei que eu me coloquei em primeiro lugar muitas vezes. Eu não tenho sido um pai para você, e eu nunca fiz as pazes com você, e você tem o direito de me odiar para sempre. Mas, por favor, deixe-me estar aqui.

Por favor, deixe-me ver você se casar. Eu quero levá-la até o altar.

— Uh, esse trabalho já está ocupado — a Srta. Marin saltou. Ela colocou a mão no braço de Hanna. — Você quer que ele saia, querida?

Hanna rangeu os dentes. Seu pai tinha feito isso *tantas vezes*. E todas as vezes ela o tinha perdoado, apenas para ser rejeitada novamente. Mas desta vez, ela não sentia o mesmo impulso de agradá-lo. De repente, ela percebeu: O relacionamento deles havia mudado. Seu pai nunca teria o mesmo lugar na vida de Hanna que ele possuía antes. Ele perdeu esse privilégio para sempre.

Ao mesmo tempo, só de vê-lo ali, com aquela expressão envergonhada em seu rosto, as mãos empurradas pateticamente

nos bolsos da calça do seu terno, ela sentiu algo parecido com piedade. Talvez ela devesse apenas dar-lhe isso. Ser a pessoa madura.

Ela soltou um suspiro. — Você pode ficar — ela decidiu. — Mas a mamãe está certa — *ela* que vai me levar para o altar. E ponto final.

— Ok, ok. Mas obrigado por me deixar ficar. — O Sr. Marin caiu para a frente para abraçar Hanna, e ela fez esse favor a ele, embora ela o segurou com o braço estendido, de modo a não enrugou seu vestido. Com o canto do olho, ela olhou para sua mãe revirando os olhos.

Então Ramona apareceu novamente. — Eles estão prontos para você, Hanna.

Hanna sentiu um pico de nervos. Ela voltou-se para o espelho e alisou o cabelo dela, seu coração de repente selvagem. Ela estava fazendo isso. Realmente se casando com Mike. Um enorme sorriso esticou-se em seu rosto. Eles iam arrasar.

Seu pai teve o bom senso de sair do quarto e ir para a multidão de convidados.

Hanna segurou com força a mão de sua mãe enquanto Ramona a conduzia para lá, sua cabeça girando. Todos os tipos de cenários de repente a atormentaram. E se ela tropeçasse na grama? E se Mike não estivesse sob a chupá? Eles deveriam dizer alguma coisa em hebraico? De todos os casamentos judaicos que ela participou, ela não conseguia se lembrar para a vida dela.

— Hanna? Oh meu *Deus!*

De primeira, Hanna pensou que as duas meninas no final do corredor eram uma miragem. Spencer, vestida com um vestido bege de estilo deusa, correu para a frente com os braços estendidos. Aria seguiu atrás dela com a aparência linda em um vestido longo verde-

esmeralda. — Uau — Spencer falou timidamente. Parecia que ela queria tocar Hanna, mas ela não tinha certeza de que era aceitável.

Hanna olhou para ela. — Vocês vieram — ela finalmente conseguiu dizer.

Spencer apertou-a com força. — Claro que eu vim, Hanna. Eu não perderia isso.

— Eu sinto muito — Hanna deixou escapar.

— Não, *eu* sinto muito — disse Spencer.

— E esta é a *única* razão pela qual eu estou feliz que os federais me pegaram — Aria acrescentou, caminhando para dentro do círculo.

Hanna se virou para ela. Aria parecia cansada, mas bem. — Você está bem? — ela perguntou.

Aria deu de ombros. — Você sabe. Não muito, mas tanto faz.

— Noel realmente foi com você? — perguntou Hanna. — Como isso aconteceu?

E como é que eles pegaram vocês?

Aria colocou um dedo sobre os lábios. — Eu vou explicar tudo mais tarde. Este é o seu momento, Hanna.

Então Spencer limpou a garganta. — Tem sido horrível não falar com você, Han. Eu me sinto como uma idiota.

— Está tudo bem — disse Hanna, percebendo que ela deveria ter dito isso dias atrás. — Eu fui uma idiota, também. Tem sido tão confuso, sabe? O julgamento, Ali, Emily. .

O rosto de Aria ficou comprimido. — Eu sinto tanta falta dela.

— Eu também — Spencer balbuciou, irrompendo em soluços frescos.

— Eu fico *pensando* nela — Hanna falou. — E Spence, não foi sua culpa. É claro que não foi.

— Sim, foi! — Spencer pressionou as mãos sobre os olhos. — Você estava certa, Han. Eu não deveria ter sugerido aquela estadia em Cape May. Foi por isso que eu fui para a água atrás dela. Eu me sentia responsável.

— Nenhuma de nós é responsável — Aria interviu. — Todas nós amávamos ela. Todas nós queríamos protegê-la. E nós pensamos que a manteríamos segura, todas juntas em um quarto de hotel. Isso simplesmente não funcionou dessa maneira.

Hanna puxou-as novamente. Era tão bom abraçá-las. Era o que elas deveriam ter feito no funeral de Emily. Não foi culpa de ninguém. Todas elas amavam Emily.

Todas elas queriam o melhor para ela.

De repente, Ramona apareceu em cena e soltou um grito. — Que diabos, meninas? — ela gritou, inspecionando a maquiagem borrada de Hanna. Ela apertou o porta-voz de seu fone de ouvido mais perto de sua orelha. — Janie ainda está aqui?

Mande-a de volta para o quarto para que ela possa ajeitar a noiva.

A maquiadora chegou prontamente e começou esfregando uma esponja cheia de base nas bochechas de Hanna. Todo mundo desceu o corredor para onde a Srta.

Marin estava esperando para andar com Hanna até o altar. A daminha de Hanna, Morgan, esperava lá, também, parecendo uma pequena fada em seu vestido de tule branco. A faixa azul centáurea acentuava seus olhos e seu longo cabelo castanho-claro tinha sido

preso em um coque bailarina. Quando ela viu Hanna, Morgan soltou um grito e deu-lhe um abraço. — Você está tão bonita! — ela gritou.

Hanna sorriu feliz para Morgan, e, em seguida, virou-se para tomar o braço da sua mãe. Spencer espiou para fora da porta para a área da cerimônia no gramado.

As portas estavam meio abertas, trazendo a brilhante luz do sol do final do dia, e Hanna podia distinguir a melodia do harpista que Ramona havia contratado.

— Há milhares de pessoas aqui — sussurrou Spencer. — Incluindo Hailey Blake e aquele cara bonito daquela nova série policial.

— E Mike já está lá em cima — relatou Aria. — Ele parece tão nervoso. Embora eu não sei se é porque ele vai se casar com você, ou porque ele vai em breve estar cercado por uma tonelada de garotas do Hooters.

— Você trouxe garotas do Hooters? — Spencer parecia confusa.

Hanna deu uma risadinha. — É uma longa história. — Então ela olhou para suas amigas, de repente percebendo uma coisa. — Escutem — disse ela. — Eu quero que vocês façam parte da procissão do casamento. Como minhas madrinhas.

Spencer e Aria trocaram um olhar animado. — Tem certeza? — perguntou Aria. — É claro que eu tenho certeza. — Hanna pensou sobre as tiaras de cabeça que ela comprara para elas que estava em sua casa. Ela gostaria de poder pegá-las, mas não havia tempo suficiente — e talvez fosse melhor assim. Em vez disso, ela pegou dois buquês de flores dos vasos de terracota que revestiam as portas da mansão, arrancou algumas hastes de cada um, e colocou no cabelo das meninas. Ela colocou o resto dos buquês em suas mãos. — Aqui.

Aria parecia que ia chorar novamente. — Isso significa muito, Hanna.

— Estou tão feliz que você está fazendo isso — sussurrou Spencer.

— É o que Emily teria querido.

— Eu acho que sim, também — disse Hanna.

Quando o harpista iniciou as notas de abertura de *Canon in D.* de Pachelbel, Ramona franziu a testa em seu fone de ouvido, em seguida, olhou para a festa nupcial. — Estamos prontos.

— Vá — Hanna sussurrou, cutucando Aria para começar a ir até o altar. Alguns momentos mais tarde, Ramona gesticulou para Spencer ir. E, em seguida, foi a vez de Hanna. Tremendo, ela agarrou o cotovelo de sua mãe e deu pequenos passos, sua cabeça flutuando. Ela não tinha certeza se ela respirou até que ela estava a poucos passos do altar, e então ela olhou para cima e viu Mike no smoking mais lindo de todos, de pé sob a pequena tenda, os olhos arregalados e os lábios entreabertos. Sua expressão era um cruzamento entre a adoração amorosa e o olhar de um adolescente excitado e amante de Hooters que estava morrendo de vontade de tirar o vestido dela.

Hanna respirou, riu e talvez começou a chorar de novo, cheia de alegria que ele estava lá, e que ele era dela. Suas amigas ficaram para trás. A mãe dela estava ao seu lado. Centenas de rostos se iluminaram quando eles se viraram e a viram. De repente, Hanna sentiu uma sensação de paz esmagadora. Casar-se antes do veredito do julgamento era entregar-se, não importa o que o júri decidisse — tinha sido a melhor decisão.

Tudo, ao menos uma vez, estava absolutamente perfeito.

24

ELA FICA OU ELA VAI?

Mesmo que Spencer não fosse normalmente do tipo que dança em casamentos, ela passou a noite inteira dançando ao som de “Shout”, “Cha Cha Slide” e “Chicken Dance”. Ela liderou uma fila de conga em torno das mesas, ajudou a erguer a cadeira de Hanna durante a *hora2*, e até mesmo fez uma dança sexy com uma garota Hooter em uma camiseta cortada e shorts laranja brilhantes. Apenas parecia tão bom comemorar alguma coisa. Esquecer, por um breve período, o quão assustador seu futuro era.

Durante uma breve pausa na música, ela se sentou e tomou um gole de uma taça de champanhe. O casamento tinha sido verdadeiramente espetacular — a música era incrível, a comida era deliciosa, as meninas Hooters eram surpreendentemente bem comportadas, e as fotos do tapete vermelho de todos os convidados

acrescentaram um toque de brilho. Era verdade que, a avó de Hanna, Chelsea, que tinha vindo às pressas de avião do Arizona, parecia um pouco irritada e desaprovava que Hanna estava se casando tão jovem, e Lanie Iler e Mason Byers, que tinham sido por muito tempo um casal, tinham entrado em uma briga colossal no banheiro, e o Sr. e a Sra. Marin tinham passado a noite inteira mais ou menos se evitando. Mas isso fazia parte do curso de todos os casamentos, não era? Spencer estava tão feliz que Hanna teve um dia que ela iria se lembrar. E que ela havia superado seu orgulho estúpido e vindo para o casamento.

Aria afundou no assento ao lado dela e pegou uma taça de vinho de uma bandeja passando. Quando ela cruzou os tornozelos, a pulseira de monitoramento bateu ruidosamente contra os pés da cadeira. — Você não vai acreditar no que eu acabei de ver no banheiro — disse ela, com os olhos brilhantes. — A mãe de Kirsten Cullen se agarrando com James Freed!

— Você está brincando! — Spencer fez uma careta. — James sempre pareceu do tipo que tinha fetiches por mulheres mais velhas.

— Sim, bem, pelo menos alguém está tendo alguma ação hoje à noite. — Aria deu um suspiro.

Seu olhar atravessou a sala para onde Noel Kahn, que também tinha uma pulseira de rastreamento em seu tornozelo, estava sentado com um bando de caras do lacrosse. Noel olhou para cima, talvez sentindo-a, em seguida, rapidamente desviou o olhar novamente. Aria o fez, também.

— Você quer falar sobre isso? — Spencer perguntou em voz baixa. Aria não tinha realmente conversado sobre o que tinha acontecido em Amsterdã, embora estivesse claro que Noel estava em apuros por segui-la até lá e os dois não estavam exatamente se falando.

Aria balançou a cabeça. — Não.

2 Hora: *Tipo de dança romena e israelense.*

Isso fez Spencer sentir melancolia por Wren não estar lá, também. Será que ela deveria tê-lo convidado? Ela estava morrendo de vontade de vê-lo novamente. No entanto, após a noite passada — a maneira como ele apenas a abraçou enquanto ela tinha um ataque de nervos, e então a levou para casa algum tempo depois da meia-noite, ela não tinha certeza se poderia lidar com vê-lo novamente. Ela temia que apenas a visão dele fosse fazê-la perder toda a sua vontade de ir embora.

E ela tinha que ir embora — *em breve.*

O grande relógio que pairava sobre a varanda do segundo andar chamou sua atenção. Já era 9. O carro dela chegaria às 9:30.

— Você viu Hanna? — ela perguntou a Aria. Ela olhou ao redor da sala procurando a única menina em um vestido longo e branco.

Aria franziu a testa e olhou para a multidão cheia de convidados. Quase todos estavam na pista de dança, dançando ao som de Katy Perry. — Já faz um tempo que não a vejo.

De nenhuma maneira Spencer iria embora sem dizer adeus a Hanna. Ela levantou-se e agarrou o braço de Aria. — Venha comigo.

— Por quê? — disse Aria, mas sua voz foi engolida no som da multidão.

Spencer puxou-a ao redor do salão de baile, com a cabeça girando de um lado para o outro enquanto ela procurava a forma ágil e elegante de Hanna. Finalmente, ela a viu em um canto. Seu coração quebrou um pouco quando ela viu as bochechas rosadas de Hanna,

seu enorme sorriso, suas mãos expressivas. Como ela poderia lidar com deixar suas amigas para sempre? O que elas pensariam dela quando ela não aparecesse para o julgamento, quando se reunissem de novo? Provavelmente da maneira que Spencer sentiu quando Aria não tinha aparecido: meio traída, meio com ciúmes e extremamente ferida.

Ela correu até Hanna e jogou os braços ao redor dela com força. Hanna pareceu surpresa. — Você está bem?

— É claro que eu estou — disse Spencer com a voz embargada. — Eu só.. senti falta de vocês enquanto não estávamos nos falando. E isso simplesmente me abateu mais uma vez.

— Oh — Aria murmurou ao ouvido de Spencer, sua pele cheirando ao mesmo perfume patchouli que sua mãe usava. — Eu senti falta de vocês, também.

Spencer deu um passo para trás e olhou para elas. — E não importa o que aconteça, prometam-me que vocês serão fortes, ok?

O sorriso de Aria desbotou. A garganta de Hanna balançou. — Nós sempre teremos uma a outra.

— Nós vamos ser fortes — Aria ecoou.

Em seguida, a mãe de Hanna bateu no ombro de Hanna, empurrando um velho parente em sua direção. Aria se virou para Mike, distraída, também. Spencer teve a oportunidade de escapar por uma saída lateral, se esquivar para o vestiário, e recuperar a bolsa que ela tinha embalado de antemão e trazido com ela para que ela não tivesse que voltar para a casa dela antes do carro de Angela chegar. Ela vasculhou-a rapidamente, se certificando de que as joias ainda estavam lá. Então, ela deu uma última olhada para o salão para todas as pessoas de Rosewood que ela conhecia em toda a sua vida. Todas as crianças que ela se sentou ao lado na escola.

Para alguns dos professores que ela tinha tido, os vizinhos que ela tinha crescido ao redor, as famílias que ela conhecia tão bem — até mesmo seus próprios pais estavam aqui, e sua mãe e seu pai estavam sendo surpreendentemente civis.

Um nó se formou em sua garganta.

Mas então ela se virou e desceu correndo os degraus de pedra em direção ao estacionamento. Lá estava o carro alugado que ela tinha arranjado parado no meio-fio. Ela entrou nele.

Quando o carro emergiu na rota 76, Spencer olhou para fora da janela melancolicamente, olhando para as luzes brilhantes sobre as casas geminadas ao longo do rio Schuylkill. Ela sempre gostou da vista durante as viagens para fora da cidade. Era mais uma coisa que ela nunca veria novamente depois de hoje à noite.

Seu telefone tocou, e ela verificou o identificador de chamadas. *Wren*. O dedo de Spencer parou em cima do botão IGNORAR, mas então algo a fez atender.

— Spencer? — Parecia que Wren estava sorrindo. — O que você está aprontando?

— Uh, nada — disse Spencer cautelosamente, olhando pela janela para o tráfego apressado da 76. — Apenas, você sabe. Sentada no meu quarto.

— Será que a sua tornozeleira confirmaria isso? — perguntou Wren. — Ela não diria que, por exemplo, você está em um casamento fabuloso, e que teve uma foto tirada no tapete vermelho?

Spencer fechou os olhos. *Flagrada*. — Eu queria convidá-lo — ela desabafou.

— Mas foi tão repentino. E eu queria que esta noite fosse apenas com as minhas amigas. Nós estivemos brigadas por tanto tempo, e

que nós fizéssemos as pazes, e. .

— Está tudo bem — Wren a cortou. — Eu entendo totalmente. Você precisava de uma noite com elas.

Lágrimas encheram seus olhos repentinamente. Wren a entendia tão bem. Ele era tão bom em deixá-la ser quem ela era. Ela odiava que ela estivesse deixando ele.

— Agora, olhe — Wren disse. — Existe alguma maneira de você poder dar uma fugidinha daquele fantástico casamento e sair comigo um pouco? Eu vou na sua casa, se você quiser. Eu só quero ver você hoje à noite.

Spencer conferiu o relógio no painel do carro. 9:45. Apenas quinze minutos até Angela. — Eu estou exausta.

— Eu não aceito um não como resposta, ok? Eu chego em mais ou menos meia hora. Até logo.

— Espera! — Spencer gritou, mas Wren já tinha desligado. Ela apertou as mãos sobre o rosto. Wren iria para a casa e ela não estaria lá. E se ele ficasse desconfiado?

Chamasse a polícia? Ele não faria isso para *delatá-la*, é claro.. mas por preocupação.

E isso iria arriscar tudo. Ela precisava que essa coisa com Angela acontecesse sem problemas.

Mas, no fundo de sua mente, ela fantasiava sobre ver Wren mais uma vez. De alguma forma. Só mais uma vez antes que ela fosse.

Ela daria qualquer coisa.

Ela só tinha cinco minutos para gastar no momento em que ela voltasse para a casa de sua família. A noite estava quente e abafada,

e sua pele já suada parecia ainda mais rígida quando ela parou na calçada para esperar. A casa dela apareceu atrás dela, tão familiar. Ela viveu aqui quase toda a sua vida. Tantas lembranças tinham sido formadas no jardim da frente, na varanda da frente, por trás daquelas paredes.

Devido a todas as coisas com A, parecia que ela tinha estado morando sobre o mal, mas havia boas lembranças também. Todas aquelas festas do pijama com suas amigas. Todos os trabalhos da escola que ela tinha escrito em seu quarto, todas as peças que ela tinha ensaiado no quintal, as vezes que o pai dela tinha grelhado hambúrgueres enquanto ela e Melissa usavam tiaras e faziam menus com lápis de cor para o seu "restaurante". Em breve, uma nova geração estaria fazendo essas mesmas coisas aqui. Ela pensou no bebê de Melissa.

Os pensamentos de Spencer voltaram para os pequenos macacões de bebê que Melissa tinha comprado ontem. Depois que ela desaparecesse, Melissa certamente não iria querer que ela fosse a madrinha do bebê.. Será que Melissa falaria ao bebê sobre ela? Ou será que todo mundo só fingiria que Spencer não existia?

Faróis apareceram no final da estrada, e Spencer se levantou. Um carro preto parou e a janela da frente desceu lentamente. O rosto de Angela olhou para fora do assento do motorista. — Entregue as joias. Eu vou olhá-las, e se elas estiverem ok, você pode entrar.

Mas, de repente, Spencer descobriu que não podia se mover. De repente, não havia nenhuma maneira de ela simplesmente desaparecer sem nunca mais ver Wren. . ou Hanna. . ou Aria. . ou até mesmo sua família.

Ela afastou-se do meio-fio. — Eu sinto muito — disse ela em voz baixa. — Eu...

não posso.

Angela olhou para ela. — O quê?

— Eu.. Eu mudei de ideia.

Angela riu levemente. — Então você quer ir para a prisão em vez disso? — Ela revirou os olhos. — Você está louca.

Talvez Spencer estivesse louca. Mas havia algo sobre a reconciliação com suas amigas hoje, algo sobre todas elas estarem *juntas*, que a fez querer ficar e enfrentar as consequências, quaisquer que fossem. Não parecia justo que ela fugisse e começasse de novo, enquanto elas tivessem que permanecer aqui e cumprir a punição de Ali. Elas estavam juntas nessa, para o bem ou para o mal. *Nós sempre teremos uma a outra*, Hanna tinha dito. E ela estava certa.

E ela teria Melissa, também. E o bebê de Melissa.

— Fique à vontade — disse Angela. — Então eu acho que eu te vejo por aí, hein? E então ela foi embora. Spencer observou até que seus faróis desapareceram na esquina, se perguntando se ela tinha cometido um erro enorme.

Mas ela sabia que, no fundo, ela não tinha. Pelo menos agora, ela ainda era ela mesma. Wren estava a caminho, e ela iria tirar o máximo de proveito de cada minuto que eles tivessem juntos.

Ela ainda seria Spencer Hastings, a menina que ela sempre tinha sido, por um pouco mais de tempo.

25

TANTO TRABALHO PARA

UMA LUA DE MEL

Um pouco depois das 01:00h — após a queima de fogos, dos vários brindes de Hailey Blake, da mãe de Hanna, dos amigos de lacrosse de Mike, e até mesmo do pai de Hanna; depois de terem tirado um milhão fotos glamorosas no tapete vermelho e ela ter beijado um zilhão de parentes e retweetado fotos do casamento pelo menos trinta vezes — os convidados de Hanna estavam de pé nos degraus de pedra da mansão esperando ela e Mike saírem. As pessoas jogaram arroz em suas cabeças.

Outros sopraram bolhas. Hanna olhou através da multidão, procurando por suas amigas, mas ela só viu Aria. Ela se perguntou para onde Spencer tinha ido. Era uma pena estar faltando ela neste momento.

Em seguida, uma taça de champanhe apareceu debaixo de seu nariz. Ela olhou para cima e viu Mike sorrindo para ela.

— Um para a viagem? — Ele fez um gesto para a garagem circular à frente deles. Um Rolls-Royce estava esperando, seu motor rugindo.

Hanna levantou uma sobrancelha. — Você providenciou isso?

— Talvez — Mike disse maliciosamente. Ele sorriu misteriosamente e pegou o braço de Hanna. — Venha. Vamos.

Hanna olhou de volta para os convidados — a mãe dela estava chorando enquanto acenava para Hanna e Mike; sua tia Maude, que sempre foi exagerada, ainda estava flertando com o Sr. Montgomery; e a maioria dos convidados estava segurando seus celulares, tirando fotos da decoração que provavelmente iriam direto para o Instagram. Ela deu-lhes um pequeno aceno e pegou a mão de Mike, em seguida, virou-se para ele, animada com o que quer que esta próxima surpresa fosse.

Eles realmente não tinham falado sobre depois do casamento.. provavelmente porque Hanna e Ramona tinham estado tão envolvidas com o casamento em si. — Você que manda, *marido* — ela murmurou.

— É isso mesmo, *esposa*. — Mike beijou sua orelha e abriu a porta do carro. O

cheiro de couro fresco flutuou para fora. — Então, você se divertiu?

— Foi incrível — Hanna arfou, deslizando no banco. Mike subiu ao seu lado, e então o carro começou a se afastar. Hanna deitou a cabeça no ombro de Mike e fechou os olhos, sentindo-se um pouco tonta e inteiramente contente.

Eventualmente, o carro parou. Quando olhou para cima, Hanna não estava na frente de um hotel de luxo da Filadélfia, nem mesmo em uma pensão pitoresca, como ela esperava. Eles tinham parado na casa dela.

— Oh — ela disse, um pouco decepcionada. O único consolo, ela supôs, era que a mãe dela não podia reclamar por eles compartilharem a cama.

— Só espere — Mike disse ansiosamente, ajudando-a a sair do carro. Com um largo sorriso no rosto, ele a levou para a parte de trás da casa. Quando ela viu seu quintal, Hanna engasgou.

Tochas foram acesas em uma linha ao redor do pátio traseiro, música havaiana tocava tranquilamente pelos alto-falantes ao ar livre, e a máquina de som do quarto de Hanna estava no muro baixo sintonizado com sons de ondas do mar. Várias piscinas infantis tinham sido preenchidas com água, havia palmeiras infláveis em todos os lugares, e metade do pátio foi coberto com montes de areia. Havia duas margaritas na mesinha ao lado das cadeiras.

Hanna deu a Mike um sorriso confuso. — O que é tudo isso?

— Bem... — Mike girou os dedos timidamente. — Eu sei que você sempre quis ter uma lua de mel tropical, no Havaí, ou no Caribe, ou seja lá onde fosse. E eu achei que já que não poderíamos ter uma lua de mel nas ilhas, eu traria as ilhas para nós.

Mas se você não gostou, nós podemos ir para o Ritz ou onde você quiser.

— Eu amei — Hanna disse, mais emocionada do que ela saberia dizer. Ela puxou Mike para perto e apertou-o com força com lágrimas queimando nos cantos dos olhos. A cada momento da noite que passava, desde quando ela tinha visto ele no altar, de quando eles tinham lido os seus votos até quando ele dançou três danças consecutivas com os parentes babacas dela da Flórida, ela não conseguia parar de pensar que ela não poderia amá-lo mais.. mas isso tinha superado tudo.

Surpreendia-a infinitas vezes que Mike faria tudo isso por ela ainda sabendo, no fundo, que ele e Hanna provavelmente nunca estariam juntos. Que o único tempo deles juntos seria em uma sala de visita da prisão ou em um tribunal, ou durante as chamadas telefônicas. E, no entanto, ele ainda quis passar por tudo isso.

Mas por outro lado, nunca se sabe. Havia sempre uma esperança, certo?

— Você realmente gostou? — ele perguntou com seu queixo sobre a cabeça dela. — Está perfeito. Você é perfeito — ela disse, passando as mãos de cima a baixo nas costas dele. — E você vai ser um ótimo marido.

— O mesmo vale para você — Mike disse. Em seguida, ele se inclinou para trás e olhou para ela, tocando uma das delicadas contas na parte da frente do vestido dela. — E, sabe, este vestido é lindo e tudo mais, mas talvez nós devêssemos colocar você em algo mais confortável.

— Eu concordo — Hanna disse sedutoramente, pegando a mão dele e levando-o para dentro.

*

Ding-dong.

Hanna gemeu e rolou, tocando o estômago nu e suave de Mike. Ele suspirou em seu sono.

Ding-dong.

Ela sentou-se e esfregou os olhos, olhando ao redor. Os cobertores e lençóis estavam emaranhados em torno dela e de Mike, e Dot tinha subido entre eles, a cabeça dele estava no bumbum de Mike. Hanna reprimiu uma risada, então sentiu uma onda de melancolia. Se ao menos ela pudesse ter semanas, meses, anos para eles acordarem juntos desse jeito.

Havia uma confusão lá embaixo, e Hanna lembrou da campainha. Em seguida, houve uma batida na porta. Hanna vestiu um robe, abriu a porta e viu o rosto pálido e os olhos de sua mãe. — A polícia está no andar de baixo procurando por você — a mãe dela sussurrou. — O júri tomou uma decisão.

— Em um domingo? — Hanna engasgou. Imediatamente ela despertou e vestiu suas roupas.

Todo mundo estava com os olhos turvos quando eles pararam na frente do tribunal. As mãos de Mike apertaram as de Hanna com força enquanto se afastavam do estacionamento e iam em direção aos degraus. Flashes atingiram seu rosto, e ela não conseguiu evitar de pensar que sua tentativa descuidada de fazer uma maquiagem e de passar um pente grosso em seu cabelo, que ainda estava pegajoso com o spray de cabelo do coque de ontem, provavelmente faria com que ela conseguisse alguns xingamentos no Twitter. Mas esses pensamentos foram afastados rapidamente pelas perguntas que os repórteres estavam gritando. — O

que você acha que o júri vai decidir? Como você se sente sobre ir para a prisão? Você acha que vai sair livre?

Quando eles estavam dentro, Mike virou-se para Hanna e apertou o braço dela com força. — Vai ficar tudo bem.

Hanna balançou a cabeça, com muito medo de falar para não vomitar. De alguma forma, as pernas dela conseguiram levá-la para a sala de audiências. Spencer e Aria já estavam em seus lugares com seus rostos pálidos. Sem dizer nada, Hanna deslizou ao lado delas e apertou suas mãos. Sua pulsação corria rápido.

Os jurados se reuniram, os advogados tomaram seus lugares, e o juiz apareceu em seu banco. O olhar dela vagou para o resto da multidão — seus pais, os pais de Aria, um monte de gente da imprensa. Então ela olhou para os jurados em seus assentos. De repente, um deles encontrou seu olhar. Um pequeno sorriso surgiu

no rosto da mulher. Hanna sentiu seu queixo cair. Isso tinha que ser um bom sinal, certo? O júri tinha decidido que elas não eram culpadas?

O vozeirão do juiz ressoou pela sala, e todos os olhos se voltaram para ele. — O júri chegou a um veredito? — ele perguntou.

Um cara de meia-idade de cor pastosa que atuava como o representante do júri segurava um pedaço de papel dobrado com força. — Nós chegamos, meritíssimo.

Pareceu levar eternidades para o oficial de justiça andar do corpo de jurados até a bancada do juiz. Hanna achou que ia desmaiar quando o juiz pegou a folha de papel dele e a analisou. As unhas de Spencer cavaram na palma da mão de Hanna.

Aria tremia ao lado dela. Por alguns segundos, parecia que nenhuma pessoa da sala do tribunal respirava.

O juiz tossiu, então baixou os óculos para o seu nariz. Ele olhou para o presidente dos jurados e perguntou: — Qual o veredito?

O homem respondeu: — Nós do júri consideramos Hanna Marin, Spencer Hastings e Aria Montgomery culpadas pelo assassinato de Alison DiLaurentis.

A boca de Hanna se abriu. Alguém perto dela gritou. A mão de Spencer escorregou da dela. Hanna olhou cegamente em torno da sala de audiências, o seu olhar primeiro pairando no Sr. DiLaurentis, que estava em seu assento regular na parte de trás. Havia um pequeno sorriso tenso em seu rosto. Então Hanna encontrou Mike na multidão. Sua pele estava pálida. Ele estava piscando com força, talvez contendo as lágrimas. Hanna sustentou seu olhar enquanto pôde, mas ela não pôde oferecer-lhe um sorriso corajoso, e nem ele. Foi então que ela percebeu. Mike realmente não tinha pensado que isso iria acontecer.

Talvez ela também não, tampouco. Mas a realidade a atingiu, e a deixou tonta: Ela nunca mais iria vê-lo novamente, exceto na sala de visitas de uma prisão. Ela nunca mais iria ver *ninguém*.

O juiz disse mais algumas coisas depois disso — alguma coisa sobre as meninas servirem suas penas de prisão perpétua imediatamente, como se todas corressem risco de fugir, e que a sentença seria cumprida na Penitenciária Keystone State, mas Hanna mal registrou. Sua visão começou a escurecer. *Culpada. Culpada. Culpada*. Isso tocava em sua cabeça como um gongo. *Vida na prisão. Para sempre*.

E então tudo ficou escuro.

26

OS AZUIS DA PRISÃO

Aria geralmente tinha um estômago de ferro fundido quando se tratava de enjoo, mas algo na maneira que o careca corpulento com uma jaqueta cáqui que trabalhava na prisão conduzia a van para a Penitenciária Keystone State deixou seu estômago revirando por todo o caminho até que rolou através das portas da prisão.

Talvez tenha sido a sua condução cheia de sacudidas, ou talvez fosse a maneira como ele *cheirava* a carne — carne seca, o cheiro dele literalmente vazava de seus poros.

O carro parou, jogando Aria, Spencer e Hanna para frente rudemente contra os cintos de segurança. O motorista olhou para elas, saiu e abriu a porta de correr da porta de trás da van. — Fim da linha — ele ordenou, então riu. — Bem-vindas ao seu novo lar, vadias.

Aria se arrastou para fora da van do melhor jeito que pôde com as algemas em torno de seus tornozelos. Hanna e Spencer a seguiram,

nenhuma delas disse uma palavra. Elas não se falavam desde que o veredito havia sido dado, na verdade.

Choraram umas nos ombros das outras, sim. Entreolharam-se com horror, definitivamente. Mas o que realmente havia para *dizer*?

Culpadas. Ainda era horrível demais para acreditar. Qualquer coisa que Rubens houvesse dito, qualquer *lógica* sobre o que poderia ter acontecido, qualquer garantia de que elas apelariam assim que pudessem, entrou por um ouvido de Aria e saiu pelo outro. Um grupo de pessoas as declaram culpadas. Isso a fez se sentir mais do que inferior. As pessoas realmente achavam que ela era uma assassina. Eles ouviram aquele caso ridículo e ficaram do lado de Ali. Ela não podia acreditar.

O motorista as empurrou em direção a uma porta de metal aberta. Uma guarda, uma mulher corpulenta com cabelo castanho curto e um rosto com queixo duplo, esperava por elas com uma cesta de metal em suas mãos estendidas. Aria olhou para o nome em seu distintivo. BURROUGHS. Ela tinha lido em algum lugar que as pessoas usavam apenas os sobrenomes na prisão — os primeiros nomes eram muito pessoais. Ou talvez eles davam-lhe muita identidade. Então, aqui, Aria não seria mais Aria, mas simplesmente Montgomery. Ela não era mais um indivíduo, mas um número. Não era mais uma artista, mas uma assassina.

— Entregue todos os seus pertences — Burroughs ordenou a Spencer, que era a primeira da fila. — Qualquer joia, qualquer coisa que você tiver em seus bolsos, coloque aqui.

Spencer tirou um par de brincos e deixou-os cair na cesta. Aria não tinha nada mais a desembolsar — ela tinha retirado o bracelete da Cartier que Noel tinha dado a ela mais cedo e entregou-o para Ella guardar. Ela disselhe para devolvê-lo para a família Kahn, embora até mesmo dizer isso a tinha sufocado. Ela desejou agora que ela não tivesse se acovardado de falar com ele no casamento de Hanna

e Mike. Ele apenas parecia. . chateado. E ele não tinha ido ao seu julgamento. No entanto, seu próprio julgamento seria, provavelmente, em breve. Ela se perguntou o que ele pensou quando ouviu que ela tinha sido considerada culpada. Talvez ele nem se importou.

De repente, Burroughs a empurrou contra a parede, o queixo de Aria batendo contra os blocos de concreto. Ela sentiu as mãos de Burroughs movimentar-se de cima a baixo de seu corpo, cutucando suas axilas, apalpando sob os peitos dela, e fazendo uma varredura completa entre as pernas. Burroughs ficou para trás e olhou para as três com os olhos apertados. — Antes de ir para dentro, eu não quero nenhuma gracinha — ela resmungou. — Sem falar. Sem olhar para as outras detentas. Sem queixas. Vocês vão fazer o que foi ordenado, e vocês não vão causar problemas.

Aria levantou a mão. — Quando eu posso fazer uma ligação?

Burroughs bufou indignada. — Querida, privilégios de telefone são *merecidos*.

E você certamente não fez nada para merecer isso ainda. — Ela olhou para as outras.

— E assim são os privilégios de banho, os privilégios de dormir, até mesmo os privilégios de comer.

— Privilégios *de comer*? — Spencer repetiu, com a voz embargada. — Isso não parece humano.

Tap. A mão da mulher voou e atingiu a mandíbula de Spencer tão rápido que Aria quase não viu. Spencer inclinou para a direita e fez um som torturado. Aria se virou para ela, querendo confortá-la, mas ela temia que a mulher pudesse bater nela, também.

— Eu disse sem reclamação — Burroughs sibilou. Em seguida, ela empurrou-as por um longo corredor sujo que cheirava a pés, suor e

ao mais sujo vaso sanitário de todos, até que chegaram a uma entrada para o que parecia ser um banheiro, apesar de não ter uma porta. — Hora do banho — ela instruiu, empurrando-as para a sala.

Aria olhou para os azulejos sujos, as torneiras pingando, os boxes de banho abertos. O lugar estava repleto de outras mulheres — mulheres de aparência terrível com tatuagens, olhar de desprezo, com posturas curvadas e masculinas, todas andando totalmente nuas e sem vergonha. Algumas delas estavam gritando umas com as outras, como se estivessem à beira de uma briga. Uma menina asiática magra estava encolhida no canto, murmurando alguma coisa em uma linguagem que Aria nunca tinha ouvido falar. Uma mulher, que estava arrancando as sobrancelhas na pia, tinha uma cicatriz em todo o comprimento do rosto. Quando ela viu Aria fitando-a, ela abriu um sorriso largo e estranho, sua pinça parada no ar. — *E aí* — brincou ela. Aria se encolheu. Seus pés não se moviam. Ela não podia tomar banho aqui. Ela não conseguia nem ficar aqui. Como ela iria fazer isso? Como ela iria ser forte? Ela pensou no que Rubens lhes tinha dito depois do veredito ser dado, — Vai ficar tudo bem. Nós vamos recorrer. Nós ainda podemos ser capazes de vencer isso.

— E se nós não vencermos? — Hanna tinha soluçado.

Rubens tinha puxado o lábio inferior para sua boca. — Bem, então, vocês podem pegar vinte e cinco anos. Vinte talvez, se vocês tiverem bom comportamento.

Eu mesmo vi alguns prisioneiros sair em quinze anos.

Quinze anos. Aria teria trinta e três até então. Metade da sua vida teria acabado.

Noel não esperaria por ela de qualquer maneira, mesmo se tivessem ficado juntos.

De alguma forma, ela conseguiu entrar no chuveiro, que não tinha cortina. Ela tentou ao máximo se cobrir e esfregar-se ao mesmo

tempo, embora o sabão fosse escorregadio, na verdade nem espumava e cheirava a vômito. Burroughs apareceu no corredor, os braços cruzados sobre o peito, observando cada uma delas por razões que Aria realmente não entendia — talvez apenas para acostamá-las à humilhação. Do lado de fora do boxe, as prisioneiras as circundaram como tubarões.

— Meninas novas? — Aria ouviu uma delas perguntar para a guarda.
— Elas são muito bonitas — disse outra. — Elas se parecem com vadias — alguém disse. Aria apoiou a cabeça contra o azulejo da parede suja e deixou as lágrimas caírem.

Depois de cerca de três minutos, a guarda entrou e desligou a água, ordenando que Aria saísse. — Vistam as roupas — ela gritou. Aria, Spencer e Hanna se secaram da melhor forma possível e rapidamente entraram em seus macacões laranja. A pele de Aria agora cheirava ao sabão horrível que ela tinha usado. Seu cabelo molhado escorria pelas costas, uma sensação que ela sempre odiou.

Então Burroughs fez sinal para elas seguirem-na para outro corredor escuro e sem janelas — todo o lugar lembrava Aria de um daqueles labirintos que cientistas colocavam para os ratos para experimentos psicológicos — e passaram por um espaço aberto com os beliches das mulheres. As presas rondavam em torno do espaço de forma agressiva. Hip-hop flutuava pelo ar. Era mais gritante de um canto mais atrás, embora a voz de uma guarda se elevou bruscamente, dizendo que quem quer que fosse calasse a boca.

A guarda caminhou para outro corredor, mas ela tomou apenas a mão de Aria, instruindo outra guarda para levar Hanna e Spencer para outros lugares. — Orientações para você, Montgomery. D'Angelo, envie Hastings e Marin para seus beliches.

Aria engasgou. — Nós não podemos ir todas juntas?

Burroughs riu. — Desculpe, querida.

Aria encontrou os olhos de Spencer. Spencer deu-lhe um olhar tão aterrorizado, tão imobilizado, que o coração de Aria acelerou. Hanna levantou a mão em um aceno. Algo sobre isso parecia finito, como se elas nunca fossem ver uma a outra novamente. As guardas devem ter sabido o quão próximas elas eram e que elas tinham supostamente cometido um crime juntas. Se seu objetivo era fazer com que todas se sentissem miserável aqui, então é claro que eles fariam tudo o que podiam para manter as amigas separadas.

Você pode fazer isso, Aria disse a si mesma. Mas, na verdade, ela não tinha tanta certeza.

Burroughs segurou firme o antebraço de Aria e empurrou-a em uma pequena sala de conferências no final do corredor. Era salpicada com algumas cadeiras dobráveis e estava tão quente e sufocante que Aria imediatamente começou a suar.

Ela fechou os olhos, tentando fingir que ela estava em uma classe de hot ioga — sem a ioga — mas isso na verdade não fez nenhum bem.

Uma mulher loura e magra com uma sobremordida dramática estava na frente da sala. — Sente-se — disse ela para Aria, apontando para algumas cadeiras vazias.

Alguns bancos já estavam ocupados por outras mulheres em macacões laranja. Aria olhou para cada uma delas, se perguntando com quem diabos ela poderia sentar-se perto sem temer por sua vida. Havia uma Latina com sobrepeso com uma tatuagem em sua têmpora; uma garota pálida que estava tremendo um pouco, seja por uma desintoxicação ou por estar à beira de um surto psicótico; um grupo de mulheres todas sentadas juntas que, por suas expressões ameaçadoras idênticas, pareciam membros de uma mesma gangue; e uma garota negra alta com óculos, que estava imóvel no fundo da sala, tão vigilante como um gato.

Aria olhou para a garota negra, esperançosa. Ela parecia sã. Com a cabeça baixa, Aria pegou uma cadeira ao lado dela e cruzou as mãos no colo, se perguntando o que viria a seguir.

Olive, também conhecida como Senhora Sobremordida, fechou a porta, o que só aumentou a sensação de abafado dentro da sala. Ela andou até a esquina e ligou um pequeno ventilador de mesa, mas, em seguida, angulou só em sua direção. — Bem-vindas à Penitenciária Keystone State — ela disse em uma voz branda. — Estou aqui para dizer-lhes tudo o que vocês precisam saber, incluindo as regras, os horários, as suas atribuições de trabalho, horas do refeitório, cuidados médicos, privilégios especiais e o que fazer se vocês começarem a se sentir suicidas.

Aria apertou as mãos sobre os olhos. Ela *já* se sentia suicida.

Olive continuou a falar por um tempo sobre vários protocolos da prisão, fazendo os mais ínfimos direitos civis — ter alguns momentos para ver a família toda na manhã de sábado, serem autorizadas a comprar coisas como escovas de cabelo ou sandálias do comissário se fundos adequados forem fornecidos, uma regular meia hora a cada dia do lado de fora no pátio da prisão — parecer um luxo. Aria desejava que ela pudesse perguntar a Olive se havia uma biblioteca, ou se ela seria capaz de comprar materiais para pintar, ou se havia um psicólogo na equipe que pudesse ser capaz de ajudá-la a descobrir como, exatamente, ela iria passar por isso sem enlouquecer. Mas ela já havia aceitado o fato de que ela provavelmente não teria nenhuma dessas coisas.

Ela recostou-se na cadeira e olhou para o teto, uma gota de suor rolando lentamente para baixo de sua testa. A garota negra com os óculos moveu-se ao lado dela, e quando Aria se virou, ela olhou para ela. Aria ousou dar um sorriso tímido. — Oi — ela sussurrou. — Este é o seu primeiro dia, também?

A menina balançou a cabeça e sorriu de volta. O coração de Aria alegrou-se — ela parecia tão normal. Talvez até mesmo uma nova amiga. Ela precisava de muitas delas, tantas quanto ela pudesse conseguir. Então, a garota acrescentou, — Mas eu já estive aqui antes, Aria.

Aria piscou com força, sentindo como se a imagem positiva de repente virou uma fotografia negativa. — C-como você sabe o meu nome?

A menina aproximou-se de Aria até que seus corpos quase se tocaram. — Porque eu estive esperando por você — ela sussurrou. — Você é a garota que matou Alison DiLaurentis, certo?

O queixo de Aria estava aberto. Demorou muito tempo para ela encontrar as palavras para responder. — N-não — ela disse, com a voz trêmula. — Eu não a matei.

O veredito foi errado.

A garota olhou para a frente mais uma vez, seu sorriso agora sagaz e amargo.

— Sim, você a matou. E todos nós sabemos disso. Ela é uma heroína para alguns de nós, sabe. Ela é o que nos faz seguir em frente.

Cada célula do corpo de Aria começou a tremer. Ela queria levantar e sair de perto dessa garota, mas ela estava aflita demais para se mover. *Ela é o que nos faz seguir em frente.* O queixo da menina estava erguido, sua expressão determinada e justiceira. Ela acreditava no que ela estava dizendo sobre Ali — acreditava na própria Ali. E então, quando Aria olhou para baixo, ela notou uma tatuagem preta desprezível no interior do pulso da garota. Era uma única letra: A.

O sangue de Aria gelou. Ela instintivamente afagou seus bolsos para pegar seu celular, mas é claro que não havia nada lá. Mas se ela

tivesse o celular dela, ela teria mandado uma mensagem para suas amigas imediatamente. *SOS. Há uma Ali Cat — na prisão.*

De repente, Aria revisou seu prognóstico aqui. Seria um milagre se ela sobrevivesse nos próximos quinze anos. Ela poderia não sobreviver nem até amanhã.

27

A MAIOR TESTEMUNHA SURPRESA DE

TODAS

Segunda à tarde, Spencer estava debruçada sobre suas mãos e joelhos no chão do banheiro das mulheres com uma esponja certamente cheia de mofo tóxico em suas mãos e um balde de água suja com um cheiro horrível ao lado dela. Tentando não respirar, ela mergulhou a esponja na água e, em seguida, esparramou-a no chão, fazendo círculos lentos. Ela até mesmo deu algumas intensas respirações de ioga que sempre ajudaram-na antes. Mas depois da respiração número três, ela ouviu alguém rindo em cima dela e olhou para cima.

Uma menina magricela de pele morena e um tapa-olho se inclinou sobre a pia, sorrindo para Spencer com os dentes podres e tortos. — A pequena vadia rica não consegue lidar direito com um banheiro sujo, hein?

— Eu estou bem — Spencer respondeu. Ela estremeceu, desejando não ter dito nada. Ela lembrou-se do livro de Angela que a chave era não se envolver com as outras prisioneiras — isso era um sinal de fraqueza. E esta menina, cujo nome era Meyers-Lopez, vinha seguindo Spencer a manhã inteira, tentando provocá-la.

Meyers-Lopez subiu na pia. — Eu aposto que você nunca pensou que iria parar aqui — ela sussurrou. — Aposto que você achou que iria se safar do crime que cometeu. Ela me contou tudo sobre você, sabe. Ela me disse o quão miserável você era. O quanto você é uma vadia mimada.

Spencer fez uma careta e fez círculos maiores com sua esponja. *Por favor, faça um guarda entrar agora, por favor, faça um guarda entrar nesse momento*, ela pediu.

Esta era a parte mais assustadora da prisão até agora. Não era o fato de que as mulheres brigavam violentamente no meio da noite, como Spencer tinha presenciado ontem à noite, seguido de um total de 45 minutos de sono. Não era o fato de que a comida era fria e infestada com todos os tipos de bactérias — ela tinha ficado apavorada em engolir um waffle esta manhã, com medo que ela entrasse em convulsões imediatamente com uma intoxicação alimentar. Não era o fato de que ela não tinha visto Aria ou Hanna nem mesmo uma vez, ou que ela provavelmente teria que viver os próximos 30 anos dormindo ao lado de alguém cujo apelido era Senhorita Cruel, como ela teve na noite passada, a mulher parecia tão assombrosa que Spencer tinha certeza de que acordaria esta manhã com hematomas por todo o corpo.

Não. Era que várias presas tinham chegado até Spencer nas últimas 24 horas e mencionado o quanto elas adoravam as práticas de Alison DiLaurentis. Que elas tinham alegado que ela tinha falado com elas, contado a elas sobre Spencer e as outras — e quem sabe? Talvez Ali tenha dito mesmo. Seja qual for o caso, essas mulheres eram definitivamente servas de Ali, e elas tinham ameaçado que Spencer, em breve, receberia sua vingança.

E isso significava... o quê? Elas iriam bater nela? *Matá-la?*

Ela esfregou vigorosamente, ignorando o olhar de ódio de Meyers-Lopez. Fazia sentido. Ali não só construiu um plano infalível para fazê-las serem condenadas — Spencer tinha certeza que Ali pagou alguns dos jurados — mas ela também plantou algumas Ali Cats dentro da prisão para se certificar de que as próximas décadas da vida de Spencer fossem miseráveis. As Ali Cats também estavam se comunicando com Ali do lado de fora? Isso poderia, de alguma forma, provar que Ali estava viva?

É, tá certo, ela pensou enquanto a água suja deslizava até o fundo da pia. Ela nunca seria capaz de provar isso. Ali e suas servas eram muito mais inteligentes do que isso. Ela deslizou a esponja em uma das cabines. A porta bateu pouco depois, e quando Spencer saiu da cabine, o banheiro estava vazio. Ela sorriu, sentindo como se tivesse ganhado uma pequena vitória. Meyers-Lopez deve ter ficado cansada de Spencer e ter ido embora.

Ela caminhou até o balde, mas quando ela mergulhou a esponja na água, os dedos bateram em algo viscoso e firme. Ela afastou-se para trás. Algo preto flutuou na superfície da água. Então ela notou uma pequena pata, um bigode, um *focinho*.

Spencer gritou. Era um rato morto.

— Oh meu Deus, oh meu Deus — ela disse, olhando para sua mão estendida.

Ela tinha acabado de tocar em um rato morto. Ela tinha acabado de tocar em um rato morto. Ela provavelmente ia pegar uma doença. De algum lugar no corredor, ela jurou ter ouvido Meyers-Lopez rindo.

— Hastings?

Spencer se virou. Burroughs, a guarda que tinha lhe escoltado no dia anterior, estava na porta. Por um momento, Spencer pensou que ele fosse culpá-la pelo rato morto. — Eu preciso que você venha comigo — a guarda resmungou.

— P-para quê? — Spencer se atreveu a perguntar.

As linhas na testa de Burroughs franziram ainda mais profundamente. — Seu advogado está aqui, está bem? E ele quer falar com você.

Spencer olhou para ela. O advogado dela? O que Rubens poderia possivelmente ter a dizer? Ele já estava pronto para apelar?

— Bem, vamos lá! — Burroughs berrou.

Com a cabeça baixa, Spencer correu para fora do banheiro ao lado de Burroughs. Elas caminharam por uma série de corredores até chegarem as salas onde as presas se reuniam com seus advogados. Burroughs destrancou a última porta à direita e abriu-a. Rubens estava em pé, de frente para a janela gradeada. Aria e Hanna estavam sentadas à mesa, parecendo quase tão chocadas quanto Spencer estava.

Spencer olhou para todos eles. — O que está acontecendo? — ela perguntou, sentindo-se cautelosa.

A expressão de Rubens era difícil de ler. Ele apertou as mãos. — Vocês vêm comigo.

Spencer fez uma careta. — Para onde?

— Para o tribunal.

Hanna parecia preocupada. — Por quê?

Rubens olhou de um lado para o outro, preocupado. Duas detentas pairavam próximo, tentando parecer ocupadas. — Eu não posso entrar em detalhes aqui — ele disse, cautelosamente. — Vocês só precisam vir, ok? *Agora*.

Uma série de guardas empurraram-nas para o corredor que passava pelo refeitório e as portas duplas que levavam para o exterior. Spencer ficou perto de suas amigas, emocionada ao vê-las novamente, mesmo que fosse por algo tão misterioso. — O que vocês acham que está acontecendo? — ela sussurrou.

— Talvez vamos ser transferidas — Aria disse. Sua expressão obscureceu. — Deus, eu aposto que é isso. Estamos sendo transferidas para algo ainda pior.

Hanna engoliu em seco. — Não pode ter um lugar pior do que esse. Eles me fizeram trabalhar na cantina com uma mulher que já decidiu que me odeia. Ela me prendeu no refrigerador, duas vezes. — Ela olhou em volta, como se a mulher estivesse escutando. — E quando eu saí? Ela fez piada dos meus mamilos pontudos.

Ela fez todos da cozinha olharem para eles.

Aria apertou a mão de Hanna. — Eu estou na lavanderia, e eu acho que uma das outras meninas substituiu a água da minha garrafa com água sanitária ontem.

Graças a Deus eu não bebi.

Spencer engoliu em seco, pensando em sua experiência com o rato. — Uma dessas mulheres mencionou Ali?

Os olhos de Aria se arregalaram. — A garota que eu conheci na orientação mencionou.

— A vadia da cozinha não, mas eu acho que a minha companheira de cela sabe sobre Ali — Hanna sussurrou. Ela olhou para trás, para as portas da prisão. — Ela parece totalmente normal, e ela é nova como nós, mas ela tem um A tatuado na parte interna de seu pulso e ela já sabia o meu nome.

Os olhos de Aria se arregalaram. — Eu acho que conheci a mesma garota. Ela é definitivamente uma Ali Cat.

Hanna fechou os olhos e gemeu. — Você sabia que ela é uma tricoteira? Ela pode legalmente ter agulhas de tricô em seu beliche. Eu fiquei com tanto medo na noite passada que eu fosse... — Ela fez um movimento de esfaquear com o braço.

Burroughs se virou e olhou para elas. — Sem conversa!

Elas chegaram ao ar livre nesse momento. O sol no rosto de Spencer pareceu delicioso, mas ela não pôde saboreá-lo por muito tempo, porque os guardas estavam empurrando-as em uma van que estava esperando. Hanna e Aria caíram atrás dela, e o mesmo cara que tinha escoltado elas para a prisão estava no banco da frente.

Rubens subiu no lado do passageiro. Spencer encarou a parte de trás da cabeça dele, tentando descobrir o que diabos estava acontecendo. O que era tão importante para elas serem levadas de volta para o tribunal? O júri iria sentenciá-las à morte imediata?

Depois de um longo silêncio, quase intolerável, o tribunal apareceu na colina.

A van chegou no estacionamento e estacionou no meio-fio. Spencer olhou para fora da janela. — Por que a imprensa está aqui? — ela perguntou.

O advogado saltou de seu banco e abriu as portas. — Vamos — ele disse asperamente.

Hanna saiu, quase tropeçando em suas correntes de tornozelo. — Nós vamos ser emboscadas com alguma coisa? Você tem obrigação de nos dizer.

— É — Aria disse com a voz trêmula. — Se for ruim, você tem que nos dizer agora.

Mas os repórteres já tinham alcançado Rubens e estavam bombardeando-o com perguntas. “O que está acontecendo lá dentro?” eles gritavam. “Por que todo mundo foi chamado de volta ao tribunal?” “O que aconteceu?”.

— Sem comentários, sem comentários — Rubens disse, agarrando a mão de Spencer com força e puxando-a para subir os degraus. As outras meninas seguiram.

Spencer estava ciente de todos os flashes sendo ligados, deles tirando fotos dela em seu macacão laranja e cabelo bagunçado e, muito provavelmente, seu rosto imundo e suado. Mas ela estava muito curiosa sobre o que estava acontecendo lá dentro para se preocupar com isso. Os guardas a levaram através do detector de metais, e logo ela estava de pé do lado de fora da sala do tribunal.

Rubens ficou na frente delas, com a mão na maçaneta da porta. Havia uma expressão nervosa em seu rosto, mas Spencer não podia dizer se era bom ou ruim.

— Tudo bem, senhoritas — ele disse, sem fôlego. — Aguentem firmes.

— *Por que?* — Hanna grunhiu.

A porta se abriu, e várias pessoas que já estavam na sala do tribunal, incluindo o juiz, viraram e cravaram os olhos nelas. Então,

Hanna engasgou. Aria fez um pequeno som sussurrante que era um cruzamento entre um soluço e um gemido.

Uma garota alta e familiar estava na frente do tribunal. Era uma menina que Spencer tinha achado que ela nunca mais veria novamente. A menina que ela tinha pensado demasiadas vezes, que havia aparecido em demasiados sonhos, que a tinha assombrado infinitas vezes desde que ela tinha ido embora.

— E-Emily? — Spencer conseguiu dizer com voz trêmula, apontando para a garota na frente do tribunal. Ela olhou para Rubens.

Ele sorriu. — Eu acabei de receber um telefonema há uma hora. Ela foi escoltada para aqui nesta manhã.

Spencer olhou de novo. Lágrimas encheram os olhos de Emily. Ela abriu um sorriso largo e cauteloso. — O-oi — ela disse. E era, de fato, a voz de Emily. *Tudo* de Emily. Ela estava viva.

28

DE VOLTA À RUA DUNE

Uma semana e dois dias antes

Cape May, NJ

— Vocês estão sentindo esse cheiro? — disse Emily animadamente, gesticulando para a garagem da casa de praia fechada que pertencia a Betty Maxwell, a avó de Nick.

Ela observou quando suas amigas viraram suas cabeças para a garagem e cheiraram. — Isso é . baunilha? — Aria finalmente disse.

Emily assentiu, sentindo como se ela fosse explodir. — Devíamos chamar a polícia. Esta é a prova de que ela ainda está viva!

Mas suas amigas apenas se mexeram, parecendo desconfortáveis. Spencer olhou de volta para a casa vazia. — Em, isso não é o suficiente para trazer a polícia aqui. — Ela suspirou. — Além disso, ela não está aqui *agora*.

Emily não podia acreditar. Ok, ok, Ali não estava aqui agora — mas isso ainda era uma vantagem incrível, não é?

Todas elas apenas deram de ombros e olharam para ela como se ela fosse louca. E talvez ela *estivesse* louca — a voz de Ali em sua

cabeça estava gritando tão alto que Emily mal conseguia pensar direito. Ela não podia acreditar que, mais uma vez, Ali tinha conseguido superá-las. Era mais um tapa na cara.

Emily tentou dizer a si mesma que era o fim. Mas ela não podia deixar isso de lado tão facilmente.

Emily ouviu suas amigas dizerem que elas deveriam ficar aqui o resto do dia, tomar sol, ter um jantar agradável. Ela sentiu-se assentir junto delas apenas porque brigar iria preocupá-las ainda mais. Mas à medida que se afastavam, ela se sentiu separada do seu corpo — de toda a cena, na verdade. Toda a sua mente, todo o seu ser estava naquela casa. Tinha que ter uma pista importante lá, algo que elas tinham deixado passar.

Ela tinha que encontrar isso.

Quando elas foram à praia, Emily mentalmente revisou os lugares da casa que elas tinham procurado. Não havia nada na cozinha, nada nos quartos, nada nos armários. Mas e quanto ao fedor de baunilha na garagem? Elas só tinham olhado lá para dentro. Claro, o lugar parecia vazio.. mas talvez não estivesse.

Isso a perseguiu enquanto elas brincavam nas ondas e ouviam música através dos alto-falantes do iPod de Spencer. Isso a atormentou enquanto elas caminhavam para o jantar. Isso a alfinetou enquanto elas comiam frutos do mar frescos, pediam margaritas e tentavam agir otimistamente. Suas amigas continuaram tentando puxá-la para a conversa, mas ela só conseguiu responder com respostas curtas, de uma só palavra. *Temos que voltar*, ela queria dizer a elas. *Há algo lá. Eu apenas sei que há.*

Mas ela sabia que suas amigas não iriam voltar para aquela casa. Elas já tinham corrido um enorme risco por invadi-la naquela tarde. Elas estavam correndo um risco enorme até mesmo por *estarem* lá. Não. Se ela queria satisfazer o seu pressentimento, ela teria que fazer isso sozinha.

Elas foram para seu quarto de hotel partilhado naquela noite e ligaram a TV no Comedy Central. Emily esperou seu momento, observando quando cada uma de suas amigas haviam se estabelecido na cama, Spencer ligando o ar-condicionado, Hanna puxando a máscara de olho em seu rosto. Depois de um tempo, o quarto ficou em silêncio e alguém abaixou o volume da TV. Emily esperou meia hora a mais para se certificar de que todas estavam dormindo, então se arrastou para fora do quarto do hotel, com a chave na mão.

A caminhada para a casa de Betty Maxwell levou 15 minutos, as suas sandálias estalando alto na calçada na noite tranquila. Devia ser cerca de duas horas da manhã, e Emily ficou preocupada que um carro da polícia pudesse detê-la, querendo saber o que ela estava fazendo lá fora tão tarde. Mas a sorte estava do seu lado. Ela não viu nenhum carro.

A casa de praia era mais assustadora após o anoitecer, as paredes rangendo, sombras estranhas deslizando nas curvas, um som estranho vindo de algum lugar no fundo. Armada com uma lanterna, Emily foi direto para a garagem. Ela ainda cheirava a baunilha — a *Ali*. Ela entrou no espaço pequeno e escuro, a areia remanescente rangendo sob suas sandálias. Agitando as mãos, ela bateu em torno das prateleiras de metal ao longo das paredes da garagem, desesperada para encontrar algo diferente de poeira. Seus dedos roçaram teias de aranha. Ela pressionou contra as paredes de blocos de concreto, esperando por um tijolo solto que estava escondendo algo secreto. No canto da garagem havia uma caixa de ferramentas de aparência industrial; ela a abriu e bateu ao redor, mas não havia nada dentro.

Então ela viu a lata de lixo.

Era apenas uma lata de lixo azul normal com o logotipo da cidade de Cape May na frente, mas Emily ouviu sinos de advertência tinindo em sua mente. Ela correu até ela, levantou a tampa de plástico, e

brilhou a lanterna dentro. Não havia sacos nela, e o fundo estava escuro. Mas, em seguida, a luz pegou a ponta de algo encrostado ao longo do fundo. Emily estendeu o braço tão longe quanto podia até embaixo, retirando o pedaço de papel de um plástico. Ela puxou-o para fora, mal conseguindo respirar. Era um envelope manchado com óleo seco. Ele devia ter cheirado a lixo, mas também cheirava a baunilha.

Ela correu de volta para dentro, colocou-o sobre a ilha da cozinha, e brilhou a lanterna sobre ele. Não havia nenhum destinatário, apenas o número da casa de Betty Maxwell e o CEP de Cape May. No canto, porém, havia um endereço de retorno.

Alguém tinha escrito, Day, 8901 Hyacinth Drive, Cocoa Beach, FL.

Emily virou o envelope. Ele já tinha sido aberto; tudo o que estava dentro havia sido removido. O cheiro de baunilha era tão forte que a deixou tonta. *Ali* tinha recebido isso? Quem era *Day*? O nome pareceu significativo, por algum motivo, mas Emily não conseguia lembrar o porquê.

Ela estava tão envolvida em pensamentos que ela mal se lembrava da caminhada de volta para o hotel. Isso era definitivamente, *definitivamente* uma pista.

Será que ela deveria contar as outras? Ou será que elas a repreenderiam por voltar lá, e, em seguida, a desmotivariam? Elas não acreditariam realmente que era alguma coisa, não é?

Certamente que aquele envelope não valia o trabalho de viajar para Cocoa Beach, Flórida, para checá-lo. Mas Emily apenas. . sentia algo, uma premonição mais forte do que qualquer uma que ela já teve. Ela precisava ver o que era aquilo. Ela tinha que ir para lá. Isso significaria abandonar suas amigas — e o julgamento. Mas, tanto quanto ela odiava fazer isso, ela sabia que essa era provavelmente sua última chance. Ela só tinha que ir sem elas.

Ela não queria que ninguém soubesse sobre isso, porém — nem suas amigas, nem sua família, nem a polícia. Ela não podia se dar ao luxo de estar olhando por cima do ombro o tempo todo. E ela não queria que Ali a visse chegando. Como ela conseguiria isso?

Ela voltou para o quarto de hotel e tomou seu lugar ao lado de Hanna na cama, sua mente agitada. E então, de repente, ela teve uma ideia. Era tão fácil: Ali já tinha feito isso, afinal de contas. Ela falsificou seu assassinato, e todo mundo acreditou. Se Emily falsificasse seu suicídio, todo mundo acreditaria, também.

Ela ficou acordada o resto da noite, planejando a logística. Ela usaria a tempestade — todo mundo pensaria que ele a tinha matado, mas ela sabia que ela era uma nadadora boa o suficiente para conseguir superá-lo. Às 5 horas da manhã, quando ela rabiscou um bilhete para Spencer, Aria e Hanna, ela sabia que elas acreditariam. Afinal de contas, ela tinha estado legitimamente perturbada por semanas. Ela poderia muito bem tirar proveito disso agora.

Ela prendeu uma bolsinha plástica cheia de dinheiro no fundo de seu maiô, caminhou até a praia, e deu um passo para as ondas. Quando ela estava mais profunda, a corrente ficou mais complicada para navegar do que ela pensava inicialmente, mas ela tentou manter a calma e confiar em suas habilidades de natação. Ela viu suas amigas correrem para a praia, seus rostos como máscaras de horror. Emily fingiu lutar, ao mesmo tempo sentindo-se culpada pelo que ela estava fazendo-as passar, mas também sentiu-se confiante em sua decisão de que esta era a única maneira de ninguém vir à sua procura.

O que ela não contava era com Spencer nadar através das ondas atrás dela. — Não! — Emily gritou, empurrando os braços sobre a cabeça. Ela viu quando o oceano puxou Spencer para baixo uma e outra vez. — Pare de lutar! — No momento em que as equipes de resgate chegaram, Emily temeu o pior. Vários paramédicos arrastaram o corpo inerte de Spencer para a praia. Emily observou

quando as equipes de resgate se aglomeraram ao redor dela e suas amigas ficaram em estado de choque. Mas, em seguida, o corpo de Spencer convulsionou, e ela tossiu e rolou para o lado dela. Todo mundo pareceu relaxar um pouco. As equipes de resgate a carregaram sobre uma maca e levaram-na até a praia.

Os helicópteros da guarda costeira voaram acima, ainda à procura. Emily abaixou-se sob a água, sufocando-se com o sal, sentindo as picadas das medusas, batendo nas suas pernas através das ondas. Ela deixou a corrente levá-la mais longe, apavorada o tempo todo. Havia um cais à esquerda; tudo o que ela tinha a fazer era sair da correnteza e, em seguida, nadar debaixo d'água na direção dele.

Mas as ondas bateram à sua direita e esquerda. Várias vezes ela foi empurrada para baixo por tanto tempo que ela tinha certeza de que seus pulmões iriam exaurir-se. Ela veio à tona, ofegante, uma e outra vez, apenas para ser puxada para baixo mais uma vez. Suas costas bateram no fundo duramente. Seu cotovelo esbarrou contra um afloramento de rochas. Ela avistou sangue em sua pele, apavorada que pudesse atrair tubarões. As ondas rolavam uma e outra vez, não mostrando nenhum sinal de desaceleração. Uma única imagem do rosto hediondo, irritado e ameaçador de Ali apareceu em sua mente, empurrando-a para a frente. Ela estava fazendo isso para encontrá-la. Ela estava fazendo isso para acabar com o pesadelo.

Houve uma pausa no tumulto, e Emily balançou para a superfície, respirando com dificuldade. Os helicópteros estavam mais longe da praia, procurando um local diferente. Ela respirou e remou forte em direção ao cais, que não era longe. Ela quase chorou quando ela chegou nele, agarrando-se a ele e deixando as pernas baterem contra os pilares. Depois de um monte de respirações, ela levantou-se para cima do deque de madeira. Felizmente, não havia ninguém em terra para vê-la, e os cortes em suas pernas do cais não eram assim tão ruins. Depois de um tempo, tremendo e fraca, ela cambaleou para a praia fria varrida pelo vento e se refugiou sob um

suporte de salva-vidas. Seus dedos tocaram algo macio, e ela desenterrou uma camisa vermelha Under Armour que alguém tinha deixado para trás. Ela gritou de alegria, vestindo-a rapidamente e imediatamente se sentindo confortada pelo algodão quente e macio. Então, ela deu um tapinha no fundo da sua roupa de natação — a bolsinha ainda estava presa de forma segura. Ambas as coisas juntas pareceram como uma benção maravilhosa. Talvez isso realmente fosse dar certo.

Uma vez que Emily recuperou sua força, ela começou a subir a passarela e se dirigiu para a cidade. Graças a Deus essa era uma cidade de praia e andar pelos lugares com apenas uma camisa e um maiô era comum — quando ela entrou no Wawa, ninguém prestou atenção em seu traje estranho. A música “Roar” de Katy Perry estava tocando alto nos alto-falantes, o que gentilmente abafou o coração acelerado de Emily. Ela manteve a cabeça e os olhos abaixados enquanto ela perambulava pelos corredores, selecionando um chá gelado tamanho gigante, vários pretzels macios, sandálias e um par de shorts de ginástica com um logotipo de Cape May dentre a seção de roupas pequenas.

Ela fingiu que estava com uma ressaca enquanto entregava as notas de dinheiro ao homem no balcão, para que ela não tivesse que fazer contato visual. Uma vez fora, ela vestiu os shorts rapidamente e enfiou os pretzels em sua boca, desesperadamente voraz. Ainda era muito cedo de manhã, o céu estava um cinza fosco. Não havia muitos carros no estacionamento. Do outro lado da rua, a casa famosa de panquecas da cidade estava fechada, talvez por causa da tempestade. Um helicóptero circulou o céu, talvez ainda procurando por ela. . e lá estava ela, comendo um pretzel, bebendo chá gelado, bem.

Era meio louco, e certamente drástico. E se não desse certo? E se ela tivesse acabado de cometer um erro terrível?

Ela esperou ouvir a voz de Ali gritar, mas ela ficou em silêncio. Então Emily sentiu a bolsinha que agora estava escondida em seus novos shorts, tirando um pedaço dobrado de um papel de carta do hotel. *8901 Hyacinth Drive, Cocoa Beach, FL*, ela tinha escrito. A tinta não tinha manchado nem um pouco — e isso pareceu um bom presságio, também. Ela segurou-o entre as mãos, seus batimentos cardíacos se acelerando. Ela teria que descobrir a melhor maneira de chegar na Flórida.

Ela só esperava que ela encontrasse o que estava procurando assim que chegasse lá.

8901 HYACINTH DRIVE

Uma semana e um dia após o mergulho de Emily no oceano, ela se encaminhou para a Flórida. A opressiva umidade a atingiu no momento em que ela desceu do ônibus Greyhound, mas foi uma mudança bem-vinda em relação às enghocas com cheiro de mortadela e ossos chacoalhando que ela tinha estado prisioneira na semana passada. Ela protegeu os olhos e olhou em volta. Palmeiras balançavam majestosamente pela avenida. Nuvens macias do meio-dia moviam-se acima. Havia uma grande placa eletrônica ao lado do edifício. *Hoje é domingo*, dizia com letras digitais vermelhas rolando. *Bem-vindo a Cocoa Beach.*

Emily finalmente estava aqui. Ela inclinou a cabeça, ainda esperando um comentário da voz de Ali, mas Ali havia ficado em silêncio desde o mergulho de Emily no mar. E então Emily usou o velho truque supersticioso que ela tinha usado tantas vezes desde que ela era criança, olhando para o tráfego correndo na rodovia. *Se um caminhão passar nos próximos dez segundos, você vai encontrá-la. Se não passar, você não vai.*

Ela começou a contar. No sete, um caminhão passou apressado. Seus dedos formigaram com a possibilidade.

Ela seguiu a multidão de pessoas para a estação de ônibus, cautelosamente olhando para trás e para frente, com medo de que alguém pudesse reconhecê-la. Mas ninguém sequer olhou em sua direção. Mas ela não se parecia exatamente com a Emily Fields dos noticiários, em vez disso ela parecia um maltrapilho magro e sujo, que não havia tomado banho ou comido uma refeição adequada há dias. Ela teve que se transferir sete vezes para garantir o ônibus mais barato para o sul da Flórida. Ela tinha lido a mesma cópia descartada da revista *Golf Digest* por quatro dias só para se impedir de ficar louca. Ela tinha dormido com a cabeça contra uma janela de

ônibus ou enrolada em um banco do terminal de ônibus. Ela quase tinha sido roubada duas vezes, inúmeros viajantes sórdidos tinham esbarrado nela, e uma velha senhora tinha gritado com ela em português — Emily suspeitava que ela tinha colocado um feitiço sobre ela. Ela sofreu muito nesta viagem. Arriscou muito, também.

Mas valeu a pena. Ela estava em uma missão.

A estação de ônibus era frígida e cheirava a produtos de limpeza, e um anúncio soou pelo alto-falante em espanhol. Emily empurrou-se para dentro do banheiro das mulheres — o banheiro do ônibus havia ficado inteiramente nojento demais para usar até o final da viagem, e ela estava segurando o xixi desde a linha da Geórgia/Flórida. Dentro da cabine, ela enfiou a mão na bolsinha de plástico que ela estava carregando, pegou o celular que ela tinha comprado em uma escala na Carolina do Norte, e seguiu os passos para ativá-lo. Ela não queria usar um celular antes disso, mas agora que ela estava aqui, ela não tinha certeza em que tipo de situação ela poderia se envolver. Depois que a tela anunciou que o telefone estava ativo, ela colocou em seu bolso, sentindo cada grama do seu peso.

Fora do banheiro havia um grande mapa da área de Cocoa Beach. Demorou alguns minutos, mas Emily localizou a Rua Hyacinth em um conjunto habitacional a vários quilômetros de distância. Ela pegou a caneta que ela roubou de uma parada de descanso na Carolina do Sul e escreveu as instruções na sua mão. Então, alguma coisa na TV que pairava sobre o guichê chamou sua atenção, e ela olhou para cima.

Os rostos solenes e sóbrios de Spencer e Hanna apareceram na tela, preenchendo Emily com ainda mais culpa. Elas pareciam tão *torturadas*. Ela pegou trechos do julgamento durante a viagem e, a cada nova história, ela sentia-se ainda pior por deixá-las lidar com isso tudo por conta própria, especialmente desde que Aria tinha fugido para a Europa. Ela também odiava que seu suicídio não fosse um voto de confiança para o júri de que elas eram inocentes.

Então ela notou a manchete. *As Pequenas Mentirosas Foram Consideradas Culpadas*, dizia em grandes letras vermelhas. O queixo de Emily caiu. O julgamento terminou. O júri não acreditava nelas. Elas estavam indo para a *cadeia*.

Ela tinha que chegar nessa casa, *agora*.

Ela encontrou a linha de ônibus para a rua Hyacinth e correu até a parada assim que um ônibus estava chegando. Depois de pagar a tarifa, ela caiu em um assento, o ar-condicionado retumbando na parte de trás de seu pescoço. Edifícios *Art déco* passavam por fora das janelas. Palmeiras balançavam. Uma mulher perto da frente estava ouvindo música alta e animada em fones de ouvido. Emily sabia que Ali tinha uma avó na Flórida; ela estava escondendo-a agora? Mas quem a ajudou a chegar até aqui? Quem pagou por todo o percurso ao longo da costa?

Como Ali havia passado despercebida por todos, *mais uma vez?*

O ônibus chegou na sua parada, e Emily desceu em um trecho desolado da calçada. Pequenas casas de estuque enchiam às ruas. Dois metros abaixo, uma mulher mais velha de bobes ajeitava um canteiro de flores. Do outro lado da rua, um homem idoso estava caminhando com um Lakeland terrier. Um casal de idosos em roupa esportiva combinando desapareceu na esquina com seus braços bombeando.

Todos os carros estacionados na rua pareciam ser algo que seus avós conduziriam: ou grandes cruisers parecendo lanchas ou eficientes Toyota Corollas.

A garganta de Emily estava seca quando ela caminhou pelo bloco e virou à direita na Hyacinth. Mais casas bonitas de estuque se alinhavam no bloco, todas pintadas em alegres tons pastel. Emily olhou para os números escritos com tinta spray sobre o meio-fio — 8879. . 8881. . 8893. . e, de repente, lá estava o 8901, logo à frente. Era uma casa rosa alegre com venezianas brancas e uma

cerca branca. A aspersão pulverizava a grama no quintal, e plantas tropicais cresciam em canteiros perto das janelas. Na varanda havia a mesma estátua de um cão com olhos abaixados que a velha senhora que morava três casas abaixo da casa de Emily em Rosewood tinha em sua varanda. A calçada estava vazia de carros.

Emily agachou atrás de uma palmeira gigante. Isso estava certo? O lugar parecia uma comunidade de aposentados. E se Ali tivesse plantado o envelope no lixo para Emily encontrar? E se ela estivesse assistindo de algum lugar, rindo dela?

Emily pensou nos rostos de suas amigas no noticiário de novo. *Prisão*. Era impensável. Elas estavam atravessando o inferno, e ela não estava ao seu lado. E se aquilo fosse uma armadilha e ela fosse pega? Ela iria para a cadeia e, provavelmente, obter o dobro da sentença por fingir a sua morte. Suas amigas a odiariam. Sua família iria odiá-la. Todo mundo ia odiá-la. Eles achariam que ela estava ainda mais maluca do que antes. Talvez ela acabasse na Reserva.

Mas, em seguida, a porta da frente abriu.

Emily se agachou. Uma figura desceu o caminho da frente e atravessou o gramado em direção à garagem. Era uma mulher, seus quadris balançando e seu cabelo saltando, e ela não parecia tão velha quanto os outros residentes no bairro.

Seu cabelo ainda era um loiro viçoso e amanteigado. Seu corpo estava em boa forma e jovem, como se ela fizesse muita ioga. Ela estava usando um vestido de verão, alpercatas azuis e um pingente de diamante brilhava em sua garganta.

Emily franziu a testa. Esse pingente de diamante parecia familiar — *realmente* familiar. Só então, ela teve a memória mais estranha: Era da sétima série, e ela e as outras meninas estavam vestindo Ali para ir ao Baile do Dia dos Namorados da escola — ela tinha sido chamada por um menino bonito que era calouro chamado Tegan. Emily tinha se oferecido para ajudar Ali a se arrumar, fazendo seu

cabelo e maquiagem, e elogiando o colar de diamantes em forma de lágrima que Ali ia usar naquela noite, um empréstimo da sua mãe.

Day. De repente, Emily sabia por que esse nome era significativo. Antes dos DiLaurentis mudarem para Rosewood, eles tinham sido conhecidos como *Day-DiLaurentis*. Mas quando eles se afastaram por causa das explosões violentas da sua filha, querendo se mudar e começar de novo, eles excluíram a primeira metade de seu nome.

Poderia ser?

A mulher caminhou em direção à parte de trás da casa, aquele familiar pingente de diamante batendo em sua garganta. Quando ela abriu a porta, o sol atingiu seu rosto, iluminando suas feições de ossos finos, seu nariz inclinado, seus grandes olhos azuis e seus lábios em forma de arco. A boca de Emily caiu aberta. Um grito congelou em sua garganta.

Era a mãe de Ali.

Emily estava tão atordoada que seus joelhos cederam. Mas, de repente, isso fez tanto sentido. Foi por isso que a Sra. D não havia participado do julgamento. Foi por isso que ela não tinha comentado com a imprensa. Talvez a imprensa não soubesse onde ela estava. E Ali poderia ter sido insana, e a Sra. D pode ter totalmente compreendido isso, mas Ali ainda era sua filha. E, como sua mãe, a Sra. D

provavelmente sentia-se na obrigação de protegê-la. Era algo que Emily poderia facilmente demonstrar empatia: Ela teve uma filha, também, a pequena Violet. Não muito tempo atrás A tinha insinuado que Violet poderia estar em perigo. Emily tinha enlouquecido de preocupação, desesperada para manter Violet segura.

Talvez fosse isso que a Sra. D estivesse fazendo, também. Sem pensar muito sobre isso, Emily atravessou a rua para a propriedade. Ela abriu o portão de metal branco na frente e se arrastou pelo

quintal, seu coração acelerado. Era mais frio no quintal, a área sombreada de palmeiras e uma fonte de água borbulhava ruidosamente perto da porta deslizante.

A Sra. D estava de costas para Emily. Uma onda branca de fumaça de cigarro serpenteou acima de sua cabeça, e um filtro vermelho incandescente de cigarro estendia-se por entre seus dedos. Ela parecia tão vulnerável ali de pé, não tendo nenhum indício de que Emily estava atrás dela. Emily sentia-se vulnerável, também.

Ela ainda não tinha ideia do que ela iria dizer ou fazer.

Respirando fundo, ela secretamente pressionou a tela de chamada do celular.

Com os dedos trêmulos, ela discou 911. Alguém atendeu imediatamente. — Qual é a sua emergência? — a voz de uma mulher soou.

A cabeça da Sra. D elevou-se, e ela virou-se para o ruído. Quando ela viu Emily, seus olhos se estreitaram, então se arregalaram.

— O-oi — Emily ouviu-se dizer, com a voz muito baixa.

— Qual é a sua emergência? — disse a voz novamente. Emily só esperava que a atendente não desligasse antes que certas coisas fossem ditas. Será que eles gravavam as chamadas do 911?

A cor sumiu do rosto da Sra. D. De perto, ela parecia mais velha do que Emily se lembrava. Havia olheiras sob seus olhos, e sua pele parecia puxada contra seu rosto, seu corpo magro demais.

— O que você está fazendo aqui? — a Sra. D finalmente sibilou, recuando. — Você não.. se afogou?

Ela parecia assustada, Emily percebeu. Talvez imobilizada. — Estou à procura de Alison — disse Emily na voz mais firme que conseguiu, o

seu olhar sobre a mãe de Ali. — Eu acho que você a viu.

A Sra. D olhou para Emily loucamente. Ela abriu a boca, mas as palavras não saíram.

— Eu acho que você sabe onde ela está — Emily continuou. — Eu entendo o que você está fazendo, Sra. DiLaurentis. Eu tenho uma filha, também. Se eu achasse que ela estava em perigo, eu faria qualquer coisa para ajudá-la. Mas você precisa fazer o que é certo. Sua filha tem prejudicado muitas pessoas e arruinou muitas vidas. A Sra. D deixou cair o cigarro no ladrilho. — Eu não sei o que você está falando — ela cuspiu. — Minha filha está morta. Você a matou.

Houve um ligeiro soluço em sua voz, e ela desviou os olhos. O coração de Emily pulou. — Você sabe que não é verdade — disse ela em voz alta. — Você esteve em contato com ela. Na verdade, eu acho que ela está aqui.

A Sra. D sacudiu a cabeça. — Eu ouvi coisas sobre você. Disseram que você tinha enlouquecido. Achei que foi você a pessoa que matou Alison. Aposto que foi você sozinha, não foi?

— Eu não a matei — Emily rugiu. — Ela quase me matou.

— Eu li as coisas que ela escreveu sobre vocês em seu diário. Vocês são monstros.

— Alô? — disse a atendente. — Tem alguém na linha?

A Sra. D olhou para o bolso de Emily. — Com quem você está falando?

Emily tocou no telefone através do tecido. — Eu chamei a polícia. Eles estão a caminho. Então é melhor você começar a me dizer a verdade.

O lábio inferior da Sra. D começou a tremer. Algo em sua expressão dura desmoronou. — A polícia? — ela guinchou. — P-por que você faria isso? Eles vão vir atrás de você, você sabe. Você não ouviu? Suas amigas foram consideradas culpadas.

— Eles não vão vir atrás de mim. Você sabe disso. Apenas me diga onde ela está. Eu não vou machucá-la. Eu prometo.

Apesar de ter sido difícil, Emily não desmoronou com sua expressão indiferente. Os olhos da Sra. D disparava de um lado para o outro. Parecia que ela ia se rachar.

— Alô? — disse a atendente novamente. — Minha senhora, nós estamos..

Mas Emily não ouviu o resto. Ela sentiu alguém puxá-la por trás, imobilizando seus braços atrás das costas. Ela soltou um grito. Os olhos da Sra. D arregalaram. E, em seguida, Emily sentiu algo frio e duro pressionado em sua têmpora. Todo o seu corpo ficou frouxo. Era uma arma.

— Não se mova, vadia — uma voz rosnou.

Uma figura entrou na frente dela, aparecendo à vista. Emily viu uma menina corpulenta, com pele pálida e cabelos opacos e castanhos. Foram os olhos, no entanto, que Emily reconheceu de imediato — os olhos azuis de cristal que brilhavam quando eles sorriam. E a boca, também. Aquela boca bonita e beijável em forma de arco.

Ali.

30

NÃO DESISTIR SEM LUTAR

*— O que você está fazendo? — a Sra. DiLaurentis gritou para a filha.
— Volte para dentro!*

— Oh, porque você tem isso sob controle? — Ali gritou, apertando seu aperto nos braços de Emily. E agora sua voz soou totalmente familiar, aquela voz bela e horrível que Emily nunca esqueceria. — Você me disse que tinha tudo sob controle.

Mas eu vi você. Você estava prestes a contar tudo a ela!

A Sra. D correu e tentou afastar Ali de Emily, mas Ali empurrou-a, enviando-a cambaleando para a mesa de ferro forjado. A Sra. D recuperou-se rapidamente e deu a Ali um olhar melancólico e desesperado. — Basta ir lá para dentro, ok? Por favor.

Ela disse que chamou a polícia. Basta ir para o lugar que falamos. É seguro.

Mas Ali parecia não ouvir sua mãe. Ela puxou Emily mais perto até que sua boca estava contra o ouvido de Emily. — Você cometeu um grande, grande erro ao me procurar, vadia. E agora você vai pagar.

A Sra. D tremeu no outro lado do pátio. — Alison, pare — disse ela com firmeza.

— Vá para dentro.

Ali apontou para sua mãe. — A culpa é sua, você sabe. Você deveria ter impedido isso. Eu confiei em você.

A Sra. D bateu os braços dos lados. — Se você simplesmente for para aquele lugar que falamos, vai ficar tudo bem! — Ela apontou para Emily. — Eu posso lidar com ela. Ela é uma assassina. Todo mundo está procurando por ela. A polícia vai levá-

la embora.

— Ou nós poderíamos apenas nos livrar dela agora — disse Ali, girando sobre Emily. Ao mesmo tempo, Emily puxou-se para longe de Ali com um giro rápido, batendo na sua mão e derrubando a arma. Ela ecoou ao longo do pátio, parando perto de uma grande pedra de uma fonte ornamental.

— Sua vaca! — Ali deu uma guinada para a arma, mas Emily abordou-a e empurrou-a para o chão. Ela subiu em cima dela, envolvendo suas pernas ao redor do tronco engrossado de Ali. A respiração dela acelerou. Ali se contorceu sob o peso de Emily, seu rosto gordinho estremeando, seus dentes rangendo.

Ali cuspiu no rosto de Emily. — O que você vai fazer comigo?

— Eu poderia matá-la — Emily sussurrou.

Ali riu. — Sim, certo. Isso não é do seu feitio.

— Não é? — Emily gritou em uma voz que não era dela própria. Ela estendeu as mãos e apertou em torno do pescoço de Ali. Os olhos de Ali esbugalharam. Emily podia sentir os músculos e os tendões na garganta de Ali, e ela se esforçou para apertar, apertar e apertar. — Não é? — ela repetiu. Vagamente, ela percebeu que a Sra. D estava gritando.

O sorriso furioso no rosto de Ali virou algo mais terrível. Emily saboreou o terror nos olhos de Ali — ao menos uma vez, ela entendeu o que elas tinham passado todos esses anos. Tudo o que ela queria era se livrar dessa menina de uma vez por todas. Tudo o que ela queria era que Ali pagasse.

Mas então ela percebeu: isso não resolveria nada. E ela realmente seria a assassina de Ali. Não seria melhor do que Ali era.

Ela tirou as mãos dela. Ali virou a cabeça e tossiu violentamente. Emily se inclinou para baixo, perto de seu ouvido. — Não. Você não merece morrer. Eu vou fazer você apodrecer na cadeia pelo resto da sua vida.

— Não se eu fizer alguma coisa a respeito.

Houve o som de um clique agudo e baixo. Emily se virou. A Sra. D estava atrás delas, segurando a arma. — Ponha as mãos para cima — ela sussurrou.

Emily saltou para longe de Ali. Ali rolou para o lado dela, ainda gemendo, tossindo e apertando sua garganta.

As mãos da Sra. D poderiam ter estado instáveis, mas ela estava composta o suficiente para liberar a trava de segurança da arma. Sua mandíbula estava apertada.

Veias se destacavam em seu pescoço. — Não toque na minha filha — ela sussurrou.

Emily assentiu fracamente. Ela olhou de um lado para o outro procurando algo para combater a Sra. D, mas não havia nada nas proximidades. Ela estava presa. A Sra. D tinha pego ela.

— Eu sinto muito — ela ouviu-se dizer. Então era isso. Ela realmente ia morrer.

Ninguém jamais saberia que ela procurou valentemente por Ali. E Ali iria fugir...

novamente.

Um som elevou-se do fim da rua. Emily se entusiasmou diante de seus ouvidos.

Era uma sirene — então a atendente do 911 tinha ouvido ela. — Aqui! — Emily se atreveu a gritar. — Socorro!

Depois disso, tudo aconteceu rápido demais: Ela ouviu o som de passos e o barulho do portão. Os oficiais explodiram no pátio, e a Sra. D soltou a arma. Os policiais correram para dentro e então houve mais gritos e confusão. — O que está acontecendo aqui? — os policiais berraram. — Fiquem todas com as mãos onde podemos vê-las!

— Esta menina estava tentando invadir a minha casa! — a Sra. D apontou para Emily. — Ela é Emily Fields, a menina que devia estar morta! Ela é uma assassina!

Os policiais se viraram e olharam para Emily. O policial alto agarrou seu pulso.

O de cabelo escuro pegou seu walkie-talkie. — Espera! — gritou Emily. — A garota que eu supostamente assassinei? Ela está aqui!

Ela apontou para onde Ali tinha caído — e engasgado. Ali tinha sumido.

Havia um som metálico tilintando na borda da propriedade. Emily virou-se e viu uma figura sombria escalar o muro. Ali estava a meio caminho neste momento.

— É Alison DiLaurentis! — Emily gritou para os policiais, que estavam ao seu lado.

— Vocês sabem quem é ela, não é?

O policial alto, que ainda estava segurando o pulso de Emily, olhou para ela. — Não é aquela que morreu?

O outro policial gritou para o muro. — Ei, você! Desça. Agora. — Mas Ali continuou subindo. O policial baixo subiu no muro atrás dela. Ali soltou um gemido e subiu o mais rápido que pôde, mas o seu excesso de peso a retardou. O policial a pegou pelo tornozelo e arrastou-a para baixo. As pernas de Ali chutaram, e os punhos voaram. — Não me toque! — ela gritou. — Você está me machucando! Você não pode fazer isso!

— Pare de lutar — disse o policial, empurrando Ali para a sujeira. Seu cabelo caiu em seu rosto. Sua camiseta pequena demais estava puxada não atrativamente através de seu estômago. Mas, quando ela se virou para cuspir no rosto do policial, ele olhou para seu parceiro, em reconhecimento. O segundo policial inclinou-se e olhou para o rosto de Ali, que foi empurrado contra a grama. Agora chegou a sua vez de parecer perplexo.. e talvez um pouco assustado. Ele pegou seu walkie-talkie. — Eu vou precisar de reforços. Você pode enviar mais duas viaturas para a 8901

Hyacinth Drive?

A Sra. D tocou nos braços dos policiais. — Não acredite em nenhuma palavra que essa menina diz — ela avisou, com os olhos

em Emily. — Ela é louca. O nome da minha filha é Tiffany Day, não Alison DiLaurentis.

— É? — Emily sentiu um calor em seu rosto. — Você tem identidade?

Ali se virou e olhou para a mãe. — Pegue a minha identidade, mãe.

A Sra. D ficou muito quieta. Os cantos de sua boca inclinaram para baixo. — E-ela não tem identidade.

As sobrancelhas de Ali elevaram. — É claro que eu tenho.

A Sra. D desviou os olhos. — Eu não consegui ainda — ela sussurrou para sua filha. — Não houve tempo suficiente.

Ali apenas a olhou. Havia um olhar de horror em seu rosto.

O policial de cabelos escuros pegou um par de algemas e colocou em torno dos pulsos de Ali. — Vamos todos para a delegacia para que possamos conversar. Você também, Sra. . — Ele olhou perscrutadoramente para a mãe de Ali, em seguida, deu de ombros e colocou algemas em seus pulsos, também.

A Sra. D parecia aturdida. — Não somos nós quem você quer. — Ela assentiu com a cabeça na direção de Emily. — É ela.

— Oh, nós vamos levá-la, também — o policial de cabelos escuros murmurou.

— Nós vamos resolver tudo isso.

O primeiro policial teve que usar toda a sua força para conter Ali o suficiente para levá-la para o carro-patrulha, e a Sra. D gritou todo o caminho até o meio-fio.

Emily, no entanto, andou calmamente e pacientemente. Ela podia sentir um grande sorriso se espalhando por todo seu rosto. Claro, a

polícia iria levá-la e fazer-lhe perguntas. Mas ela sabia que não estaria em apuros. Uma vez que eles percebessem quem Ali era — uma vez que eles percebessem tudo — ela não estaria com problema nenhum.

Um segundo carro da polícia chegou, e dois oficiais carregaram a Sra. D e Ali para o banco de trás. Assim que Ali estava prestes a entrar, ela se virou e deu a Emily um olhar condenatório. Suas feições estavam pequenas e apertadas. Ela estava com tanta raiva que sua mandíbula estava tremendo.

— Isso ainda não acabou — ela sussurrou para Emily, pequenas gotas de saliva voando de sua boca. — Não estamos nem perto de acabar.

Mas Emily sabia que havia acabado. Ela sabia que, finalmente, ela tinha ganhado.

31

A TURMA ESTÁ TODA AQUI

Presente, segunda-feira,

Rosewood, Pensilvânia

— Emily? — Hanna ficou boquiaberta com a menina na frente do tribunal. Era a coisa mais incrível que ela já tinha visto. Lá estava Emily, inteira, sem danos, de olhos brilhantes, quase animada olhando para frente da sala de audiências. Não saída do mar, morta. Não amontoada em um canto, louca. Viva. Sorrindo.

Hanna saiu correndo pelo corredor em direção a sua amiga. Emily estendeu os braços e deu-lhe um grande abraço. Era tão bom respirar o cheiro de limão de Emily e olhar em seus olhos. Hanna nem percebeu que estava chorando até que ela tentou falar e suas palavras saíram chorosas. — Eu não acredito nisso — ela disse. — Você está.. aqui. Realmente aqui!

— Eu estou aqui — Emily respondeu, chorando, também. — Em sinto muito que eu esteja atrasada. Vocês tiveram que ir para a prisão. Eu não queria que isso acontecesse.

Hanna acenou com a mão. — Você está viva — ela sussurrou. — Isso é tudo o que importa.

As outras tinham se aproximado e também se reuniram em torno de Emily. — Como isso é possível? — Spencer perguntou.

— Como você sobreviveu à tempestade? — Aria gritou.

— Onde você estava? — Hanna perguntou. Ela também se perguntou por que Emily estava de volta aqui. Ela tinha sobrevivido apenas para se entregar?

Mas Emily estava olhando para as portas através da qual todas elas acabaram de entrar. Hanna também se virou, assim como todos os outros na sala de audiências — a qual estava quase vazia, exceto pelo juiz, os advogados, e algumas pessoas com aparência oficial fazendo anotações. As portas duplas tinham se aberto e alguém tinha acabado de ser escoltado para dentro. O queixo de Hanna caiu.

— Ali? — ela sussurrou.

Pelo menos ela achava que era Ali. O cabelo da menina era pegajoso e marrom.

Camadas de gordura escondia seu rosto de ossos finos e fazia seus olhos azuis parecerem frágeis e sebentos. A camiseta preta que ela usava não encaixava nem remotamente em seu estômago ou em seus peitos. Um simples pensamento veio à tona na mente de Hanna: Se esta menina tivesse ido à Rosewood Day, e se a antiga Ali estivesse por lá, ela teria impiedosamente zombado dela. Ali havia se tornado seu pior pesadelo.

O resto da sala do tribunal explodiu em sussurros quando o guarda levou Ali até à frente do tribunal. Ali se arrastou desanimada. O coração de Hanna estava batendo forte. A quase assassina delas, a conspiradora que tinha feito elas serem condenadas à prisão

perpétua, estava a poucos metros de distância. Parte dela queria se libertar das outras e socar Ali. Outra parte dela queria correr para longe o mais rápido possível.

Ela se virou e olhou para Emily. De repente, ela entendeu por que Emily estava aqui. Não era por acaso que tanto Emily como Ali estavam no tribunal ao mesmo tempo. De alguma forma, Emily tinha sobrevivido a sua morte e.. encontrado Ali, onde quer que ela estivesse se escondendo.

Ela olhou com admiração para sua amiga. — Eu não acredito.

— Onde ela estava? — Aria perguntou ao mesmo tempo com os olhos arregalados.

Emily deu-lhes um sorriso paciente. — Eu vou contar a vocês a história toda em breve — ela sussurrou.

Todas elas se voltaram para Ali, que estava no banco do juiz, com a cabeça abaixada. O juiz olhou de Ali para as meninas. — Parece que temos outra testemunha surpresa — ele disse ironicamente. — A menina assassinada, surgida dentre os mortos.

A cabeça de Ali levantou. — Elas tentaram me matar — de repente ela falou rapidamente. — Você não entende. Elas fizeram tudo o que eu disse no meu diário.

Elas me amarraram. Elas me machucaram. Tudo o que eu disse é verdade.

— Sim, claro — Spencer gritou.

Ali olhou com desprezo para elas com seu rosto contorcido e terrível. — Elas são umas vadias horríveis — ela disse ao juiz. — Elas merecem ir para a cadeia.

O juiz olhou para ela imparcialmente. — Cuidado com o que diz, Srta.

DiLaurentis. Tudo o que sai de sua boca pode e será usado contra você em seu julgamento.

Os olhos de Ali se arregalaram. Ela abriu a boca para falar, mas um homem em um terno de risca de giz se juntou a ela na bancada, presumivelmente o advogado dela, e colocou a mão no braço dela para silenciá-la. Ali murchou, deixando escapar um pequeno gemido fraco.

Hanna sentiu uma onda triunfante em seu peito. Em todas as situações, Ali as tinha vencido. Até agora. Era a melhor sensação do mundo. O juiz, então, virou-se para elas e deu a notícia que Hanna achou que nunca iria ouvir: Todas as quatro estavam livres de suas acusações de homicídio, uma vez que a vítima ainda estava viva. — Não só viva, como também falsificou a própria morte, tem estado fugitiva, esquivando da lei, tentou escapar e ameaçou a Srta. Fields aqui com uma arma — o juiz acrescentou, olhando na direção de Emily.

Hanna olhou para Emily. — Ela tentou atirar em você?

Emily deu de ombros. — A mãe dela também.

A boca de Spencer caiu aberta. Assim como a de Hanna. Ela estava muito abismada para fazer perguntas.

O juiz pigarreou. — Agora, existem algumas acusações que precisamos retirar de vocês, meninas. Srta. Fields, você deixou um monte de pessoas aflitas pensando que você estivesse morta. Sem mencionar que você deliberadamente quebrou o seu mandato de ordem judicial de permanecer no estado da Pensilvânia ao ir para a Flórida. Mas suponho que vamos deixar as acusações de lado, considerando o calvário que você passou.

Emily soltou um enorme suspiro. — Obrigada — ela disse, emocionada. Hanna apertou a mão dela.

— E a Srta. Montgomery. — O juiz virou uma página em sua mesa. — Você fugiu do país, o que é um crime maior. Mas eu acho que nós podemos negociar serviço comunitário ao invés do tempo na prisão.

Os olhos de Aria se iluminaram e ela colocou a mão sobre sua boca alegre.

O juiz virou mais páginas. — Quanto a todo o resto, está tudo cancelado. Vocês estão livres para ir embora.

Spencer olhou para o seu uniforme da prisão. — Nós podemos tirar isso?

O juiz concordou com a cabeça. Ele apontou para um guarda no canto. O

homem caminhou até as meninas e começou a tirar suas algemas de tornozelo, uma por uma. Os pesos caíram no chão com um som satisfatório.

Hanna levou um momento para saborear o que estava acontecendo. Ela não ia voltar para a prisão! Ela não teria que tomar banho na frente de todo mundo ou morrer de fome por medo da comida nojenta ou dormir ao lado de uma assassina.

Ela poderia ficar com Mike novamente. Ela podia fazer qualquer coisa de novo!

Hanna olhou para Emily. — Você realmente conseguiu. Você a encontrou. Você nos deu a liberdade!

Emily sorriu, até ela mesma parecia um pouco atordoada. — É uma loucura, não é? O tempo todo eu não tinha certeza se eu

conseguiria. Mas foram vocês que me permitiram seguir adiante. Eu pensei em vocês o tempo todo e é por isso que eu fiz o que fiz.

Elas se juntaram em outro abraço em grupo, todo mundo chorando um pouco.

Então Aria se afastou, fungando, chorando com lágrimas de alegria. — Em, nós pensamos que você tinha se suicidado. Nós estávamos tão preocupadas.

Emily assentiu. — Eu estive muito deprimida desde que Ali matou Jordan. E eu sei que eu corri um risco enorme ao ir atrás dela — provavelmente foi uma loucura.

Eu não tinha ideia se eu realmente iria encontrá-la. — Ela atirou um braço em volta dos ombros de Hanna e o outro em torno de Spencer. — Eu só lamento de ter deixado vocês da forma que eu fiz. Eu me senti terrível de não estar lá durante o julgamento. Pareceu horrível.

— E foi — Spencer disse. Mas, em seguida, ela deu de ombros. — Eu entendo.

O que você estava fazendo era muito mais importante. Nós nunca vamos ser capazes de recompensá-la.

— Vocês não têm que fazer isso — Emily disse rapidamente. — Vocês teriam feito o mesmo por mim.

Hanna virou-se para o juiz. Ele estava virando outra página, seu olhar sobre Alison. — Quanto a você — ele disse, o tribunal caindo em silêncio novamente. — Você corre risco de fugir, você é uma ameaça para a sociedade, você falsificou sua própria morte, e você causa insegurança em seu próprio país, então você vai aguardar seu julgamento na prisão. — Ele bateu o martelo. — Leve-a para longe.

Dois guardas apareceram nos lados de Ali e agarraram seus braços. Ali soltou um pequeno gemido, mas deixou seus membros ficarem mole. À medida que a arrastavam pelo corredor, ela olhou para Hanna e as outras. Um arrepio percorreu a espinha de Hanna quando seus olhos se encontraram.

Nenhuma delas piscou. Ali olhou para Hanna e as outros com desdém e uma fúria fervente. Era um olhar que Hanna nunca havia visto nela antes, provavelmente porque Ali tinha estado sempre no controle. Este olhar dizia, eu não acredito que isso está acontecendo comigo. Ali não estava acostumada a estar no lado perdedor. A última vez que ela tinha perdido, realmente perdido, foi depois de Courtney trocar de lugar com ela, enviando-a para a Reserva.

E assim, todos no tribunal foram levantando e caminhando para fora. Nenhum guarda correu para escoltar Hanna e as outras para fora. Lentamente, as meninas se viraram e saíram por conta própria. Através da porta, Hanna viu sua mãe e Mike esperando no lobby. Ela gritou.

— Isso é um sonho? — ela perguntou a suas amigas com um sorriso largo.

— Talvez — Spencer disse, também parecendo atordoada. Em seguida, ela estendeu a mão e pegou a mão de Hanna, deixando escapar um sorriso. Hanna estendeu a mão para Emily em seu outro lado, e Emily estendeu a mão para Aria.

De mãos dadas, as quatro meninas entraram no lobby juntas. Repórteres atacaram-nas imediatamente com perguntas, os microfones sendo empurrados em seus rostos. "O que vocês pensaram quando viram Alison hoje?" um gritou. "Vocês acham que ela vai receber a pena de morte?" "Emily, como você a encontrou?" "O

que vocês acham de todo este martírio?"

Por alguma razão, Hanna se sentiu obrigada a responder a essa última. Ela inclinou-se para o repórter e respirou fundo. — Quais são os meus pensamentos sobre todo este martírio? — ela repetiu, fazendo uma pausa para ponderar. E então ela pensou na resposta perfeita. — Ali não conseguiu nos matar — ela disse. — Ela só nos tornou mais fortes.

UMA FICHA LIMPA

O cheiro de algo salgado e delicioso acordou Aria de um sonho profundo. Ela abriu os olhos, à espera de sentir as dores imediatas de dormir em um colchão duro da prisão, mas ao invés disso, ela estava deitada em sua cama velha e familiar, rodeada por um milhão de travesseiros. Seus pôsteres de arte pendurados nas paredes, e seu fantoche porco, Pigtunia, estava no pé da cama. Seu celular recentemente devolvido piscou alegremente em sua escrivaninha.

Ela sentou-se rapidamente, tudo correndo de volta. Um milagre tinha acontecido. Ela estava em casa. E Ali estava na cadeia.

Aria pulou da cama e pegou o celular. Havia uma tonelada de Alertas do Google para Ali, todas mencionando sua captura. Aria rolou para baixo para o final, procurando. Não havia menção de Ali ter fugido da prisão esta manhã, no entanto.

Nenhum ataque à prisão, nenhum estranho desaparecimento. Ali estava atrás das grades, de verdade.

Mas Aria ainda se sentia desconfortável. Ontem à noite, antes de dormir, ela tinha verificado cada janela e porta para se certificar de que estava trancada. Quando ela tinha ligado para suas amigas, elas pareciam tão paranoicas quanto ela. Seria preciso um pouco de

tempo para que elas superassem o medo de Ali. Aria só esperava que isso acontecesse eventualmente.

Ela pegou seu robe favorito, colocou o celular no bolso e caminhou para o andar de baixo.

A mãe dela estava no fogão, mexendo ovos. Ela olhou para Aria e sorriu. — Bom dia — ela disse, empurrando o cabelo dos olhos de Aria. — Como é que você dormiu?

— Muito bem — Aria disse em uma voz rouca, ainda se sentindo um pouco confusa. — Eu acho que uma noite sem dormir na prisão faz isso.

Ella parou de fazer ovos para envolver seus braços em volta Aria. — Eu sinto muito que você teve que passar por isso — ela disse suavemente.

Aria deu de ombros. — Me desculpa por eu ter ido para a Europa sem dizer a você. — Ela olhou para Ella. — Você está realmente com raiva? — ela perguntou em voz baixa.

Ella suspirou. — Só não faça isso novamente, ok? — Ela balançou a espátula para ela. — Estou falando sério. Você não tem nada a esconder agora. Todo mundo acredita em você sobre Alison.

Seu olhar se desviou para a TV no canto. Não surpreendentemente, o rosto de Ali apareceu na tela. A reportagem era uma repetição dos eventos de ontem — Ali chegando no tribunal, a decisão anulada, as meninas sendo soltas e Ali sendo presa.

As notícias mais recentes, porém, eram de que Ali tinha sido posta em uma ala psiquiátrica da prisão, e ela de repente mudou a sua história, confessando que tentou incriminar as meninas, que forjou o diário e que construiu uma cena de assassinato elaborada.

O psiquiatra da prisão apareceu na TV. — A senhorita DiLaurentis continua a chamar-se de A — ele disse ao repórter. — Ela tem dito, repetidamente, Eu sou A. Eu fiz isso. Era eu o tempo todo.

— Uau — Aria sussurrou. Ali, confessando ser A? Isso era novo.

Ella soltou um tsk. — Eu acho que ela está tentando alegar insanidade. Caso contrário, por que ela iria admitir tudo isso?

Aria estremeceu. — Isso significa que ela pode sair mais cedo?

Ella balançou a cabeça. — Eu duvido. Na prisão, você cumpre sua sentença, e então você pode ir. Na ala psiquiátrica, eles podem prolongar a sua estadia por tempo indeterminado.

Aria revirou sua mandíbula. Talvez seja assim, mas Ali era inteligente. Ela não teria escolhido ser jogada na ala psiquiátrica se ela não achasse que havia algo nela para ela. Provavelmente, ela pensava que ela poderia descobrir como escapar dela.

Então Emily apareceu na tela, dando uma breve recapitulação de como ela rastreou Ali na Flórida. Aria sorriu com orgulho. Emily lhes contou toda a história louca ontem, incluindo a parte sobre a Sra. DiLaurentis escondendo Ali, Emily confrontando-a, e Ali aparecendo com a arma. Ela também explicou como ela ligou para o 911, mas deixou o celular no bolso, esperando que a chamada estivesse sendo gravada e a polícia percebesse que algo terrível estava acontecendo. Tinha sido um risco, Emily disse, mas tinha valido a pena, já que a polícia chegou a tempo para salvar Emily da ira de Ali. Aria não podia acreditar na boa sorte de tudo isso. Parecia que o destino tinha intervindo, como se o universo tivesse percebido que Ali não poderia escapar disso novamente.

Em seguida, o noticiário mostrou uma foto da Sra. DiLaurentis. A cabeça da mãe de Ali estava abaixada, as mãos estavam algemadas, e dois policiais estavam levando-a para o que parecia ser uma prisão. — Jessica DiLaurentis está sendo acusada de abrigar uma

criminosa conhecida — um repórter falou. — Seu julgamento está marcado para começar na próxima semana.

Então o pai de Ali, parecendo confuso e exausto, apareceu diante das câmeras.

— Eu não tinha ideia de que minha esposa estava escondendo a nossa filha — ele disse, os cantos de sua boca virando para baixo. — Eu não tenho mais nada a dizer sobre o assunto. — Por alguma razão, Aria acreditou nele.

— Então é isso — disse Ella suavemente quando ela raspou os ovos da panela para um prato. Ela entregou um a Aria e manteve outro para si mesma, e as duas sentaram-se para comer. Depois de comer a comida horrível da prisão, os ovos eram a coisa mais deliciosa que Aria já tinha experimentado.

— Então é isso — Aria repetiu, olhando para baixo.

Ella ergueu a cabeça. — Você não parece tão entusiasmada.

— Eu estou. . — Aria pausou. — É só que é. . estranho, sabe? Nós estávamos tão acostumadas a ninguém acreditar em nós. Eu até mesmo recebi um telefonema de Jasmine Fuji ontem, pedindo desculpas. — Isso tinha sido uma grande surpresa.

Certamente foi bom ouvir Fuji dizer que sentia muito. — Mas é difícil realmente esquecer isso — Aria acrescentou. — Eu fico pensando que Ali ainda está lá fora, planejando seu próximo movimento contra nós.

Ella mastigou pensativamente. — Você está preocupada com os Ali Cats?

Aria brincou com o guardanapo no colo. — Talvez — ela admitiu. — E se ela entrar em contato com eles na prisão? E se ela pedir a eles para nos prejudicar, de alguma forma?

Ella balançou a cabeça. — Eles não vão deixar que ela tenha visitas, e eles não vão deixá-la usar a internet. — Ela acariciou a mão de Aria. — Você não pode continuar tendo medo dela. Você tem que viver sua vida. Caso contrário, ela realmente ganhou. — Então Ella se animou e empurrou o celular sobre a mesa. — E, na verdade, eu tenho uma notícia para você. No fim de semana passado, a demanda por seu trabalho artístico subiu tremendamente. Todo mundo quer um quadro de Aria Montgomery agora. O que significa que você, minha cara, tem que começar a pintar.

Aria olhou para o e-mail na tela de Ella. Era de Patricia, sua agente em Nova York, afirmando que seis pessoas tinham posto lances nos trabalhos de Aria que ainda seriam pintados. — Uau — ela arfou.

— Não é? — Os olhos de Ella brilharam. — Você começará a viver a vida que você quer, afinal, querida. E você não deve deixar ninguém impedi-la de ser feliz.

Aria tentou sorrir, mas de repente ela sentiu outra pontada. Ela se sentia feliz.

Mas uma coisa estava faltando: Noel. Outro alerta do Google dizia que Noel poderia receber dois anos de prisão porque ele tinha seguido Aria para Amsterdã, mas depois da prisão de Ali, Aria não tinha ouvido nada mais. Ela tinha ligado para ele no momento em que seu telefone tinha sido devolvido a ela, mas o telefone dele foi para o correio de voz a cada vez. Ele já estava na cadeia? O que ele pensava sobre tudo isso? Ela olhou para a mãe dela, de repente determinada. — Eu tenho que fazer uma coisa — ela deixou escapar, e levantou-se da mesa. Ella olhou para Aria com curiosidade, mas ela não fez nenhuma pergunta quando Aria, ainda vestindo seu pijama e o robe, pegou as chaves do carro e saiu pela porta.

*

O portão para a casa da família de Noel estava aberto, mas mesmo assim Aria estacionou na rua, sentindo-se apreensiva por aparecer sem aviso prévio. Enquanto ela caminhava até a entrada, ela reviveu todas as vezes que ela e Noel tinham estado no quintal da frente, olhando para as estrelas, fazendo um piquenique, ou fazendo um boneco de neve. Era estranho voltar aqui com a situação tão mudada. A grama parecia a mesma, haviam as mesmas flores nos canteiros, mas ela estava tão diferente. . e Noel estava, também. Talvez diferente demais.

Engolindo em seco, ela tocou a campainha, rezando para a mãe de Noel não atender a porta — Aria não tinha visto muito a Sra. Kahn depois de eles terem voltado, mas a mãe de Noel não tinha sido uma fã dela depois que Noel foi atacado no baile, e ela provavelmente culpava Aria por arrastar Noel para a Europa. Três sinos soaram, e Aria encolheu seus dedos do pé nervosamente. Depois de um momento, ela ouviu passos. Então a porta se abriu. Noel estava do outro lado.

Ele usava um moletom com capuz sobre uma camiseta desbotada, e seus tênis estavam desamarrados. A primeira coisa que Aria fez foi procurar uma pulseira de monitoramento no tornozelo debaixo de seus jeans. Ela não viu uma.

— Oi — ela disse timidamente, de repente não sabendo o que dizer.

— Oi — Noel disse de volta.

Houve uma longa e estranha pausa. — Você está bem? Você vai para a prisão?

— ela deixou escapar, antes que ele pudesse bater a porta na cara dela.

Noel balançou a cabeça. — Eles retiraram minhas acusações. Meu pai contratou um bom advogado, e depois de todas as coisas com Ali.. — Ele acenou com as mãos. — Eu recebi algumas punições, tive que pagar algumas multas, esse tipo de coisa — e, quero dizer, minha família está realmente chateada. — Ele fez uma careta. — Mas eu estou livre. E parece que você está, também. — Sua boca se contorceu em um quase-sorriso.

— É — Aria disse, com os olhos cheios de lágrimas. De repente, ela sentiu-se cheia de. . . bem, ela não tinha certeza de que. Vergonha, talvez. E também gratidão. E

simples exaustão. — Eu sinto muito, Noel — disse ela.

Ele ergueu a mão. — Sou eu quem sente muito. Você estava passando por tantas coisas, e estava tão paranoica, e você tinha razão para se sentir assim. Você já leu alguma das confissões de Ali? Ela é louca. Ela não apenas falou sobre aquele diário, como ela também falou sobre a montagem do exército Ali Cat e, em seguida, que matou alguns deles quando eles não tinham mais nenhuma utilidade para ela.

Tudo com o que vocês estavam preocupadas, tudo do que vocês estavam fugindo, todos esses medos loucos que ninguém acreditava? Era tudo verdade.

Aria concordou tremulamente. Ela sabia que era verdade. Ela viveu isso.

Noel tomou suas mãos e apertou. — E quanto ao que você disse na Holanda — olha, você tem que saber que eu não me importo mais com Ali. Eu não a amo, eu não penso nela, eu não nada. Tudo o que eu penso é em você.

O coração de Aria deu um pequeno salto. — Tudo bem — disse ela, de cabeça baixa. — Nós já passamos por muitos ciclos de ficar

bravos um com o outro por causa de Ali e nos reconciliarmos. Nossa briga na Holanda provou isso. Eu não quero passar por isso de novo.

— Eu não quero, tampouco — Aria disse rapidamente.

— Então eu acho que eu preciso saber. — Noel respirou fundo. — Você me perdoa por Ali? Em seu coração, de verdade? — Ele olhou para as nuvens. — Porque eu sinto muito, Aria. Me desculpe por eu ter mentido para você. Me desculpe por eu não ter lhe dito tudo o que eu deveria ter dito. Me desculpe por eu ter me envolvido com ela em primeiro lugar. Se você não me perdoar, tudo bem. Mas eu não sei se nós poderemos ficar juntos, sabe? Não pareceria. . certo. Você sempre estaria com raiva de mim, lá no fundo. Eu estou querendo saber se nós podemos apenas.. começar de novo. Como se nunca tivesse acontecido.

Aria afundou no banco de pedra ao lado do viveiro. A briga que eles tiveram pouco antes de serem presos rodou em sua mente. Era uma coisa difícil para Aria deixar isso de lado — o fato de que ele simpatizou por Ali por tanto tempo, e que escondeu isso de Aria.

Mas isso era exatamente o que Ali queria: permanecer em sua consciência, ser um obstáculo entre ela e Noel, mesmo atrás das grades. Era a estratégia perfeita de A, na verdade: manipulação e jogos mentais de longe, com a auto-sabotagem de Aria levando à sua decadência.

Aria ajustou os ombros. — Sim — disse ela. — Vamos começar de novo. Estou cansada de deixar Ali tirar de mim as coisas — e as pessoas — que eu me preocupo mais.

Noel sorriu. — Eu amo você, Aria Montgomery — ele disse, e beijou-a suavemente.

Eventualmente, eles apenas inclinaram suas testas juntas, olhando nos olhos um do outro. Aria olhou para a camiseta que ele estava usando. De repente, ela percebeu que era a sua camiseta da sorte

com o logotipo da Universidade da Pensilvânia que ele teve durante anos. Era a mesma camiseta que ele estava no dia em que ela o reencontrou em Rosewood quando sua família havia retornado da Islândia.

Ela fez uma pausa para refletir sobre esse dia. Noel tinha tentado iniciar uma conversa com Aria, mas ela não tinha dado bola a ele, pensando que de maneira nenhuma ele poderia ter uma queda por ela. Ela tinha se sentido... superior a ele, ela supôs, assumindo que ele era apenas um Típico Rosewood que não tinha cultura e estilo. Totalmente não era o tipo dela.

Cara, ela estava errada. Quem sabia que eles estariam aqui alguns anos depois?

Então Aria lembrou-se da busca na internet que ela tinha feito no carro, justo antes de vir. — Eu tenho algo para você.

— Para mim? — Noel parecia confuso.

Aria entrou no e-mail em seu telefone e mostrou-lhe a tela, que tinha um logotipo da Japan Airlines. Seu próximo itinerário, dizia. A testa de Noel franziu, mas ele rolou para baixo. O e-mail era uma confirmação para dois lugares em um voo para Tóquio, partindo na próxima semana.

Ele olhou para ela. — Sério?

Aria acenou animadamente. — Minhas contas foram desbloqueadas, e eu vendi mais algumas pinturas. Eu pensei que você e eu poderíamos fazer aquela viagem para Tóquio que estávamos falando. — Ela olhou para ele timidamente. — Se você ainda quiser..

— Claro que eu quero! — disse Noel, jogando os braços em torno dela mais uma vez. — Nós vamos fazer tudo o que falamos, certo? Passear pelos pagodes, comer sushi, esquiar..

— *Só que sem incidentes internacionais — Aria aconselhou. — Nem se esconder em hotéis.*

— *Sem escapar de trens — Noel concordou.*

— *Sem homens estranhos nos prender em becos escuros.*

Aria deu uma risadinha. Olhando para Noel novamente, ela sentiu uma onda de amor. De repente, as coisas realmente estavam certas. — Está marcado — disse ela, e beijou-o novamente.

33

SPENCER ABRAÇA TUDO

Na noite seguinte, Spencer e Wren estavam sentados um ao lado do outro em uma longa mesa na sala de jantar formal do Country Clube de Rosewood. O sol estava se pondo, as luzes exteriores lançavam um brilho muito rosa contra a grama e a pele de Spencer tremia toda vez que seus joelhos colidiam com os de Wren. Melissa, Darren, a mãe de Spencer, o Sr. Pennythistle e Amelia também estavam lá — e, curiosamente, o pai de Spencer. Ambos os pais dela estavam se comportando muito bem — e por uma boa razão. Era uma celebração de várias coisas: a gravidez e o noivado de Melissa, e, acima de tudo, a liberdade de Spencer. Eles tinham um milhão de coisas para serem gratos, e tinha uma melhor maneira para a família Hastings comemorar se não com um jantar no clube?

Spencer olhou ao redor da sala de jantar com um sorriso. O Country Clube de Rosewood nunca mudaria: Ele tinha os mesmos móveis de mogno pesado, o mesmo mural do mar na parede, até mesmo a banda de jazz extravagante no canto tocava a mesma versão de "All of Me". Os mesmos meninos mauricinhos usando seus blazers e as meninas usando suas saias plissadas sorrateiramente tomavam goles de gin e tônica dos seus pais. Quando Spencer olhou em torno de sua própria mesa, ela meio que esperava que sua família começasse um jogo empolgante de Estrela Poderosa, comparando suas realizações e tentando desesperadamente atingir um ao outro.

Era assim que costumava ser um jantar normal no Country Clube.

Quando tinha sido a última vez que eles tinham jogado aquele jogo, no entanto?

Parecia um longo tempo atrás, e as coisas eram tão diferentes agora. Melissa estava do outro lado de Spencer, atirando para Spencer um sorriso doce, toda a hostilidade entre elas havia desaparecido. Melissa segurou a mão de Darren — um cara que quase acabou com a vida de Spencer, pensando que ela tinha matado Courtney, e um cara que também tinha sido o suspeito dela — e Darren ergueu sua taça para fazer um brinde para Spencer. O Sr. Pennythistle, que Spencer pensou que nunca iria gostar, empurrou um prato dos famosos mexilhões do clube na direção de Spencer, encorajando-a a dar uma mordida. Até mesmo a certinha Amelia tinha cutucado o braço de Spencer alguns momentos atrás para mostrar um vídeo engraçado de um cachorro no YouTube, quase como se elas fossem amigas.

E lá estava o pai dela no final da mesa. Spencer viu quando ele ajeitou a gravata e sinalizou para o seu bartender favorito pedindo outro copo de uísque. O Sr.

Hastings estava claramente deslocado no grupo, mas ela apreciava que ele estivesse fazendo parte desta noite. Ainda assim, Spencer teve que se perguntar: Ele lamentava o monstro que Ali se transformou? Ele estava triste que ela fosse tão louca, e que ela, provavelmente, passaria toda a vida na cadeia? Spencer não se atreveu a perguntar — eles não falaram exatamente sobre o fato de que ele era o pai das gêmeas DiLaurentis. Mas ela percebia que um sentimento de tristeza pesava sobre ele. Bertie, o garçom que tinha estado no clube desde que Spencer conseguia lembrar, apareceu no cotovelo do Sr. Hastings. — Que grande grupo esta noite — ele anunciou, olhando para a mesa, franzindo a testa com a incoerência óbvia do Sr.

Hastings, Sra. Hastings e Sr. Pennythistle. Por um lado, era meio estranho — definitivamente inédito para um jantar em família dos Hastings. Mas, quando Spencer se inclinou para trás e olhou para a nuvem rosa do mural acima de sua cabeça, ela percebeu que talvez os Hastings fossem mais inéditos do que ela pensava.

Depois de Bertie anotar seus pedidos de jantar, Spencer olhou para sua irmã, que estava gentilmente tocando em sua barriga ainda inexistente. — Você já está sentindo algum chute? — ela perguntou, esperançosa.

Melissa riu. — Ainda não, sua boba, é muito cedo. Mas não se preocupe. Você vai ser a primeira a saber.

— É melhor você me dizer, também — a Sra. Hastings disse com falsa firmeza do outro lado da mesa.

*— Eu vou dizer as duas ao mesmo tempo — Melissa disse, sorrindo.
— Que tal?*

— Eu acho que é justo — a Sra. Hastings falou. Em seguida, ela revirou os olhos e tocou a mão de Spencer. — Afinal de contas, você vai ser a madrinha. E você vai ser uma boa madrinha, eu tenho certeza disso.

Spencer olhou para a mãe dela, sentindo uma pequena fisgada. Desde que ela tinha sido solta, a mãe dela tinha tentado realmente se desculpar pelo jeito que ela tinha tratado Spencer durante o julgamento. O que ela pensava, porém, era se ela soubesse que Spencer tinha quase vendido as joias dela? Spencer tinha colocado elas de volta assim que Angela foi embora, mas ela ainda se sentia mal por ter feito em primeiro lugar. E por que Amelia não tinha dedurado ela? Ela tinha visto o anel no dedo de Spencer e o olhar culpado em seu rosto. Teria sido uma forma tão fácil de meter Spencer em apuros. E, no entanto, por alguma razão, ela não tinha contado.

Spencer olhou para sua meia-irmã do outro lado da mesa, em seguida, experimentalmente mostrou a língua. Amelia olhou para cima com os olhos arregalados, e, em seguida, mostrou a língua de volta. Seu sorriso era genuíno.

Talvez Amelia não fosse tão ruim, afinal. Spencer prometeu dar-lhe mais uma chance, agora que ela estava livre.

Então o Sr. Pennythistle virou-se para Spencer. — Então. Quais são os seus planos? Ir para Princeton, afinal?

Spencer passou a língua sobre os dentes. Novamente, Princeton tinha oferecido o seu lugar na faculdade nesse outono. Alyssa Bloom da HarperCollins tinha ligado para ela, também, voltando a oferecer o seu contrato do livro. Ela recebeu uma tonelada de e-mails no dia anterior para iniciar o site de bullying mais uma vez.

O que ela faria. . mas talvez não nesta semana. Talvez nem na próxima semana.

— Sabe, eu estive pensando em tirar um ano para descansar — ela disse, olhando nervosamente para a mãe — esta era a primeira vez que a Sra. Hastings estava ouvindo sobre isso — e depois para Wren, com quem ela tinha discutido o plano em andamento. — Eu conversei com o pessoal de Princeton, e eles disseram que estaria tudo bem se eu adiasse até o próximo ano.

A Sra. Hastings tomou um gole de seu coquetel. — O que você faria nesse tempo? Eu prefiro que você não fique sem fazer nada ao redor da casa.

Spencer respirou fundo e olhou para o pai do outro lado da mesa. — Bem, meu pai me ofereceu um estágio em um escritório do Auxílio Judiciário na Filadélfia. Eu ajudaria a representar as pessoas que não têm dinheiro para pagar advogados. — Ela se mexeu no banco de veludo. — Eu acho que o julgamento me fez ficar interessada no sistema legal. E eu vou trabalhar no livro sobre bullying, também.

A Sra. Hastings cruzou os braços sobre o peito, considerando isso. — Você iria morar aqui?

Spencer não sabia dizer se isso era um pedido para ela ficar em casa ou para ela ir embora logo. — Talvez na cidade. Com colegas de quarto? Eu não sei. — Spencer olhou para Melissa. — Eu quero estar perto do bebê quando ele ou ela nascer.

Não é que ela não quisesse ir para Princeton algum dia. . não apenas em alguns meses. Era engraçado: Só quando ela realmente considerou desaparecer para sempre que Spencer realmente apreciou o que tinha aqui.

— Eu acho que parece uma ótima ideia — Melissa disse suavemente.

— Sim, parece legal — Amelia entrou na conversa.

Wren apertou seu joelho. — Você daria uma ótima advogada, Spence.

— Isso é o que eu sempre disse a ela, já que ela gosta de discutir — o Sr.

Hastings disse, revirando os olhos.

A Sra. Hastings soltou um suspiro. — Bem, eu suponho que a decisão é sua. Já que Princeton aceitou o adiamento.

— Sério? — Spencer gritou, todo o seu rosto irrompendo em um sorriso. — Obrigada, mãe!

Ela circulou a mesa para dar a sua mãe um abraço, mas a Sra. Hastings mandou-a embora. — Você vai amassar minha roupa — ela disse, apontando para seu vestido de linho. Mas, em seguida, depois de um momento, ela sorriu e abraçou Spencer de qualquer maneira.

Wren tocou no braço de Spencer e perguntou se ela queria pegar um pouco de ar no pátio. Eles caminharam para fora juntos, olhando a vista bonita. O campo de golfe estava tão verde, as árvores por trás dele tão exuberantes. Spencer podia distinguir o prédio de Hollis através de alguns dos arbustos.

— Deu tudo certo, você não acha? — Wren murmurou.

Spencer assentiu. — Melhor do que eu pensava.

Wren tocou a ponta do nariz dela. — Eu estou tão feliz que você vai para a Filadélfia. Porque você sabe o que mais tem na Filadélfia, além do Serviço de Ajuda Legal? Spencer colocou a mão no queixo, fingindo pensar. — Hum, o Sino da Liberdade?

— Não isso — Wren disse, brincando.

— O Salão da Independência?

Wren riu. — Que tal eu?

O coração de Spencer deu um salto. — Oh, certo! — ela exclamou, fingindo surpresa. Em seguida, ela suspirou. — Eu mal posso esperar para passar mais tempo com você — ela disse em voz baixa. Ela estava realmente animada com a perspectiva de conhecer Wren melhor.

Wren se inclinou, e seus lábios se encontraram em um beijo apaixonado.

Spencer fechou os olhos, afundando-se na sensação. Seu mundo parecia completamente certo. Ela estava tão feliz que não tivesse desaparecido. Ela permanecia Spencer Hastings, e ela não tinha que desistir da liberdade.

Mas, então, o olhar dela se voltou para a sala de jantar, parando em uma determinada mesa perto da janela. Ela provavelmente devia ter

sentado em todas as mesas deste lugar em um dia ou outro, mas uma mesa em especial carregava uma memória particular. Foi um pouco depois que Courtney tinha chamado elas para seu novo grupo, logo após todas elas se tornarem amigas, e Spencer trazer as meninas para a sala de jantar formal para mostrar o country clube caro de seus pais. Elas tinham se arrumado, e todas haviam tentado agir extremamente requintadas, pedindo itens complicados do menu e comportando-se com maneiras impecáveis.

Aria tinha até falado com sotaque.

Em um momento, no entanto, Hanna tinha derrubado uma enorme garrafa de chá gelado, que encharcou suas batatas-fritas, a vela no meio da mesa e de alguma forma ainda sujou o velho casal mal-humorado sentado à esquerda delas. Por um momento, o lugar tinha ficado absolutamente silencioso. A velha olhou para Hanna com desdém com seu conjunto branco feio arruinado. Spencer tinha olhado para Sua Ali — Courtney — supondo que ela colocaria todas elas na lista negra por Hanna ser desastrada. Mas, para sua surpresa, Courtney tinha jogado a cabeça para trás e riu.

E, em seguida, o resto delas tinha rido, rindo tão alto e de forma tão incontrolável que o garçom tinha pedido para elas saírem. Elas caíram na grama de golfe, segurando umas as outras, não sabendo nem mesmo o que era mais engraçado.

Spencer nunca tinha amado Courtney tanto quanto naquele dia. E ela amava as outras, também — tanto quanto ela as amava agora.

A atenção de Spencer pairou na TV acima do bar, no lado do salão informal do restaurante. Não muito coincidentemente — Ali estava em todo o lugar agora — a história de Ali estava no noticiário. Havia uma foto de uma morena com sobrepeso sendo levada para a prisão com algemas. A psicopata aguarda julgamento na Ala Psiquiátrica, lia-se na legenda em baixo.

De repente, a garota se virou e olhou diretamente para a câmera. Sua boca estava apertada. Sua expressão não mudou. Seus olhos não pareciam assustados ou tristes, mas com raiva. Um arrepio atravessou a espinha de Spencer. Parecia que Ali estava olhando diretamente para ela. E seus olhos estavam dizendo, Isso não acabou.

Ainda restou muito espírito de luta em mim. É só esperar.

Um dos guardas puxou Ali com força e empurrou-a para a prisão, fechando as portas atrás dela. Portas de ferro pesadas, Spencer estava feliz por notar, com fechaduras fortes, protegidas por cães cruéis e homens com rifles de alta potência.

Ali não conseguiria escapar nem tão cedo.

E Spencer nunca teria que se preocupar com ela novamente.

AS ALEGRIAS DO CASAMENTO

Na quinta-feira de manhã, Hanna e Mike estavam sentados na mesa da cozinha de Hanna para o café da manhã. Eles estavam usando roupões com monogramas que eles tinham recebido como presentes de casamento, calças xadrez de pijama e calçados interessantes. Hanna estava usando chinelos de salto alto com um pufe nos dedos do pé que havia sido um presente de casamento de Hailey Blake. Mike estava usando as meias de lã islandesas mais feias que Hanna já tinha visto. Quando ela lhe pediu para ele jogar fora, ele apenas olhou para ela e disse: — São as minhas favoritas. Elas mantêm meus pés quentes.

Aqueles eram os detalhes íntimos que você era forçado a lidar quando se casava com alguém. Você aprendia a lidar com suas meias feias. Você via a pessoa babando no travesseiro enquanto dormia. Você chutava o outro suavemente enquanto roncava. Ela teve tudo isso e muito mais nas últimas noites.

E tinha sido maravilhoso.

Agora eles estavam vasculhando a enorme pilha de presentes embrulhados no chão. Mesmo que Hanna tivesse dito explicitamente Não é necessário presentes no convite, as pessoas tinham dado a eles todos os tipos de coisas mesmo assim. E não apenas os convidados do casamento, mas as pessoas de todo o país, que tinham sentido pena de Hanna após Ali reaparecer e seu veredito ser revertido.

— Ah, olha, outra máquina de bebidas! — Hanna exclamou, removendo a máquina de bebida ácida de seu papel de embrulho. Ela olhou para o cartão que acompanhava. — É da Sra. Mary Hammond de Akron, Ohio. — Ela olhou para Mike.

— Alguém que você conheça?

— Não, parece uma fã de Hanna. — Mike fez uma careta. — Eu nem gosto de água com gás.

Hanna acrescentou a máquina a pilha de duplicatas, que também incluía três cafeteiras Keurig, duas máquinas de waffle, quatro batedeiras de ovos, e dois conjuntos completos de facas de cozinha. Ela soltou um suspiro quando olhou a pilha. — Vamos apenas torcer para que a Macy nos permita trocar tudo isso por dinheiro.

— Isso não! — Mike disse, pegando um pequeno envelope. Era um cartão de presente de vinte e cinco dólares da Hooters de alguém do Novo México. Ele enfiou a mão no bolso. — Eu vou chamar o Noel para ver algumas asas e peitos.

— Você é nojento — Hanna disse para ele, franzindo o nariz em falso horror.

— Brincadeira. — Mike sorriu. — Eu não vou nem olhar para as meninas.

— Isso mesmo — Hanna disse quando abriu mais um girador de salada.

Mike espiou o cartão, que era novamente de alguém que nenhum deles conhecia. — Mas você sabe que significa que você não vai poder malhar com mais nenhum dos treinadores sarados do sexo masculino da academia.

— O quê? — Hanna fez beicinho. — Isso não é justo!

Mike sorriu. — Você tem que desistir de algumas coisas por causa do casamento, lembra?

— Tudo bem, eu acho que vale a pena. — Hanna suspirou dramaticamente.

— Vale totalmente a pena — Mike disse, e inclinou-se para beijá-la.

Quando ele se inclinou para trás, colocando uma mecha de cabelo dela atrás da orelha, Hanna olhou em seus olhos azuis brilhantes. — Prometa-me que não vamos nos transformar em um casal chato? — ela deixou escapar. — Eu não quero ser daquelas pessoas que sentam e assistem TV e não conversam entre si.

Mike pegou um grande presente com papel de embrulho listrado rosa e branco. — Obviamente que não. Nós vamos ser as pessoas mais legais casadas. Nós vamos para as festas, vamos ter vários amigos..

— E nós vamos morar em Nova York — Hanna disse, sorrindo enquanto pensava no Instituto Fashion de Tecnologia. Ela havia recebido um telefonema ontem dizendo que ela ainda era bem-vinda lá se quisesse participar. A ideia de sair de Rosewood para algum lugar excitante como Nova York era bastante emocionante.

Ela era louca por aquele lugar.

— Sim, meus pais estão entusiasmados por eu ter entrado na Stuyvesant — Mike disse, referindo-se a escola pública de prestígio em Manhattan. Você tinha que fazer um exame para ser admitido, e Mike tinha surpreendido a todos, passando facilmente — exceto Hanna, é claro, que sempre soube que ele era inteligente. Ela se sentia culpada que ele tivesse que passar seu último ano do ensino médio em algum lugar novo, mas ele assegurou-lhe que também estava pronto para deixar Rosewood. E que ele queria estar onde quer que Hanna estivesse. — Além disso, Aria vai estar lá. Ei — Mike disse com os olhos brilhando quando teve uma ideia. — Talvez

devêssemos dividir um grande apartamento com ela e Noel. Não seria legal?

Vocês poderiam, tipo, ter conversas de menina todas as noites, Noel e eu poderíamos assistir ao futebol, a gente sempre teria amigos para beber...

Hanna empurrou-o alegremente. — Nós não vamos ter companheiros de quarto, Mike. Nós estamos casados.

Ela estava prestes a dizer algo mais, mas ela parou de falar, sua atenção voltou-se para o objeto que Mike tinha puxado de um embrulho rosa e branco. Era uma caixa da Tiffany azul clara.

— Ooh! — ela gritou, puxando-a de Mike e abrindo a tampa. No interior, em vez de um par de taças de champanhe de cristal ou uma daquelas molduras de prata lindas como ela esperava, havia uma pulseira de prata com um pingente de coração da Tiffany. Ela piscou. Era exatamente como a que ela havia roubado do Shopping King James anos atrás. Essa pulseira tinha causado sua ida à delegacia de polícia e tinha provocado a primeira mensagem de A, sobre ela parecer gorda no uniforme da prisão. Exceto que havia uma diferença: Este pingente tinha uma inicial gravada nele. A letra A.

Havia um bilhete com a pulseira, também. Hanna abriu.

Eu sempre estarei observando. —A

Hanna sentiu o sangue de seu rosto drenar. Esse bilhete era da verdadeira A?

Talvez antes de Emily encurralar Ali na Flórida? Ela desejou saber quando o correio tinha entregue a caixa.

Mike pegou o bilhete e enfiou-o no bolso. — Nós vamos entregá-lo para Fuji.

Mas você não deve se preocupar com isso.

— Uhum — Hanna disse rapidamente.

Mas isso não impediu que seu coração batesse acelerado. Ia levar algum tempo para ela realmente entender que Ali tinha verdadeiramente ido embora. Nick não conseguiria sair da prisão, tampouco, e até mesmo a Sra. DiLaurentis havia sido presa por esconder Ali e apontado uma arma para Emily. E mesmo que, por uma distorção horrível do destino, Ali tenha escapado da prisão, pelo menos Fuji acreditava nelas neste momento. Hanna e as outras já não eram as Pequenas Mentirosas, mas as Pequenas Contadoras da Verdade. Não que isso interessasse para a capa da People.

Seu celular vibrou e ela colocou a estranha caixa de lado e olhou para o número no identificador de chamadas, com medo por uma fração de segundo que A pudesse estar ligando. Era um número de Los Angeles. Intrigada, Hanna atendeu e ouviu uma voz rouca. — Hanna? Aqui é Hank Ross.

— Oh! — Hanna saltou de sua cadeira. Hank era o diretor de Burn It Down. — Como você está?

— Eu estou bem, Hanna, embora provavelmente não tão bem quanto você. — Hanna sabia pelo tom da voz de Hank que ele estava sorrindo. — Parabéns por tudo.

Eu também soube que você se casou?

— Uh, sim — Hanna disse. Ela olhou para cima e Mike apertou o braço dela.

Quem é? ele gesticulou com a boca, mas ela levantou um dedo, indicando que ela diria em um momento.

— Então, ouça, Hanna. — Hank limpou a garganta. — Você pode não saber disso, mas nossa produção foi colocada em espera por um tempo. A história meio que ficou. . maior do que o que nós havíamos escrito. Alison fingindo a morte, Emily também fingindo a morte e encontrando Alison na Flórida — queríamos usar tudo isso.

— Sim — Hanna disse fracamente. — Emily é uma heroína.

— De fato ela é — Hank concordou. — Então, nós pegamos a prancheta e reescrevemos bastante algumas das cenas. Diminuímos algumas coisas, acrescentamos um monte de dramas novos também. Mas os nossos apoiadores e o estúdio estão muito, muito impressionados com o nosso novo roteiro, e nós recebemos a permissão para continuar. Vai ser um filme ainda mais incrível do que antes. — Isso é ótimo — Hanna disse. Fazia sentido contar toda a história até o final.

— Eu acho que você deveria voltar e interpretar a si mesma — Hank disse. — Se você ainda estiver interessada.

Hanna segurou o celular com o braço estendido. — Sério?

— Absolutamente. Todo mundo te ama. E agora que você tirou o julgamento do caminho, só tem um problema: O filme está sendo filmado em LA agora, não em Rosewood. Algumas das nossas estrelas tinham compromissos duplos no oeste, e por não quisermos perdê-los, fomos forçados a nos mudar. Vamos gravar no estúdio da Warner em Burbank neste verão. Vai ter a mesma aparência de Rosewood, no entanto, não se preocupe. Então, o que você diz?

Hanna olhou para Mike. Ele olhou de volta animadamente, provavelmente deduzindo o motivo da chamada. — Eu tenho que ir para a faculdade no outono. . — ela disse devagar.

— Não é problema. Estamos pensando em terminar em meados de agosto, assim lhe dará tempo de sobra. Nós começamos a filmar na próxima semana, no entanto — Hank disse, parecendo nervoso.

— Vou ter que verificar com o meu marido — Hanna disse a ele. — Eu presumo que o pacote salarial é competitivo?

— Naturalmente — Hank respondeu rapidamente. — Nós vamos dar-lhe um aumento da sua última oferta.

— É bom ouvir isso — Hanna disse com uma voz entrecortada. — Bem, meu agente vai retornar em breve.

Então ela desligou, colocou seu celular em cima da mesa, e selecionou outro presente do chão. Mike piscou para ela com força. — Hum, alô? Eu estou morrendo de curiosidade aqui!

Hanna olhou para ele, pronta para explodir de emoção. — Como você se sentiria sobre ir para LA no verão?

Os olhos de Mike brilharam. — A minha mulher vai ser uma estrela?

— Eu acho que sim — Hanna disse vertiginosamente. — Então, o que você diria? Você vem comigo?

Mike abriu os braços. E Hanna sabia, só da maneira que ele a abraçou, que ele ia dizer sim.

SEIS MESES

DEPOIS

35

VIDA REAL

Emily sentou em sua cama, olhando em volta de seu antigo quarto. Ela não tinha estado aqui há meses, e parecia tanto a mesma coisa como diferente. Os mesmos velhos pôsteres de Michael Phelps estavam nas paredes, e algumas de suas roupas velhas ainda estavam penduradas no guarda-roupa. Mas o lado de Carolyn estava agora invadido por uma grande máquina de costura Singer e um monte de caixas de plástico cheias de fio e tecido. Os carpetes também haviam sido alterados para um branco pálido em vez do seu velho rosa doce. O quarto estava mais vazio, já não era tão cheio de vida.

E quando Emily pulou da cama e olhou-se no espelho, ela também estava diferente. Seu rosto não estava mais cansado e com aparência assustadora. Seu cabelo tinha clareado durante o verão, ela tinha passado a trabalhar na loja de surf em Monterey, Califórnia. Ela sentia-se totalmente.. bem, como ela mesma. Para ser honesta, na verdade parecia sufocante estar de volta em casa — ela tinha saído logo depois que ela voltou da Flórida, e ela não tinha tido

muito contato com seus pais desde então. Mas ela estava aqui apenas por uma noite para celebrar a grande estreia de Burn It Down.

Ela estava vestida com seu novo estilo de ultimamente: sapatos Toms, calças de estilo snowboarding super grandes e uma camiseta Hurley justa — um benefício de ser um dos novos rostos da marca, graças à sua fama repentina. Com mais um olhar para o seu reflexo, ela revirou os ombros para trás e caminhou para o andar de baixo. A árvore de Natal estava na sala da família, e os pisca-piscas estavam enrolados na escadaria. Sua mãe estava na cozinha, colocando algumas coisas em uma grande cesta com tema natalino. Quando ela se virou e viu Emily, ela abriu um sorriso estremecido. — Quer o café da manhã?

Emily não respondeu, com os olhos na cesta. Era mais um dos esforços de boas-vindas de sua mãe para alguém que tinha se mudado para a comunidade. Isso deu-lhe uma pontada espetada. Mais de dois anos antes, sua mãe havia preparado uma cesta como esta — só que com tema de outono — para a família de Maya St. Germain, que se mudou para a casa de Ali. Acabou que, no entanto, ela tinha sido totalmente hostil com eles depois que ela descobriu que Emily estava apaixonada por Maya.

Sua mãe notou o olhar de Emily na cesta e se encolheu. Emily poderia dizer que sua mãe estava tateando em busca de uma forma de quebrar o gelo. Ontem à noite, quando Emily tinha chegado, a Sra. Fields tinha olhado para ela da mesma forma nostálgica, cheia de perguntas como se ela sentisse como se não pudesse pedir mais. Emily a conhecia bem o suficiente para saber quais poderiam ser: Você vai para a faculdade? Por que você ainda está morando na praia? Por que você não conversa comigo?

Mas Emily não ia aceitar sua família de volta tão facilmente, não depois do que suas amigas lhe contaram sobre o funeral. Emily tinha confrontado a mãe dela sobre não deixar Hanna, Spencer e Aria

fazerem um discurso, e a Sra. Fields apenas lhe deu uma confusão louca de desculpas. — Nós estávamos tão confusos sobre o que tinha acontecido — ela disse em uma voz dispersa. — Nós não sabíamos se suas amigas eram o problema ou a solução.

— Sim, mas elas me conhecem melhor — Emily tinha dito. — E se fosse realmente o meu funeral, com os meus desejos, você teria que deixá-las falar não importa o que elas tivessem a dizer.

Sua mãe deu de ombros e disse que isso estava fora de questão. E, de repente, isso atingiu Emily. Ela estava fora de questão, também — pelo menos aos olhos de seus pais. Seus pais estavam tão preocupados sobre como ela aparentava ser para as outras pessoas — em primeiro lugar quando Emily queria desistir da nataçãõ, e então quando ela saiu do armário, e, em seguida, o efeito dominó de Ali, A e tudo mais. Eles não conseguiam nem mesmo elogiá-la corretamente. Eles tinham sido forçados a torná-la a perfeita Emily que eles sempre quiseram.

Mas ela não era aquela Emily, e ela nunca seria. O que ela tinha que entender, no entanto, era que seus pais não iam mudar, tampouco. E assim ela deixou sua família de lado por um tempo. Ela sempre os amaria, mas era mais fácil fazer isso de longe, pelo menos até que eles chegassem a um acordo com quem ela realmente era.

E, por enquanto, tudo estava indo bem. Porque ela tinha outra família, uma família de verdade, pessoas que a aceitavam não importava o que acontecesse.

Suas amigas.

Seu celular apitou, e ela olhou para a tela. Eu estou na frente, Hanna mandou uma mensagem. — Tchau — Emily disse para a mãe, agarrando um bagel do prato e saindo pela porta.

O ar de dezembro estava fresco, e enormes pilhas de folhas invadiram o gramado. Emily caminhou pela grama para o Prius

estacionado de Hanna. Ela gritou quando viu Spencer, Aria e Hanna no interior. — Oh meu Deus! — ela gritou, abrindo a porta.

Todas as três meninas dentro gritaram também. — Você está incrível! — Hanna, que estava usando um vestido curto com tachas que ela mesma tinha desenhado durante seu primeiro semestre no IFT, gritou.

— Você é, tipo, uma surfista profissional agora, Em? — perguntou Aria. — Quando é que você vai me ensinar?

— Qualquer hora! — Emily disse alegremente, deslizando ao lado dela. — Mas você tem que vir me visitar. Já faz muito tempo.

Fazia muito tempo. No final de junho, Emily tinha visitado Hanna em Los Angeles, onde ela estava filmando Burn It Down, mas elas não se viam desde então.

As partes norte e sul do estado não eram exatamente perto. E então o filme tinha acabado e Hanna e Mike voltaram para Nova York, onde Hanna estava estudando, no IFT, e Mike estava terminando o ensino médio, e eles estavam morando juntos no que Hanna dizia ser "o mais belo quarto do West Village que você já viu". Aria estava morando no Brooklyn, pintando e tentando agradar o circuito de galerias de arte e estudando na Parsons — e Noel estava em Nova York, também, mas na parte alta da cidade na Universidade de Columbia, onde ele encaminhou-se para a equipe de lacrosse. Aria e Hanna disseram que se viam, mas não tanto como elas queriam dado os seus horários escolares esgotantes. E Spencer tinha pego um emprego no Auxílio Judiciário na Filadélfia e ainda estava namorando Wren.

Emily tinha a intenção de visitar todas elas nos últimos seis meses, mas ela tinha estado ocupada, também. Claro que, para a maioria dos padrões ela tinha sido um vagabunda de praia, aprendendo a surfar, trabalhando longas horas na loja, fazendo alguns anúncios da Hurley, e dando algumas entrevistas lucrativas sobre seu desastre

angustiante com Ali. Ela também tinha conhecido uma linda garota surfista chamada Laura e.. e começou algo, embora ainda fosse demasiado cedo para dizer o quê. E o principal, Emily tinha encontrado a si mesma. Sendo ela mesma verdadeiramente, algo que Rosewood sempre a tinha impedido. Não que ela soubesse disso até que ela foi embora.

— É tão estranho estar de volta à minha casa — Hanna gemeu quando ela se afastou do meio-fio. — Meu pai continua ligando, tipo, a cada hora, querendo me ver.

E a minha mãe vive me dando dicas de casamento. — Ela fez uma careta. — Coisas como "Não vá para a cama com raiva".

— É estranho para mim também! — Aria suspirou. — Especialmente porque ambos Mike e eu fomos embora. Ela está vagueando por aí gemendo que seus filhos cresceram muito rápido.

— E tudo aqui não parece tão.. eu não sei, pequeno? — Emily olhou para as casas passando. — Eu não me lembro do Wawa ser tão pequenino. Até mesmo Rosewood Day não parece tão impressionante.

— Isso é o que acontece quando você deixa algum lugar — Spencer brincou, esmurrando de brincadeira o seu ombro.

Hanna tamborilou no volante. — Escuta, eu reservei para todas cabelo às onze e maquiagem ao meio-dia, e então vamos experimentar um monte de vestidos que minha estilista trouxe para ficarmos total e completamente fabulosas para o evento.

Ok? — Você não tem que fazer tudo isso, Han — Aria reclamou, cruzando as pernas finas vestidas de couro. Ela estava usando as mais fabulosas botinhas pretas com tachas que Emily já tinha visto, e com seu corte de cabelo novo curto e picotado ela se parecia com uma verdadeira artista da Cidade de Nova York.

Hanna riu. — É claro que eu tenho. Rosewood vai pagar a conta — quando eles descobriram que a estreia seria aqui, eles disseram que iriam pagar por tudo, incluindo um dia de spa para todas nós.

— Bem, eles nos devem — Spencer falou alegremente, sufocando uma risadinha.

— Eu concordo — disse Emily.

Spencer fez uma careta para o espelho retrovisor. — Merda, pessoal. Eu acabei de perceber que deixei minha câmera em casa, eu realmente queria documentar tudo isso. Vocês se importam de dar uma passada lá para pegá-la?

— Claro — todas disseram em uníssono, e Hanna virou para o bairro de Spencer.

— Então — disse Hanna. — A partir de agora, vamos nos encontrar pelo menos uma vez por mês, ok? Vamos todas nos encontrar em Los Angeles em fevereiro. Isso vai ser perfeito, já que estará congelando em Nova York até então. O que vocês dizem?

— Totalmente — respondeu Aria, e Emily fez uma comemoração.

— Contanto que Melissa não tenha o bebê cedo — Spencer lembrou. — Ela deve ter por essa época, e ela quer que eu seja sua treinadora de trabalho de parto.

— Ela fez uma cara assustada, em seguida, olhou para Emily, que sorriu com tristeza.

— Eu só posso imaginar, Em — ela disse suavemente. — Eu gostaria de ter estado lá para ajudá-la com isso. — Não tinha sido há muito tempo que todas tinham estado lá no quarto de hospital com Emily para a cesariana dela.

— Como está Violet, a propósito? — perguntou Hanna, parecendo ler suas mentes.

Emily sorriu. — Ela está ótima. Ela está até mesmo começando a dizer algumas palavras! — Isso era outra coisa que havia mudado: Após a coisa com Ali, Emily tinha decidido que queria algum contato com Violet, afinal de contas. Ela entrou em contato com a família de Violet, dizendo que as coisas estavam absolutamente seguras — nenhum A iria aparecer e tentar raptar Violet — e eles tinham dado a ela atualizações regulares sobre a menina, que estava agora com um ano e meio de idade. A família estava planejando levar Violet para a Disneylândia, na Califórnia, assim que ela fizesse dois anos, e eles tinham convidado Emily para ir junto. Ela mal podia esperar.

Elas pararam na casa de Spencer, e Spencer entrou com o código chave em seu portão. — Volto já — disse ela, correndo para dentro.

Emily sentou-se reta e olhou para o gramado de Spencer, que estava coberto de uma fina camada de gelo. Mesmo que ela tivesse estado lá mil vezes até então, tudo o que ela podia pensar, de repente, era na festa do pijama da sétima série, quando ela, suas amigas e Courtney tinham se reunido nesta mesma rua. Ela quase podia ouvir suas palavras textualmente: Estou tão feliz que este dia acabou. Estou tão feliz que a sétima série acabou. E, em seguida, as de Mona Vanderwaal: Oi, Alison! Oi, Spencer! Era difícil imaginar que uma segunda gêmea DiLaurentis estava observando pela janela o tempo todo. Esperando. Tramando. E que, horas depois, Courtney estaria morta.

Três meses antes, a Verdadeira Ali foi oficialmente condenada à prisão perpétua. Emily tinha considerado ir ao julgamento, mas ela decidiu que não precisava ver Ali novamente. Ainda assim, ela às vezes acordava no meio da noite, certa de que Ali estava lá fora. Algo em tudo isso parecia inacabado. Emily desejava que ela pudesse ter feito Ali entender exatamente o que ela tinha feito com

elas. Mas talvez ela precisasse deixar isso de lado. Ali estava louca. Ela não ouviria a razão.

— Que diabos é isso?

Hanna apontou para algo no meio-fio dos DiLaurentis. Havia uma confusão de velas, vários animais empalhados e alguns ramos de flores embrulhados em papel celofane. Uma placa de carro apoiada entre eles dizia Alison em letras cor de rosa brilhantes.

As entranhas de Emily reviraram. Outro santuário para Ali? Sério?

Aria fez uma cara de nojo. — Gostaria de saber há quanto tempo isso foi feito.

Spencer voltou para o carro com sua câmera, então olhou para onde as meninas estavam olhando. — Oh, é. — Ela fez uma careta. — Isso. Amelia disse que apareceu logo após Ali ser condenada à prisão perpétua.

Emily apertou os olhos. — Há três meses?

— Uhum — disse Spencer.

Aria estalou a língua. — Eu não posso acreditar que ainda há Ali Cats.

— Provavelmente sempre haverá — Emily disse suavemente. Ela lia coisas dos Ali Cats de vez em quando, surpresa com quantas pessoas ainda simpatizavam com a situação de Ali. — Mas também sabemos que o FBI tem tudo sob controle. Ninguém está falando com ela na prisão. E ninguém vai nos machucar.

— Isso mesmo — disse Hanna. Ela olhou para Emily no espelho retrovisor. — Nós ganhamos desta vez.

O telefone de Emily buzinou. Ela olhou para a tela, sentindo-se subitamente preocupada. Talvez tenha sido por estar de volta a Rosewood, talvez fosse por estar aqui, na frente da casa de Ali, mas ela não pôde evitar de achar que tinha acabado de receber uma nova mensagem de A.

Mas era de Laura. Saudades de você, chica, ela dizia. Espero que você esteja se divertindo!

Emily olhou para cima e sorriu. Ela digitou de volta que sentia saudade de Laura, também. Laura nunca seria Jordan, ela sabia. Ninguém seria Jordan. Mas talvez isso fosse bom. Emily estava feliz de se deixar levar, vendo onde as coisas com Laura iriam dar.

Spencer lançou mais um olhar para o santuário de Ali, depois deu de ombros.

— Sabem de uma coisa? Quem se importa se o santuário de Ali está ali. As pessoas podem amar Ali o quanto quiserem. Temos coisas melhores para fazer.

— É isso aí! — gritou Hanna, virando para a rua. — Nós temos uma estreia para ir!

E então elas quatro foram embora, deixando o santuário de Ali — e talvez a própria Ali — para trás. Para Emily, parecia um enorme momento. Elas estavam indo viver suas novas vidas. Em um mundo onde elas eram compreendidas e estavam seguras. Em um mundo onde elas poderiam ser qualquer coisa que quisessem.

E em um mundo onde elas sempre teriam umas as outras.

36

ATRÁS DE PORTAS FECHADAS

As quatro paredes brancas de blocos de concreto davam a Alison um monte de tempo para pensar. Horas e horas — ela não tinha noção de tempo — dias após dias, meses após meses. Quem sabia quanto tempo ela estava aqui? Seu psiquiatra não diria a ela, quase como se fosse acima de seu nível de privilégios saber disso. Seu psiquiatra mal lhe dissera nada, na verdade, exceto empurrar um copinho cheio de pílulas para ela e vê-la engoli-las. As pílulas pouco faziam para ajudá-la a dormir ou para melhorar o seu humor. Mas elas não mexiam com sua mente calculista, tampouco, então Ali obedientemente as tomava. Ela queria ser a paciente perfeita.

Ela queria que eles se apaixonassem por ela como todo mundo.

A ala psiquiátrica na prisão era uma droga, mas mais um ano disso, talvez dois, e ela seria transferida para uma ala psiquiátrica diferente fora da prisão. Ela tinha feito uma investigação. Ela sabia qual era o protocolo. E em um hospital psiquiátrico — bem, ela praticamente teria as rédeas largas. Ela viveu tempo suficiente no interior da Reserva para saber como funciona o sistema. Tudo o que ela tinha

que fazer era esperar um pouco mais. Suportar as pílulas, lidar com as tiras de couro que às vezes eles amarravam nela, acabar com o gemido estranho no meio da noite. Se perder em sua cabeça, pensando no jeito que ela iria mudar as coisas na próxima vez. Ela pensou em tudo o que tinha dado errado. Contando com Nick. Escolhendo os Ali Cats errados. Contando com a sua mãe. Não checando e controlando várias vezes cada detalhe. Da próxima vez, ela seria mais inteligente. Impecável, na verdade. Ela iria encontrar diferentes Ali Cats. Quem sabe um Nick melhor. Tornar-se uma Ali perfeita. Ela já tinha perdido todo o peso que ela tinha ganhado para esconder sua identidade. Aqui na prisão, ela tinha melhores médicos, e eles trataram de suas queimaduras mais propriamente do que a enfermeira de Nick, e sua pele estava parecendo melhor, também. Ela conseguiu um dente falso para substituir o que ela tinha puxado para fora. Ela estava a caminho de ser novamente Ali D — a brilhante, bonita, perfeita Ali D. A garota que poderia obrigar qualquer um a fazer qualquer coisa. Incluindo planejar por ela. Matar por ela.

Realizar todos os seus desejos.

Ela media seus dias pela hora das refeições, as horas dos comprimidos e de apagar as luzes, mas ela sabia que isso não duraria para sempre. Em breve, disse uma voz em sua cabeça enquanto ela imaginava Spencer, Aria, Emily e Hanna. Em breve, eu vou atrás de todas vocês.



AGRADECIMENTOS

E enfim terminou a série! Queríamos agradecer a todos os leitores e seguidores do nosso blog e redes sociais por nos acompanhar durante essa jornada de traduções da série Pretty Little Liars da Sara Shepard.

Fazemos isso porque gostamos (apesar do trabalho que dá e do pouco tempo livre nosso) e não temos nenhum fim lucrativo. Se você puder, adquira os livros da série que estão sendo lançados no Brasil pela editora Rocco!

Equipe I&E BookStore



A Pretty Little Liars Novel

